



MAIS DE 30 MILHÕES DE EXEMPLARES VENDIDOS EM TODO O MUNDO.

“Simplesmente a melhor
escritora do mundo!”

ROMANTIC TIMES

Para Sempre

A vida muda num segundo.

JUDITH
McNAUGHT



Ficha Técnica

Título original: ONCE AND ALWAYS
Título: Para Sempre
Autor: Judith McNaught
Traduzido do Inglês por: Mário Dias Correia
Capa: Maria Manuel Lacerda
Imagem de capa: Irene Lamprakou/Trevillion Images
ISBN: 9789892328324

Edições ASA II, S.A.
uma editora do Grupo LeYa
R. Cidade de Córdoba, n.º 2
2160-038 Alfragide – Portugal
Tel.: (+351) 214 272 200
Fax: (+351) 214 272 201

© 1987, Judith McNaught
Edição publicada por acordo com o editor original,
Pocket Books, uma chancela de Simon & Schuster, Inc.
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

edicoes@asa.pt
www.asa.leya.com
www.leya.pt

*Para o meu pai, que sempre me fez sentir que se orgulhava de
mim e para a minha mãe, que me ajudou a fazer coisas
que o fizeram orgulhar-se de mim.
Que grande equipa vocês são!*

CAPÍTULO 1

Inglaterra, 1815

— Oh, estás aí, Jason – disse a bela mulher de cabelos negros de azeviche para o reflexo do marido no espelho por cima do toucador. Examinou por um instante, com um olhar atento, desconfiado, a figura alta e dura que se aproximava, e logo a seguir voltou a baixar os olhos para os guarda-joias abertos à sua frente. A mão tremeu-lhe muito ao de leve e os seus olhos cintilaram com um brilho perverso quando tirou de um dos estojos uma espetacular gargantilha de diamantes e a ergueu. – Importas-te de me ajudar a pô-la?

O rosto do marido contraiu-se numa expressão de desagrado enquanto olhava para os colares de refulgentes rubis e magníficas esmeraldas que já adornavam o opulento colo por cima do ousado corpete do vestido.

– Não achas essa ostentação de pele e joias um pouco vulgar para uma mulher que tenta fazer-se passar por uma grande senhora?

– Que sabes *tu* de vulgaridade? – retorquiu Melissa Fielding, num tom carregado de desprezo. – Este vestido é a última moda. – E acrescentou, altiva: – O barão Lacroix gosta muito dele. Pediu-me especificamente para o usar no baile desta noite.

– Sem dúvida que não quer ser estorvado por demasiados fechos quando to despir – replicou o marido, sarcástico.

– Exatamente. É francês... e muito impetuoso.

– Só é uma pena não ter onde cair morto.

– Acha-me bela – disse Melissa, provocadora, com a voz a tremer de ódio acumulado.

– E tem razão. – O olhar sardónico de Jason Fielding examinou o rosto de pele muito branca e lisa da mulher, os olhos verdes ligeiramente oblíquos e a boca de lábios vermelhos e cheios, antes de descer para os voluptuosos seios que fremssem, convidativos, acima do fundo decote do vestido de veludo escarlate. – És bela, amoral, gananciosa... e muito cabra.

Rodou sobre os calcanhares e encaminhou-se para a porta, mas então deteve-se. A sua voz gelada soou com um toque de implacável autoridade.

– Antes de saíres, vai despedir-te do teu filho. O Jamie é demasiado novo para perceber que a mãe é uma cabra e sente a tua falta quando não estás. Parto para a Escócia dentro de uma hora.

– O Jamie! – sibilou ela, furiosa. – Só queres saber dele... – Sem se dar ao trabalho de o negar, o marido saiu do quarto, e a fúria de Melissa explodiu. – Quando voltares da Escócia, não estarei aqui! – ameaçou.

– Ótimo – disse ele, sem se deter.

– Filho da mãe! – cuspiu ela, com a voz a tremer de raiva reprimida. – Vou dizer ao mundo quem na verdade és, e depois nunca mais voltarei. Nunca!

Já com a mão na maçaneta da porta, Jason voltou-se, com as feições transformadas numa dura máscara de desprezo.

– Voltas, sim – disse, com um sorriso desdenhoso. – Logo que se te acabar o dinheiro.

A porta fechou-se e uma expressão de triunfo espalhou-se pelo belo rosto de Melissa.

– Não vou voltar, Jason – disse em voz alta para o quarto vazio –, porque nunca me vai acabar o dinheiro. Tu mandar-me-ás o que eu quiser...

*

– Boa noite, senhor – disse o mordomo num murmúrio estranho, tenso.

– Feliz Natal, Northrup – respondeu Jason automaticamente enquanto batia com os pés no chão para sacudir a neve das botas e entregava a capa molhada ao servidor. Aquela última cena com Melissa, duas semanas antes, acudiu-lhe ao espírito, mas ele afastou a recordação. – O mau tempo custou-me mais um dia de viagem. O meu filho já foi para a cama?

O mordomo ficou como que petrificado.

– Jason... – Um homem de meia-idade, com um ar pesado e o rosto curtido e bronzeado de um marinheiro, tinha aparecido à porta do salão que dava para o vestíbulo de mármore, a fazer-lhe sinais para que se lhe juntasse.

– Que fazes aqui, Mike? – perguntou Jason, vendo com uma expressão intrigada o homem mais velho fechar a porta do salão.

– Jason – disse Mike Farrell numa voz tensa –, a Melissa foi-se embora. Ela e o Lacroix partiram para Barbados logo a seguir a teres ido para a Escócia. – Fez uma pausa, à espera de qualquer reação, mas não houve nenhuma. Inspirou fundo, por entre os dentes cerrados. – Levaram o Jamie.

Uma fúria selvagem incendiou os olhos de Jason, transformando-os em fornalhas de raiva.

– Eu mato-a! – disse, já a caminho da porta. – Vou encontrá-la e vou matá-la...

– É demasiado tarde para isso. – A voz rouca de Mike fê-lo deter-se a meio de um passo. – A Melissa já está morta. O navio em que viajavam naufragou três dias depois de ter zarpado de Inglaterra. – Desviou o olhar da terrível agonia que já distorcia as feições de Jason e acrescentou, numa voz átona: – Não houve sobreviventes.

Sem uma palavra, Jason dirigiu-se à mesa encostada à parede e pegou numa garrafa de cristal cheia de *whisky*. Verteu um pouco num copo, bebeu-o de um só trago e voltou a servir-se, a olhar cegamente em frente.

– Deixou-te isto. – Mike Farrell estendia-lhe duas cartas com os lacres quebrados. Ao ver que Jason não fazia menção de lhes pegar, explicou, num tom cheio de gentileza: – Já as li. Uma é um pedido de resgate, dirigido a ti, que ela deixou no vosso quarto. Tencionava fazer-te pagar para recuperares o Jamie. A segunda destinava-se a denunciar-te, e ela deu-a a um dos lacaios com instruções para a entregar no *Times* depois de ter partido. Mas quando a Flossie Wilson descobriu que o Jamie tinha desaparecido, interrogou o pessoal a respeito dos movimentos da Melissa na noite anterior e o lacaios entregou-lhe a carta em vez de a levar ao *Times*, como se preparava para fazer. A Flossie não conseguiu contactar-te para te dizer que a Melissa tinha levado o Jamie, de modo que me chamou a mim e entregou-me as cartas. Jason – acrescentou Mike, com a voz rouca –, sei como amavas o rapaz. Lamento muito. Raios, lamento tanto...

O olhar torturado de Jason ergueu-se até ao retrato emoldurado a talha dourada suspenso na parede por cima da lareira. Ficou a olhar, no meio de um silêncio terrível, para a imagem do filho, um

rapazinho gorducho com um sorriso de querubim no rosto e um soldadinho de madeira amorosamente apertado na mão.

O copo de cristal que segurava estilhaçou-se-lhe entre os dedos. Mas não chorou. Havia muito que a infância de Jason Fielding lhe esgotara todas as lágrimas.

Portage, Nova Iorque, 1815

A neve estalou sob as delicadas botas de Victoria Seaton quando ela se desviou do caminho e empurrou a cancela de madeira pintada de branco que dava acesso ao pátio da pequena e modesta casa onde tinha nascido. Victoria tinha as faces coradas e os olhos brilhantes quando se deteve para olhar para o céu salpicado de estrelas, examinando-o com a alegria perfeita de uma rapariguinha de quinze anos na época natalícia. A sorrir, cantarolou os últimos compassos de uma das cantigas de Natal que tinha passado a noite a cantar com os outros membros do grupo, e então voltou-se e avançou pelo caminho em direção à casa onde não havia qualquer luz acesa.

Na esperança de não acordar os pais nem a irmã mais nova, abriu a porta sem fazer ruído e deslizou para o interior. Desembaraçou-se da capa, que pendurou num cabide, e então voltou-se e deteve-se, surpreendida. O luar entrava pela janela no alto das escadas, iluminando os pais, que estavam parados diante da porta do quarto da mãe.

– Não, Patrick! – dizia a mãe, a debater-se nos braços do marido. – Não posso! Não posso!

– Não mo negues, Katherine – disse Patrick Seaton, com súplica na voz. – Pelo amor de Deus, não...

– Tu prometeste! – exclamou Katherine, a tentar freneticamente libertar-se do abraço. Ele inclinou a cabeça e beijou-a, mas ela desviou a cara, com as palavras a saírem-lhe sacudidas como soluços.

– Prometeste-me no dia em que a Dorothy nasceu que não voltarias a pedir-me que o fizesse. Deste-me a tua palavra!

Victoria, paralisada num aturdido e confuso horror, apercebeu-se vagamente de que nunca tinha visto os pais tocarem-se – fosse a brincar ou num gesto de ternura –, mas não fazia ideia do que era que o pai pedia à mãe que não lhe negasse.

Patrick largou a mulher e deixou pender os braços ao longo do corpo.

– Desculpa – disse, numa voz sem expressão. Ela fugiu para o quarto e fechou a porta, mas em vez de ir para o seu próprio quarto, Patrick Seaton fez meia-volta e desceu as escadas estreitas, passando a centímetros de Victoria quando chegou ao fundo.

Victoria achatou-se contra a parede, sentindo que a segurança e a paz do seu mundo tinham de algum modo sido ameaçadas pelo que acabava de testemunhar. Com medo de que ele a visse se tentasse avançar para as escadas e ficasse a saber que tinha assistido à humilhante cena íntima, não saiu de onde estava e viu-o sentar-se no sofá e ficar a olhar para as brasas moribundas da lareira. Uma garrafa de *whisky* que estivera durante anos numa prateleira da cozinha estava agora diante dele, ao lado de um copo meio cheio. Quando ele se inclinou para a frente para pegar no copo, Victoria voltou-se e pousou com muito cuidado o pé no primeiro degrau.

– Eu sei que estás aí, Victoria – disse o pai, numa voz átona, sem olhar para trás. – Não vale a pena fingires que não viste o que aconteceu entre mim e a tua mãe. Porque é que não vens sentar-te ao pé do lume? Não sou o bruto que deves pensar que sou.

Victoria sentiu a compaixão pôr-lhe um nó na garganta e foi rapidamente sentar-se ao lado dele.

– Não penso que é um bruto, papá. Nunca poderia pensar uma coisa dessas.

Ele bebeu um longo trago da bebida que tinha no copo.

– Também não culpes a tua mãe – disse, com a voz ligeiramente arrastada, como se estivesse a beber desde muito antes de ela ter chegado.

Com o álcool a embotar-lhe o discernimento, olhou para a cara espantada de Victoria e presumiu que ela tinha deduzido da cena que testemunhara muito mais do que na realidade fizera. Passou-lhe um reconfortante braço pelos ombros e tentou acalmá-la, mas o que disse deixou-a cem vezes mais perturbada:

– A culpa não é da tua mãe nem é minha. Ela não é capaz de me amar, e eu não sou capaz de deixar de amá-la. É tão simples como isso.

Victoria foi abruptamente atirada do refúgio seguro da infância para a fria e aterradora realidade dos adultos. Deixou cair o queixo e ficou a olhar para o pai enquanto o mundo inteiro parecia desmoronar-se à sua volta. Abanou a cabeça, a tentar negar aquela coisa horrível que ele tinha dito. Claro que a mãe amava o seu maravilhoso pai!

– Não se pode forçar o amor a existir – disse Patrick Seaton, a olhar para o copo com uma expressão amarga. – Não acontece apenas porque nós queremos que aconteça. Se acontecesse, a tua mãe amar-me-ia. Ela acreditou que aprenderia a amar-me quando casássemos. E eu também acreditei. *Queríamos* acreditar. Mais tarde, tentei convencer-me de que não fazia diferença que ela me amasse ou não. Disse a mim próprio que, mesmo assim, o casamento podia continuar a ser uma coisa boa. – As palavras seguintes foram-lhe arrancadas do peito com uma angústia que dilacerou o coração de Victoria: – Fui um louco! Amar alguém que não nos ama é o inferno! Nunca deixes ninguém convencer-te de que podes ser feliz com alguém que não te ama.

– Não... não deixarei – sussurrou Victoria, a tentar engolir as lágrimas.

– E nunca ames um homem mais do que ele te ama a ti, Tory. Não deixes que isso te aconteça.

– Não deixarei – sussurrou de novo Victoria. – Prometo. – Incapaz de conter a piedade e o amor que explodiam dentro de si, olhou para o pai com as lágrimas a correrem-lhe pelas faces e pousou a mão na face dele. – Quando casar, papá – disse, com a voz embargada pelos soluços –, há de ser com um homem *exatamente* igual a ti.

Ele sorriu com ternura ao ouvir estas palavras, mas não respondeu. Em vez disso, disse:

– Nem tudo foi mau, sabes. Eu e a tua mãe temos-te a ti e à Dorothy para amar, e isso é um amor que partilhamos.

A aurora ainda mal clareava o céu quando Victoria saiu de casa, depois de ter passado uma noite sem dormir a olhar para o teto por cima da sua cama. Vestida com uma capa vermelha e uma saia-calça azul-escura, levou o cavalo índio para fora do estábulo e subiu sem esforço para a sela.

Dois quilómetros mais adiante, chegou ao ribeiro que corria paralelo à estrada que levava à povoação e desmontou. Desceu com cuidado a margem que a neve tornava escorregadia e sentou-se numa rocha de topo plano. Com os cotovelos apoiados nos joelhos e o queixo nas mãos, ficou a olhar para a água cinzenta que corria, lenta, por entre os grandes pedaços de gelo próximos da margem.

O céu tornou-se amarelo, e depois cor-de-rosa, e ela continuava ali sentada, a tentar recuperar a alegria que sentia naquele lugar sempre que ali assistia ao nascer de um novo dia.

Um coelho saiu a correr de entre as árvores, à sua direita; atrás dela, um cavalo soprou baixinho pelas narinas e passos furtivos pisaram a erva. Um ligeiro sorriso surgiu nos lábios de Victoria um segundo antes de uma bola de neve lhe passar a zunir por cima do ombro direito enquanto ela se inclinava para a esquerda.

– Estás sem pontaria, Andrew – gritou, sem se voltar.

Um par de botas altas brilhantes apareceu a seu lado.

– Levantaste-te cedo, esta manhã – disse Andrew, a sorrir à delicada e jovem beldade sentada em cima da rocha. Cabelos ruivos com pinceladas de refulgente dourado partiam da testa, penteados para trás e presos no alto da cabeça por uma travessa de tartaruga, caindo depois sobre os ombros como uma cascata ondulada. Os olhos dela eram desse azul profundo dos amores-perfeitos, com pestanas densas e compridas, e ligeiramente inclinados nos cantos. O nariz era pequeno e perfeito, as maçãs do rosto delicadas e radiantes de saúde e no centro do queixo pequeno havia uma minúscula mas intrigante covinha.

A promessa de beleza estava já moldada em todas as linhas e feições do rosto de Victoria, mas era óbvio aos olhos de qualquer observador que a sua beleza estava destinada a ser mais exótica do que frágil, mais vívida do que etérea, tal como era óbvio que havia teimosia no queixo pequeno e riso nos olhos cintilantes. Naquela manhã, porém, faltava-lhe nos olhos o brilho do costume.

Victoria inclinou-se para a frente e apanhou um monte de neve com as mãos enluvadas. Andrew agachou-se, por reflexo, mas em vez de lhe atirar a bola de neve a ele, como normalmente faria, ela atirou-a ao ribeiro.

– Que se passa, olhos-brilhantes? – perguntou ele, a provocá-la. – Tiveste medo de falhar?

– Claro que não – respondeu Victoria, com um pequeno suspiro de tristeza.

– Chega-te para lá e deixa-me sentar.

Victoria assim fez, e ele estudou-lhe a expressão melancólica com moderada preocupação.

– Porque é que estás com esse ar tão macambúzio?

Victoria sentiu-se muito tentada a contar-lhe tudo. Com vinte anos já feitos, Andrew era cinco mais velho do que ela. Era o único filho da residente mais rica da povoação, uma viúva de saúde ao que parecia delicada que se agarrava possessivamente ao filho ao mesmo tempo que delegava nele toda a responsabilidade de gerir a enorme mansão onde viviam e os quatrocentos hectares de terra agrícola que a rodeavam.

Andrew pôs o dedo enluvado debaixo do queixo dela e ergueu-lhe a cara.

– Conta – disse, suavemente.

Este segundo pedido foi mais do que as doloridas emoções dela podiam aguentar. Andrew era seu amigo. Naqueles anos desde que se conheciam, ensinara-a a pescar, a nadar, a disparar uma pistola e a fazer batota ao jogo – esta última habilidade era necessária, afirmava ele, para que ela soubesse que estava a ser enganada. Victoria recompensara estes esforços aprendendo a nadar, a disparar e a fazer batota melhor do que ele. Eram amigos, e ela sabia que podia contar-lhe quase tudo. Mas não conseguia convencer-se a discutir com ele o casamento dos pais. Em vez disso, foi buscar outra das suas preocupações: o aviso do pai.

– Andrew – disse, hesitante –, como é que podemos saber se alguém nos ama? Amar a sério, quero dizer.

– Com que amor é que estás preocupada?

– Com o do homem com quem casar.

Se fosse um pouco mais velha, um pouco mais experiente, Victoria teria sabido interpretar a ternura que brilhou fugazmente nos olhos castanho-dourados de Andrew antes de ele desviar o rosto.

– Serás amada pelo homem com quem casares – prometeu ele. – Podes acreditar em mim.

– Mas ele terá de amar-me pelo menos tanto quanto eu o amar.

– Amar-te-á.

– Talvez, mas como *saberei* se me ama?

Andrew lançou um olhar rápido e inquisitivo às delicadas feições dela.

– Algum rapaz da terra tem andado a chagar o teu pai a pedir a tua mão? – perguntou, num tom quase zangado.

– Claro que não! – bufou ela. – Tenho só quinze anos, e o papá foi muito claro: vou ter de esperar até aos dezoito, para ter a certeza do que quero.

Ele olhou para o queixo pequeno e obstinado e riu.

– Se teres a certeza do que queres é a única coisa que preocupa o Dr. Seaton, bem podia deixar-te casar amanhã. Desde os dez anos que tens a certeza do que queres.

– Tens razão – admitiu ela, com alegre candura. Ao cabo de um minuto de confortável silêncio, perguntou, em tom de conversa: – Andrew, alguma vez perguntas a ti mesmo com quem vais casar?

– Não – disse ele e, com um sorrisinho peculiar, olhou para o outro lado do ribeiro.

– Porque não?

– Porque já sei quem ela é.

Sobressaltada por esta espantosa revelação, Victoria voltou vivamente a cabeça.

– Sabes? A sério? Diz-me? É alguém que eu conheça?

Quando ele permaneceu silencioso, Victoria lançou-lhe um pensativo olhar de soslaio e começou deliberadamente a compactar neve numa bola dura.

– Estás a planear enfiar essa coisa pelas minhas costas abaixo? – perguntou ele, observando-a com desconfiado divertimento.

– Claro que não – respondeu ela, com os olhos a brilhar. – Estava mais a pensar numa aposta. Se eu conseguir ficar mais perto daquela pedra em cima da rocha mais distante, do outro lado do ribeiro, tens de dizer-me quem ela é.

– E se eu ficar mais perto do que tu? – desafiou-a ele.

– Se ficares mais perto do que eu, podes escolher o teu castigo – disse ela, magnânima.

– Cometi um erro terrível quando te ensinei a jogar – riu ele, mas não era adversário à altura daquele sorriso desafiador.

Andrew fálhou o alvo por escassos centímetros. Victoria olhou para a pedra, muito concentrada; então lançou, atingindo-a em cheio com força suficiente para a fazer cair da rocha juntamente com a bola de neve.

– E também cometi um erro terrível quando te ensinei a atirar bolas de neve.

– Sempre soube atirar bolas de neve – ripostou ela, audaciosa, pondo as mãos nas esbeltas ancas.

– Agora diz-me, com quem é que queres casar?

Andrew enfiou as mãos nos bolsos e sorriu àquele rosto encantador.

– Com quem achas *tu* que eu quero casar, olhos-azuis?

Ela pôs-se séria.

– Não sei. Mas espero que seja especial, porque tu és.

– É especial – garantiu ele, com suave gravidade. – Tão especial que até pensava nela quando

estava longe, na escola, durante o inverno. Na realidade, estou muito feliz por ter voltado a casa e poder vê-la mais vezes.

– Parece ser bastante simpática – admitiu ela num tom seco, a sentir-se súbita e inexplicavelmente zangada com a criatura inocente.

– Diria que está mais perto de «maravilhosa» do que de «bastante simpática». É doce mas ferosa, bonita sem afetação, gentil apesar de obstinada. Todos os que a conhecem acabam por a amar.

– Então, pelo amor de Deus, se é assim porque é que não casar com ela de uma vez por todas? – perguntou Victoria, irritada.

Ele torceu os lábios e, num raro gesto de intimidade, estendeu a mão e pousou-a nos pesados e sedosos cabelos dela.

– Porque – sussurrou ternamente –, ainda é demasiado nova. É que, bem vês, o pai insiste que ela espere até aos dezoito anos para ter a certeza do que quer.

Os enormes olhos azuis de Victoria abriram-se muito enquanto sondava o rosto bonito de Andrew.

– Queres dizer que sou eu? – perguntou, num murmúrio.

– Tu – confirmou ele, com sorridente solenidade. – Só tu.

O mundo de Victoria, ameaçado pelo que ela tinha visto e ouvido na noite anterior, voltou de repente a parecer firme, seguro e quente.

– Obrigada, Andrew – disse, subitamente tímida. Então, numa das suas rápidas transformações de rapariguinha em jovem encantadora e bem-educada, acrescentou em voz baixa: – Que bom vai ser casar com o meu mais querido amigo.

– Não devia ter mencionado isto antes de falar primeiro com o teu pai, e só posso fazê-lo daqui a três anos.

– Ele gosta imenso de ti – garantiu-lhe Victoria. – Não levantará a mais pequena objeção quando chegar a altura. Como poderia, sendo os dois tão parecidos?

Um pouco mais tarde, Victoria montou o seu cavalo sentindo-se alegre e bem disposta, mas a boa disposição desapareceu mal abriu a porta das traseiras e entrou na aconchegada divisão que cumpria o duplo papel de cozinha e local de reunião da família.

A mãe estava debruçada para a lareira, atarefada com a grelha dos *waffles*, com o cabelo puxado para trás e preso num severo carrapito, e o vestido simples limpo e engomado. Suspenso de pregos por cima da lareira havia um ordeiro sortido de peneiras, conchas, raladores, facas de cozinha e funis. Tudo muito arrumado e limpo e agradável, como a mãe. O pai já estava sentado à mesa, a beber uma chávena de café.

Ao olhar para eles, Victoria sentiu-se embaraçada, triste e zangada com a mãe por ela negar ao seu maravilhoso pai o amor que ele queria e necessitava.

Uma vez que as suas saídas matinais eram bastante frequentes, nenhum dos pais mostrou qualquer surpresa ao vê-la entrar. Ambos olharam para ela, sorriram e disseram bom dia. Victoria retribuiu o cumprimento do pai e sorriu à irmã mais nova, Dorothy, mas mal olhou para a mãe. Em vez disso, dirigiu-se às prateleiras e começou a pôr a mesa com um conjunto completo de pratos e talheres – uma formalidade que a mãe inglesa insistia firmemente ser «necessária para uma refeição civilizada».

Andava de um lado para o outro, entre a mesa e as prateleiras, a sentir-se pouco à vontade e agoniada, mas quando ocupou o seu lugar à mesa, a hostilidade que sentia para com a mãe começou a dar lugar à piedade. Via como Katherine Seaton tentava compensar o marido de várias maneiras,

conversando animadamente enquanto pairava, solícita, a seu lado, enchendo-lhe a chávena de café fumegante, passando-lhe a leiteira das natas, oferecendo-lhe mais pãezinhos acabados de cozer entre idas à lareira, onde preparava o pequeno-almoço de *waffles* que ele preferia.

Victoria comeu a sua refeição num silêncio confuso e impotente, com a cabeça a dar voltas e reviravoltas enquanto se esforçava por descobrir uma maneira de consolar o pai pelo seu casamento sem amor.

A solução ocorreu-lhe no instante em que ele se pôs de pé e anunciou a sua intenção de ir até à quinta dos Jackson ver como estava a sarar o braço partido da pequena Annie.

– Vou contigo, papá. Já há algum tempo que andava a pensar pedir-te que me ensinasses a ajudar-te... no teu trabalho, quero dizer.

Os pais olharam para ela surpreendidos, porque nunca antes Victoria mostrara o mais pequeno interesse nas artes curativas. Na realidade, até ao momento, tinha sido uma criança bonita e despreocupada cujos principais interesses eram divertir-se e pregar uma ou outra partida. Não obstante a surpresa, não levantaram objeções.

Victoria e o pai sempre tinham sido chegados. A partir daquele dia, tornaram-se inseparáveis. Ela acompanhava-o para quase todos os lugares aonde ele ia, e embora o Dr. Seaton recusasse terminantemente deixá-la assisti-lo no tratamento de pacientes do sexo masculino, ficava mais do que feliz por ter ajuda em todas as outras ocasiões.

Nenhum dos dois voltou a falar das coisas tristes que tinham discutido naquela fatídica noite de Natal. Em vez disso, preenchiam o tempo que passavam juntos com conversas confortáveis e brincadeiras alegres, porque apesar do desgosto que lhe enchia o coração, Patrick Seaton era um homem que sabia apreciar o valor do riso.

Victoria já tinha herdado a enorme beleza da mãe e o humor e a coragem do pai. Agora estava a aprender com ele compaixão e idealismo. Ainda garotinha, conquistara os corações dos habitantes da terra com a sua beleza e o seu radiante e irresistível sorriso. As pessoas tinham gostado dela quando era uma rapariga encantadora e descuidada; passaram a adorá-la quando se transformou numa jovem animada que se preocupava com as suas maleitas e lhes espantava as tristezas.

CAPÍTULO 2

— Victoria, tens a certeza absoluta de que a tua mãe nunca te falou do duque de Atherton ou da duquesa de Claremont?

Victoria afastou o pensamento da dolorosa recordação do funeral dos pais e olhou para o velho médico de cabelos brancos sentado à sua frente do outro lado da mesa da cozinha. Sendo o mais antigo dos amigos do pai, o Dr. Morrison chamara a si a responsabilidade de instalar as duas raparigas, bem como a de cuidar dos pacientes do Dr. Seaton até que o novo médico chegasse.

— Tudo o que eu e a Dorothy sabíamos era que a mamã não se dava com a família de Inglaterra. Nunca falava deles.

— É possível que o vosso pai tivesse parentes na Irlanda?

— O papá cresceu num orfanato. Não tinha parentes. — Victoria pôs-se de pé, desassossegada. — Posso servir-lhe um café, Dr. Morrison?

— Deixa de te preocupar comigo e vai sentar-te lá fora, ao sol, com a Dorothy — ralhou suavemente o Dr. Morrison. — Estás pálida como um fantasma.

— Precisa de mais alguma coisa antes de eu ir? — insistiu Victoria.

— Precisava de ser vinte anos mais novo — respondeu ele com um sorriso triste, enquanto afiava a ponta da pena. — Sou demasiado velho para carregar o fardo dos doentes do teu pai. O meu lugar é em Filadélfia, com um tijolo quente a aquecer-me os pés e um bom livro no colo. Como vou conseguir aguentar aqui mais quatro meses até que o novo médico chegue é coisa que não consigo sequer imaginar.

— Lamento — disse Victoria, sincera. — Eu sei que tem sido terrível para si.

— Tem sido muito pior para ti e para a Dorothy — disse bondosamente o velho médico. — Agora vai lá para fora e aproveita um pouco deste magnífico sol de inverno. É raro ter um dia assim tão quente em janeiro. Enquanto te sentas ao sol, eu escrevo estas cartas para os teus parentes.

Passara uma semana desde que o Dr. Morrison tinha vindo visitar os Seaton, só para ser chamado ao local do acidente onde a carruagem que transportava Patrick Seaton e a mulher tinha saído da estrada e rolara por uma ribanceira até ao rio. Patrick Seaton tivera morte imediata. Katherine recuperara os sentidos apenas o tempo suficiente para responder às desesperadas perguntas do Dr. Morrison a respeito dos seus parentes em Inglaterra. Num murmúrio quase inaudível, dissera:

— ... Avó... duquesa de Claremont.

E então, instantes antes de expirar, murmurara mais um nome: Charles. O Dr. Morrison suplicara-lhe que o completasse, e Katherine entreabrira as pálpebras já fechadas e dissera:

— Fielding... duque... de... Atherton.

— É um parente? — insistira ele, frenético.

Uma longa pausa, e então um débil aceno de cabeça.

— Primo...

Recaía agora sobre os ombros do Dr. Morrison a difícil tarefa de descobrir e contactar aqueles parentes até então desconhecidos para inquirir se algum deles estaria disposto a oferecer um teto a Victoria e a Dorothy. Uma tarefa tornada ainda mais difícil pelo facto de, tanto quanto o Dr. Morrison sabia, nem o duque de Atherton nem a duquesa de Claremont fazerem ideia da existência das raparigas.

Com uma expressão determinada no rosto, o Dr. Morrison mergulhou a ponta da pena no tinteiro, escreveu a data no topo da primeira carta e hesitou, com a testa franzida numa expressão pensativa.

– Como é que uma pessoa se dirige a uma duquesa? – perguntou à sala deserta. Depois de muito ponderar, tomou uma decisão e começou a escrever:

Cara Senhora Duquesa,

É minha penosa obrigação informá-la do falecimento da sua neta Katherine Seaton, bem como de que as duas filhas de Mrs. Seaton, Victoria e Dorothy, se encontram temporariamente à minha guarda. Sou, no entanto, um velho, e solteiro, ainda por cima. Portanto, Senhora Duquesa, não posso continuar a cuidar devidamente de duas jovens órfãs.

Antes de falecer, Mrs. Seaton referiu apenas dois nomes: o seu e o de Charles Fielding. Por isso lhe escrevo, e também a Sir Fielding, na esperança de que um, ou ambos, acolham as filhas de Mrs. Seaton em vossas casas. Devo acrescentar que as duas raparigas não têm para onde ir. Estão tristemente desprovidas de meios e em extrema necessidade de um lar adequado.

O Dr. Morrison recostou-se para trás na cadeira e examinou o que tinha escrito com uma ruga de preocupação a formar-se-lhe pouco a pouco na testa. Se a duquesa ignorava a existência das raparigas, não lhe custava desde já prever a possível indisponibilidade da velha senhora para recebê-las em sua casa sem primeiro saber qualquer coisa a respeito delas. A tentar pensar na melhor maneira de as descrever, voltou a cabeça e olhou, através da janela, para as duas.

Dorothy estava sentada no balouço, com os ombros frágeis descaídos numa atitude de desespero. Victoria desenhava num caderno com um ar de obstinada determinação, num esforço para manter o desgosto à distância.

Decidiu começar por descrever Dorothy, por ser a mais fácil:

A Dorothy é uma rapariga bonita, com cabelos louros e olhos azuis. É muito meiga, bem-educada e encantadora. Com dezassete anos, está quase em idade de casar, mas não mostra uma especial inclinação para depositar os seus afetos em nenhum dos jovens cavalheiros das redondezas...

Fez uma pausa e coçou o queixo, pensativo. Na realidade, não faltavam nas redondezas jovens cavalheiros apaixonados por Dorothy. E quem podia censurá-los? Era bonita e alegre e doce. Era

angélica, decidiu o Dr. Morrison, satisfeito por ter encontrado a palavra exata para a descrever.

Mas quando voltou a sua atenção para Victoria, as farfalhudas sobrelhas brancas juntaram-se numa expressão de perplexidade, porque apesar de Victoria ser a sua preferida, era muito mais difícil de descrever. O seu cabelo não era dourado como o de Dorothy, mas também não era exatamente ruivo; era antes uma vívida combinação destas duas cores. Dorothy era uma coisinha bonita, uma jovem encantadora e recatada que punha a cabeça de todos os rapazes da terra a andar à roda. Era perfeita para esposa: doce, gentil, com uma voz suave, e dócil. Em suma, o género de mulher que nunca contradiria o marido ou lhe desobedeceria.

Victoria, em contrapartida, costumava passar a maior parte do seu tempo com o pai e, com dezoito anos, tinha um espírito vivo, um cérebro ativo e uma inquietante tendência para pensar pela sua própria cabeça.

Dorothy pensaria o que o marido lhe dissesse para pensar e faria o que ele lhe dissesse para fazer, mas Victoria pensaria pela sua própria cabeça e muito provavelmente faria o que *ela* achasse melhor.

Dorothy era angélica, decidiu o Dr. Morrison, ao passo que Victoria... bem, não era.

Enquanto, através das grossas lentes dos óculos e de olhos semicerrados, examinava Victoria, que desenhava com traços resolutos mais um esboço do muro coberto de hera do jardim, o Dr. Morrison notou-lhe o perfil patricio e tentou encontrar as palavras exatas para a descrever. Corajosa, decidiu, sabendo que ela estava a desenhar para se manter ocupada em vez de se atolar no desgosto. E compassiva, pensou, ao recordar os esforços que fizera para consolar e animar os pacientes do pai.

Abanou a cabeça, frustrado. Sendo um velho, gostava da inteligência e do sentido de humor dela; admirava-lhe a coragem, o ânimo e a compaixão. Mas se destacasse estas qualidades aos parentes ingleses da jovem, eles iam de certeza imaginá-la como uma mulher independente, culta e incansável de que nunca mais conseguiriam ver-se livres. Havia ainda a possibilidade de que quando Andrew Bainbridge regressasse da Europa, dentro de alguns meses, pedisse formalmente a mão de Victoria, mas não tinha a certeza. O pai de Victoria e a mãe de Andrew tinham combinado que, antes de os dois se tornarem noivos, os sentimentos de ambos seriam postos à prova durante um período de seis meses enquanto Andrew fazia uma versão abreviada do Grand Tour.

O afeto de Victoria por Andrew permanecera forte e constante, o Dr. Morrison bem o sabia, mas os sentimentos de Andrew por ela davam, ao que parecia, sinais de fraquejar. Segundo o que Mrs. Bainbridge lhe confidenciara, ainda na véspera, tudo indicava que Andrew estava a desenvolver uma forte atração por uma prima em segundo grau que tinha ido visitar à Suíça.

Deixou escapar um triste suspiro enquanto continuava a observar as duas jovens. Ambas vestiam simples vestidos pretos, o cabelo de uma refulgentemente dourado, o da outra com o brilho mais suave do cobre. Não obstante a indumentária sombria, compunham um quadro muito cativante, pensou com ternura. Um quadro! Numa súbita inspiração, decidiu resolver o problema de descrever as raparigas aos parentes ingleses incluindo simplesmente uma miniatura das duas em cada carta.

Tomada a decisão, terminou a primeira carta pedindo à duquesa que conferenciasse com o duque de Atherton, que ia receber uma missiva idêntica, e lhe comunicassem o que desejavam que fizesse na questão do cuidado das duas jovens. Escreveu então uma carta igual ao duque de Atherton, e em seguida compôs uma curta nota dirigida ao seu advogado em Nova Iorque e na qual pedia ao digno cavalheiro que encontrasse em Londres alguém de confiança que localizasse o duque e a duquesa e lhes entregasse as cartas. Com uma breve prece para que um dos dois tivesse a feliz lembrança de

reembolsá-lo do dinheiro que ia gastar, o Dr. Morrison pôs-se de pé e espreguiçou-se.

Lá fora no jardim, Dorothy, com a ponta do pé apoiada no chão, fazia o balouço oscilar tristemente de um lado para o outro.

– Ainda não consigo acreditar – disse, com a voz suave cheia de uma mistura de desespero e excitação. – A mamã era neta de uma duquesa! O que é que isso faz de nós, Tory? Temos títulos?

Victoria lançou-lhe um olhar carregado de seca ironia.

– Sim – respondeu. – Somos «Parentes Pobres».

Era verdade, pois apesar de Patrick Seaton ter sido amado e apreciado pelas agradecidas gentes cujos males tratara durante tantos anos, só muito raramente os seus pacientes tinham podido pagar-lhe em espécie, e ele nunca os pressionara a fazê-lo. Em vez disso, pagavam-lhe com quaisquer bens ou serviços que estivessem ao seu alcance proporcionar: cabeças de gado, peixe e caça para a mesa, reparações na carruagem ou em casa, pão acabado de cozer e cestas de suculentas amoras e framboesas. Em consequência disto, nunca faltara comida à família Seaton, mas o dinheiro sempre escasseara, como evidenciavam os muito remendados e tingidos vestidos que Dorothy e Victoria usavam. Até a casa onde viviam fora providenciada pelas gentes da terra, tal como a do reverendo Milby, o ministro. As casas eram emprestadas aos ocupantes a troco dos seus serviços médicos e pastorais.

Dorothy ignorou a judiciosa sùmula da atual posição de ambas feita pela irmã e continuou, num tom sonhador:

– O nosso primo é um duque e a nossa bisavó uma duquesa! Ainda mal consigo acreditar. E tu?

– Sempre achei que a mamã tinha um mistério qualquer – respondeu Victoria, a conter as lágrimas de solidão e desespero que lhe humedeciam os olhos azuis. – Agora o mistério está esclarecido.

– Que mistério?

Victoria hesitou, com o lápis a pairar sobre o papel.

– Só quis dizer que a mamã era diferente de todas as outras mulheres que conheci.

– Suponho que era – concordou Dorothy, e remeteu-se ao silêncio.

Victoria ficou a olhar para o desenho que tinha no colo enquanto as complicadas linhas e curvas das sinuosas roseiras que tinham coberto o muro e que traçara de memória perdiam o contorno e a nitidez com as lágrimas que enchiam os seus olhos. O mistério estava esclarecido. Compreendia *agora* muitas das coisas que sempre a tinham intrigado e perturbado. Compreendia por que razão a mãe nunca se sentira à vontade com as outras mulheres da povoação, por que razão sempre falara no tom culto de uma aristocrata inglesa e por que razão insistia tão teimosamente que, pelo menos na sua presença, ela e a irmã fizessem o mesmo. O passado explicava a insistência da mãe em que aprendessem a ler e falar francês, além de inglês. E explicava em parte a expressão sombria que lhe perpassava pelo rosto nas raras vezes em que falava de Inglaterra.

Talvez também explicasse a sua estranha reserva para com o marido, que tratava com gentil cortesia, mas não mais do que isso. E no entanto tinha sido, à primeira vista, uma esposa exemplar. Nunca ralhara com o marido, nunca se queixara da sua vida de pobreza refinada, e nunca discutira com ele. Havia muito que Victoria perdoara à mãe por não amar o pai. Agora que se apercebia de que devia ter sido criada no meio do mais incrível luxo, sentia-se também inclinada a admirar-lhe a inquebrantável força de ânimo.

O Dr. Morrison saiu para o jardim e dirigiu às duas jovens um sorriso encorajador.

– Acabei de escrever as minhas cartas, e amanhã envio-as. Com sorte, receberemos a resposta dos

vossos parentes dentro de três meses, talvez menos.

Voltou a sorrir, satisfeito com o papel que estava a tentar desempenhar no esforço para reuni-las aos seus nobres parentes ingleses.

– O que é que acha que vão fazer quando receberem as suas cartas, Dr. Morrison? – perguntou Dorothy.

O Dr. Morrison fez-lhe uma festa na cabeça, de olhos franzidos por causa do sol, e deu largas à imaginação.

– Vão ficar surpreendidos, suponho, mas não vão mostrá-lo: segundo me dizem, as pessoas das classes superiores inglesas não gostam de exhibir emoções, e são fanáticas dos formalismos. Depois de lerem as cartas, vão provavelmente enviar delicadas notas um ao outro, e então um deles visitará o outro para discutir o vosso futuro. Um mordomo servirá chá...

Sorriu ao imaginar o encantador cenário com todos os pormenores. Imaginou dois delicados aristocratas ingleses – pessoas ricas e bondosas – a encontrarem-se numa elegante sala de estar para beber chá e comer bolos servidos num bandeja de prata antes de discutirem o futuro das suas até então desconhecidas – mas queridas – jovens parentes. Uma vez que o duque de Atherton e a duquesa de Claremont eram aparentados através de Katherine, seriam, claro, amigos, aliados...

CAPÍTULO 3

— Sua graça, a duquesa viúva de Claremont — anunciou majestosamente o mordomo da porta da sala de estar onde Charles Fielding, duque de Atherton, estava sentado. O mordomo afastou-se para um lado e uma mulher já idosa, de porte imponente, entrou, seguida por um solicitador de ar acossado. Charles Fielding olhou para ela, com os penetrantes olhos cor de avelã a chamejar de ódio.

— Não se dê ao incômodo de se levantar, Atherton — atirou-lhe a duquesa, sarcástica, fulminando-o com um olhar de desprezo quando ele continuou insolentemente sentado.

Imóvel como uma estátua, ele continuou a olhá-la num silêncio gelado. A meio da casa dos cinquenta, Charles Fielding continuava a ser um homem atraente, com uma espessa cabeleira riscada de prata e olhos cor de avelã, mas a doença cobrara o seu tributo. Era demasiado magro para a altura e tinha o rosto marcado por fundos sulcos de tensão e fadiga.

Incapaz de arrancar-lhe uma reação, a duquesa voltou-se para o mordomo.

— Esta sala está demasiado quente! — ralhou, a bater no chão com a bengala de castão cravejado de pedras preciosas. — Abra os cortinados e deixe entrar um pouco de ar.

— Deixe os cortinados como estão! — ladrou Charles. A sua voz fervilhava com o ódio que a simples visão dela lhe provocava.

A duquesa voltou para ele o olhar irado.

— Não vim aqui para sufocar — afirmou, ameaçadora.

— Então saia.

O corpo magro imobilizou-se numa rígida linha de furioso ressentimento.

— Não vim aqui para sufocar — repetiu por entre os dentes cerrados. — Vim informá-lo da minha decisão no respeitante às filhas da Katherine.

— Informe-me, então — respondeu Charles —, e *depois* saia!

Os olhos dela semicerraram-se até ficarem reduzidos a duas frestas de raiva e o ar pareceu crepitar de hostilidade, mas, em vez de sair, a duquesa sentou-se lentamente numa cadeira. Apesar dos seus muitos anos, manteve-se direita e majestosa como uma rainha, com um turbante violeta a cobrir-lhe o cabelo branco em vez de uma coroa, e uma bengala na mão em vez de um cetro.

Charles observou-a com desconfiada surpresa, pois tivera a certeza de que ela insistira naquele encontro só para ter a satisfação de lhe dizer cara a cara que as disposições a tomar quanto ao futuro das filhas de Katherine não eram da sua conta. Não esperara que se sentasse, como se tivesse mais qualquer coisa a dizer.

— Viu a miniatura das raparigas — declarou a duquesa.

Ele baixou os olhos para a miniatura que tinha na mão e os seus dedos compridos apertaram-se convulsivamente, num gesto protetor, à volta dela. Uma dor sem disfarces ensombrecou-lhe os olhos quando olhou para Victoria. Era o retrato da mãe, o retrato da sua bela e adorada Katherine.

– A Victoria é a imagem da mãe – disse subitamente a duquesa.

Charles ergueu os olhos para os dela e no mesmo instante o seu rosto endureceu.

– Tenho consciência disso.

– Ótimo. Nesse caso, compreenderá por que razão não quero essa rapariga em minha casa. Ficarei com a outra. – Pôs-se de pé, como se tivesse encerrado o assunto que a levava até ali, e olhou para o solicitador. – Certifique-se de que o Dr. Morrison recebe um cheque para cobrir as despesas que já teve e outro para pagar a passagem da rapariga mais nova.

– Muito bem, vossa graça – disse o solicitador, com uma vénia. – Haverá mais alguma coisa?

– Haverá muitas mais *coisas* – ripostou ela, com a voz tensa e ríspida. – Vou ter de apresentar a rapariga à sociedade, vou ter de providenciar um dote, vou ter de encontrar-lhe um marido adequado, vou...

– E a Victoria? – interrompeu-a Charles, num tom duro. – O que tenciona fazer em relação à rapariga mais velha?

A duquesa brindou-o com um olhar desdenhoso.

– Já lhe disse, essa recorda-me a mãe e não a receberei em minha casa. Se quiser, pode ficar com ela. Quis muito a mãe dela, se bem me lembro. E a Katherine obviamente também o quis a si: mesmo na hora da morte pronunciou o seu nome. Pode dar abrigo à imagem dela, como compensação. Será bem feito, ter de olhar para a rapariga.

A cabeça de Charles estava ainda cheia de alegre incredulidade quando a velha duquesa acrescentou, arrogante:

– Case-a com quem quiser. Qualquer um *exceto* esse seu sobrinho. Há vinte e dois anos, não tolerei uma aliança entre a sua família e a minha, e continuo a proibi-la. Vou... – Calou-se abruptamente, como se acabasse de lhe ocorrer uma ideia, e os olhos dela começaram a brilhar de maligno triunfo. – Vou casar a Dorothy com o filho do Winston! – anunciou, satisfeita. – Quis casar a Katherine com o pai, mas ela recusou por sua causa. Vou casar a Dorothy com o filho, e terei a aliança com os Winston que sempre desejei! – Um sorriso lento, maldoso, espalhou-se-lhe pelo rosto enrugado, e ela riu da expressão crispada de Charles. – Ao fim de todos estes anos, sempre vou conseguir a união mais esplêndida da década!

E com isto saiu da sala, seguida pelo solicitador.

Charles ficou a olhar para a porta por onde ela tinha desaparecido, com as suas emoções a oscilarem entre a amargura, o ódio e a alegria. Aquele bruxa velha e má tinha-lhe dado inadvertidamente a única coisa que ele queria mais do que a própria vida: Victoria, a filha de Katherine. A imagem de Katherine. Foi invadido por uma onda de felicidade quase demasiado intensa para ser tolerável, logo seguida por outra de escaldante fúria. Aquela velha tortuosa, implacável e intriguista ia conseguir uma aliança com os Winston, exatamente o que sempre desejara. Estivera disposta a sacrificar a felicidade de Katherine para ter aquela aliança sem significado, e agora ia ser bem-sucedida.

A raiva que sentia por também ela ir conseguir aquilo que sempre desejara quase eclipsava a sua alegria por ficar com Victoria. E então, de repente, ocorreu-lhe um pensamento. De olhos semicerrados, ponderou-o, removeu-o, analisou-o. E, lentamente, começou a sorrir.

– Dobson – disse ao mordomo. – Traga-me uma pena e papel. Quero redigir um anúncio de noivado. Trate de que seja imediatamente entregue no *Times*.

– Muito bem, vossa graça.

Charles olhou para o velho servidor, com os olhos a arderem de febril júbilo.

– Ela engana-se, Dobson – disse. – A velha cabra engana-se!

– Engana-se, vossa graça?

– Sim, não é ela que vai conseguir a união mais esplêndida da década. Sou *eu*!

Era um ritual. Todas as manhãs, por volta das nove, Northrup, o mordomo, abria as portas maciças da palaciana mansão campestre do marquês de Wakefield e recebia um exemplar do *Times* da mão de um laçao que lho levava de Londres.

Depois de fechar a porta, Northrup atravessava o vestíbulo de mármore e entregava o jornal a outro laçao, que esperava junto ao início da majestosa escadaria.

– O exemplar do *Times* de sua senhoria – anunciava.

O laçao pegava no jornal e levava-o, percorrendo o corredor, até à sala de jantar onde, àquela hora, Jason Fielding, marquês de Wakefield, estava habitualmente a acabar a refeição da manhã e a ler o correio.

– O seu exemplar do *Times*, senhor – dizia o laçao, num murmúrio respeitoso, enquanto o pousava em cima da mesa ao lado da chávena de café do marquês e depois lhe retirava o prato. Sem uma palavra, o marquês pegava no jornal e abria-o.

Tudo isto era feito com a precisão impecável e perfeitamente orquestrada de um minúete, porque Lord Fielding era um amo exigente que fazia questão de que as suas propriedades e casas funcionassem como máquinas bem lubrificadas.

Os criados sentiam por ele um medo reverente, vendo-o como uma espécie de divindade fria e assustadoramente inacessível a que se esforçavam sem êxito por agradar.

Os sentimentos das ávidas beldades londrinas que Jason levava a bailes, óperas e peças de teatro – e para a cama – não eram muito diferentes, porque Jason tratava-as com pouco mais afeto do que aos seus servidores. No entanto, as senhoras olhavam-no com manifesto interesse onde quer que ele estivesse, porque apesar da frieza e do cinismo da sua atitude, Jason Fielding tinha uma aura de virilidade que fazia palpitar os corações femininos.

A sua cabeleira farta era negra como carvão, os olhos penetrantes verdes como o jade indiano, os lábios firmes e sensuais. Havia uma força dura, áspera, esculpida em todas as feições do rosto bronzeado, desde as escuras sobrancelhas direitas ao queixo pronunciado e arrogante. Até a sua constituição física era esmagadoramente masculina, pois tinha um metro e noventa de altura, com ombros largos, ancas estreitas e pernas e coxas firmes e musculadas. Quer estivesse a montar um cavalo ou a dançar num baile, Jason Fielding destacava-se dos outros homens como um magnífico felino selvagem no meio de inofensivos gatinhos domésticos.

Como Lady Wilson-Smyth certa vez comentara, com uma gargalhada, Jason Fielding era atraente como o pecado – e sem dúvida não menos perverso.

Uma opinião partilhada por muitos, pois quem quer que olhasse para aqueles cínicos olhos verdes percebia que não havia uma única fibra inocente ou ingénua no seu corpo esbelto e musculoso. Apesar disso – ou, mais exatamente, *por causa* disso –, as mulheres eram atraídas para ele como belas mariposas para uma chama, desejosas de experimentar o fogo do seu ardor ou deliciarem-se no inebriante calor de um dos seus raros e preguiçosos sorrisos. Sofisticadas mulheres casadas conspiravam por um lugar na sua cama; jovens em idade de casar sonhavam ser aquela que ia

derreter o seu coração gelado e pô-lo de joelhos.

Certos membros mais judiciosos da elite comentavam que Lord Fielding tinha boas razões para ser cético no que respeitava a mulheres. Toda a gente sabia que o comportamento da sua esposa quando chegara a Londres, quatro anos antes, fora escandaloso. A partir do momento em que pusera os pés na cidade, a bela marquesa de Wakefield envolvera-se numa série quase ininterrupta de casos amorosos amplamente publicitados. Enganara o marido vezes sem conta; toda a gente o sabia – incluindo Jason Fielding, que parecia não se importar...

O lacaios fez uma pausa junto da cadeira de Lord Fielding, tendo nas mãos uma ornamentada cafeteira de prata.

– Deseja mais café, senhor?

Sua senhoria abanou a cabeça e voltou a página do *Times*. O lacaios fez uma vénia e retirou-se. Não esperara que Lord Fielding lhe respondesse em voz alta, pois o amo raramente se dignava falar com qualquer dos seus servidores. Não sabia a maior parte dos nomes, nem fosse o que fosse a respeito deles, e não queria saber. Mas ao menos não era dado a acessos de fúria espalhafatosa, como acontecia com tantos outros membros da nobreza. Quando desagradado, o marquês limitava-se a voltar o gélido feixe dos seus olhos verdes para o culpado e congelá-lo. Nunca, nem mesmo face à mais extrema provocação, levantava Lord Fielding a voz.

Foi por isso que o atónito lacaios quase deixou cair a cafeteira de prata quando Jason Fielding bateu com a mão na mesa com tanta força que os pratos dançaram e gritou: «*Aquele filho da mãe!*» Levantando-se de um salto, ficou a olhar para o jornal aberto, com o rosto transformado numa máscara de fúria e incredulidade.

– Aquele malandro tortuoso... É o único que se atreveria!

Lançou um olhar assassino ao siderado lacaios, saiu da sala, tirou a capa das mãos do mordomo, abriu a porta e foi direito às cavalariças.

Northrup fechou a porta depois de ele sair e, com as abas da casaca a esvoaçar atrás de si, correu para a sala de jantar.

– Que aconteceu a sua senhoria? – perguntou, entrando de rompante.

O lacaios estava de pé junto à cadeira agora vazia de Lord Fielding, a olhar fascinado para o jornal aberto, com a cafeteira esquecida ainda suspensa da mão.

– Acho que foi qualquer coisa que leu no *Times* – ofegou, a apontar para o anúncio do noivado de Jason Fielding, marquês de Wakefield, com Miss Victoria Seaton. – Não sabia que sua senhoria estava a planear casar – acrescentou.

– Atrever-me-ia a dizer que sua senhoria também não – murmurou Northrup, a olhar boquiaberto para o jornal. Apercebendo-se de repente que se tinha permitido um mexerico com um subordinado, pegou no exemplar do *Times* e dobrou-o cuidadosamente. – Os assuntos de sua senhoria não são da sua conta, O'Malley. É bom que não o esqueça se deseja continuar nesta casa.

Duas horas mais tarde, a carruagem de Jason Fielding deteve-se bruscamente diante da residência londrina do duque de Atherton. Um cavaleiro apareceu a correr e Jason atirou-lhe as rédeas, saltou da carruagem e avançou com um ar determinado para o pórtico.

– Bom dia, senhor – disse Dobson, enquanto abria a porta e se afastava para um lado. – Sua graça está à espera de vossa senhoria.

– Aposto que está! – cuspiu Jason, furioso. – Onde?

– Na sala de estar, senhor – respondeu Dobson.

Jason passou por ele e meteu pelo corredor, com as suas passadas largas e rápidas a darem bem ideia da fúria que o consumia. Abriu a porta com um gesto brusco e avançou para o cavalheiro de ar digno e cabelos grisalhos sentado junto à lareira.

– Presumo que foi o senhor o responsável por este anúncio ridículo no *Times*? – disparou, sem mais preâmbulos.

Charles devolveu-lhe tranquilamente o olhar.

– Fui.

– Então vai ter de escrever outro a desmenti-lo.

– Não – respondeu Charles, impávido. – A jovem vem para Inglaterra, e tu vais casar com ela. Entre outras coisas, porque eu quero um neto e quero tê-lo nos meus braços antes de partir deste mundo.

– Se quer um neto – rosnou Jason –, tudo o que tem de fazer é localizar um dos seus muitos outros bastardos. Estou certo de que descobrirá que já geraram *dúzias* de netos.

Charles estremeceu ao ouvir isto, mas limitou-se a baixar a voz para um tom ameaçador.

– Quero um neto *legítimo* para apresentar ao mundo como meu herdeiro.

– Um neto legítimo – repetiu Charles com gélido sarcasmo. – Quer que eu, seu filho ilegítimo, lhe dê um neto *legítimo*. Diga-me uma coisa: com toda a gente convencida de que sou seu sobrinho, como é que tenciona declarar o meu filho como seu neto?

– Declará-lo-ei meu sobrinho-neto, mas *eu* saberei que é meu neto, e isso é a única coisa que importa. – Indiferente à fúria crescente do filho, Charles terminou, implacável: – Quero um herdeiro vindo de ti, Jason.

Uma veia latejou na têmpora de Jason, que se esforçava por conter a ira. Inclinando-se para a frente, apoiou as mãos nos braços do cadeirão de Charles, com o rosto a escassos centímetros de distância do do pai. E então disse, devagar, destacando bem as palavras:

– Já lhe tinha dito, e repito-o agora pela última vez, que nunca mais voltarei a casar. Compreendeu? *Nunca mais voltarei a casar!*

– Porquê? Não odeias totalmente as mulheres. É do conhecimento comum que tens tido amantes e que as tratas bem. Na realidade, parece que todas elas se apaixonam por ti. É óbvio que as senhoras gostam de estar na tua cama, e é óbvio que tu gostas de as ter lá...

– Cale-se! – explodiu Jason.

Um esgar de dor contorceu o rosto de Charles e ele levou a mão ao peito, com os longos dedos a enclavinharem-se na camisa. Então, muito devagar, voltou a pousar a mão no colo.

Jason semicerrou os olhos, mas não obstante as suas suspeitas de que o pai estava apenas a fingir a dor, obrigou-se a guardar silêncio enquanto ele continuava:

– A jovem que escolhi para ser tua esposa chegará a Inglaterra dentro de aproximadamente três meses. Terei uma carruagem à espera no cais, para que possa seguir diretamente para Wakefield Park. Por uma questão de decência, juntar-me-ei lá aos dois e ficarei até ao casamento. Conheci a mãe dela, há muitos anos, e vi um retrato da Victoria... não ficarás desapontado. – Mostrou a miniatura. – Ora vamos, Jason – continuou, com a voz a tornar-se suave e persuasiva –, não estás nem um bocadinho curioso a respeito dela?

A tentativa de persuasão de Charles transformou o rosto de Jason numa máscara de granito.

– Está a desperdiçar o seu tempo. Não o farei.

– Farás, sim – prometeu Charles, recorrendo à ameaça no seu desespero. – Porque se não o fizeres

deserdar-te-ei. Já gastaste meio milhão de libras do teu dinheiro a restaurar as minhas propriedades, propriedades que nunca serão tuas a menos que cases com a Victoria Seaton.

Jason reagiu à ameaça com seco desprezo.

– Pela minha parte, as suas preciosas propriedades podem arder até aos alicerces. O meu filho morreu... já não tenho a quem deixar heranças.

Charles viu a dor que perpassou pelos olhos de Jason ao falar do filho e, quando voltou a falar, o desgosto partilhado suavizou-lhe a voz.

– Admito que agi precipitadamente ao anunciar o teu noivado, Jason, mas tinha as minhas razões. Talvez não possa obrigar-te a casar com a Victoria, mas ao menos não te ponhas à partida contra ela. Prometo-te que não lhe encontrarás defeitos. Olha, tenho uma miniatura dela, podes ver como é bonita...

A voz morreu-lhe a meio da frase ao ver que Jason fazia meia-volta e saía da sala, batendo com a porta. Ficou a olhar para a porta fechada.

– Vais casar com ela, Jason – prometeu ao filho ausente. – Ainda que tenha de apontar-te uma arma à cabeça.

Ergueu os olhos minutos mais tarde quando Dobson entrou transportando numa bandeja de prata duas taças e uma garrafa de champanhe.

– Tomei a liberdade de escolher algo adequado à ocasião – disse o velho servidor com um sorriso feliz enquanto pousava a bandeja em cima da mesa ao lado de Charles.

– Nesse caso, devia ter escolhido cicuta – respondeu o velho duque, sombrio. – O Jason já se foi embora.

O sorriso de Dobson evaporou-se.

– Já se foi embora? Mas não tive oportunidade de felicitar sua senhoria pelo casamento.

– O que foi uma sorte – respondeu Charles, com uma gargalhada seca. – Receio bem que lhe tivesse custado um dente.

Quando o mordomo saiu, Charles pegou na garrafa de champanhe, abriu-a e deitou um pouco numa das taças. Com um sorriso determinado, ergueu-a num brinde solitário:

– Ao teu casamento, Jason.

– Não demoro nada, Mr. Borowski – disse Victoria, saltando do carroção carregado com os seus pertences e os de Dorothy.

– O tempo que quiser – respondeu o homem com um sorriso, puxando uma fumaça do seu cachimbo. – Eu e a sua irmã não nos vamos embora sem si.

– Apressa-te, Tory – pediu Dorothy. – O barco não espera por nós.

– Têm muito tempo – disse-lhe Mr. Borowski. – Ponho-as na cidade e no vosso barco antes do cair da noite, prometo.

Victoria subiu os degraus da imponente casa de Andrew, que dominava a povoação do cume da colina, e bateu à pesada porta de carvalho.

– Bom dia, Mrs. Tilden – disse à governanta gorducha. – Posso falar com Mrs. Bainbridge por um instante? Quero despedir-me dela e entregar-lhe uma carta para o Andrew, para que ele saiba para onde poderá escrever-me em Inglaterra.

– Vou dizer-lhe que estás aqui, Victoria – respondeu a governanta num tom bondoso mas com um ar

pouco encorajador –, mas duvido que te receba. Sabes como ela é quando está com os seus achaques.

Victoria assentiu. Sabia tudo a respeito dos «achaques» de Mrs. Bainbridge. Segundo o pai, a mãe de Andrew era uma queixosa crónica que inventava doenças para não ter de fazer nada que não quisesse fazer, e para manipular e controlar o filho. Patrick Seaton dissera-o na cara de Mrs. Bainbridge havia já vários anos, na presença de Victoria, e a mulher nunca o perdoara nem a um nem ao outro.

Victoria sabia que Mrs. Bainbridge era uma pantomineira, e Andrew também. Por isso, as palpações, tonturas e dormências que tantas vezes a afligiam pouco efeito tinham neles – um facto que, Victoria não o ignorava, a punha ainda mais contra a escolha do filho em matéria de futura esposa.

A governanta reapareceu com uma expressão pesarosa no rosto.

– Lamento, Victoria, mas Mrs. Bainbridge diz que não se sente bem. Fico com a tua carta para Mr. Andrew e entrego-lha para lha enviar. Quer que eu chame o Dr. Morrison – acrescentou, num tom irritado. – Diz que ouve uma campanha nos ouvidos.

– O Dr. Morrison compadece-se dos males dela, em vez de lhe dizer que se levante da cama e faça qualquer coisa útil – resumiu Victoria com um sorriso resignado, e entregou a carta. Bem gostaria que não fosse tão caro enviar correio para a Europa, para poder endereçar ela própria as cartas que escrevia a Andrew em vez de ter de pedir a Mrs. Bainbridge que as incluísse nas suas. – Penso que Mrs. Bainbridge gosta mais da atitude do Dr. Morrison do que da do meu pai.

– Se queres que te diga – respondeu Mrs. Tilden em voz baixa –, acho que ela gostava até demasiado do teu pai. Era quase mais do que uma pessoa conseguia aguentar, vê-la apearaltar-se toda antes de o mandar chamar a meio da noite e... não – interpôs apressadamente – que o teu pai, o querido homem, tenha alguma vez alinhado nos esquemas dela.

Depois de Victoria sair, Mrs. Tilden levou a carta para cima.

– Mrs. Bainbridge – disse, aproximando-se da cama da viúva. – Aqui tem a carta da Victoria para Mr. Andrew.

– Dê-ma – ordenou Mrs. Bainbridge numa voz surpreendentemente forte para uma inválida –, e mande chamar o Dr. Morrison. Sinto-me muito zozza. Quando é que o novo médico chega?

– Daqui a uma semana – respondeu Mrs. Tilden, entregando-lhe a carta.

Quando a governanta se retirou, Mrs. Bainbridge compôs com as mãos os cabelos grisalhos por baixo da touca de renda e olhou com uma careta de aversão para a carta pousada a seu lado na colcha de cetim.

– O Andrew não vai casar com aquele ratinho do campo – disse, dirigindo-se à criada de quarto. – Ela não é nada! Já por duas vezes ele me escreveu a dizer que a prima Madeline que vive na Suíça é uma rapariga encantadora. Disse-o à Victoria, mas a pateta não prestou atenção.

– Acha então que Mr. Andrew vai trazer Miss Madeline para casa como sua mulher? – perguntou a criada de quarto, enquanto ajudava a ajeitar as almofadas atrás das costas de Mrs. Bainbridge.

O rosto magro de Mrs. Bainbridge contraiu-se numa expressão de fúria.

– Não digas parvoíces! O Andrew não tem tempo para mulheres. Já lho disse mais de uma vez. Esta casa é mais do que o suficiente para o manter ocupado, e o dever dele é para com ela, e para comigo. – Pegou na carta de Victoria com dois dedos, com se estivesse contaminada, e entregou-a à criada. – Sabes o que fazer com isso – acrescentou friamente.

– Não fazia ideia que houvesse tanta gente, ou tanto barulho, no mundo inteiro – exclamou Dorothy, enquanto esperavam num dos cais do porto de Nova Iorque.

Um enxame de estivadores que carregavam às costas baús presos por correias de couro subia e descia numa azáfama constante as pranchas de embarque de dúzias de navios; as gruas gemiam e rangiam enquanto levantavam dos pontões de madeira pesadas redes de carga e as faziam passar por cima das amuradas para o fundo dos porões. As ordens gritadas dos oficiais misturavam-se com os risos rudes dos marinheiros e os convites lascivos de mulheres vestidas de forma garbada que esperavam nos cais que eles desembarcassem.

– É excitante – disse Victoria, vendo os baús que continham todos os seus bens terrenos serem levados para bordo do *Gull* por um par de robustos estivadores.

Dorothy acenou em concordância, mas a tristeza ensombrecia-lhe o rosto.

– É, mas não consigo esquecer que no fim da viagem seremos separadas e a culpa é toda da nossa bisavó. Por que razão terá recusado receber-te em sua casa?

– Não sei, mas não te preocupes com isso – disse Victoria, com um sorriso encorajador. – Pensa só em coisas agradáveis. Olha para o East River. Fecha os olhos e cheira o ar salgado.

Dorothy fechou os olhos e inspirou fundo, mas franziu o nariz.

– Só me cheira a peixe morto. Tory, se a nossa bisavó te conhecesse, *tenho a certeza* de que havia de querer receber-te. Não pode ser cruel e insensível ao ponto de nos separar. Falar-lhe-ei de ti e fá-la-ei mudar de ideias.

– Não faças nem digas nada que a irrite – avisou Victoria, num tom suave. – De momento, tu e eu dependemos totalmente dos nossos parentes.

– Não vou irritá-la, se puder evitá-lo – prometeu Dorothy –, mas deixarei bem claro, nas mais pequeninas coisas, que o que ela deve fazer é chamar-te imediatamente. – Victoria sorriu, mas permaneceu silenciosa, e, passado um instante, Dorothy suspirou. – Há uma pequena consolação em ser levada para Inglaterra... Mr. Wilhelm disse que, com mais prática e muito trabalho, posso vir a ser uma pianista de concerto. Disse que em Londres há excelentes professores que saberão ensinar-me e guiar-me. Vou pedir, não, vou *insistir*, que a nossa bisavó me deixe prosseguir uma carreira musical – rematou Dorothy, exibindo uma determinação que poucas pessoas suspeitariam que existisse por detrás da sua doce e complacente fachada.

Victoria absteve-se de apontar os obstáculos que lhe acudiam ao espírito enquanto considerava a decisão de Dorothy. Com a sabedoria do seu ano e meio a mais, limitou-se a dizer:

– Não insistas com demasiado vigor, querida.

– Serei discreta – prometeu Dorothy.

CAPÍTULO 4

—Miss Dorothy Seaton? — perguntou educadamente o cavalheiro, afastando-se para o lado quando três marinheiros ingleses robustos com pesados sacos suspensos dos ombros passaram por ele e se afastaram pelo cais.

— Sou eu — disse Dorothy, com a voz a tremer de receio e excitação enquanto olhava para o homem de cabelos brancos impecavelmente vestido.

— Recebi instruções de sua graça a duquesa de Claremont para acompanhá-la até sua casa. Onde estão os seus baús?

— Aqui — respondeu Dorothy. — É só um.

O cavalheiro olhou por cima do ombro e dois lacaios de libré saltaram do estribo traseiro de uma refulgente carruagem negra que ostentava na porta um brasão dourado e avançaram rapidamente.

— Nesse caso, podemos pôr-nos a caminho — disse o homem, enquanto o baú era levantado do chão e amarrado ao tejadilho da carruagem.

— Mas e a minha irmã? — perguntou Dorothy, agarrada à mão de Victoria com o desespero do terror.

— Estou certo de que as pessoas que vêm buscar a sua irmã chegarão em breve. O vosso navio chegou quatro dias antes da data prevista.

— Não te preocupes comigo — disse Victoria, com uma jovial confiança que estava muito longe de sentir. — De certeza que a carruagem do duque deve estar a aparecer. Entretanto, o comandante Gardiner deixa-me ficar a bordo. Vai andando.

Dorothy enlaçou a irmã num apertado abraço.

— Tory, hei de arranjar maneira de convencer a nossa bisavó a convidar-te para ficar connosco, vais ver. Tenho tanto medo. Não te esqueças de escrever. Escreve todos os dias!

Victoria ficou onde estava, a ver Dorothy subir elegantemente para o luxuoso coche com o brasão dourado na porta. A pequena escada foi recolhida, o cocheiro fez estalar o chicote e os quatro cavalos puseram-se em movimento, enquanto Dorothy acenava da janela.

Empurrada por marinheiros que abandonavam o navio desejosos de encontrar «boa cerveja e boas mulheres», Victoria deixou-se ficar no cais, a seguir com os olhos a carruagem que se afastava. Nunca em toda a sua vida se sentira tão completamente sozinha.

Passou os dois dias seguintes numa penosa solidão no seu camarote, um tédio interrompido apenas por curtos passeios no convés e pelas refeições com o comandante Gardiner, um homem encantador e paternal que parecia apreciar enormemente a sua companhia. Tinha passado uma porção considerável de tempo com ele ao longo das últimas semanas, e tinham partilhado dúzias de refeições durante a demorada viagem. Ele sabia das razões que a levavam a Inglaterra e ela considerava-o um recém-descoberto amigo.

Quando, na manhã do terceiro dia, não tinha ainda aparecido qualquer carruagem para a transportar

até Wakefield Park, o comandante Gardiner resolveu chamar a si a solução do problema e alugou uma.

– Chegámos mais cedo do que o previsto, o que raramente acontece – explicou. – É possível que o seu primo só se lembre de mandar alguém daqui a mais um ou dois dias. Eu tenho assuntos a tratar em Londres e não posso deixá-la a bordo sem proteção. Estará lá em menos tempo do que demoraria avisar o seu primo da sua chegada e esperar que ele enviasse alguém para vir buscá-la.

Durante longas horas, Victoria estudou a paisagem inglesa engalanada com os seus mágicos esplendores primaveris. Flores amarelas e cor-de-rosa cresciam em profusão nas sebes que demarcavam a estrada que corria por montes e vales. Não obstante as sacudidelas a que era sujeita sempre que as rodas do veículo passavam por cima de um sulco ou de um alto, sentia-se mais animada à medida que os quilómetros se sucediam. O cocheiro bateu no alçapão do tejadilho e instantes depois o seu rosto corado apareceu na abertura.

– Estamos a cerca de três quilómetros, minha senhora, de modo que se desejar...

Pareceu acontecer tudo ao mesmo tempo. A roda entrou num sulco fundo, a carruagem inclinou-se bruscamente para um lado, a cabeça do cocheiro desapareceu e Victoria foi projetada para o chão numa confusão de saias. Um instante mais tarde, a porta abriu-se e o cocheiro ajudou-a a apear-se.

– Magoou-se? – perguntou o homem.

Victoria abanou a cabeça, mas antes que pudesse dizer uma palavra, o cocheiro voltou-se para dois homens vestidos como trabalhadores agrícolas que retorciam os barretes nas mãos, com um ar embaraçado.

– Idiotas! Qual foi a ideia de se atravessarem na estrada daquela maneira! Vejam o que fizeram, tenho o eixo partido...

O resto do que disse foi entremeado por um chorrilho de pragas.

Victoria voltou delicadamente as costas à ruidosa altercação e tentou sem êxito sacudir das saias o pó e a porcaria que tinham recolhido do chão da carruagem. O cocheiro rastejou para debaixo do veículo para inspecionar o eixo partido, e um dos agricultores aproximou-se de Victoria, ainda a retorcer o maltratado barrete.

– Eu e o Jack pedimos muita desculpa, minha senhora – disse. – Podemos levá-la até Wakefield Park... se não se importar que ponhamos o seu baú lá atrás com aqueles leitões.

Grata por não ter de fazer a pé três quilómetros, Victoria apressou-se a aceitar. Pagou ao cocheiro com o dinheiro para as despesas de viagem que Charles Fielding lhe tinha enviado e trepou para o banco da carroça, instalando-se entre os dois robustos camponeses. Viajar num carroção de quinta, apesar de menos elegante do que num coche, era pouco mais sacudido e bastante mais confortável. A brisa fresca refrescava-lhe a cara e tinha uma visão desimpedida da magnífica paisagem.

Com a sua habitual e despretensiosa simpatia, não tardou a envolver-se com os dois homens numa animada conversa a respeito de agricultura, um assunto de que sabia muito pouco e estava muito disposta a aprender mais. Como seria de esperar, os camponeses ingleses opunham-se violentamente à implementação de máquinas na agricultura. «Vão deixar-nos a todos sem trabalho», disse um deles, no final de uma apaixonada condenação «dessas coisas infernais».

Victoria mal ouviu esta última frase, porque entretanto o carroção tinha virado para um caminho pavimentado e passado pelo meio de dois imponentes portões de ferro forjado, para lá dos quais se estendia um parque bem cuidado e aparentemente interminável. O terreno, ondulado e pontuado por árvores altas, prolongava-se em todas as direções a perder de vista, atravessado aqui e ali por um

coleante ribeiro em cujas margens nasciam flores cor-de-rosa, azuis e brancas.

– Parece tirado de um conto de fadas! – ofegou Victoria em voz alta, enquanto passava o olhar espantado e cheio de admiração pelas margens, que mais pareciam canteiros, do pitoresco ribeiro e pela imensidão ondulada de terreno. – Devem ser precisas dúzias de jardineiros para tratar de um lugar deste tamanho.

– É verdade – disse Jack. – Sua senhoria tem quarenta, contando com os que tratam dos *verdadeiros* jardins... os jardins da casa, quero dizer.

Avançavam havia quinze minutos pelo caminho pavimentado quando o carroção dobrou uma curva e Jack apontou, orgulhoso:

– Lá está... Wakefield Park. Ouvi dizer que tem cento e sessenta divisões.

Victoria arquejou, abalada, com o estômago vazio contraído num apertado nó. À sua frente erguia-se, em todo o seu magnífico esplendor, uma mansão com três pisos que excedia em sumptuosidade tudo o que alguma vez pudesse ter imaginado. Construída em tijolo rosado, com grandes alas avançadas e telhados íngremes erizados de chaminés, era um autêntico palácio, com uma escadaria graciosa com vários patamares que subia até ao pórtico e a luz do sol a refletir-se nas centenas de vidraças das janelas maineladas.

O carroção deteve-se diante da casa e Victoria desviou o olhar o tempo suficiente para um dos camponeses a ajudar a apear-se.

– Obrigada, foram muito gentis – disse, e começou a subir os degraus. A apreensão transformava-lhe os pés em chumbo e os joelhos em geleia. Entretanto, os dois camponeses dirigiram-se à traseira do carroção para descarregar o pesado baú, mas quando baixaram o taipal, dois dos leitões saltaram, caíram no chão com um baque surdo e fugiram a correr e aos guinchos pelo relvado.

Victoria voltou-se ao ouvir os gritos dos camponeses e riu, nervosa, enquanto os dois homens, de rostos muito vermelhos, tentavam apanhar os velozes suínos.

À frente dela, a porta da mansão abriu-se e um homem de expressão dura e rígida, envergando uma libré verde e dourada, lançou um olhar espantado e ofendido aos camponeses, aos leitões e à poeirenta e desalinhada mulher que avançava para ele.

– As entregas – disse a Victoria, numa voz alta e severa – são feitas pelas *traseiras*.

E, erguendo o braço, apontou com um gesto imperioso para o caminho que contornava a casa. Victoria abriu a boca para explicar que não estava a fazer qualquer entrega, mas a sua atenção foi desviada por um pequeno leitão que tinha mudado de direção e corria direito a ela, perseguido por um ofegante e afogueado camponês.

– Leve aquele carroção, esses porcos e a sua pessoa daqui para fora! – trovejou o homem da libré.

Lágrimas de irreprimível divertimento subiram aos olhos de Victoria quando se inclinou e colheu nos braços o veloz fugitivo. A rir, tentou explicar:

– Senhor, não está a compre...

Northrup ignorou-a e olhou por cima do ombro para o laçao que aguardava no vestíbulo.

– Livre-se deles! Corra-os daqui para fora...

– Que diabo se passa aqui? – perguntou um homem com cerca de trinta anos e cabelos muito negros, saindo para o primeiro e amplo degrau do pórtico.

O mordomo apontou um dedo para a cara de Victoria, com as sobrancelhas a tremerem de ira.

– Esta mulher é...

– Victoria Seaton – interpôs Victoria, a tentar conter o riso enquanto a tensão, o cansaço e a fome

começavam a empurrá-la para perigosamente perto de uma histeria nervosa. Viu a expressão de indisfarçado choque no rosto do homem de cabelos negros ao ouvir o nome, e o medo que sentia irrompeu em hilaridade.

Sacudida por um riso incontrollável, voltou-se e transferiu o leitão, que não parava de contorcer-se, para os braços do atrapalhadíssimo camponês. Depois levantou um pouco a saia coberta de pó e tentou uma reverência.

– Receio que tenha havido um engano – disse, a conter o riso. – Vim...

A voz gelada do homem alto interrompeu-a a meio da reverência.

– O seu engano foi ter vindo para cá, Miss Seaton. No entanto, estamos demasiado perto do escurecer para mandá-la de volta para o lugar de onde veio – disse e, agarrando-a por um braço, empurrou-a rudemente para a frente.

Victoria perdeu no mesmo instante a vontade de rir; a situação deixou de lhe parecer muito divertida para se tornar horrivelmente macabra. Tímida, entrou num vestíbulo de mármore que se erguia à altura dos três pisos e era maior do que toda a sua casa em Nova Iorque. De ambos os lados, os dois braços de uma majestosa escadaria subiam com uma ampla curva para os andares superiores; lá muito no alto, uma enorme claraboia em abóbada banhava todo o espaço com uma suave luz rosada. Inclinou a cabeça para trás e olhou para o teto de vidro, três pisos acima. Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas e pareceu-lhe que a claraboia rodopiava num entontecedor turbilhão à medida que a exaustão e a angústia se apoderavam dela. Tinha viajado milhares de quilómetros através de um mar tempestuoso e estradas esburacadas à espera de ser recebida por um cavalheiro bondoso. Em vez disso, iam mandá-la de volta, para longe de Dorothy... A claraboia rodopiou diante dos olhos dela num confuso caleidoscópio de cores indistintas.

– Vai desmaiar! – avisou o mordomo.

– Oh, pelo amor de Deus! – exclamou o homem dos cabelos negros, e levantou-a do chão, pegando-lhe ao colo. O mundo já estava a voltar ao normal para Victoria quando ele começou a subir o braço direito da ampla escadaria de mármore.

– Ponha-me no chão – exigiu numa voz rouca, a contorcer-se de embaraço. – Sou perfeitamente...

– Esteja quieta! – ordenou ele. No patamar, virou à direita, entrou num quarto e foi direito a uma cama enorme rodeada por cortinados de seda azul e prateada suspensos de uma alta armação de madeira lavrada e presos nos cantos por cordões de veludo prateado. Sem uma palavra, deixou-a cair em cima da colcha de seda azul e empurrou-lhe os ombros para baixo quando ela tentou sentar-se.

O mordomo apareceu a correr, com as abas da casaca a adejar.

– Aqui tem, senhor... saís de cheiro – ofegou.

O homem arrancou-lhe o frasco das mãos e aproximou-o das narinas de Victoria.

– Não! – gritou ela, a torcer a cabeça para fugir ao terrível cheiro a amoníaco, mas a mão dele seguiu-lhe persistentemente o rosto. Em desespero, Victoria agarrou-lhe o pulso, num esforço para o manter à distância, enquanto ele fazia força para o empurrar na sua direção. – O que é que está a tentar fazer? – exclamou. – Obrigá-me a beber essa coisa?

– Que magnífica ideia – respondeu ele, sombrio, mas aliviou a pressão contra a mão que lhe segurava o pulso e afastou o frasco alguns centímetros. Exausta e humilhada, Victoria voltou a cabeça para o lado, fechou os olhos e engoliu audivelmente, a tentar conter as lágrimas que lhe enchiam a garganta. Voltou a engolir.

– Espero sinceramente – disse ele numa voz baixa e arrastada – que não esteja a pensar em vomitar nesta cama, porque aviso-a desde já que se o fizer vai ter de a limpar.

Victoria Elizabeth Seaton – o resultado de dezoito anos de uma cuidada educação que tinha, até àquele momento, produzido uma jovem amável e encantadora – voltou lentamente a cabeça na almofada e olhou para ele com fria animosidade.

– O seu nome é Charles Fielding?

– Não.

– Nesse caso, faça o favor de sair desta cama, ou permitir que eu o faça.

As sobancelhas dele juntaram-se quando olhou para aquela criatura rebelde, que por sua vez o fulminava com os seus olhos azuis brilhantes. Os cabelos alastravam pela almofada como uma chama de ouro líquido, desordenadamente encaracolados nas têmporas e a emoldurar um rosto que parecia ter sido esculpido em porcelana por um mestre. As pestanas eram incrivelmente compridas, os lábios rosados e macios como...

De repente, o homem endireitou-se e saiu do quarto, seguido pelo mordomo. A porta fechou-se atrás dos dois e Victoria ficou sozinha no meio de um silêncio ensurdecedor.

Sentou-se devagar, passou as pernas por cima da beira da cama e pôs-se de pé, cautelosa, com medo de que a tontura voltasse. Um desespero aturdido fazia-a sentir-se gelada, mas as pernas mantiveram-se firmes e ela olhou em redor. À sua esquerda, cortinados azul-claros decorados com fio de prata estavam puxados para trás, emoldurando toda uma parede de janelas maineladas; no extremo oposto do quarto, dois sofás às riscas azuis e prateadas formavam ângulos retos com a elaborada lareira. A frase «esplendor decadente» acudiu-lhe ao espírito enquanto sacudia o pó da saia, lançava mais um olhar ao quarto e voltava a sentar-se, quase a medo, em cima da colcha de seda azul.

Um terrível nó de desolação apertou-lhe a garganta. Pousou no colo as mãos entrelaçadas e tentou pensar no que fazer a seguir. Era evidente que ia ser devolvida a Nova Iorque como uma peça de bagagem indesejada. Por que motivo, então, a teria o duque, seu primo, feito ir até ali? Onde estava ele? *Quem* era ele?

Não podia procurar refúgio junto de Dorothy e da bisavó porque, na nota que enviara ao Dr. Morrison, a duquesa deixara bem claro que Dorothy, e só Dorothy, seria bem-vinda em sua casa. Victoria franziu a testa, cavando na pele lisa uma ruga de confusão. Uma vez que fora o homem de cabelos escuros que a carregara escada acima, talvez fosse *ele* o criado e o homem forte e de cabelos brancos que abrira a porta o duque. À primeira vista, presumira que se tratava de um servidor de elevada condição – como Mrs. Tilden, a governanta que era quem recebia sempre as visitas em casa de Andrew.

Alguém bateu à porta e Victoria saltou da cama, como se tivesse sido apanhada em falta. Alisou com cuidado a colcha de seda antes de dizer:

– Entre.

Era uma criada, de vestido preto e avental e touca brancos e rígidos de goma, que tinha nas mãos uma bandeja de prata. Seis outras criadas com uniformes idênticos mas transportando baldes de água a ferver entraram atrás dela, como marionetas. A fechar o cortejo, dois lacaios de libré verde debruada a ouro carregavam o baú.

A primeira criada pousou a bandeja na mesa entre os dois sofás, enquanto as restantes desapareciam numa divisão contígua e os lacaios depositavam a mala aos pés da cama. Um minuto

mais tarde, voltaram a sair em fila indiana, fazendo lembrar a Victoria soldadinhos de madeira animados. A criada que levava a bandeja, a única que ficara, voltou-se para Victoria, que continuava de pé, com um ar embaraçado, junto à cama.

– Aqui tem qualquer coisa para comer, menina – disse a rapariga; o rosto mantinha-se cuidadosamente inexpressivo, mas a voz tímida era agradável.

Victoria dirigiu-se a um dos sofás e sentou-se. A visão da torrada com manteiga e da chávena de chocolate quente pôs-lhe água na boca.

– Sua senhoria disse para tomar um banho – continuou a criada, e começou a dirigir-se à divisão contígua. Victoria fez uma pausa, com a chávena de chocolate a meio caminho da boca.

– Sua senhoria? – repetiu. – Está a falar do... cavalheiro... que vi à porta? Forte e com cabelos brancos?

– Santo Deus, não! – exclamou a rapariga, e lançou-lhe um olhar espantado. – Esse é Mr. Northrup, o mordomo, menina.

O alívio de Victoria foi de curta duração, porque a criada acrescentou:

– Sua senhoria é um homem alto, de cabelos escuros e encaracolados.

– E *ele* disse para eu tomar um banho? – perguntou Victoria, eriçada.

A rapariga assentiu com a cabeça e corou.

– Bem, a verdade é que estou a precisar – admitiu Victoria, relutante. Comeu a torrada, acabou de beber o chocolate, e em seguida dirigiu-se à divisão contígua, onde a criada estava a deitar saís de banho perfumados numa banheira cheia de água a ferver. Enquanto despia com gestos lentos o vestido sujo da viagem, pensava na curta nota que Charles Fielding lhe enviara, a convidá-la para viajar até Inglaterra. Parecera desejoso de recebê-la. «*Venha imediatamente, minha querida*», escrevera. «*É mais do que bem-vinda – é ansiosamente esperada.*» Talvez não a mandassem embora, ao fim e ao cabo. Talvez «sua senhoria» tivesse feito uma confusão qualquer.

A criada ajudou-a a lavar a cabeça e em seguida segurou uma toalha macia e felpuda em que Victoria se embrulhou ao sair da banheira.

– Vou levar as suas roupas, menina, e abrir a cama, caso queira dormir um pouco.

Victoria sorriu-lhe e perguntou-lhe como se chamava.

– Como me chamo? – repetiu a rapariga, como que espantada por ela querer saber. – Bem... chamo-me Ruth.

– Obrigada, Ruth – disse Victoria –, por levar as minhas roupas.

Um profundo rubor de prazer coloriu a cara sardenta da rapariga, que fez uma rápida reverência e se encaminhou para a porta.

– O jantar é às oito – informou. – Sua senhoria raramente faz o horário do campo em Wakefield.

– Ruth – disse Victoria, embaraçada, antes que a criada saísse. – Há duas... hã... «suas senhorias»? Quer dizer, estava a pensar que Charles Fielding...

– Oh, está a referir-se a sua graça! – Ruth olhou por cima do ombro, como que com receio de ser ouvida, e revelou. – Ainda não chegou, mas esperamo-lo esta noite. Ouvi sua senhoria dizer ao Northrup para mandar avisar sua graça de que a menina chegou.

– Como é... hã... sua graça? – perguntou Victoria, sentindo-se tola ao usar aqueles títulos estranhos.

Ruth parecia prestes a descrevê-lo, mas então mudou de ideias.

– Peço desculpa, menina, mas sua senhoria não permite mexericos. E também estamos proibidos de

ter familiaridades com os convidados.

Fez mais uma reverência e saiu, num rumorejar de saias pretas engomadas.

Victoria ficou chocada pelo conhecimento de que, naquela casa, dois seres humanos não podiam conversar apenas porque um era um criado e o outro um convidado, mas tendo em conta o seu breve encontro com «sua senhoria», não lhe custava nada imaginá-lo a promulgar tão desumano édito.

Tirou a camisa de noite do guarda-fato, enfiou-a por cima da cabeça e subiu para a cama, deslizando para o meio dos lençóis. A suave seda acariciou-lhe a pele nua dos braços e a cara enquanto pedia a Deus numa cansada prece que Charles Fielding se revelasse um homem mais simpático e bondoso do que a outra senhoria. As pestanas escuras e compridas de Victoria estremeceram e baixaram, pousando nas suas faces como dois leques encaracolados, e ela adormeceu.

CAPÍTULO 5

A luz do sol entrava pelas janelas abertas e uma suave brisa soprava no quarto, acariciando ao de leve as faces de Victoria. Algures lá em baixo os cascos de um cavalo ressoaram num caminho pavimentado e duas aves pousaram ao mesmo tempo num dos peitoris, envolvendo-se numa ruidosa discussão sobre direitos territoriais. Os seus irados trilos penetraram pouco a pouco o sono de Victoria, arrancando-a a sonhos felizes da sua terra natal.

Ainda meio adormecida, rolou até ficar voltada de barriga para baixo e enterrou a cara na almofada. Em vez do pano um tudo-nada áspero da fronha da sua almofada habitual, que cheirava a sol e a sabão, sentiu no rosto a suavidade da seda. Vagamente consciente de que não se encontrava na sua cama, com a mãe lá em baixo na cozinha a preparar o pequeno-almoço, fechou os olhos com força, a tentar recuperar a felicidade dos seus sonhos tranquilos, mas era demasiado tarde. Relutante, voltou a cabeça e abriu os olhos.

À luz brilhante do meio da manhã, olhou para os cortinados azuis e prateados que envolviam a cama como que num casulo de seda, e de repente lembrou-se. Estava em Wakefield Park e tinha dormido a noite inteira.

Afastou os cabelos desgrenhados dos olhos, levantou o tronco até ficar sentada e recostou-se nas almofadas.

– Bom dia, menina – disse Ruth, de pé ao lado da cama.

Victoria abafou um grito de surpresa.

– Não queria assustá-la – desculpou-se apressadamente a pequena criada –, mas sua graça está lá em baixo e mandou-me perguntar-lhe se deseja fazer-lhe companhia ao pequeno-almoço.

Muito encorajada pela notícia de que o seu primo, o duque, queria vê-la, Victoria afastou com um gesto decidido as roupas da cama.

– Engomei os seus vestidos – disse Ruth, abrindo o armário. – Qual deseja usar?

Victoria escolheu o melhor dos cinco: de suave musselina preta, com um fundo decote quadrado, embelezado por minúsculas rosas brancas que bordara cuidadosamente nas mangas compridas e na orla da saia durante a longa viagem. Recusando a ajuda de Ruth, enfiou o vestido por cima dos saíotes e atou a larga faixa preta à volta da cintura fina.

Enquanto Ruth fazia a cama e arrumava o quarto imaculado, Victoria sentou-se no banco em frente do toucador e escovou o cabelo.

– Estou pronta – disse a Ruth pondo-se de pé, com os olhos brilhantes de esperançosa expectativa e um rubor saudável nas faces. – Importa-se de me dizer onde posso encontrar... hã... sua graça?

Sentiu os pés afundarem-se na espessa alcatifa vermelha enquanto descia atrás de Ruth a escadaria de mármore e atravessava o vestíbulo em direção a um par de imponentes portas de mogno ricamente lavrado ao lado das quais dois lacaios de libré se mantinham imóveis como sentinelas. Antes que tivesse tempo de inspirar fundo para se acalmar, os lacaios abriram as portas com um silencioso

floreado, e Victoria deu por si a entrar numa sala que devia ter mais de vinte e sete metros de comprimento, dominada por uma comprida mesa de mogno colocada sob três gigantescos lustres de cristal. Ao princípio pensou que a sala estava deserta, enquanto passava o olhar pelas cadeiras de espaldar alto e forradas a veludo dourado alinhadas ao longo da interminável mesa. Então ouviu um restolhar de papel vindo da cadeira colocada diante da cabeceira mais próxima. Incapaz de ver o ocupante, avançou devagar até ao seu lado e deteve-se.

– Bom dia – disse, em voz baixa.

Charles Fielding voltou a cabeça para olhar para ela, e a cor fugiu-lhe do rosto.

– Meu Deus! – ofegou, e pôs-se lentamente de pé, com os olhos fixos na exótica e jovem beldade que tinha à sua frente. Viu Katherine tal e qual como era tantos anos antes. Que bem recordava, e com quanto amor, o rosto incrivelmente belo, de ossos delicados e sobranceiras arqueadas, as pestanas compridas e densas que sombreavam os olhos que pareciam safiras enormes e iridescentes. Reconheceu a boca suave e sorridente, o nariz pequeno e elegante, a minúscula e encantadora covinha no queixo voluntarioso e a gloriosa massa de cabelo ruivo que caía sobre os ombros num desordenado abandono. Pousou a mão esquerda no espaldar da cadeira, para se apoiar, e estendeu-lhe a direita, que tremia. – Katherine... – murmurou.

Sem saber muito bem o que fazer, Victoria aceitou a mão que lhe era oferecida, e os dedos compridos fecharam-se com força à volta dos dela.

– Katherine – voltou ele a murmurar numa voz rouca, e Victoria viu-lhe nos olhos o brilho de lágrimas.

– A minha mãe chamava-se Katherine – disse ela, suavemente.

A força com que ele lhe apertava a mão era quase dolorosa.

– Sim – sussurrou. Tossicou para limpar a garganta e a voz tornou-se-lhe quase normal. – Sim, claro – disse, e abanou a cabeça, como que para dissipar uma qualquer névoa. Era muito alto, reparou Victoria, e muito magro, com uns olhos cor de avelã que lhe estudavam as feições com minuciosa atenção. – És então a filha da Katherine – disse.

Victoria assentiu com a cabeça, sem saber muito bem o que pensar.

– Chamo-me Victoria.

Uma estranha ternura brilhou nos olhos dele.

– E eu Charles *Victor* Fielding.

– Estou... estou a ver – gaguejou ela.

– Não, não estás. – Sorriu, um sorriso suave que o fez parecer décadas mais novo. – Não estás a ver nada. – E então, sem aviso, envolveu-a num apertado abraço. – Bem vinda a casa, criança – disse, com uma voz que a emoção embargava, enquanto lhe dava palmadinhas nas costas e a apertava contra o peito. – Bem vinda.

E, estranhamente, Victoria sentiu que talvez tivesse mesmo chegado a casa.

Ele largou-a com um sorriso embaraçado e puxou uma cadeira para ela.

– Deves estar cheia de fome. O'Malley! – gritou ao criado que se mantinha de pé junto a um aparador carregado de travessas de prata tapadas. – Estamos os dois famintos.

– Sim, vossa graça – respondeu o criado, voltando-se e começando a preparar dois pratos.

– Peço sinceras desculpas por não ter um coche à tua espera quando chegaste – continuou Charles.

– Nunca me passou pela cabeça que chegasses mais cedo... os navios vindos da América costumam atrasar-se, segundo me disseram. E então, fizeste uma boa viagem? – perguntou, enquanto o lacaio

colocava à frente dela um prato com ovos, batatas, rins salteados, fiambre e pão branco e estaladiço.

Victoria olhou para a panóplia de elaborados talheres dourados dispostos de ambos os lados do prato e dirigiu uma silenciosa oração de graças à mãe por tê-las ensinado, a ela e a Dorothy, a usar devidamente todos eles.

– Sim, foi muito agradável – respondeu com um sorriso, e então acrescentou, com embaraçada timidez: – Vossa graça.

– Santo Deus – disse Charles, a rir. – Não me parece que precisemos de estar com tanta cerimónia. Porque se precisarmos, terei de tratar-te por condessa Langston ou Lady Victoria. Não gostaria nada, sabes. Prefiro «tio Charles» para mim e «Victoria» para ti. O que é que dizes?

Victoria deu por si a responder à simpatia dele com um afeto que começava já a lançar fundas raízes no seu coração.

– Gostaria muito. Tenho a certeza de que nunca me lembraria de responder pelo nome de condessa Langston... quem quer que ela fosse... e Lady Victoria também não tem nada a ver comigo.

Charles lançou-lhe um olhar estranho e pousou o guardanapo no colo.

– Mas és ambas. A tua mãe era a única filha do conde e da condessa de Langston. Morreram os dois quando era muito nova, mas o título era de origem escocesa e passou para ela. Tu és a filha mais velha, o que significa que é agora teu.

Os olhos de Victoria brilharam, divertidos.

– E que hei de *eu* fazer com ele?

– O que todos nós fazemos – respondeu ele, e riu. – Exibi-lo. – Fez uma pausa enquanto O'Malley lhe colocava um prato à frente. – Na realidade, penso que há uma pequena propriedade na Escócia que acompanha o título. Ou talvez não. O que foi que a tua mãe te disse?

– Nada. A mamã nunca falava de Inglaterra ou da sua vida aqui. Eu e a Dorothy sempre presumimos que era... bem, uma pessoa vulgar.

– Não havia nada «vulgar» na tua mãe – disse ele, e Victoria detetou e estranhou a nota de emoção que lhe vibrava na voz, mas quando começou a interrogá-lo a respeito da vida da mãe em Inglaterra, Charles abanou a cabeça e disse, num tom ligeiro: – Um dia hei de contar-te... tudo. Mas não já. Por agora, tratemos de nos conhecer um ao outro.

Uma hora passou com incrível rapidez enquanto Victoria respondia às perguntas, sempre formuladas da maneira mais simpática, de Charles. No fim do pequeno-almoço, apercebeu-se de que ele conseguira arrancar-lhe um retrato exato do que fora a sua vida até ao momento em que aparecera à porta da mansão com um leitão a guinchar nos braços. Tinha-lhe falado dos habitantes da povoação, do pai, e de Andrew. Por qualquer razão, a referência aos dois últimos parecera desanimá-lo severamente, apesar de serem as duas pessoas em que se mostrara mais interessado.

– Confesso que estou um pouco confuso a respeito da questão do teu noivado com esse tal Andrew Bainbridge – disse Charles quando ela acabou, com uma funda ruga a atravessar-lhe a testa. – A carta que recebi do teu amigo, o Dr. Morrison, não lhe fazia qualquer referência. Muito pelo contrário, dizia que tu e a tua irmã estavam sozinhas no mundo. O teu pai concordava com esse noivado?

– Sim e não – respondeu Victoria, a perguntar-se porque estaria ele tão perturbado. – Eu e o Andrew conhecíamos-nos desde sempre, mas o papá insistia que eu só ficasse formalmente noiva depois de fazer dezoito anos. Achava que era um compromisso demasiado sério para ser tomado por uma mulher mais nova.

– Muito sensato – concordou Charles. – No entanto, fizeste dezoito anos antes da morte do teu pai,

e apesar disso não ficaste formalmente noiva do Bainbridge, correto?

– Bem, sim.

– Porque o teu pai continuou a recusar o seu consentimento?

– Não exatamente. Pouco depois dos meus anos, Mrs. Bainbridge, a mãe do Andrew, que é viúva, propôs ao meu pai que o Andrew fizesse uma versão abreviada do Grand Tour para testar os nossos sentimentos e proporcionar-lhe aquilo a que chamou «uma última oportunidade para se divertir». O Andrew achou que a ideia era um perfeito disparate, mas o meu pai concordou com Mrs. Bainbridge.

– A mim parece-me que o teu pai estava extremamente relutante em deixar-te casar com esse jovem. Ao fim e ao cabo, vocês conheciam-se desde crianças, de modo que não havia verdadeira necessidade de testar os vossos sentimentos. Isso soa muito mais a desculpa do que a razão. E já agora, parece-me que a mãe do Andrew também se opõe ao casamento.

Victoria teve o pressentimento de que o duque estava a criar um antagonismo contra Andrew, o que não lhe deixou outro remédio senão explicar toda a embaraçosa verdade.

– O papá não tinha dúvidas de que o Andrew seria um excelente marido para mim. O que tinha era muitas dúvidas quanto à minha vida com a minha futura sogra. Mrs. Bainbridge é viúva, e muito ligada ao Andrew. Além disso, é propensa a todo o género de doenças que lhe azedam um pouco o feitio.

– Ah – disse Charles, no tom de quem compreendia. – E até que ponto são graves essas doenças?

Victoria sentiu-se corar.

– Segundo o que o meu pai lhe disse numa ocasião em que eu estava presente, são fingidas. Quando era muito nova, teve uma certa fraqueza do coração, mas o papá dizia que sair da cama seria muito melhor para ela do que ficar deitada a ter pena de si mesma. Eles... não gostavam muito um do outro, está a ver.

– Sim, e compreendo porquê! – Charles riu. – O teu pai tinha todas as razões para levantar obstáculos ao teu casamento, minha querida. A tua vida teria sido muito infeliz.

– Não, não vou ser infeliz – disse Victoria com firmeza, determinada a desposar Andrew com ou sem a aprovação do duque. – O Andrew sabe que a mãe usa as suas doenças para tentar manipulá-lo e não permite que isso o impeça de fazer o que quer. Só concordou com esta viagem porque o meu pai insistiu que a fizesse.

– Recebeste muitas cartas dele?

– Só uma, mas, o Andrew partiu para a Europa apenas quinze dias antes de os meus pais terem tido o acidente, há três meses, e esse é o tempo que as cartas levam a chegar à Europa, e vice-versa. Escrevi-lhe, a contar o que tinha acontecido, e voltei a escrever antes de vir para Inglaterra, para lhe dar a minha nova morada. Calculo que neste momento vá a caminho de casa, convencido de que vai salvar-me. Eu queria ficar em Nova Iorque e esperar pelo regresso dele, o que teria sido muito mais simples para toda a gente, mas o Dr. Morrison não concordou. Estava convencido, sabe-se lá porquê, de que os sentimentos do Andrew não tinham resistido à prova do tempo. Deve ter sido o que Mrs. Bainbridge lhe disse, porque, suponho, é o género de coisa que ela faria. – Victoria suspirou e olhou pelas janelas. – Gostaria muito mais que o Andrew casasse com alguém mais importante do que a filha de um médico sem um tostão.

– Ou melhor ainda, que não casasse com ninguém e ficasse amarrado a ela? – sugeriu o duque, de sobranceiras arqueadas. – Uma viúva que finge doenças parece-me ser alguém do género possessivo

e dominador.

Victoria não podia negá-lo, de modo que em vez de condenar a futura sogra, optou por abster-se caridosamente de comentar aquele ponto.

– Houve pessoas da povoação que se ofereceram para me receber em casa delas até ao regresso do Andrew, mas essa solução não me pareceu muito boa. Entre outras coisas, se o Andrew voltasse e me encontrasse nessa situação, teria ficado furioso.

– Contigo? – perguntou sua graça, de sobrolho carregado de irritação contra o pobre Andrew.

– Não, com a mãe, por não ter insistido que eu ficasse em casa deles.

– Oh – disse ele, mas apesar de a explicação ilibar Andrew de qualquer possível culpa, pareceu deprimi-lo. – O rapaz parece um perfeito paradigma de virtudes – resmungou.

– Vai gostar muito dele – previu Victoria, a sorrir. – Há de vir buscar-me para me levar para casa, vai ver.

Charles deu-lhe uma palmadinha na mão.

– Esqueçamos o Andrew, de momento, e congratulemo-nos por estares em Inglaterra. Diz-me, o que é que tens achado até agora...

Victoria disse-lhe que gostara muito do que tinha visto, e Charles respondeu descrevendo a vida que planeava para ela. Para começar, queria que tivesse um guarda-roupa novo e uma criada de quarto para a ajudar. Victoria preparava-se para recusar quando viu a figura sombria e ameaçadora que avançava para a mesa com a segurança silenciosa de um perigoso animal selvagem, com as calças de camurça a moldarem-lhe as pernas e coxas musculosas, a camisa branca aberta a mostrar o pescoço bronzeado. Naquela manhã, pareceu-lhe ainda mais alto do que na tarde anterior, esbelto e com uma magnífica constituição física. O cabelo negro denso era ligeiramente encaracolado, o nariz reto, a boca firme bem desenhada. Na realidade, se não fosse a arrogante autoridade estampada na dura linha do queixo e o desdém refletido nos olhos verdes e frios, e tê-lo-ia achado quase assustadoramente atraente.

– Jason! – exclamou Charles, caloroso. – Deixa-me apresentar-te a Victoria como é devido. O Jason é meu sobrinho – acrescentou, dirigindo-se a ela.

Sobrinho! Esperara que fosse apenas uma visita, mas era um parente que provavelmente vivia naquela casa, apercebia-se agora. O conhecimento fê-la sentir um ligeiro mal-estar, ao mesmo tempo que o orgulho a forçava a erguer o queixo e enfrentar com aparente calma o olhar duro de Jason. Respondendo à breve apresentação com um seco aceno de cabeça, ele sentou-se diante dela, do outro lado da mesa, e olhou para O'Malley.

– Será demasiado esperar que ainda haja alguma coisa que comer?

O lacaios estremeceu.

– Não, senhor, não há. Quero dizer, há muito que comer, mas receio que esteja frio. Vou à cozinha dizer ao cozinheiro que prepare qualquer coisa quente – disse, e apressou-se a sair.

– Jason – disse Charles –, acabo de sugerir à Victoria que devia ter uma criada de quarto e um guarda-roupa mais adequado...

– Não – disse Jason, secamente.

O impulso de fugir dali para fora sobrepôs-se a todos os outros instintos de Victoria.

– Se me dá licença, tio Charles – disse –, tenho... tenho umas coisas que fazer.

Charles lançou-lhe um olhar que era ao mesmo tempo um agradecimento e um pedido de desculpa, e pôs-se delicadamente de pé quando ela se levantou, mas o horroroso sobrinho limitou-se a

recostar-se na cadeira e ficar a vê-la retirar-se com entediada aversão.

– Tens de compreender que nada disto é culpa da Victoria – começou Charles a dizer enquanto os lacaios fechavam a porta.

– A sério? – respondeu Jason, sarcástico. – E essa mendiga choramingas sabe que esta é a minha casa e que eu não a quero cá?

As portas fecharam-se, mas Victoria tinha ouvido o suficiente. *Uma mendiga! Uma mendiga choramingas!* A humilhação abateu-se sobre ela em vagas nauseantes enquanto corria cegamente pelo corredor. Ao que parecia, Charles tinha-a convidado para ali sem o consentimento do sobrinho.

O rosto de Victoria estava pálido mas determinado quando entrou no quarto e abriu o baú.

Na sala de jantar, Charles continuava a tentar argumentar com o empedernido cético sentado à sua frente.

– Jason, não estás a compreender...

– Foi o senhor que a trouxe para Inglaterra – interrompeu-o Jason. – Se gosta assim tanto dela, leve-a para Londres e ela que viva consigo.

– Não posso fazer uma coisa dessas! – protestou Charles, veemente. – Ainda não está pronta para enfrentar a alta velocidade. Há muito a fazer antes que possa ser apresentada em Londres. Entre outras coisas, vamos precisar de uma mulher mais velha para lhe fazer companhia, para salvar as aparências.

Jason fez um brusco aceno de cabeça ao lacaios que pairava junto do seu cotovelo com a cafeteira de prata, à espera de autorização para servir, e mal o homem acabou mandou-o sair da sala. Voltou-se então para Charles e disse, num tom perentório:

– Quero-a fora daqui até amanhã... estamos esclarecidos? Leve-a para Londres ou mande-a para casa, mas tire-a daqui! Não vou gastar um cêntimo com ela. Se quer oferecer-lhe uma *saison* em Londres, vai ter de arranjar outra maneira de a pagar.

Charles esfregou as têmporas, num gesto de cansaço.

– Jason, eu sei que não és tão desapiedado e insensível como pareces agora. Deixa-me ao menos falar-te dela.

Jason recostou-se na cadeira e ficou a olhar para ele com uma expressão de gelado tédio enquanto Charles continuava, insistente.

– O pai morreu num acidente, há meses. Num único e trágico dia, a Victoria perdeu a mãe, o pai, a casa, a segurança... tudo. – Ao ver que Jason permanecia silencioso e inabalável, Charles perdeu a paciência. – Raios! Já esqueceste como te sentiste quando perdeste o Jamie? A Victoria perdeu as três pessoas que amava, incluindo o rapaz de quem estava meio noiva. É suficientemente tola para acreditar que o sujeito vai aparecer para a salvar nas próximas semanas, mas a mãe dele opõe-se ao casamento. Nota bem o que te digo, ele vai ceder aos desejos da mãe, agora que a Victoria está a um oceano de distância. Pensa no que ela está a sentir, Jason! A perda e a morte não te são desconhecidas... ou será que já esqueceste a dor?

As palavras de Charles tiveram força suficiente para fazer Jason encolher-se. Charles reparou nisto, e explorou a vantagem:

– Ela é uma criança perdida e inocente, Jason. Não lhe resta ninguém no mundo exceto eu... e tu, quer queiras quer não. Pensa nela como pensarias no Jamie nas mesmas circunstâncias. Mas a Victoria tem coragem, e orgulho. Por exemplo, apesar de ter rido do assunto, sei que a receção que aqui teve ontem a humilhou profundamente. Se pensar que não é desejada, arranjará maneira de se ir

embora. E se isso acontecer – terminou, numa voz carregada de tensão –, nunca to perdoarei. Juro que não!

Jason empurrou a cadeira para trás e pôs-se de pé, com o rosto duro e fechado.

– Ela não será por acaso fruto de mais uma das suas indiscrições?

Charles empalideceu.

– Santo Deus, não! – E ao ver que Jason mantinha a expressão cética, acrescentou, desesperado: – Pensa no que estás a dizer! Teria anunciado o teu noivado com ela se fosse minha filha?

Em vez de o acalmar, a garantia só serviu para lembrar a Jason o noivado que tanto o tinha enfurecido.

– Se o seu anjinho é tão inocente e corajoso, como foi que consentiu em vender-se para casar comigo?

– Ah, isso! – Charles agitou a mão, como se o assunto não tivesse a mínima importância. – Fiz o anúncio sem o conhecimento dela, não sabe nada a esse respeito. Chama-lhe excesso de entusiasmo da minha parte – disse, suavemente. – Garanto-te que ela não tem a mais pequena vontade de casar contigo. – A expressão glacial de Jason começou a suavizar-se e Charles apressou-se a tranquilizá-lo ainda mais. – Duvido que a Victoria te aceitasse, mesmo que tu a quisesses. És demasiado cético e empedernido e gasto para uma jovem bem educada e idealista como ela. Admirava o pai e disse-me abertamente que queria casar com um homem igual a ele: sensível, gentil e idealista. Tudo coisas que tu não és – continuou, tão empolgado pela quase vitória que nem se apercebia de que o seu discurso raiava o insulto. – Atrevo-me a dizer que se a Victoria soubesse que supostamente é tua noiva, caía para o lado! Mais depressa se matava do que...

– Já percebi a ideia – interrompeu-o Jason, num tom muito calmo.

– Ótimo – disse Charles, com um rápido sorriso. – Posso então sugerir que mantenhamos em segredo essa pequena questão do anúncio do noivado? Vou arranjar maneira de o cancelar sem causar embaraço a qualquer dos dois, mas não podemos fazê-lo já. – Jason semicerrou os olhos ao reparar no sorriso, e Charles pôs-se imediatamente sério. – Ela é uma criança, Jason... uma rapariguinha corajosa e orgulhosa a tentar fazer o melhor possível num mundo cruel que não está equipada para enfrentar. Cancelar o noivado tão pouco tempo depois de ter chegado é fazer dela o alvo da chacota de Londres inteira. Dirão que olhaste para ela e fugiste aos gritos.

A visão de uns brilhantes olhos azuis sombreados por grandes pestanas num rosto demasiado belo para ser real perpassou pelo espírito de Jason. Recordou o doce sorriso que lhe encurvara os lábios suaves minutos antes, quando ainda não se apercebera da presença dele na sala de jantar. Pensando bem, parecia na realidade uma criança vulnerável.

– Vai falar com ela, por favor – implorou Charles.

– Está bem, eu falo com ela – concordou Jason, secamente.

– Mas vais fazê-la sentir-se bem-vinda?

– Isso depende de como se comportar quando eu a encontrar.

No seu quarto, Victoria tirou outro braçado de roupas do armário enquanto as palavras de Jason Fielding lhe martelavam implacavelmente a cabeça. *MENDIGA choramingas... não a quero cá... MENDIGA choramingas...* Não, não tinha encontrado um novo lar, pensou, desesperada. O destino limitara-se a pregar-lhe uma cruel partida. Enfiou as roupas dentro do baú. Ao endireitar-se, voltou-se para o armário e deixou escapar uma exclamação assustada.

– O senhor! – engasgou-se, a olhar para a figura alta e sombria encostada ao umbral do lado de

dentro da porta, com os braços cruzados sobre o peito. Furiosa consigo mesma por tê-lo deixado ver o seu medo, ergueu o queixo, absolutamente determinada a não voltar a deixar-se intimidar por ele. – Alguém devia ter-lhe ensinado a bater antes de entrar num quarto.

– Bater? – repetiu ele, com cáustica ironia. – Quando a porta já está aberta? – Desviou a atenção para o baú aberto e arqueou uma sobrancelha. – Vai-se embora?

– Obviamente – replicou Victoria.

– Porquê?

– Porquê? – explodiu ela, incrédula. – Porque *não* sou uma mendiga choramingas e, para sua informação, *detesto* ser um fardo seja para quem for.

Em vez de fazer um ar culpado por ela ter ouvido o seu comentário rude, Jason pareceu moderadamente divertido.

– E a *si* ninguém lhe ensinou que é muito feio escutar às portas?

– Não precisei de escutar à porta – retorquiu Victoria. – O senhor estava a difamar-me em voz suficientemente alta para ser ouvido em Londres.

– Para onde tenciona ir? – perguntou ele, ignorando a crítica.

– Não tem nada a ver com isso.

– Faça-me a vontade! – bradou ele, com os seus modos a tornarem-se de repente frios e imperiosos.

Victoria lançou-lhe um olhar avaliador, de desafio. Ali encostado ao umbral, parecia perigoso e invencível. Os seus ombros eram largos, o peito poderoso, e as mangas enroladas da camisa branca mostravam uns antebraços bronzeados e muito musculosos cuja força ela já experimentara na tarde anterior, quando ele a carregara escadaria acima. Também sabia que tinha um feitio violento, e a julgar pela expressão ameaçadora dos duros olhos cor de jade, estava naquele preciso instante a ponderar a possibilidade de obrigá-la a responder. Para não lhe dar essa satisfação, respondeu, gélida.

– Tenho algum dinheiro. Encontrarei na aldeia um lugar onde ficar.

– A sério? – perguntou ele, sarcástico. – Só por curiosidade, quando se acabar esse «algum dinheiro», como é que vai viver?

– Trabalharei! – informou-o Victoria, a tentar desfazer-lhe a enfurecedora compostura.

Ele arqueou as sobrancelhas, numa expressão de sardónico divertimento.

– Mas que novidade... uma mulher que quer trabalhar. E diga- -me, que género de trabalho sabe fazer? – A pergunta estalou como um chicote. – Sabe lavrar um campo?

– Não...

– Sabe martelar um prego?

– Não.

– Sabe ordenhar uma vaca?

– Não!

– Nesse caso é inútil para as pessoas destas bandas, não é? – fez ele notar, implacável.

– Claro que não sou! – negou ela, com orgulho furioso. – Sei fazer imensas coisas. Sei costurar e cozinhar e...

– E pôr os aldeãos a coscuvilhar a respeito dos monstros dos Fielding que a puseram na rua? Esqueça – disse ele, arrogante. – Não o permitirei.

– Não me lembro de ter *pedido* a sua autorização – retorquiu Victoria.

Apanhado desprevenido, Jason ficou a olhar para ela. Homens adultos raramente se atreviam a desafiá-lo, e no entanto ali estava aquele nico de rapariga a fazer isso mesmo. Se a irritação que sentia não igualasse a surpresa, ter-lhe-ia apertado o queixo e sorrido da sua coragem. Reprimindo um impulso quase inaudito nele de suavizar as suas palavras, disse, num tom seco:

– Se quer mesmo ganhar o seu sustento, pode fazê-lo aqui.

– Lamento muito – respondeu Victoria, com enorme compostura –, mas não pode ser.

– Porque não?

– Porque não me imagino a fazer vénias e a tremer de medo sempre que o senhor passa, como os outros seus criados são obrigados a fazer. Aquele pobre homem com o dente estragado quase desmaiou há pouco quando...

– Quem? – perguntou Jason, com a ira momentaneamente substituída pela estupefação.

– Mr. O'Malley.

– Quem é Mr. O'Malley? – cuspiu ele, a controlar o mau génio com um esforço supremo.

Victoria revirou os olhos, enojada.

– Nem sequer sabe o nome dele, pois não? Mr. O'Malley é o lacaios que lhe serviu o pequeno-almoço, e tem a cara tão inchada...

Jason rodou sobre os calcanhares.

– O Charles quer que fique cá, assunto encerrado. – Antes de sair, deteve-se e voltou-se, e o seu olhar ameaçador pregou-a ao chão. – Se está a pensar em ir-se embora contrariando as minhas ordens, aconselho-a a não o fazer. Obrigá-me-ia ao incómodo de ir atrás de si, e não havia de gostar do que aconteceria quando a encontrasse, acredite no que lhe digo.

– Não tenho medo de si nem das suas ameaças – mentiu Victoria, a tentar passar em revista as suas alternativas. Não queria magoar Charles indo-se embora, mas o seu orgulho também não lhe permitia ser uma «mendiga» em casa de Jason. Ignorando o perigoso brilho dos olhos dele, continuou: – Fico, mas tenciono trabalhar para ganhar o meu sustento enquanto aqui estiver.

– Ótimo – rosnou Jason, sentindo que, sem que soubesse dizer como, era ela que estava a sair vencedora daquele conflito. Voltou-se mais uma vez para sair, mas a voz dela deteve-o.

– Posso saber qual será o meu salário?

Jason inspirou com força por entre os dentes cerrados.

– Está a *tentar* irritar-me?

– De modo nenhum. Só quero saber qual será o meu salário para poder fazer planos para o dia em que... – deixou a frase a meio, porque Jason já tinha saído.

O tio Charles mandou-lhe um recado a convidá-la para lhe fazer companhia ao almoço, que acabou por ser uma refeição muito agradável, uma vez que Jason não esteve presente. No entanto, o resto da tarde arrastou-se e, num acesso de irrequietude, Victoria resolver dar um passeio pelo exterior. O mordomo viu-a descer a escadaria e abriu a porta da frente. Querendo mostrar-lhe que não guardava ressentimentos pelo que acontecera no dia anterior, Victoria sorriu-lhe.

– Muito obrigada, hã...?

– Northrup – disse ele, de modo delicado e com o rosto cuidadosamente inexpressivo.

– Northrup? – repetiu Victoria, na tentativa de arrastá-lo para uma conversa. – É nome próprio ou apelido?

Os olhos dele encontraram os dela, e desviaram-se no mesmo instante.

– Hã... apelido, menina.

– Estou a ver – continuou ela, delicada. – E há quanto tempo trabalha aqui?

Northrup entrelaçou as mãos atrás das costas e inclinou-se para a frente nas pontas dos pés, com um ar solene.

– Há nove gerações que a minha família nasce e morre ao serviço dos Fielding, menina. Espero manter essa orgulhosa tradição.

– Oh – disse Victoria, tendo o cuidado de reprimir a vontade de rir que lhe dava o enorme orgulho que aquele homem sentia por desempenhar um trabalho que parecia não envolver nada de mais importante do que abrir e fechar portas.

Como se lhe tivesse lido os pensamentos, o mordomo acrescentou, rígido:

– Se tiver algum problema com o pessoal, menina, fale comigo. Como chefe dos criados, tratarei de que seja imediatamente resolvido.

– Tenho a certeza de que não será necessário. Todos os que aqui trabalham são muito eficientes – respondeu Victoria. Demasiado eficientes, pensou, enquanto saía para a luz do sol.

Atravessou o relvado fronteiro, e então mudou de direção e contornou o lado da casa com a intenção de visitar as cavalariças e ver os cavalos. Com a vaga ideia de usar maçãs para lhes conquistar as boas graças, chegou às traseiras e perguntou o caminho para a cozinha.

A gigantesca cozinha estava cheia de gente atarefada a enrolar massa em cima de mesas de madeira, a mexer panelas, a cortar legumes. No centro daquele caos, um homem muito gordo, com um avental imaculadamente branco, esgrimia uma enorme colher de pau, como um rei frenético esgrimiria um cetro, ao mesmo tempo que gritava ordens em inglês e em francês.

– Desculpe – disse Victoria, dirigindo-se à mulher que trabalhava na mesa mais próxima. – Será possível arranjar-me duas maçãs e duas cenouras, se puderem dispensar-mas?

A mulher olhou, hesitante, para o homem gordo, que por sua vez olhava para Victoria com uma expressão zangada, e em seguida desapareceu numa divisão contígua à cozinha, regressando pouco depois com as maçãs e as cenouras.

– Obrigada, hã...?

– Mrs. Northrup, menina – respondeu a mulher, pouco à vontade.

– Que bom – disse Victoria, com um doce sorriso. – Já conheci o seu marido, o mordomo, mas ele não me disse que a senhora também trabalhava cá.

– Mr. Northrup é meu cunhado – corrigiu a mulher.

– Ah, estou a ver – disse Victoria, detetando a relutância dela em falar na presença do mal-humorado homem gordo, que parecia ser quem mandava ali. – Bem, bom dia, Mrs. Northrup.

Um caminho lajeado que corria junto a um bosque, do lado direito, conduzia às cavalariças. Victoria meteu por ele, admirando a esplêndida vista de extensos e impecáveis relvados e luxuriantes jardins à sua esquerda, quando um súbito movimento a alguns metros de distância, à sua direita, a fez deter-se e olhar. Na orla do bosque, um grande animal cinzento farejava o que parecia ser um pequeno monte de detritos. O animal detetou-lhe o cheiro e ergueu a cabeça, com os olhos selvagens fixos nos dela, e Victoria sentiu o sangue gelar-lhe nas veias. *Lobo!*, gritou o cérebro dela.

Imobilizou-se, paralisada pelo terror, com medo de fazer qualquer movimento ou ruído, enquanto o seu cérebro atordado registava factos avulsos sobre o animal assustador. A pelagem cinzenta do lobo era densa, mas não o suficiente para esconder as costelas salientes; tinha umas mandíbulas horripelantemente grandes; os olhos eram ferozes... A julgar pela grotesca magreza, parecia estar à beira de morrer de fome. O que significava que atacaria e comeria tudo o que conseguisse apanhar –

incluindo ela própria. Recuou um pequeno e cauteloso passo, em direção à segurança da casa.

O animal rosnou, arreganhando os beiços para mostrar os grandes dentes brancos. Numa reação automática, Victoria atirou-lhe as maçãs e as cenouras, numa tentativa de distraí-lo da sua óbvia intenção de comê-la a *ela*. Em vez de se lançar aos projéteis que ela acabava de atirar-lhe, como esperara que fizesse, o animal ignorou o festim e desapareceu no bosque, com a cauda entre as pernas. Victoria rodou sobre os calcanhares e correu para dentro de casa pela primeira porta que viu, e em seguida aproximou-se de uma janela e olhou lá para fora. O lobo estava entre as árvores da orla do bosque, a olhar, faminto, para o monte de detritos para adubo.

– Aconteceu alguma coisa, menina? – perguntou um lacaio, aparecendo atrás dela a caminho da cozinha.

– Vi um animal – explicou Victoria, ofegante. – Acho que era um... – Viu o animal cinzento entrar, furtivo, no jardim, abocanhar as maçãs e as cenouras e voltar a desaparecer no bosque. Percebeu que estava cheio de medo. E de fome. – Têm cães? – perguntou, a pensar que tinha estado muito perto de cometer um erro que a teria feito parecer completamente tola.

– Sim, menina... vários.

– Algum deles é grande, magro, com pelo preto e cinzento?

– Deve estar a falar do velho cão de sua senhoria, o *Willie* – disse o homem. – Anda sempre por aí, à procura de qualquer coisa para comer. Não é mau, se é isso que a preocupa. Viu-o?

– Vi – respondeu Victoria, sentindo-se cada vez mais furiosa enquanto recordava a maneira como o animal esfaimado estivera a comer legumes podres de um monte de lixo como se fossem bifés. – Está meio morto de fome. Alguém devia dar de comer ao pobre animal.

– O *Willie* porta-se sempre como se estivesse cheio de fome – declarou o lacaio, com a mais total indiferença. – Sua senhoria diz que se comer mais fica demasiado gordo para conseguir andar.

– Se comer menos, fica demasiado fraco para viver – retorquiu Victoria, zangada. Não tinha a mais pequena dificuldade em imaginar aquele homem desapiedado a matar à fome o seu próprio cão. Que patético lhe parecera o pobre animal com as costelas a sobressaírem daquela maneira – que horrível! Voltou à cozinha e pediu outra maçã, mais cenouras e um prato com restos da mesa.

Não obstante a sua compaixão, teve de reprimir o seu medo do animal quando se aproximou do monte de lixo e o viu a vigiá-la do seu esconderijo entre as árvores. Era um cão, não um lobo, notava-o agora perfeitamente. Recordando a garantia do lacaio de que não era mau, aproximou-se o mais que ousou e estendeu o prato com restos.

– Toma, *Willie* – disse em voz baixa. – Trouxe-te comida.

Timidamente, avançou mais um passo. Willie puxou as orelhas para trás e mostrou-lhe os dentes, e a coragem dela evaporou-se. Pousou o prato no chão e correu para as cavalariças.

Jantou com Charles nessa noite, e uma vez que Jason esteve novamente ausente, a refeição foi encantadora. Mas quando chegou ao fim e Charles se retirou, voltou a dar por si sem ter que fazer. Além da visita às cavalariças e da sua aventura com *Willie*, não fizera nada o dia todo exceto deambular sem objetivo de um lado para o outro. No dia seguinte, decidiu, começaria a trabalhar. Estava habituada a estar ocupada e precisava desesperadamente de mais qualquer coisa para preencher as suas horas vazias. Não falara a Charles da sua intenção de ganhar o seu sustento, mas tinha a certeza de que quando ele soubesse ficaria aliviado por ela estar a fazer pela vida e a poupar-lhe novos desaforos por parte do desabrido sobrinho.

Foi para o seu quarto e passou o resto da tarde a tentar escrever a Dorothy uma carta alegre e

otimista.

CAPÍTULO 6

Victoria acordou na manhã seguinte ao som do chilrear das aves na árvore próxima das janelas abertas. Rolou na cama até ficar deitada de costas e olhou para um céu muito brilhante e azul cheio de grandes nuvens brancas, o género de céu que a chamava para o exterior com uma atração irresistível. Depois de se lavar e vestir à pressa, desceu à cozinha para ir buscar comida para *Willie*. Jason Fielding tinha-lhe perguntado, sarcástico, se sabia lavrar um campo ou martelar um prego ou ordenhar uma vaca. Não sabia fazer as primeiras duas coisas, mas, em casa, vira muitas vezes as vacas serem ordenhadas e não lhe parecera particularmente difícil. Além disso, depois de seis semanas confinada num navio, qualquer espécie de atividade física era atraente.

Preparava-se para sair da cozinha com o prato de restos quando lhe ocorreu uma ideia. Ignorando o olhar ofendido do homem do avental branco que a observava como se ela fosse uma louca que tivesse invadido o seu reino de tachos e panelas e que Charles lhe dissera, na noite anterior, ser o *chef*, voltou-se para Mrs. Northrup.

– Diga-me, Mrs. Northrup, há alguma coisa que eu possa fazer... para ajudar aqui na cozinha?

Mrs. Northrup levou uma mão ao pescoço.

– Não, claro que não.

Victoria suspirou.

– Nesse caso, sabe dizer-me onde posso encontrar as vacas?

– As vacas? – arquejou Mrs. Northrup. – Para... para quê?

– Para as ordenhar – disse Victoria.

A mulher empalideceu, mas não disse nada e, ao cabo de um intrigado instante, Victoria encolheu os ombros e decidiu encontrá-las sozinha. Dirigiu-se à porta das traseiras para ir procurar *Willie*. Mrs. Northrup sacudiu a farinha das mãos e dirigiu-se à porta da frente para ir procurar Mr. Northrup.

Enquanto se aproximava do monte de lixo, Victoria perscrutava nervosamente com os olhos a orla do bosque em busca de sinais do cão. *Willie* – que estranho nome para um animal tão grande e de aspeto tão feroz, pensou. E então viu-o, escondido mesmo junto ao limite das árvores, a vigiá-la. O cão eriçou os pelos do dorso e do pescoço, mas ela levou a tigela com restos até o mais perto que ousou.

– Toma, *Willie* – chamou, docemente. – Trouxe-te o pequeno- -almoço. Anda comer.

Os olhos do enorme animal brilharam ao verem a comida, mas *Willie* continuou onde estava, vigilante, alerta.

– Não te aproximas um pouco mais? – continuou Victoria, decidida a fazer amizade com o cão de Jason Fielding, uma vez que nunca poderia ser amiga do homem.

O cão não se mostrou mais cooperante do que o dono. Recusou deixar-se convencer e manteve o olhar ameaçador fixo nela. Com um suspiro, Victoria pousou o prato no chão e afastou-se.

Um dos jardineiros indicou-lhe onde estavam as vacas, e Victoria entrou no imaculado estábulo, a sentir no nariz o cheiro adocicado da palha. Fez uma pausa, hesitante, e uma dúzia de vacas ergueu a cabeça e observou-a com enormes olhos líquidos e castanhos quando percorreu a fila de baias. Parou numa onde viu um banco e um balde pendurados na parede, pensando que aquela vaca seria de certeza a próxima a ser ordenhada.

– Bom dia – disse à vaca, e deu-lhe uma tranquilizadora palmadinha no focinho enquanto tentava ganhar coragem. Agora que chegara o momento, não tinha assim tanta certeza de saber como se fazia para ordenhar uma vaca.

Caminhou à volta da vaca, a empatar, tirou-lhe dois ou três pedaços de palha da cauda e, com grande relutância, pegou no banco e colocou o balde em posição por baixo do úbere pendente do animal. Sentou-se no banco e, com gestos lentos, enrolou as mangas do vestido e arranjou as saias à volta dos tornozelos. Sem reparar no homem que acabava de entrar no estábulo, fez uma festa no flanco da vaca e inspirou fundo.

– Vou ser completamente franca contigo – disse, dirigindo-se à vaca. – A verdade é que... é a primeira vez que faço isto.

Esta triste confissão deteve Jason à entrada da baia. A expressão dele suavizou-se enquanto olhava para ela com fascinado divertimento. Sentada no banco de ordenha, com as saias dispostas à sua volta com tanto cuidado como se estivesse sentada num trono, Miss Victoria Seaton constituía um espetáculo muito cativante. De cabeça ligeiramente inclinada para o lado, concentrada que estava na tarefa que tinha pela frente, oferecia-lhe uma deliciosa visão do seu perfil patricio, com as maçãs do rosto elegantes e o nariz pequeno e delicado. A luz do sol que entrava pela janela alta incendiava-lhe o cabelo, transformando-o numa refulgente cascata de vermelho e dourado a cair-lhe sobre os ombros. As pestanas longas e curvas projetaram sombras sobre as suas faces acetinadas quando, a morder o lábio inferior, se inclinou para empurrar o balde dois centímetros mais para a frente.

O gesto atraiu a atenção de Jason para o arredondado dos seios, que faziam pressão contra o corpete do vestido preto, mas as palavras que ela disse a seguir fizeram os ombros dele estremecer de riso.

– Isto – disse Victoria à vaca numa voz enojada, enquanto estendia as mãos – vai ser tão embaraçoso para mim como para ti.

Tocou com os dedos nas tetas carnudas da vaca e retirou as mãos com um «Argh!» de repulsa, mas voltou a tentar. Apertou duas vezes, em rápida sucessão, e então inclinou-se para trás e olhou esperançosamente para o balde. Nem uma gota de leite.

– Por favor, por favor, não tornes isto ainda mais difícil – implorou, a falar com a vaca.

Repetiu duas vezes o mesmo processo, sem qualquer resultado. A frustração fê-la puxar com demasiada força na vez seguinte, e a vaca voltou a cabeça e olhou para ela com um ar de censura.

– Estou a fazer a minha parte – disse Victoria, devolvendo-lhe o olhar. – Podias ao menos fazer a tua!

Atrás dela, uma risonha voz masculina avisou:

– Vai coalhar-lhe o leite, a olhar para ela com essa fúria toda.

Victoria sobressaltou-se e rodou no banco, fazendo o cabelo cor de cobre voar para cima do ombro esquerdo.

– O senhor! – exclamou, a corar de vergonha por causa da cena a que ele tinha obviamente assistido. – Tem o hábito de se aproximar das pessoas sem fazer barulho? O menos que podia fazer

era...

– Bater? – sugeriu ele, com o riso a brilhar-lhe nos olhos. Com lenta deliberação, levantou a mão e bateu duas vezes com os nós dos dedos na trave de madeira. – Costuma falar com os animais? – perguntou, em tom de conversa.

Victoria não estava com disposição para permitir que troçassem dela, e bem via pelo brilho dos olhos dele que era precisamente isso que Jason estava a fazer. Com toda a dignidade de que foi capaz, levantou-se do banco, alisou as saias e tentou passar por ele.

A mão de Jason moveu-se num gesto rapidíssimo e agarrou-lhe o braço, com firmeza mas sem magoar.

– Não vai acabar a ordenha?

– Já viu que não posso.

– Porque não?

Victoria ergueu o queixo e olhou-o bem de frente nos olhos.

– Porque não sei.

Uma sobranceira escura arqueou-se por cima de um divertido olho verde.

– Quer aprender?

– Não – respondeu Victoria, furiosa e humilhada. – Agora, se fizer o favor de retirar a mão do meu braço – libertou-se com um sacão, sem esperar que ele aquiescesse –, vou tentar arranjar outra maneira de ganhar o meu sustento.

Sentiu o olhar dele nas costas enquanto se afastava, mas não tardou que os seus pensamentos se voltassem para *Willie*, à medida que se aproximava da casa. Viu o cão, a espreitar da orla do bosque, a observá-la. Um arrepio desceu-lhe pela espinha, mas ignorou-o. Acabava de ser intimidada por uma vaca, recusava deixar-se amedrontar por um cão.

Jason viu-a afastar-se, e então expulsou da cabeça a recordação da leiteira de ar angélico com a luz do sol no cabelo e voltou ao trabalho que abandonara quando Northrup aparecera no escritório para o informar de que Miss Seaton ia ordenhar as vacas.

Sentou-se na cadeira e olhou para o seu secretário.

– Onde íamos nós, Benjamin?

– Estava a ditar-me uma carta para o seu homem em Deli, senhor.

Gorada a tentativa de ordenhar a vaca, Victoria procurou o jardineiro que lhe indicara os estábulos. Dirigiu-se ao homem calvo que parecia chefiar os outros e perguntou se podia ajudar a plantar os bolbos que estavam a enterrar nos grandes canteiros circulares do jardim dianteiro.

– Limite-se às suas obrigações no estábulo e saia-me da frente, mulher! – rugiu o jardineiro careca.

Victoria desistiu. Sem se dar ao incómodo de explicar que não tinha quaisquer obrigações no estábulo, afastou-se na direção oposta, a caminho das traseiras da casa, disposta a procurar o único trabalho que estava qualificada para fazer: na cozinha.

O jardineiro-chefe viu para onde ela ia, atirou a espátula para o chão e foi procurar Northrup.

Sem que ninguém reparasse nela, Victoria deteve-se junto à porta da cozinha, onde oito mulheres estavam atarefadas a preparar o almoço, que parecia ser constituído por um estufado com legumes frescos temperados, pão acabado de cozer e meia dúzia de outros pratos de acompanhamento. Desencorajada pelas suas duas últimas tentativas de tornar-se útil, deixou-se ficar a observar até ter a certeza de que seria capaz de dar conta daquela tarefa; dirigiu-se então ao volátil *chef* francês.

– Gostaria de ajudar – disse, num tom firme.

– *Non!* – gritou ele, obviamente convencido pelo simples vestido preto de que se tratava de uma criada. – Fora! Fora! Saia. Vá fazer o seu trabalho.

Victoria estava mais do que farta de ser tratada como uma idiota inútil.

– Posso ajudar aqui – declarou, num tom muito delicado mas muito firme –, e é evidente pela maneira como toda a gente anda a correr de um lado para o outro que lhes dava jeito mais um par de mãos.

O *chef* parecia prestes a explodir.

– Não está treinada – trovejou. – Quando André precisar de ajuda, pedi-la-á, e será *ele* a encarregar-se do treino!

– Não vejo que possa haver de complicado em fazer um estufado, *monsieur* – fez Victoria notar, exasperada. E, ignorando o apoplético rubor que invadira as faces do *chef* ao ouvi-la menosprezar daquela maneira a complexidade da sua arte culinária, continuou, num tom de jovial razoabilidade: – Tudo o que é preciso fazer é cortar os legumes aqui em cima desta mesa – bateu com a mão na mesa a seu lado – e deitá-los naquele painelão – concluiu, apontando para o painelão suspenso sobre o lume.

O homem emitiu um estranho som estrangulado e arrancou o avental.

– Dentro de cinco minutos, farei com que a expulsem desta casa! – disse, enquanto saía da cozinha.

No silêncio crepitante que deixou atrás de si, Victoria olhou em redor para as outras criadas, que por sua vez a fitavam com petrificado horror, com os olhos a refletirem toda uma gama de emoções, desde a compaixão ao divertimento.

– Santo Deus – disse num tom bondoso uma mulher de meia-idade, enquanto limpava ao avental as mãos sujas de farinha –, o que foi que te deu para o provocares daquela maneira? Ele vai conseguir que te ponham fora por uma orelha.

Com exceção da pequena criada chamada Ruth que lhe arrumara o quarto na manhã seguinte à sua chegada, aquela era a primeira voz amistosa que ouvia de toda a criadagem da casa. Infelizmente, sentia-se tão mal por ter arranjado problemas quando só queria ajudar que a simpatia da mulher quase a levou a desfazer-se em lágrimas.

– Não é que não tenhas razão – continuou a mulher, com uma palmadinha suave no braço de Victoria – a respeito de ser muito simples fazer um estufado. Qualquer uma de nós podia fazê-lo sem o André, mas sua senhoria exige o melhor... e o André é o melhor *chef* do país. É melhor ires juntar as tuas coisas, pois é mais que certo estares na rua dentro de uma hora.

Victoria mal teve forças para tranquilizar a mulher quanto àquele ponto.

– Sou uma convidada nesta casa, não uma criada... pensei que Mrs. Northrup lhes tinha dito.

O queixo da mulher caiu quase até ao chão.

– Não, não disse. O pessoal está proibido de coscuvilhar, e Mrs. Northrup seria a última a fazê-lo, estando aparentada pelo casamento a Mr. Northrup, o mordomo. Eu sabia que tínhamos uma convidada em casa, mas... – Os olhos da mulher pousaram no pobre vestido preto, e Victoria corou. – Quer que lhe arranje qualquer coisa para comer?

Victoria deixou descair os ombros numa atitude de frustrado desespero.

– Não, mas... mas gostaria de fazer qualquer coisa para aliviar a cara inchada de Mr. O'Malley. É uma cataplasma, feita com ingredientes simples, mas pode aliviar a dor do dente infetado.

A mulher, que disse chamar-se Mrs. Craddock, indicou-lhe onde encontrar os ingredientes que ela

pediu e Victoria começou a trabalhar, à espera de ver «sua senhoria» irromper pela cozinha a qualquer momento e humilhá-la publicamente.

Jason tinha recomeçado a ditar a mesma carta que estava a ditar quando ficara a saber que Victoria fora para o estábulo ordenhar uma vaca quando Northrup voltou a bater à porta do escritório.

– Sim? – disse num tom impaciente, quando o mordomo se perfilou à sua frente. – O que foi agora?

O mordomo tossicou para limpar a garganta.

– É outra vez Miss Seaton, senhor. Ela... hã... isto é, tentou ajudar o jardineiro-chefe a plantar os canteiros de flores. Ele confundiu-a com uma criada, e agora, desde que o informei de que não é uma criada, está com medo de que vossa senhoria esteja descontente com o trabalho dele e a tenha mandado lá para...

A voz baixa de Jason vibrou de irritação.

– Diga ao jardineiro que volte ao seu trabalho e diga a Miss Seaton que o deixe em paz. Quanto a si – acrescentou, num tom ameaçador –, deixe-me a mim em paz. Tenho trabalho para fazer. – Voltou-se para o secretário, um homem magro de óculos, e perguntou. – Onde íamos nós, Benjamin?

– A carta para o homem em Deli, senhor?

Jason tinha ditado apenas duas linhas quando houve grande agitação à porta do escritório e o cozinheiro irrompeu por ali dentro, seguido por Northrup, que tentava ultrapassá-lo e barrar-lhe o avanço.

– Ou sai ela, ou saio eu! – trovejou Monsieur André, marchando direito à mesa de Jason. – Não autorizo a entrada daquela serigaita ruiva na minha cozinha!

Com uma calma mortal, Jason ergueu os brilhantes olhos verdes para o rosto furioso do *chef*.

– O que foi que disse?

– Disse que não autorizo...

– Saia – disse Jason, numa voz suave como seda.

O rosto redondo do cozinheiro empalideceu.

– *Oui* – disse, apressado, enquanto começava a recuar –, vou voltar para a cozi...

– Saia da *minha* casa – esclareceu Jason, implacável –, e da minha propriedade. Agora!

Pôs-se de pé e, passando pelo assarapantado cozinheiro, dirigiu-se à cozinha.

Toda a gente deu um salto e rodou sobre os calcanhares ao ouvir a sua voz zangada.

– Alguma de vocês sabe cozinhar? – perguntou, e Victoria presumiu que o *chef* se despedira por causa dela. Horrorizada, começou a dar um passo em frente, mas o olhar sombrio de Jason petrificou-a, ameaçando-a com terríveis consequências se ousasse oferecer-se. Jason passou o olhar em redor. – Estão a dizer-me que nenhuma de vocês sabe cozinhar?

Mrs. Craddock hesitou, e então adiantou-se um passo.

– Eu sei, senhor.

Jason assentiu secamente. – Ótimo. Fica a chefiar a cozinha. De futuro, faça o favor de dispensar aqueles enjoativos molhos franceses que tenho sido obrigado a comer. – Voltou o olhar gélido para Victoria. – Quanto a si, mantenha-se *afastada* do estábulo e deixe a jardinagem para os jardineiros e a cozinha para as cozinheiras!

Saiu, e as criadas voltaram-se para Victoria, com uma mistura de espanto e tímida gratidão. Demasiado envergonhada pelos problemas que tinha causado para lhes enfrentar o olhar, Victoria baixou a cabeça e começou a misturar a cataplasma para Mr. O'Malley.

– Vamos ao trabalho – disse Mrs. Craddock às outras, numa voz animada e sorridente. – Temos de provar a sua senhoria que passamos muito bem sem o Andrew a descompor-nos por tudo e por nada.

Victoria ergueu vivamente a cabeça e o seu olhar espantado voou para Mrs. Craddock.

– É um tirano mal-humorado – confirmou a mulher –, e estamos todas muito agradecidas por nos vermos livres dele.

Com exceção do dia em que os pais tinham morrido, Victoria não conseguia lembrar-se de outro pior do que aquele. Pegou na tigela que continha a mistura que o pai a ensinara a fazer para aliviar a dor de um dente infetado e saiu da cozinha.

Não conseguindo encontrar O'Malley, foi à procura de Northrup, que vinha a sair de uma sala de paredes cobertas de livros. Através das portas entreabertas, viu de relance Jason sentado a uma secretária, com uma carta na mão e a falar com um senhor de óculos sentado à sua frente.

– Mr. Northrup – disse numa voz sufocada enquanto lhe entregava a tigela –, fará o favor de dar isto a Mr. O'Malley? Diga-lhe que aplique essa pasta no dente e na gengiva várias vezes ao dia. Ajudará a diminuir a dor e o inchaço.

Uma vez mais distraído pelo barulho de vozes à porta do seu escritório, Jason bateu com o papel que estava a ler em cima do tampo da secretária e avançou para a porta e abriu-a. Sem reparar em Victoria, que já tinha começado a subir a escadaria, perguntou a Northrup.

– O que foi que ela fez *agora*?

– Fez... fez isto para o dente do O'Malley, senhor – respondeu Northrup numa voz estranhamente tensa, enquanto olhava para a figura abatida que subia os degraus.

Jason seguiu-lhe o olhar e semicerrou os olhos ao avistar a esbelta e curvilínea figura vestida de luto.

– Victoria – chamou.

Victoria voltou-se, preparada para uma descompostura, mas ele falou numa voz calma e seca, que mesmo assim tinha uma nota de implacável autoridade.

– Não volte a vestir-se de preto. Não gosto.

– Lamento que as minhas roupas lhe desagradem – respondeu ela, com calma dignidade –, mas estou de luto pelos meus pais.

Jason franziu o sobrolho, mas manteve-se silencioso até Victoria ter desaparecido no seu quarto. Voltou-se então para Northrup.

– Mande alguém a Londres para lhe comprar roupas decentes, e livre-se daqueles trapos.

Quando Charles desceu para o almoço, foi uma Victoria triste e silenciosa que se sentou à sua esquerda.

– Santo Deus, criança, que se passa? Estás pálida como um fantasma.

Victoria confessou os disparates que tinha feito naquela manhã e Charles ouviu-a, com os lábios a tremer de riso.

– Excelente, excelente! – disse quando ela acabou e, para grande espanto de Victoria, começou a rir. – Continua a perturbar a vida do Jason. É *exatamente* do que ele está a precisar. À superfície pode parecer frio e duro, mas isso é apenas uma concha... bem grossa, admito, mas a mulher certa conseguirá atravessá-la e descobrir a gentileza que há dentro dele. E quando trouxer à superfície essa gentileza, o Jason fá-la-á muito feliz. Entre outras coisas, é um homem extremamente generoso... – Arqueou as sobrancelhas, deixando a frase em suspenso, e Victoria mexeu-se, pouco à vontade, sob a intensidade do seu olhar, a perguntar a si mesma se seria possível que Charles alimentasse a

esperança de que fosse ela essa mulher.

Nem por um instante acreditava que houvesse qualquer espécie de gentileza dentro de Jason Fielding e, além disso, queria ter o menos possível a ver com ele. Mas em vez de dizer isto ao tio Charles, mudou diplomaticamente de assunto.

– Devo receber notícias do Andrew nas próximas semanas – disse.

– Ah, sim... o Andrew – disse Charles, e a sua expressão ensombrou-se.

CAPÍTULO 7

No dia seguinte, Charles levou-a num passeio de coche até à aldeia vizinha, e apesar de a saída a ter enchido de saudades da sua antiga casa, Victoria gostou muito. Havia flores por todo o lado: em floreiras e em jardins onde eram amorosamente cuidadas, e silvestres nas colinas e nos prados, onde só a natureza se ocupava delas. A aldeia, com as suas casas pequenas e ruas empedradas, era encantadora, e Victoria apaixonou-se por ela.

Sempre que saíam de uma das pequenas lojas ao longo da rua, os aldeãos paravam e olhavam para eles e tiravam os chapéus. Tratavam Charles por «vossa graça», e apesar de Victoria perceber que as mais das vezes ele não sabia como se chamavam, tratava todos com desprentensiva simpatia, fosse qual fosse a posição de cada um.

Quando voltaram a Wakefield Park, nessa tarde, Victoria sentia-se muito mais otimista a respeito da sua nova vida e esperançada em ter oportunidade para conhecer melhor a aldeia.

Para evitar arranjar mais problemas, limitou o resto das suas atividades naquele dia a ler no quarto e a mais duas viagens ao monte de lixo, onde tentou, sem êxito, convencer *Willie* a aproximar-se mais dela para buscar a comida que lhe levou.

Deitou-se antes do jantar e adormeceu, embalada pela ideia de que lhe seria possível evitar novos problemas com Jason Fielding se se mantivesse afastada dele, como fizera até então naquele dia.

Estava enganada. Quando acordou, Ruth estava a arrumar no guarda-fato um braçado de vestidos em tons pastel.

– Esses vestidos não são meus, Ruth – disse, sonolenta, franzindo o sobrolho à luz da vela enquanto se levantava da cama.

– São, sim, menina – respondeu Ruth, entusiasmada. – Sua senhoria mandou comprá-los em Londres.

– Informe-o, por favor, de que não vou usá-los – disse Victoria, com firme delicadeza.

Ruth levou uma mão ao pescoço.

– Oh, não, menina, não posso fazer isso. Palavra, não posso!

– Bem, posso eu! – disse Victoria, já a encaminhar-se para o outro armário em busca das suas próprias roupas.

– Desapareceram – murmurou Ruth, com um ar muito infeliz. – Fui eu que as levei. Ordens de sua senhoria...

– Compreendo – disse Victoria suavemente, mas, no seu peito, uma irascibilidade que não sabia que possuía começou a ferver.

A pequena criada torcia as mãos, com um brilho de esperança nos olhos.

– Menina, sua senhoria disse que posso ficar com o lugar de sua criada pessoal, se for capaz de fazer o serviço como deve ser.

– Não preciso de uma criada, Ruth.

Os ombros da rapariga descaíram.

– Seria tão melhor do que o que faço agora...

Victoria foi incapaz de resistir à expressão de súplica no rosto dela.

– Muito bem, então – suspirou, tentando forçar um sorriso. – O que é que uma «criada pessoal» faz?

– Bem, ajudo-a a vestir-se e certifico-me de que os seus vestidos estão sempre limpos e engomados. E arranjo-lhe o cabelo. Posso? Arranjar-lhe o cabelo, quero eu dizer. Tem um cabelo tão bonito, e a minha mãe costumava dizer que eu tinha muito jeito para cabelos... para os tornar bonitos.

Victoria concordou, não por estar interessada no penteado mas porque precisava de tempo para se acalmar antes de confrontar Jason Fielding. Uma hora mais tarde, contemplava-se no espelho, em silêncio, com um vestido de seda cor de alperce de saia rodada e mangas largas e compridas atravessadas por tiras horizontais de cetim da mesma cor. Tinha o pesado cabelo acobreado penteado para cima em refulgentes caracóis presos por fitas de cetim da cor do vestido. Um intenso rubor de fúria coloria-lhe as faces de pómulos delicados e os olhos azuis faiscavam de ressentimento e vergonha.

Nunca em toda a sua vida vira, ou sequer imaginara, um vestido tão magnífico como o que usava, com o seu corpete decotado e justo que lhe empurrava os seios para cima e expunha uma excessiva quantidade de pele. E nunca a desgostara tanto o seu aspeto como naquele momento, em que era obrigada a ostentar uma frívola desconsideração pela morte dos pais.

– Oh, menina – disse Ruth, juntando as mãos com um suspiro deliciado. – É tão bonita. Sua senhoria nem vai acreditar nos próprios olhos quando a vir.

Ruth não se enganou na sua previsão, mas Victoria estava demasiado furiosa para sentir o mais pequeno prazer ao ver a expressão espantada de Jason quando entrou na sala de jantar.

– Boa noite, tio Charles – disse, encostando a face à dele enquanto Jason se punha de pé. A ressumar rebeldia, voltou-se para Jason, mantendo um silêncio ressentido enquanto os olhos dele a miravam descaradamente da cabeça ao pés, desde o alto dos caracóis ruivos até às pontas dos sapatos de cetim que mandara comprar, passando pela túrgida carne exposta acima do corpete. Victoria estava de certo modo habituada aos olhares de admiração dos cavalheiros, mas não havia nada de cavalheiresco no insolente e preguiçoso exame que Jason fazia do seu corpo.

– Já acabou? – perguntou, numa voz dura.

Jason ergueu sem pressa o olhar até encontrar o dela e encurvou os lábios num sorriso seco ao ouvir o antagonismo do tom. Estendeu a mão e, num reflexo automático, Victoria recuou um passo, antes de perceber que a intenção dele era apenas puxar uma cadeira para ela se sentar.

– Cometi outra *gaffe* social... como não bater à porta? – perguntou ele numa voz baixa e divertida, com os lábios ofensivamente próximos da face dela enquanto Victoria se sentava. – Não é costume na América os cavalheiros ajudarem as senhoras a sentarem-se?

Victoria afastou a cabeça com um gesto brusco.

– Está a ajudar-me a sentar ou a tentar comer-me a orelha?

Jason franziu os lábios.

– Sou bem capaz de o fazer se a nova cozinheira não nos servir uma refeição decente. – Olhou para Charles enquanto voltava ao seu lugar. – Despedi o francês gordo – explicou.

Victoria sentiu uma momentânea pontada de remorso pelo papel que tinha desempenhado no incidente, mas estava tão furiosa com Jason por se ter desfeito perentoriamente dos seus vestidos que

nem o remorso conseguia atenuar a raiva. Com a intenção de abordar o assunto em privado, *depois* do jantar, dirigiu toda a sua conversa para Charles; mas, à medida que a refeição se prolongava, a consciência de que Jason Fielding a estudava por entre os braços do castiçal colocado no centro da mesa foi-se tornando cada vez mais intensa e desconfortável.

Jason levou o copo de vinho aos lábios, enquanto a observava. Sabia que estava furiosa com ele por ter mandado deitar fora aqueles pobres vestidos pretos e morta por o descompor. Via-o na maneira como os olhos dela faiscavam.

Era bela, orgulhosa e corajosa, pensou, imparcial. Parecera-lhe, quando a vira, uma coisinha bonita, mas não esperara vê-la florescer numa autêntica beldade naquela noite só por se ter desembaraçado dos velhos trapos pretos que usava. Talvez ele detestasse tanto a triste cor do luto que isso influenciara a maneira como a vira. Fosse como fosse, não tinha a mínima dúvida de que Victoria Seaton trouxera pelo beicinho os rapazes lá da terra. E, também sem a mínima dúvida, ia fazer o mesmo em Inglaterra. Os rapazes *e* os homens, corrigiu-se.

E era aí que residia o seu problema: a despeito das curvas estonteantes e do rosto inebriante, estava a convencer-se muito depressa de que ela era de facto uma rapariguinha inocente e inexperiente, como Charles afirmava. Uma rapariguinha inocente e inexperiente que lhe fora cair à porta de casa e pela qual era agora o involuntário responsável. Imaginar-se como seu protetor – o feroz guardião da virtude de uma virgem – era tão ridículo que quase riu alto, e no entanto, era esse o papel que ia ser forçado a desempenhar. Todos os que o conheciam iriam achar aquilo tão absurdo como ele próprio achava, considerando a sua reputação em matéria de mulheres.

O'Malley deitou-lhe mais vinho no copo e Jason bebeu enquanto tentava pensar na maneira mais expedita e segura de se livrar dela. E quanto mais pensava nisso, mais se convencia de que o melhor seria proporcionar-lhe a tal *saison* em Londres que Charles tanto queria que ela tivesse.

Com a beleza magnífica de Victoria, seria muito fácil lançá-la na sociedade. E com a atração acrescida de um pequeno dote, que ele próprio proporcionaria, seria igualmente fácil casá-la com um qualquer janota londrino. Por outro lado, se ela acreditava de verdade que o seu Andrew havia de vir buscá-la, era bem capaz de insistir em esperar meses, senão anos, antes de aceitar outro homem, e essa possibilidade não lhe agradava. Não lhe agradava mesmo nada.

De acordo com o seu plano incipiente, esperou por uma pausa na conversa e disse, dirigindo-se a Victoria num tom enganadoramente desinteressado:

– Diz-me o Charles que está praticamente noiva de um... hã... Anson? Albert?

Victoria voltou a cabeça com um gesto vivo.

– Andrew – disse

– Como é ele? – insistiu Jason.

Um sorriso terno espalhou-se pelas suas feições ao pensar em Andrew.

– É gentil, bonito, inteligente, bondoso, respeitoso...

– Acho que fiquei com uma ideia geral – interrompeu-a Jason, seco.

Victoria reprimiu o desejo de lhe atirar qualquer coisa à cabeça e inquiriu:

– Porque pergunta?

– Não é o homem para si. Em quatro dias, virou a minha casa do avesso. Que graça poderá achar a um provinciano aborrecido que vai querer fazer uma vida tranquila e organizada? Seria sensato da sua parte esquecê-lo e aproveitar ao máximo as oportunidades que tem aqui.

– Para começar... – explodiu Victoria, mas Jason interrompeu-a, lançando deliberadamente

sementes de descontentamento.

– Claro que é muito provável que se não esquecer o Albert, o Albert a esqueça a *si*. Não há um ditado que diz «Longe da vista, longe do coração»?

A conter a fúria com um esforço sobre-humano, Victoria cerrou os dentes e não respondeu.

– Então, não há discussão? – espicçou-a Jason, admirando a maneira como a fúria lhe tingia os olhos de um enevoadado azul- -escuro.

Victoria ergueu o queixo.

– No meu país, Mr. Fielding, é considerado má educação discutir à mesa.

A reprimenda velada pareceu diverti-lo.

– Que inconveniente para si – comentou, num tom suave.

Charles recostou-se na cadeira, com um sorriso terno a moldar-lhe os lábios enquanto via o filho esgrimir com a jovem beldade que tanto lhe fazia lembrar a mãe. Eram perfeitos um para o outro, decidiu. Victoria não tinha medo de Jason. A sua coragem e calor suavizá-lo-iam e, uma vez suavizado, ele tornar-se-ia o género de marido que todas as jovens sonham ter. Seriam felizes os dois, e ela não tardaria a dar-lhe um filho.

Imaginou, satisfeito, o neto que ambos lhe dariam depois de casarem. Ao fim de todos aqueles anos de desespero e vazio, ele e Katherine iam por fim ter netos juntos. Sim, de momento, Victoria e Jason não estavam a conviver da melhor maneira, mas isso já era de esperar. Jason era um homem duro, experiente e amargurado, por boas razões. Mas Victoria tinha a coragem, a gentileza e o fogo de Katherine. E Katherine mudara-lhe a vida. Fora ela que lhe ensinara o que era o amor. E a perda. Deixou que o seu espírito recuasse até aos acontecimentos do passado que tinham conduzido àquela momentosa noite...

Com vinte e dois anos, Charles gozava já de uma bem merecida reputação de libertino, jogador e estroina. Não tinha responsabilidades, nem restrições, e absolutamente nenhuma perspectiva, uma vez que o irmão mais velho já herdara o título de duque e tudo o que o acompanhava. Ou melhor, tudo menos dinheiro. O dinheiro era sempre escasso porque havia mais de quatrocentos anos que os varões Fielding exibiam uma marcada tendência para todo o género de vícios caros. Na realidade, Charles não era pior do que o pai ou o avô. O irmão mais novo fora, desde sempre, o único Fielding a mostrar vontade de lutar contra as tentações do demónio, e fizera-o com o exagero típico da família, decidindo tornar-se missionário e ir para a Índia.

Mais ou menos pela mesma altura, a amante francesa de Charles anunciou que estava grávida. Quando ele lhe ofereceu dinheiro, em vez de casamento, ela chorou e protestou, mas em vão. Até que, num acesso de raiva, o deixou. Uma semana depois de Jason ter nascido, apresentou-se em casa do antigo amante, depositou-lhe sem mais cerimónias o filho de ambos nos braços e voltou a desaparecer. Charles não tinha a mais pequena vontade de ver-se sobrecarregado com um bebé, mas também não conseguiu convencer-se a abandonar a criança num orfanato. Num momento de pura inspiração, lembrou-se de oferecer Jason ao irmão mais novo e à sua feíssima mulher, os quais estavam de partida para a Índia «para converter os pagãos».

Sem hesitar um instante, confiou o bebé àqueles dois fanáticos religiosos, tementes a Deus e privados de descendência – juntamente com praticamente todo o dinheiro que tinha, para ser usado na educação de Jason – e lavou as mãos de todo o problema.

Até então, conseguira manter um nível de vida muito razoável com os ganhos conseguidos à mesa de jogo, mas então a caprichosa sorte, que sempre o acompanhara, tinha-o abandonado. Com trinta e

dois anos, Charles viu-se forçado a enfrentar o facto de não poder continuar a manter um nível de vida razoavelmente elevado, próprio de um homem do seu nascimento, apenas com os lucros do jogo. O seu problema era comum entre os impecuniosos filhos mais novos das grandes casas nobres, e Charles resolveu-o de uma maneira consagrada pelos séculos: decidiu trocar o seu ilustre nome de família por um opulento dote. Com descuidada indiferença, propôs casamento à filha de um comerciante abastado, uma jovem de grande riqueza, pouca beleza e nenhuma inteligência.

A jovem e o pai aceitaram o namoro com entusiasmo, e o irmão mais velho de Charles aceitou inclusivamente organizar uma festa para celebrar as iminentes núpcias.

Foi nessa auspiciosa ocasião que Charles voltou a encontrar a sua muito distante prima, Katherine Langston, de dezoito anos e neta da duquesa de Claremont. Tinha-a visto pela última vez aquando de uma das suas raras visitas ao irmão em Wakefield, e Katherine era então uma garotinha de dez anos que passava férias na propriedade vizinha. Durante duas semanas inteiras, ela seguira-o para todo o lado, com franca admiração a transbordar-lhe dos grandes olhos azuis. Na altura, achara-a uma rapariguinha invulgarmente bonita, com um sorriso encantador e mais coragem do que mulheres com o dobro da idade, capaz de saltar sebes ao lado dele montada na sua égua e de convencê-lo a lançar papagaios de papel.

Entretanto, transformara-se numa jovem de incrível beleza, e Charles mal conseguia desviar os olhos dela.

Sob uma aparência exterior de entediada impassibilidade, estudou-lhe a espantosa figura, as feições impecáveis e o glorioso cabelo ruivo enquanto ela se mantinha um pouco isolada na sala apinhada de gente, serena e etérea. Então aproximou-se dela com um cálice de madeira na mão e apoiou, num gesto despreocupado, o braço livre na consola da lareira, a admirar-lhe aberta e descaradamente a beleza. Esperou que ela levantasse nem que fosse uma objeção formal a tanta ousadia, mas Katherine não objetou, formalmente ou de qualquer outra maneira. Não corou sob o olhar apreciador dele nem voltou a cara. Limitou-se a pôr a cabeça um pouco de lado, como que à espera que ele acabasse.

– Olá, Katherine – disse ele, finalmente.

– Olá, Charles – respondeu ela numa voz suave e calma, imperturbada.

– Estás a achar a festa tão insuportavelmente aborrecida como eu, minha querida? – perguntou, surpreendido pela compostura dela.

Em vez de tartamudear uma inanidade qualquer a respeito de ser uma festa muito agradável, Katherine ergueu para o dele o seu olhar desconcertantemente azul e respondeu em voz baixa:

– Um prelúdio adequado para um casamento feito por frias razões monetárias, e não outras.

A rude franqueza espantou-o, mas não tanto como a estranha expressão de acusação que lhe escureceu os olhos antes de ela lhe voltar costas e afastar-se. Sem pensar, Charles estendeu a mão para a deter. O contacto da pele nua do braço dela disparou uma espécie de descarga elétrica que lhe percorreu todo o sistema nervoso, uma descarga que Katherine também devia ter sentido, pois o seu corpo ficou rígido. Em vez de a puxar para si, Charles guiou-a em frente, em direção à varanda. Sob o luar, fê-la voltar-se e, porque a acusação magoara, a sua voz soou dura.

– É presunção da tua parte supor que o dinheiro é a minha única razão para casar com a Amelia. As pessoas têm outras razões para casar.

Mais uma vez, os desconcertantes olhos azuis tinham-se fixado nos dele.

– Casamo-nos para aumentar a riqueza, o poder ou a posição social da nossa família. No teu caso,

casas para aumentar a tua riqueza.

Charles estava, claro, a trocar a sua linhagem aristocrática por dinheiro, e embora fosse uma prática comumente aceite, ela fazia-o sentir-se menos homem por segui-la.

– E tu? – desafiou. – Vais casar por uma dessas três razões?

– Não – respondeu ela em voz baixa –, não vou. Casarei porque amo alguém, e esse amor será retribuído. Não aceitarei um casamento como o que os meus pais tiveram. Quero mais da vida do que isso, e tenho mais para dar.

As palavras ditas numa voz calma estavam tão cheias de tranquila convicção que Charles se limitou a olhar para ela antes de finalmente dizer:

– A senhora tua avó não ficará contente se casares por amor e não por posição, minha querida. Diz-se que deseja uma aliança com os Winston e que está a contar contigo para a conseguir.

Katherine sorriu pela primeira vez, um sorriso lento, encantador, que lhe iluminou o rosto e derreteu completamente Charles.

– Há muito que eu e a minha avó discutimos por causa desse assunto – disse –, mas eu estou tão determinada como ela a fazer a minha vontade.

Estava tão bonita, tão fresca, tão imaculada, que a armadura de desdenhoso ceticismo que durante trinta anos envolvera Charles começou a desaparecer, deixando-o repentinamente sozinho e vazio. Sem se aperceber do que estava a fazer, ergueu a mão e, num gesto cheio de reverência, passou as pontas dos dedos pela suave face dela.

– Espero que o homem que amas seja digno de ti – disse, num tom repassado de ternura.

Por um interminável momento, Katherine perscrutou-lhe as feições, como se conseguisse ver, para lá do rosto, a alma cansada e desiludida dele.

– Penso – disse, num murmúrio – que será mais uma questão de *eu* poder ser digna *dele*. Porque ele precisa muito de mim, ainda que só agora comece a compreendê-lo.

Ao cabo de um instante, a compreensão atingiu-o, e Charles ouviu-se a gemer o nome dela com a ânsia súbita e febril do homem que acaba de encontrar aquilo que procurou inconscientemente toda a sua vida: uma mulher capaz de amá-lo por si mesmo, pelo homem que podia ser, pelo homem que queria ser. E Katherine não tinha qualquer outra razão para o amar; a sua linhagem era tão aristocrática como a dele, as suas relações muito melhores, a sua fortuna vastamente superior.

Olhou para ela, tentando negar os sentimentos que o agitavam. Isto é loucura, disse a si mesmo. Mal a conhecia. Não era um jovem tolo convencido de que homens e mulheres adultos se apaixonavam uns pelos outros ao primeiro olhar. Nem sequer acreditara no amor até àquele momento. Mas acreditava agora, porque queria que aquela jovem bela, inteligente e idealista o amasse a ele e só a ele. Por uma vez na vida, encontrara uma coisa rara e maravilhosa e impoluta, e estava determinado a conservá-la assim – casar com ela e adorá-la, protegê-la da hipocrisia que parecia corroer tudo e todos na classe social a que ambos pertenciam.

A perspectiva de desfazer o noivado com Amelia não lhe perturbava a consciência, pois não tinha ilusões quanto às razões dela para concordar em casar com ele. Sentia-se atraída por ele, sem dúvida, mas ia desposá-lo porque o pai queria aliar-se à nobreza.

Durante duas semanas de puro êxtase, ele e Katherine tinham conseguido manter em segredo o amor que crescia entre os dois; duas semanas de momentos roubados a sós, de tranquilos passeios pelos campos, de risos partilhados e sonhos para o futuro.

Ao fim desse tempo, Charles não pôde adiar mais o necessário encontro com a duquesa-viúva de

Claremont. Queria casar com Katherine.

Estava preparado para que a duquesa objetasse, porque embora a sua família fosse antiga e nobre, ele era apenas um filho mais novo, sem título. Mesmo assim, casamentos como o que pretendia eram bastante frequentes, e esperou que a velha senhora oferecesse uma resistência formal e acabasse por capitular, porque Katherine queria aquela união tanto como ele. O que *não* esperou foi que a duquesa ficasse quase louca de fúria, ou que lhe chamasse um «oportunista dissoluto» ou «corrupto, lascivo e degenerado». Não esperou que fulminasse o comportamento promíscuo dos seus antepassados e o dele próprio, ou que declarasse todos os Fielding, desde a primeira geração, «loucos irresponsáveis».

Sobretudo, não esperou ouvi-la jurar que se Katherine casasse com ele a renegaria e a deserdaria, deixando-a sem um tostão. Eram coisas que pura e simplesmente não se faziam. Mas quando saiu de casa da duquesa naquele dia, Charles sabia que a mulher faria exatamente o que ameaçara. Voltou aos seus alojamentos e passou o resto da noite em estados alternados de raiva e desespero. De manhã sabia que não podia, e não ia, casar com Katherine, porque embora estivesse disposto a tentar ganhar a vida a fazer um trabalho honesto, se fosse necessário, não suportava a ideia de ver a bela e orgulhosa Katherine rebaixada por sua culpa. Não, não seria por causa dele que Katherine se veria isolada da família e ostracizada pela sociedade.

Ainda que acreditasse que seria capaz de compensá-la pela desgraça que teria de suportar, sabia que nunca poderia deixá-la tornar-se uma vulgar dona de casa. Era jovem e idealista e estava apaixonada por ele, mas estava também habituada a belos vestidos e a criados para lhe satisfazerem todas as vontades. Nunca ele, se tivesse de trabalhar para ganhar a vida, poderia proporcionar-lhe nenhuma dessas coisas. Katherine nunca lavara um prato, ou esfregara um soalho, ou engomara uma camisa, e ele não consentiria vê-la reduzida a fazer qualquer dessas coisas só porque fora suficientemente louca para o amar.

Quando conseguiu combinar um breve e clandestino encontro com ela no dia seguinte, comunicou-lhe a sua decisão. Katherine argumentou que os luxos da vida nada significavam para ela; suplicou-lhe que a levasse para a América, onde se dizia que um homem podia fazer uma vida decente desde que estivesse disposto a trabalhar por isso.

Incapaz de aguentar as lágrimas dela e a sua própria angústia, Charles disse-lhe rudemente que as ideias dela eram tolas, que nunca conseguiria sobreviver a uma vida na América. Ela olhou-o como se *ele* tivesse medo de trabalhar para ganhar a vida, e, entre soluços, acusou-o de querer o dote dela, não a ela – tal como a avó lhe dissera.

Para Charles, que estava disposto a sacrificar a sua felicidade por ela, a acusação cortou como uma faca.

– Acredita no que quiseses – replicou, e forçou-se a voltar costas antes que a sua determinação se evaporasse e ele a levasse para longe naquele mesmo dia. Encaminhou-se para a porta, mas não aguentou a ideia de deixá-la a pensar que só estava interessado no seu dinheiro. – Katherine – disse sem se voltar –, peço-te que não penses isso de mim.

– Não penso – murmurou ela, com a voz entrecortada.

Como também não pensou que ele pusesse fim à desesperada e atormentada ânsia dos dois um pelo outro casando com Amelia na semana seguinte. Mas foi o que Charles fez. O primeiro gesto totalmente altruísta da sua vida.

Katherine esteve presente na cerimónia com a avó, e nunca enquanto vivesse Charles esqueceria a

expressão no rosto dela quando prometeu a sua vida a outra mulher.

Dois meses mais tarde, Katherine casou com um médico irlandês e partiu com ele para a América. Fê-lo, Charles bem o sabia, porque estava furiosa com a avó e porque não suportava continuar em Inglaterra perto dele e da sua nova mulher. E fê-lo para lhe provar, da única maneira que sabia, que o seu amor por ele teria sobrevivido a tudo – incluindo uma vida na América.

Nesse mesmo ano, o irmão mais velho de Charles foi morto num estúpido duelo de bêbedos e ele herdou o título. Não herdou muito dinheiro, mas teria sido o suficiente para manter Katherine num luxo modesto. Mas Katherine tinha partido; ele não julgara o amor dela suficientemente forte para resistir a um pouco de desconforto. Charles não quis saber do dinheiro que herdou; Charles já não queria saber de coisa nenhuma.

Pouco depois, o irmão missionário morreu na Índia e, dezasseis anos mais tarde, morreu Amelia.

Na noite do funeral de Amelia, Charles embriagou-se, como tantas vezes fazia naqueles tempos, mas naquela noite em particular, sentado na sombria solidão da casa deserta, ocorreu-lhe um novo pensamento: um dia, em breve, também ele ia morrer, e quando isso acontecesse o título e tudo o mais sairia definitivamente das mãos dos Fielding. Porque não tinha um herdeiro.

Durante dezasseis anos, vivera num estranho e vazio limbo, mas naquela noite em que contemplou a inutilidade da sua vida, algo começou a crescer dentro dele. Ao princípio, foi apenas uma vaga inquietude, que pouco depois se tornou em aversão; que se transformou em ressentimento e depois, devagar, muito devagar, em fúria. Tinha perdido Katherine; tinha perdido dezasseis anos da sua vida. Suportara uma mulher enfadonha, um casamento sem amor, e agora ia morrer sem um herdeiro. Pela primeira vez em quatrocentos anos, o título ducal estava em risco de sair da família Fielding, e Charles estava repentinamente decidido a não o deitar fora, como deitara fora o resto da sua vida.

Era verdade que os Fielding nunca tinham sido uma família particularmente respeitável e digna, mas o título pertencia-lhes e Charles estava decidido a conservá-lo.

Mas para isso precisava de um herdeiro, o que significava que teria de voltar a casar. Depois de todas as proezas sexuais da juventude, a ideia de acasalar com uma mulher e gerar um filho parecia-lhe mais cansativa do que excitante. Pensou com tristeza em todas as belas raparigas que tinha levado para a cama tantos anos antes – na bela bailarina francesa que fora sua amante e o presenteara com um bastardo...

A alegria obrigou-o a pôr-se de pé. Não precisava de voltar a casar, porque já tinha um herdeiro! Tinha Jason. Não sabia muito bem se as leis da sucessão permitiam a passagem de um título ducal para um filho ilegítimo, mas também não lhe fazia a mais pequena diferença. Jason era um Fielding, e as pouquíssimas pessoas que sabiam da sua existência na Índia julgavam-no o filho muito legítimo do irmão mais novo de Charles. Além disso, o velho rei Carlos fizera duques três dos seus bastardos, e agora ele, Charles Fielding, duque de Atherton, preparava-se para lhe seguir o exemplo.

No dia seguinte, contratou investigadores para fazerem pesquisas, mas passaram dois longos anos até que esses investigadores enviaram finalmente um relatório com informações específicas. Não tinha sido possível encontrar o rasto à cunhada de Charles, mas Jason fora descoberto em Deli, onde, ao que parecia, fizera fortuna como armador e comerciante. O relatório começava com a atual morada de Jason e terminava com toda a informação que o investigador conseguira reunir a respeito do seu passado.

A orgulhosa exultação de Charles pelos êxitos financeiros de Jason depressa se transformou em horror e fúria ao saber da maneira depravada como a cunhada tinha tratado a criança inocente que

confiara ao seu cuidado. Quando acabou de ler, vomitou.

Mais do que nunca determinado a fazer de Jason o seu legítimo herdeiro, Charles enviou-lhe uma carta, em que lhe pedia que regressasse a Inglaterra para poder reconhecê-lo formalmente como tal.

Quando Jason não respondeu, Charles, com uma determinação que estivera durante muito tempo adormecida no seu carácter, embarcou para Deli. Cheio de inexprimível remorso e inquebrantável decisão, apresentou-se na magnífica casa de Jason. Logo no primeiro encontro, teve oportunidade de confirmar o que o relatório do investigador já lhe tinha dito: Jason estava casado, tinha um filho e vivia como um rei. Deixou também muito claro que não queria ter nada a ver com ele nem com o legado que estava a tentar oferecer-lhe. Ao longo dos meses seguintes, enquanto se mantinha teimosamente na Índia, conseguiu, pouco a pouco, convencer o frio e reticente filho de que de modo algum autorizara, ou sequer imaginara, os indizíveis abusos de que Jason fora vítima enquanto criança. Mas não conseguiu convencê-lo a regressar a Inglaterra como seu herdeiro.

Melissa, a bela mulher de Jason, estava fascinada pela ideia de ir para Londres como marquesa de Wakefield, mas nem as suas birras nem os constantes apelos de Charles tinham tido o mais pequeno efeito em Jason. Jason não queria saber de títulos e a inevitável perda de um ducado pelos Fielding deixava-o indiferente.

Charles quase desistiu quando descobriu o argumento perfeito. Certa noite, quando estava a ver Jason brincar com o filho, percebeu que havia alguém por quem Jason faria o que quer que fosse: Jamie. Jason amava loucamente o rapazinho. E Charles apressou-se a mudar de tática. Em vez de tentar convencer Jason das vantagens pessoais que o regresso representaria, fez notar que, ao recusar permitir que ele o nomeasse seu herdeiro, estava a negar ao pequeno Jamie o que lhe cabia por direito de nascimento.

Resultou.

Jason nomeou um homem competente para gerir os seus negócios em Deli e mudou-se com a família para Inglaterra. Com a intenção declarada de construir um «reino» para o filho, gastou fortunas a devolver às velhas propriedades dos Atherton um esplendor muito superior àquele que alguma vez tinham tido. Enquanto Jason se ocupava de supervisionar os trabalhos de restauro, Melissa apressava-se a ocupar na sociedade londrina o lugar a que tinha direito como nova marquesa de Wakefield. Um ano mais tarde, os rumores a respeito dos seus *affaires* amorosos espalhavam-se por Londres como um rastilho de pólvora. Meses depois, ela e o filho estavam mortos...

Charles arrancou-se a este triste devaneio na altura em que os pratos estavam a ser retirados.

– Vamos romper com o hábito esta noite? – sugeriu a Victoria. – Em vez de os cavalheiros ficarem à mesa para o porto e charutos, importas-te que o façamos contigo na sala de estar? Detesto a ideia de ficar sem a tua companhia.

Victoria desconhecia o hábito, mas em todo o caso estava mais do que disposta a romper com ele, e assim o disse. Quando se preparava para entrar na sala de estar decorada em tons de rosa e ouro, no entanto, Charles prendeu-lhe o braço e disse-lhe em voz baixa:

– Reparo que abandonaste o luto mais cedo, minha querida. Se a decisão foi tua, aplaudo... a tua mãe detestava o preto: disse-mo quando era uma rapariguinha e foi obrigada a usá-lo depois da morte dos pais. – O olhar penetrante de Charles fixou-se no dela. – A decisão foi tua, Victoria?

– Não – admitiu ela. – Mr. Fielding mandou deitar fora as minhas roupas e substituí-las por estas.

Charles assentiu com a cabeça.

– O Jason tem uma enorme aversão a tudo o que seja símbolos de luto, e a julgar pelos olhares

assassinos que lhe lançaste durante a ceia, deduzo que não estás satisfeita com o que ele fez. Devias dizer-lho. Não permitas que ele te intimide. O Jason detesta cobardes.

– Mas não quero perturbá-lo a si – respondeu Victoria, preocupada. – Disse que o seu coração não é muito forte.

– Não te preocupes comigo – disse ele, com uma gargalhada. – O meu coração é um pouco fraco, mas não tanto que não consiga aguentar um pouco de excitação. Na realidade, o mais certo é até fazer-me bem. A vida era incrivelmente aborrecida antes de tu chegares.

Quando Jason se sentou a saborear o seu cálice de porto e o seu charuto, Victoria tentou várias vezes fazer o que Charles lhe recomendara, mas sempre que olhava para ele e tentava abordar a questão das roupas, perdia a coragem. Jason vestira, para o jantar, umas calças antracite de corte impecável e um casaco a condizer, com um colete azul-escuro e uma camisa cinzento-pérola. Apesar da cuidada indumentária e da forma descontraída como estendera as pernas à sua frente e as cruzara nos tornozelos, parecia irradiar um poder implacável e mal contido. Havia nele qualquer coisa de primitivo e perigoso, e ela tinha a desconfortável sensação de que as roupas elegantes e a pose indolente eram apenas disfarces destinados a convencer os incautos de que era civilizado, quando na verdade não era.

Jason mexeu-se ao de leve e Victoria lançou-lhe um novo olhar. Tinha a cabeça inclinada para trás, o fino charuto preso entre os dentes brancos e regulares, as mãos apoiadas nos braços do cadeirão, o rosto bronzeado escondido na sombra. Victoria sentiu um arrepio gelado descer-lhe pela espinha quando perguntou a si mesma que escuros segredos jazeriam enterrados no passado dele. Eram de certeza muitos, para o terem tornado tão cético e inacessível. Parecia o género de homem que tinha visto e feito todo o género de coisas terríveis e proibidas – coisas que o tinham tornado duro e frio. E no entanto era atraente – de uma maneira má e perigosa, com o seu cabelo negro como a pelagem de uma pantera, os seus olhos verdes e a sua magnífica constituição física. Victoria não podia negá-lo, e se não fosse o medo que a maior parte do tempo lhe inspirava, gostaria de conversar com ele. Como seria tentador tentar fazer amizade com aquele homem – tentador como o pecado, admitia, e tão louco como tentar fazer amizade com o Diabo. E provavelmente não menos perigoso.

Inspirou fundo, cautelosa, preparada para insistir delicada mas firmemente na questão das roupas de luto, quando Northrup apareceu a anunciar a chegada de Lady Kirby e da filha.

Victoria viu Jason pôr-se rígido e lançar um olhar sardónico a Charles, que respondeu com um intrigado encolher de ombros e se voltou para Northrup.

– Mande-as embora... – começou, mas era demasiado tarde.

– Não é preciso anunciar-nos, Northrup – disse uma voz firme, e uma mulher robusta entrou na sala como um galeão de velas desfraldadas, seguida por um ondular de saias de cetim vermelho-escuro, um pesado rasto de perfume e uma morena bonita mais ou menos da idade de Victoria. – Charles! – exclamou Lady Kirby, com um sorriso rasgado. – Ouvi dizer que esteve hoje na aldeia com uma jovem chamada Miss Seaton e, naturalmente, precisava de vê-la com os meus próprios olhos. – Quase sem uma pausa para respirar, voltou-se para Victoria e continuou. – Deve ser Miss Seaton. – Calou-se por um instante enquanto os seus olhos escrutinavam uma a uma as feições de Victoria, como se estivesse à procura de defeitos. Encontrou um. – Que intrigante marca no queixo, minha querida. Como aconteceu? Um acidente?

– De nascença – respondeu Victoria, demasiado fascinada pela extravagante criatura para se sentir ofendida. Na realidade, começava a perguntar-se se Inglaterra estaria cheia de pessoas estranhas,

mal-educadas e rudemente francas cujas excentricidades eram ignoradas por causa dos seus títulos ou riqueza excessiva.

– Que pena – disse Lady Kirby. – Incomoda-a... ou dói-lhe?

Os lábios de Victoria tremeram de riso.

– Só quando olho para o espelho – respondeu.

Insatisfeita, Lady Kirby voltou-se para Jason, que se tinha levantado do cadeirão e estava junto à lareira, com o braço apoiado na consola.

– Então, Wakefield – disse –, pelo aspeto das coisas aqui, o anúncio no jornal parece ser verdadeiro. Para ser franca... nunca acreditei. Então, é?

Jason arqueou as sobrancelhas.

– É o quê?

Charles interrompeu-os, abafando as palavras de Lady Kirby.

– Northrup, traga qualquer coisa para as senhoras!

Toda a gente se sentou. Lady Kirby ocupou o lugar ao lado de Jason enquanto Charles se lançou apressadamente numa animada palestra a respeito do tempo. Lady Kirby escutou-o, impaciente, até que o monólogo se lhe esgotou; voltou-se então para Jason e perguntou:

– Wakefield, o seu noivado está feito ou desfeito?

Jason levou o copo aos lábios, com os olhos frios.

– Desfeito.

Victoria viu as várias reações àquela única palavra nos rostos que a rodeavam. Lady Kirby pareceu satisfeita, a filha deliciada. Charles fez um ar infeliz e Jason manteve uma expressão imperscrutável. O coração compassivo de Victoria enterneceu-se imediatamente. Não admirava que andasse tão sombrio e intratável: a mulher que amava devia ter rompido o noivado. Estranhou, no entanto, o facto de as duas Kirby se terem voltado para ela, como que à espera de que dissesse qualquer coisa.

Sorriu sem compreender, e Lady Kirby, tomou as rédeas da conversa.

– Bem, Charles, nesse caso suponho que pretende apresentar a pobre Miss Seaton durante a *saison*.

– Tenciono certificar-me de que a *condessa Langston* ocupa o lugar a que tem direito na sociedade – corrigiu ele, num tom gelado.

– Condessa Langs... – arquejou Lady Kirby.

Charles inclinou a cabeça.

– A Victoria é a filha mais velha da Katherine Langston. A menos que me engane quanto às leis da sucessão, é agora a herdeira do título escocês da mãe.

– Mesmo assim – disse Lady Kirby, rígida –, não vai ser fácil arranjar um casamento adequado para ela. – Voltou-se para Victoria, a ressumar falsa compaixão. – A sua mãe causou um escândalo considerável quando fugiu com aquele camponês irlandês.

A indignação em defesa da mãe incendiou o sangue nas veias de Victoria.

– A minha mãe *casou* com um *médico* irlandês – corrigiu.

– Sem autorização da avó – contrapôs Lady Kirby. – Neste país, as meninas bem nascidas não casam contra a vontade da família.

A óbvia insinuação de que Katherine não fora uma menina bem nascida deixou Victoria tão furiosa que cravou as unhas nas palmas das mãos.

– Oh, a sociedade acaba sempre por esquecer essas coisas – continuou Lady Kirby, generosa. – Entretanto, vai ter muito que aprender antes de poder ser apresentada. Vai ter de aprender a forma correta de se dirigir a cada membro da aristocracia, à esposa e aos filhos, e, claro, há a etiqueta envolvida nas visitas e os problemas ainda mais complicados da disposição dos lugares à mesa. Só essa parte demora meses a dominar... quem se pode sentar ao lado de quem à mesa, quero eu dizer. As pessoas das colónias ignoram essas coisas, mas nós, os Ingleses, damos muita importância às questões de conveniência.

– Talvez isso explique por que sempre vos derrotámos na guerra – sugeriu Victoria com um sorriso doce, a sentir-se na obrigação de defender a família e o país.

Lady Kirby semicerrou os olhos.

– Não tive a intenção de ofender. Em todo o caso, vai ter de aprender a dobrar a língua se quiser ter a esperança de conseguir um casamento adequado, além de estar à altura da reputação da sua mãe.

Victoria pôs-se de pé e declarou com calma dignidade:

– Vai ser muito difícil para mim estar *à altura* da reputação da minha mãe. A minha mãe foi a mulher mais gentil e bondosa que alguma vez viveu. Agora, se me dão licença, tenho umas cartas para escrever.

Fechou a porta depois de sair e dirigiu-se pelo corredor à biblioteca, uma sala gigantesca com tapetes persas espalhados pelo soalho de madeira brilhante como um espelho e paredes cobertas de estantes do chão ao teto. Demasiado furiosa para se sentar a uma das secretárias e escrever de facto uma carta a Dorothy ou a Andrew, foi percorrendo as estantes, à procura de qualquer coisa que lhe acalmasse o espírito. Deixando para trás as secções de história, mitologia e comércio, chegou à poesia. Passou distraidamente o olhar pelos autores, alguns dos quais já conhecia: Milton, Shelley, Keats, Byron. Sem verdadeiro interesse na leitura, pegou por puro acaso num volume fino apenas porque sobressaía vários centímetros em relação ao outros da mesma prateleira e levou-o para o grupo mais próximo de cadeirões confortáveis.

Subiu o pavio do candeeiro a azeite que estava em cima da mesa, instalou-se e obrigou-se a abrir o livro. Uma folha de perfumado papel cor-de-rosa deslizou do meio das páginas e caiu no chão. Apanhou-a num gesto automático e começou a devolvê-la ao seu lugar, mas as primeiras palavras da tórrida mensagem, escrita em francês, saltaram-lhe aos olhos:

Querido Jason,

Tenho tantas saudades tuas. Espero impaciente, a contar as horas até que venhas ter comigo...

Victoria disse a si mesma que ler uma carta de outra pessoa era má-educação, imperdoável e totalmente indigno dela, mas a ideia de uma mulher esperar com impaciência que Jason Fielding fosse ter com ela era tão incrível que conseguiu dominar a sua espantada curiosidade. Pelo seu lado, sentir-se-ia mais inclinada a esperar com impaciência que ele se fosse embora! Estava tão embrenhada na sua descoberta que não ouviu Jason e Miss Kirby aproximarem-se pelo corredor enquanto continuava a ler:

Envio-te estes poemas encantadores na esperança de que os leias e penses em mim, nas ternas noites que partilhámos nos braços um do outro...

– Victoria! – chamou Jason, irritado.

Victoria levantou-se de um salto, cheia de remorso nervoso, deixou cair o livro, apanhou-o e voltou a sentar-se. Tentando parecer absorta na leitura, abriu o livro e ficou a olhar para ele cegamente, sem se aperceber de que estava de pernas para o ar.

– Porque não respondeu? – perguntou Jason, entrando na biblioteca com a encantadora Miss Kirby pendurada do braço. – A Johanna queria despedir-se e oferecer as suas sugestões se precisar de comprar alguma coisa na aldeia.

Depois do ataque não provocado de Lady Kirby, Victoria não pôde impedir-se de perguntar a si mesma se Miss Kirby estaria agora a sugerir que ela não tinha tino suficiente para fazer as suas próprias compras.

– Peço desculpa, não ouvi chamar – disse, esforçando-se por compor as feições de modo que não mostrassem irritação nem culpa. – Como vê, estava a ler, e deixei-me absorver. – Fechou o livro e pousou-o em cima da mesa, obrigando-se a olhar calmamente para os dois. A expressão de repugnância no rosto de Jason fê-la recuar um passo, alarmada. – O que foi... aconteceu alguma coisa? – perguntou, com a receosa certeza de que ele se lembrava de que a mensagem estava naquele livro e suspeitava de que a tinha lido.

– Aconteceu – respondeu Jason, e voltou-se para Miss Kirby, que olhava para Victoria com uma expressão semelhante à dele. – Johanna, pode recomendar alguém da aldeia capaz de ensiná-la a ler?

– Ensinar-me a ler? – arquejou Victoria, encolhendo-se ao ver a desdenhosa piedade espelhada no bonito rosto da morena. – Não seja tolo, não preciso de um professor... sei perfeitamente ler e escrever.

Jason ignorou-a e continuou a olhar para Miss Kirby.

– Pode dar-me o nome de alguém disposto a vir até cá ensiná-la?

– Sim, penso que sim, senhor. Mr. Watkins, o vigário, seria a pessoa ideal.

Com o ar sofredor de quem já foi obrigado a tolerar demasiados insultos e não está disposto a aguentar mais um, Victoria disse com grande firmeza:

– Sinceramente, isto é absurdo. Não preciso de um professor. *Sei ler.*

Os modos de Jason tornaram-se gelados.

– Não volte a mentir-me – avisou. – Desprezo os mentirosos... e em particular as mentirosas. Não consegue ler uma palavra, e sabe-o muito bem!

– Não acredito nisto! – disse Victoria, ignorando o arquejo horrorizado de Miss Kirby. – Estou a dizer-lhe que sei ler!

Exasperado por aquilo que percebia como uma tentativa flagrante de o enganar, Jason avançou três grandes passadas até à mesa, pegou no livro e enfiou-lho nas mãos.

– Então leia!

Furiosa e humilhada por estar a ser tratada daquela maneira, sobretudo em frente de Miss Kirby,

que não tentava sequer disfarçar a satisfação que tudo aquilo lhe causava, Victoria abriu o pequeno livro e viu a mensagem perfumada.

– Vá – troçou Jason. – Ouçamo-la ler.

Victoria lançou-lhe um deliberado e especulativo olhar de soslaio.

– Tem a certeza absoluta de que quer que eu leia isto em voz alta?

– Em voz alta – respondeu Jason, secamente.

– Em frente de Miss Kirby? – insistiu ela, cheia de inocência.

– Leia ou admita que não sabe – respondeu ele.

– Muito bem – disse Victoria. A engolir o riso que lhe borbilhava na garganta, leu num tom dramático: – Querido Jason, tenho tantas saudades tuas. Espero impaciente, a contar as horas até que venhas ter comigo. Envio-te estes poemas encantadores na esperança de que os leias e penses em mim, nas ternas noites que partilhámos nos braços um do ou...

Jason arrancou-lhe o livro das mãos. De sobrelhas arqueadas, Victoria olhou-o nos olhos e recordou-lhe calmamente:

– Essa mensagem está escrita em francês. Traduza enquanto lia. – Voltou-se para Miss Kirby e acrescentou, jovial: – Havia mais, claro. Mas *não* me parece que seja o género de material de leitura que se deva deixar espalhado por aí quando há meninas bem nascidas por perto. Não acha?

E antes que qualquer dos dois pudesse responder, voltou-lhes as costas e saiu de cabeça bem erguida.

Lady Kirby esperava no átrio, pronta para sair. Victoria despediu-se friamente das duas mulheres e começou a subir a escadaria, na esperança de escapar à inevitável fúria de Jason, que, não duvidava, se abateria sobre ela no instante em que as visitas partissem. No entanto, o comentário de despedida de Lady Kirby provocou nela uma explosão de fúria que obliterou tudo o mais.

– Não se sinta diminuída por causa da desistência de Lord Fielding, minha querida – disse a mulher, enquanto Northrup as ajudava a vestir as capas. – A verdade é que poucas pessoas acreditaram no anúncio de noivado que apareceu no jornal. Toda a gente tinha a certeza de que quando a menina chegasse, ele havia de arranjar maneira de se libertar. O maroto deixou bem claro que nunca casaria fosse com quem fosse.

Charles empurrou-a para fora a pretexto de acompanhá-la até à carruagem, e Victoria deteve-se a meio da escadaria e voltou-se. A tremer de ira contida como uma bela deusa ofendida, olhou para Jason.

– Devo entender – perguntou, furiosa – que o noivado que o senhor declarou «desfeito» era o *nosso* noivado?

A única resposta de Jason foi cerrar os dentes, mas o seu silêncio era uma confissão tácita, e ela fitou-o com chispas azuis a saltarem-lhe dos olhos, indiferente aos criados que assistiam paralisados pelo horror.

– Como se atreveu! – sibilou. – Como permitiu que alguém pensasse que eu consideraria sequer a possibilidade de casar consigo? Nunca casaria consigo nem...

– Não me lembro de lhe ter *pedido* que casasse comigo – interrompeu-a Jason, sarcástico. – Em todo o caso, é tranquilizador saber que se alguma vez perdesse o juízo e lhe *pedisse*, teria a consideração de me recusar.

Perigosamente perto das lágrimas porque estava a perder a compostura mas não conseguia abalar a dele, Victoria mirou-o de alto a baixo com cáustico desdém.

– É um monstro frio, grosseiro, arrogante e insensível, sem respeito ou sentimento por quem quer que seja... nem sequer pelos mortos! Nenhuma mulher no seu perfeito juízo o quererá! O senhor é...

A voz quebrou-se-lhe e ela fez meia-volta e correu escada acima.

Jason ficou a vê-la do átrio, onde dois lacaios e o mordomo permaneciam pregados ao chão, paralisados pelo medo do momento em que o amo abateria a sua fúria sob aquela jovem que acabava de fazer o imperdoável. Ao cabo de um longo momento, Jason enfiou as mãos nos bolsos. Olhou para o siderado mordomo e disse:

– Acho que acabo de apanhar aquilo a que se chama «uma valente descompostura», Northrup.

Northrup engoliu em seco mas continuou calado até Jason ter desaparecido no alto das escadas; voltou-se então para os dois lacaios.

– Vão tratar das vossas obrigações e não digam uma palavra a respeito disto seja a quem for – disse, e afastou-se.

O'Malley estava a olhar, de boca aberta, para o outro laçao.

– Ela fez-me uma cataplasma que me curou a dor de dentes – murmurou. – Talvez também tenha feito alguma coisa para curar o mau génio de sua senhoria.

E, sem esperar por uma resposta, dirigiu-se à cozinha para relatar a Mrs. Craddock e ao resto do pessoal o espantoso incidente que acabava de testemunhar. Com a partida de Monsieur André – graças à jovem vinda da América –, a cozinha tornara-se um lugar agradável para passar alguns momentos quando a atenção vigilante de Northrup estava voltada para outro lado.

Uma hora mais tarde, toda a bem treinada e perfeitamente arregimentada criadagem da mansão tinha interrompido os seus trabalhos durante o tempo suficiente para ouvir, incrédula, a história do drama que se desenrolara no átrio e na escadaria. Passada mais meia hora, o relato da inaudita passagem de sua senhoria de gelada dignidade para calorosa humanidade face a uma provocação extrema tinha chegado às cavalariças e às casas dos coiteiros.

No seu quarto, as mãos de Victoria tremiam enquanto ela tirava os ganchos do cabelo e despiu o vestido cor de pêssego. Ainda a lutar contra as lágrimas, pendurou-o no guarda-fato, vestiu a camisa de noite e enfiou-se na cama. As saudades de casa invadiram-na em grandes e avassaladoras vagas. Queria sair dali, pôr um oceano de distância entre ela própria e pessoas como Jason Fielding e Lady Kirby. A mãe tinha provavelmente saído de Inglaterra pela mesma razão. A mãe... A sua bela e doce mãe, pensou com um soluço abafado. Lady Kirby não era digna de tocar sequer a orla da saia de Katherine Seaton!

As recordações da sua vida anterior, mais feliz aglomeraram-se à volta de Victoria até que o quarto em Wakefield Park ficou cheio delas. Recordou o dia em que apanhara um ramalhete de flores silvestres para a mãe e sujara o vestido de terra ao fazê-lo. «*Olha, mamã, não são as mais bonitas que alguma vez viste?*», dissera. «*Apanhei-as para ti... mas sujei o vestido.*»

«*São muito bonitas*», concordara a mãe, e abraçara-a ignorando o vestido sujo. «*Mas és tu a coisa mais bonita que alguma vez vi.*»

Lembrou-se de quando tinha sete anos e adoecera com uma febre que a deixara às portas da morte. Noite após noite a mãe sentara-se à sua cabeceira, a passar-lhe uma esponja molhada pela testa e pelos braços enquanto ela oscilava entre a vigília e o delírio. Na quinta noite, acordara nos braços da mãe, com a cara molhada pelas lágrimas que escorriam pelas faces dela. Katherine embalava-a para trás e para a frente, a chorar e a repetir sem parar a mesma prece: «*Por favor, não deixes a minha menina morrer. Ela é tão pequenina e tem medo do escuro. Por favor, Deus...*»

No luxuoso casulo de seda da sua cama em Wakefield, Victoria enterrou o rosto na almofada, com o corpo sacudido pelos soluços.

– Oh, mamã – disse, numa voz entrecortada. – Oh, mamã, tenho tantas saudades tuas...

Jason deteve-se à porta do quarto e ergueu a mão para bater, mas suspendeu o gesto ao ouvir os soluços, de sobrolho franzido. Ela ia provavelmente sentir-se melhor depois de ter chorado tudo o que tinha a chorar, pensou. Por outro lado, se continuasse a chorar daquela maneira, ia de certeza ficar doente. Ao cabo de alguns segundos de hesitação, foi ao seu próprio quarto, verteu um dedo de *brandy* num copo e voltou ao dela.

Bateu – como Victoria tão arrogantemente lhe dissera que fizesse horas antes – e, ao não obter resposta, abriu a porta e entrou. Ficou de pé ao lado da cama, a ver os ombros dela serem sacudidos pelos espasmos que o intolerável desgosto lhe provocava. Já tinha visto mulheres chorar, mas tinham sido sempre lágrimas delicadas e deliberadas, destinadas a vergar a vontade de um homem. Na escadaria, Victoria disparara lanças verbais contra ele como uma guerreira enfurecida, e então retirara-se para o seu quarto para chorar num patético segredo.

Pousou a mão no ombro dela.

– Victoria...

Victoria voltou-se até ficar de costas e soergueu-se apoiada nos cotovelos, com os olhos azul-escuros como veludo molhado, as densas pestanas perladas de lágrimas.

– Saia! – exigiu, num murmúrio rouco. – Saia imediatamente, antes que alguém o veja! – Jason olhou para a tempestuosa beldade de olhos azuis que tinha à sua frente, com as faces coradas de raiva e o cabelo ruivo a cair-lhe numa tumultuosa desordem sobre os ombros. Com a sua recatada camisa de noite fechada no pescoço, tinha a atração inocente de uma criança confusa com o coração destroçado; e no entanto havia desafio na firmeza do queixo e orgulho furioso a brilhar-lhe nos olhos, num aviso para que não a subestimasse. Jason recordou a ousada impertinência dela na biblioteca quando lera deliberadamente a mensagem em voz alta sem fazer o mais pequeno esforço para disfarçar a satisfação que o desconcerto dele lhe causava. Melissa fora a única mulher que alguma vez ousara desafiá-lo, mas só o fazia nas suas costas. Victoria Seaton fazia-o na sua cara, e ele quase a admirava por isso.

Ao ver que ele não fazia menção de sair, Victoria limpou as lágrimas da cara com um gesto irritado, puxou as rupas da cama até ao pescoço e começou a recuar centímetro a centímetro até ficar sentada com as costas apoiadas nas almofadas.

– Tem noção do que as pessoas diriam se soubessem que está aqui? – sibilou. – Será que não tem princípios?

– Nenhuns – admitiu ele, impudente. – Prefiro ser prático a ter princípios. – Ignorando o olhar furioso de Victoria, sentou-se na beira da cama. – Tome, beba isto.

Aproximou o copo com o líquido ambarino da cara dela para que Victoria pudesse cheirar a bebida.

– Não – disse ela, abanando a cabeça. – Nem pensar nisso.

– Beba – disse ele, num tom calmo. – Ou despejo-lho pela garganta abaixo.

– Não se atreveria!

– Sim, Victoria, atrever-me-ia. Agora seja uma menina bonita e beba isto. Vai fazê-la sentir-se melhor.

Victoria percebeu que não valia a pena discutir, e estava demasiado fraca para resistir fisicamente.

Bebeu um ofendido gole do líquido horrível e tentou cuspi-lo na mão.

– Sinto-me muito melhor – mentiu.

Um brilho divertido iluminou os olhos dele, mas a voz manteve-se implacável.

– Beba o resto.

– *Depois* vai-se embora? – perguntou ela, numa desgraciosa capitulação. Ele assentiu. Tentando acabar com aquilo o mais depressa possível, Victoria bebeu dois rápidos goles, e dobrou-se, engasgada, quando o *brandy* lhe queimou o esófago até ao estômago. – É horrível – arquejou, deixando-se cair nas almofadas.

Jason guardou silêncio durante vários minutos, deixando que a bebida espalhasse o seu reconfortante calor pelo corpo dela. E então disse, numa voz calma:

– Em primeiro lugar, foi o Charles, e não eu, que anunciou o nosso noivado no jornal. Em segundo lugar, tem tanta vontade de ser minha noiva como eu de ser seu noivo. Estou correto?

– Completamente – confirmou Victoria.

– Nesse caso, porque é que está a chorar por *não estarmos* noivos?

Victoria lançou-lhe um olhar de altivo desdém.

– Não estava a fazer nada disso.

– Não? – Divertido, Jason olhou para as lágrimas que continuavam agarradas às pestanas reviradas e entregou-lhe um lenço muito branco. – Diga-me então por que razão tem o nariz vermelho, as faces inchadas, a cara pálida e...

Um riso embaraçado, induzido pelo *brandy*, subiu à garganta de Victoria enquanto ela limpava o nariz.

– É muito pouco cavalheiresco da sua parte comentar essas coisas.

Um sorriso preguiçoso transformou as duras feições dele.

– Tenho a certeza de que não fiz nada que lhe desse a impressão de que sou um cavalheiro!

Foi a preocupação exagerada na voz dele que pôs um sorriso relutante nos lábios dela.

– Absolutamente nada – garantiu-lhe. Bebeu mais um pequeno gole de *brandy* e voltou a recostar-se nas almofadas. – Não estava a chorar por causa do ridículo noivado... Isso só serviu para me enfurecer.

– Então porque chorava?

Victoria fez rodar o copo entre as palmas das mãos, enquanto estudava o líquido.

– Estava a chorar pela minha mãe. Lady Kirby disse que eu tinha de estar à altura da reputação dela, e fiquei furiosa por não conseguir lembrar-me de nada para dizer. – Lançou-lhe um rápido olhar por baixo das pestanas e porque, para variar, ele parecia genuinamente interessado e acessível, continuou, com a voz entrecortada. – A minha mãe era generosa, gentil e meiga. Comecei a lembrar-me de como ela era maravilhosa, e isso fez-me chorar. Sabe, é que desde que os meus pais morreram, tenho estes... estranhos acessos em que num instante estou perfeitamente bem e no instante seguinte começo a ter imensas saudades deles, e isso faz-me chorar.

– É natural chorar pelas pessoas que amamos – disse Jason, num tom tão suave que ela mal quis acreditar que era ele que estava a falar.

Agora estranhamente reconfortada pela sua presença e pela sua voz profunda e ressonante, Victoria abanou a cabeça.

– Choro por mim – confessou, envergonhada. – Choro com pena de mim mesma porque os perdi. Nunca pensei que fosse tão cobarde.

– Já vi homens corajosos chorar, Victoria – disse ele em voz baixa. Victoria estudou as feições duras, como que esculpidas em pedra. Mesmo com o efeito suavizador da luz das velas, tinha um ar supremamente invulnerável. Era impossível imaginá-lo com lágrimas nos olhos. Com a sua reserva habitual muito diminuída pelo *brandy*, pôs a cabeça um pouco de lado e perguntou:

– Alguma vez chorou?

Viu, desapontada, a expressão dele tornar-se distante.

– Não.

– Nem sequer quando era um rapazinho? – insistiu ela, a tentar aligeirar-lhe o humor espicaçando-o.

– Nem mesmo então – foi a seca resposta.

De repente, Jason fez menção de se levantar, mas Victoria, num gesto impulsivo, pousou-lhe a mão na manga. O olhar dele fixou-se nos dedos compridos que lhe pousavam no braço e ergueu-se até aos grandes e interrogativos olhos dela.

– Mr. Fielding – começou ela, a tentar desesperadamente manter a curta trégua entre os dois, e se possível reforçá-la –, sei que não gosta de me ter aqui, mas não vou ficar muito tempo. Só até que o Andrew me venha buscar.

– Pode ficar o tempo que quiser – respondeu ele, com um encolher de ombros e uma expressão fria.

– Obrigada – disse Victoria, com o rosto encantador a espelhar a confusão que lhe causavam aquelas abruptas mudanças de humor. – Mas o que queria dizer era que ficaria muito feliz se pudéssemos ter uma relação, bem, mais amistosa.

– Que espécie de «relação amistosa» tem em mente, minha senhora? – Entorpecida pelo *brandy*, Victoria não detetou o sarcasmo na voz.

– Bem, se não quisermos ser muito exigentes, somos primos afastados. – Fez uma pausa, com os olhos a sondarem-lhe o rosto enigmático em busca de um qualquer sinal de calor. – Não me restam mais parentes, exceto o tio Charles e o senhor. Acha que podemos tratar-nos como primos?

Ele pareceu espantado pela proposta, e depois divertido.

– Suponho que podemos fazer isso.

– Obrigada.

– Agora durma.

Ela assentiu com a cabeça e aninhou-se debaixo das roupas.

– Oh, esqueci-me de pedir desculpa... pelas coisas que lhe disse quando estava zangada.

Ele torceu os lábios.

– Arrepende-se de algumas delas?

Victoria arqueou as sobrancelhas e olhou para ele com um sorriso sonolento e impertinente.

– Mereceu-as todas.

– Tem razão – admitiu ele, com um sorriso. – Mas não abuse da sua sorte.

Reprimindo o desejo de lhe despentear o cabelo, Jason foi para o seu quarto, serviu-se de um *brandy*, sentou-se e apoiou os pés na mesa à sua frente. Com um toque de seca ironia, ponderou se Victoria Seaton estaria a trazer à superfície a faceta protetora que sabia haver em si. Quando ela chegou, a sua intenção foi recambiá-la diretamente para a América – e isso foi *antes* de ela pôr a casa em polvorosa. Talvez por ela ter um ar tão perdido e vulnerável – e ser tão jovem e delicada –, despertou nele uma espécie de instinto paternal. Ou talvez fosse a sua candura que o desconcertava.

Ou aqueles olhos que pareciam sondar-lhe o rosto como se andassem à procura da alma. Não tinha manhas coquetes; nem precisava, pensou: aqueles olhos eram capazes de seduzir um santo.

CAPÍTULO 8

— Nem sei dizer-te como lamento o que aconteceu ontem à noite — disse-lhe Charles ao pequeno-almoço, na manhã seguinte, com o rosto marcado pela preocupação e pelo remorso. — Foi um erro anunciar o teu noivado com o Jason, mas esperava tanto que os dois se dessem bem. Quanto a Lady Kirby, é uma velha bruxa, e a filha há dois anos que anda atrás do Jason. Foi por isso que vieram para cá a correr para te darem uma vista de olhos.

— Não precisa de voltar a explicar tudo isso, tio Charles — disse Victoria, num tom bondoso. — Ninguém se magoou.

— Talvez não, mas além de todas as suas outras desagradáveis qualidades, a Kirby é a pior das coscuvilheiras. Agora que sabe que estás cá, vai certificar-se de que toda a gente fica a saber, o que significa que vamos ser invadidos por visitantes desejosos de te ver. O que, por sua vez, significa que vai ser necessário garantir a presença de uma companhia adequada, para que ninguém possa lançar calúnias por viveres com dois homens. — Ergueu o olhar quando Jason entrou, e Victoria pôs-se tensa, na esperança de que a trégua conseguida na noite anterior se mantivesse à luz do dia. — Jason, estava a explicar à Victoria a necessidade de uma companhia feminina. Pedi à Flossie Wilson que viesse — continuou, referindo-se à tia solteira que em tempos ajudara a cuidar de Jamie. — É completamente pateta, mas é a minha única parente, e a única companhia aceitável para a Victoria que conheço. Apesar de desmiolada, sabe mover-se na sociedade.

— Ótimo — respondeu Jason, distraído, indo deter-se junto à cadeira de Victoria. Olhou para ela, com uma expressão imperscrutável. — Espero que não esteja a sofrer quaisquer efeitos nocivos da sua aventura com o *brandy*, ontem à noite.

— Nenhum — respondeu ela, jovial. — A verdade é que até gostei, depois de me ter habituado.

Um sorriso preguiçoso espalhou-se pelo rosto bronzeado, e o coração de Victoria acelerou. Jason Fielding tinha um sorriso capaz de derreter um glaciar!

— Tenha cuidado, não vá começar a gostar demasiado — disse ele, e acrescentou, a provocá-la: — ...prima.

Perdida em esperançosos sonhos de tornar Jason seu amigo, Victoria deixou de prestar atenção à conversa entre os dois homens até que Jason falou diretamente com ela.

— Ouviu, Victoria?

Victoria ergueu os olhos, com uma expressão vazia.

— Peço desculpa, não estava a ouvir.

— Na sexta-feira, espero a visita de um vizinho que regressou recentemente de França — repetiu Jason. — Se trouxer a esposa, gostaria de a apresentar. — O fugaz lampejo de prazer que este início claramente amistoso lhe causou foi de imediato extinto pela explicação que se seguiu. — A condessa de Collingwood é um exemplo perfeito de como nos devemos conduzir em sociedade. Seria sensato da sua parte observar o comportamento dela e imitá-lo.

Victoria corou, sentindo-se como uma criança mal comportada a quem acabassem de dizer que deveria seguir o exemplo de outra pessoa. Além disso, já conhecera quatro aristocratas ingleses – Charles, Jason, Lady Kirby e Johanna Kirby. Com exceção de Charles, achara-os todos de difícil convívio, e não lhe agradava a perspectiva de conhecer mais dois. Mas mesmo assim reprimiu a ira e pôs de lado os seus receios.

– Obrigada – disse, delicada. – Terei muito prazer em conhecer os dois. – Victoria passou os quatro dias seguintes agradavelmente ocupada a escrever cartas ou na companhia de Charles. Na tarde do quinto dia, desceu à cozinha para ir buscar mais um prato de restos para *Willie*.

– Esse animal vai ficar suficientemente gordo para ser montado se continua a alimentá-lo dessa maneira – comentou Mrs. Craddock, com um sorriso bem-humorado.

– Ainda falta muito para isso – respondeu Victoria, retribuindo o sorriso. – Talvez leve também aquele osso grande... ou está a planear usá-lo para fazer sopa?

Mrs. Craddock assegurou-lhe que não e deu-lhe o osso enorme. Victoria agradeceu-lhe e já ia a sair quando se lembrou de uma coisa e voltou para trás.

– Ontem à noite, Mr. Field... Sua senhoria – corrigiu-se, notando como as criadas se imobilizavam à simples menção do nome de Jason – disse que o pato assado era o melhor que alguma vez provará. Não sei se se lembrou de lho dizer – explicou, sabendo muito bem que nunca Jason se daria a esse incómodo –, mas pensei que gostaria de saber.

As faces gorduchas de Mrs. Craddock coraram de prazer.

– Obrigada, senhora – respondeu.

Victoria descartou o título com um sorriso e um aceno da mão e saiu da cozinha.

– Esta sim, é uma *verdadeira* senhora – disse Mrs. Craddock às outras cozinheiras depois de ela ter desaparecido. – É delicada e bondosa e nada como aquelas meninas insípidas de Londres, ou as vaidosas que sua senhoria traz cá a casa de vez em quando. O O'Malley diz que é uma condessa. Ouviu sua senhoria dizê-lo a Lady Kirby, quando ela cá veio.

Victoria levou a comida até ao lugar onde deixava as refeições de *Willie* havia já nove dias. Em vez de se manter na segurança das árvores, como costumava fazer, o cão avançou alguns passos quando a viu aparecer.

– Toma – disse Victoria, a rir baixinho. – Olha o que eu te trouxe. – O coração começou a bater-lhe mais depressa, de felicidade, quando o enorme cão preto e cinzento se aproximou até chegar ao seu alcance, muito mais perto do que em qualquer outra ocasião. – Se me deixares fazer-te uma festa, *Willie* – continuou, avançando mais alguns centímetros com a tigela na mão –, logo à noite, depois do jantar, trago-te outro delicioso osso.

O cão deteve-se, a olhar para ela com uma mistura de medo e desconfiança.

– Eu sei que tu queres isto – continuou Victoria, dando mais um pequeno passo –, e eu quero ser tua amiga. Provavelmente achas que esta comida é um suborno – disse, dobrando-se devagar para colocar a comida entre os dois –, e tens toda a razão. É que, sabes, sinto-me tão sozinha como tu, mas nós os dois podemos tornar-nos grandes amigos. Nunca tive um cão, sabias?

Os olhos gulosos do animal saltitavam dela para a comida e da comida para ela. Ao cabo de um instante, aproximou-se um pouco mais da tigela, mas sem deixar de vigiá-la, nem sequer quando baixou a cabeça e começou a comer sofregamente. Victoria continuou a falar com ele, na esperança de o tranquilizar.

– Não imagino o que estava Mr. Fielding a pensar quando te escolheu o nome... Não tens nada ar

de *Willie*. Eu ter-te-ia chamado *Wolf*, ou *Emperor*... qualquer coisa tão imponente como tu és.

Mal acabou de comer, o cão começou a afastar-se, mas Victoria estendeu a mão, mostrando-lhe o grande osso.

– Tens de mo tirar da mão, se o quiseres – avisou.

O cão olhou para o osso apenas por um curto instante antes de o agarrar com as grandes mandíbulas e lho tirar da mão. Victoria estava à espera de vê-lo correr para o bosque, mas, para sua delícia, depois de uma tensa e desconfiada pausa, *Willie* deitou-se perto dela e começou a roê-lo. De repente, Victoria sentiu-se como se o céu estivesse a sorrir-lhe. Já não se sentia indesejada e uma intrusa em Wakefield: ambos os Fielding eram agora seus amigos, e em breve teria também *Willie* como companheiro. Agachou-se e fez uma festa na enorme cabeça.

– Estás a precisar de uma boa escovadela – disse, enquanto via os dentes cor de marfim roerem o osso. – Quem me dera que a Dorothy pudesse ver-te – continuou, num tom mais triste. – Adora animais e tem muito jeito para eles. Punha-te a fazer habilidades enquanto o Diabo esfrega um olho.

A ideia fê-la sorrir, e logo a seguir a saudade doeu.

Foi a meio da tarde do dia seguinte que Northrup apareceu para lhe comunicar que Lord Collingwood tinha chegado e que Lord Fielding desejava vê-la no seu gabinete.

Victoria lançou um olhar apreensivo ao espelho do toucador e então sentou-se para prender o cabelo num cuidado rolo, preparando-se para conhecer um robusto e friamente orgulhoso aristocrata da idade de Lady Kirby.

– A carruagem partiu o eixo de uma roda a caminho daqui e foram dois camponeses que a trouxeram num carroção – dizia Jason a Robert Collingwood, com um sorriso seco nos lábios. – Quando estavam a tirar o baú do carroção, dois dos leitões fugiram, e a Victoria apanhou um deles precisamente no momento em que o Northrup abriu a porta. Viu-a com o leitão nos braços e confundiu-a com uma camponesa, de modo que lhe disse que fizesse a entrega nas traseiras. Quando a Victoria recusou, ordenou a um dos lacaios que a expulsasse da propriedade – terminou Jason, enquanto entregava a Collingwood um copo de clarete.

– Meu Deus – disse o conde, a rir. – Que receção! – E, erguendo o copo num brinde, acrescentou: – À tua felicidade, e à paciência da tua noiva.

Jason olhou para ele de testa franzida.

Tentando esclarecer o que parecia ter sido um brinde confuso, Robert explicou:

– Uma vez que não fez meia-volta e apanhou o primeiro navio de regresso à América, só posso presumir que Miss Seaton tem uma boa dose de paciência, uma qualidade muito desejável numa noiva.

– O anúncio do noivado no *Times* foi ideia do Charles – disse Jason, numa voz átona. – A Victoria é uma prima distante. Quando soube que tinha perdido a família e vinha para cá, decidiu que eu tinha de casar com ela.

– Sem te consultar? – perguntou Robert, incrédulo.

– Soube que estava noivo exatamente como todas as outras pessoas souberam: ao ler o *Times*.

Os calorosos olhos castanhos do conde brilharam com divertida solidariedade.

– Imagino que ficaste surpreendido.

– Furioso – corrigiu Jason. – Já que estamos a falar no assunto, estava na esperança de que a tua

mulher viesse contigo hoje, para que a Victoria pudesse conhecê-la. A Caroline é só alguns anos mais velha e penso que podiam tornar-se amigas. Para ser franco, a Victoria vai precisar de uma amiga. Como seria de esperar, houve algum escândalo na elite quando a mãe casou com um médico irlandês, e a velha Lady Kirby está a preparar-se para voltar a trazer isso à baila. Ainda por cima, a Victoria é bisneta da duquesa de Claremont, que, ao que parece, não vai reconhecê-la. É condessa por direito próprio, mas só isso não bastará para ser verdadeiramente aceite na sociedade. Terá o apoio do Charles, claro, e isso vai ajudar. Ninguém se atreverá a marginalizá-la abertamente.

– E terá também o peso da tua influência, que é muito considerável – fez Collingwood notar.

– Não em se tratando de estabelecer a reputação de uma jovem como uma virtuosa inocente – respondeu Jason, secamente.

– É verdade – riu Robert.

– Seja como for, a Victoria só conheceu as Kirby como exemplos da aristocracia inglesa. Pensei que a tua mulher poderia dar-lhe uma melhor imagem. Na realidade, sugeri que a Caroline era um bom exemplo a seguir em termos de maneiras e comportamento aceitáveis...

Robert Collingwood atirou a cabeça para trás e soltou uma sonora gargalhada.

– A sério? Então é melhor esperares que Lady Victoria não siga o teu conselho. Os modos da Caroline são requintados, suficientemente requintados para te convencer até a ti, presumo, de que é um modelo de discrição, mas a verdade é que estou constantemente a livrá-la de embrulhadas. Nunca conheci uma mulher mais teimosa em toda a minha vida – concluiu, mas as suas palavras estavam carregadas de ternura.

– Nesse caso, a Victoria e a Caroline vão dar-se às mil maravilhas – declarou Jason, num tom seco.

– Estás a interessar-te muito por ela – disse Robert, a observá-lo com atenção.

– Só enquanto relutante guardião.

Diante da porta do escritório, Victoria alisou as saias do vestido de musselina verde-maçã, bateu ao de leve e entrou. Jason estava sentado atrás da sua secretária, numa cadeira de espaldar alto forrada a couro, a falar com um homem de trinta e poucos anos. Ao verem-na, os dois homens pararam de falar e levantaram-se, num acidental mas preciso uníssono – um gesto simples que pareceu enfatizar as semelhanças entre ambos. Como Jason, o conde era alto e atraente e de porte atlético, mas o cabelo era cor de areia e os olhos castanhos e doces. Tinha a mesma aura de tranquila autoridade que Jason, mas era menos assustador. O humor espreitava-lhe nos olhos e o sorriso era amistoso em vez de sardónico. Mesmo assim, não parecia ser o género de homem que alguém quisesse ter como inimigo.

– Perdoe-me por ter ficado a olhar – disse Victoria em voz baixa quando Jason acabou de fazer as apresentações –, mas quando os vi juntos, pareceu-me notar uma parecença entre os dois.

– Tenho a certeza de que a sua intenção foi elogiosa, senhora – disse Robert Collingwood, com um sorriso.

– Não, não foi – brincou Jason.

Victoria procurou, desesperada, uma resposta adequada, mas não lhe ocorreu nenhuma. Foi poupada a mais embaraços pelo conde, que lançou um olhar indignado a Jason e disse:

– Que resposta pode Miss Seaton dar a uma afirmação dessas?

Victoria não ouviu a resposta de Jason porque a sua atenção foi atraída pelo terceiro ocupante do escritório, um adorável rapazinho com cerca de três anos que estava de pé junto do conde, a olhar

para ela num mudo fascínio, com um barco à vela esquecido nos braços roliços. Com o cabelo encaracolado cor de areia e os olhos castanhos, era uma réplica em miniatura do pai, até ao pormenor dos calções de montar, botas altas e casaco castanho que vestia. Totalmente cativada, Victoria sorriu-lhe.

– Julgo que ninguém nos apresentou... – sugeriu.

– Peço perdão – disse o conde, com sorridente gravidade. – Lady Victoria, permita que lhe apresente o meu filho, John.

O rapazinho pousou o barco na cadeira que tinha atrás de si e fez uma solene e adorável vénia. Victoria respondeu com uma profunda reverência, que provocou uma gargalhada infantil. Então, a apontar para o cabelo dela e a olhar para o pai, John perguntou, encantado:

– Vermelho?

– Sim – concordou Robert.

A criança sorriu.

– Bonito – murmurou, o que arrancou uma gargalhada ao pai.

– John, és demasiado novo para tentares a sorte a encantar senhoras – disse Collingwood.

– Oh, mas eu não sou uma senhora – declarou Victoria, encantada com o delicioso rapazinho. – Sou um marinheiro! – Ele fez um ar tão incrédulo que ela acrescentou: – Oh, mas é verdade. E um grande marinheiro. Eu e o meu amigo Andrew costumávamos construir barcos e pô-los a navegar com os das outras crianças... embora os nossos barcos não fossem tão bonitos como o teu. Vamos levá-lo até ao ribeiro?

Ele assentiu e Victoria olhou para o conde, num mudo pedido de autorização.

– Terei muito cuidado com ele – prometeu. – E com o navio, claro.

Quando o conde consentiu, John deu a mão a Victoria e saíram os dois do escritório.

– É óbvio que gosta de crianças – observou Robert, depois de os dois aventureiros saírem.

– Ela própria pouco mais é do que uma criança – disse Jason, depreciativamente.

O conde voltou a cabeça e olhou para a bela jovem que atravessava o átrio. Voltando a olhar para Jason, arqueou as sobrancelhas num gesto de divertida contradição, mas não disse nada.

Victoria passou quase uma hora sentada numa manta na margem do ribeiro que traçava um caprichoso caminho através do relvado dianteiro. O sol banhava-lhe o rosto e aquecia-lhe os membros enquanto, sentada ao lado de John, inventava histórias a respeito de piratas e grandes tempestades que tinham supostamente assaltado o navio durante a travessia desde a América. John ouvia-a, fascinado, a agarrar o comprido pedaço de linha de pesca que Victoria pedira a Northrup e atara ao barco. Quando ele se cansou da pouco excitante navegação que a escassa profundidade da água permitia ao barco, ela pegou na linha e caminharam os dois ao longo da margem, com ela a guiar a pequena embarcação corrente abaixo até ao sítio onde o ribeiro se tornava muito fundo e passava por baixo de uma larga e graciosa ponte de pedra, sendo as suas águas agitadas pela presença de uma árvore caída.

– Aqui é melhor – disse, devolvendo-lhe a linha. – Não a largues, ou vai encalhar naquela árvore.

– Não largo – prometeu ele, enquanto o pequeno navio de três mastros dançava e saltava na tumultuosa corrente.

Victoria desceu a margem íngreme e estava a juntar um ramalhete das flores silvestres brancas, azuis e cor-de-rosa que cobriam a ribanceira quando John gritou e correu com passos desajeitados atrás da linha que se lhe tinha obviamente escapado de entre os dedos.

– Fica aí! – gritou, e correu para ele.

Tentando não chorar, John apontou para o pequeno barco que naquele momento deslizava em direção aos ramos da árvore caída debaixo da ponte.

– Perdeu-se – disse John num murmúrio estrangulado, enquanto duas lágrimas lhe humedeciam os olhos castanhos. – Foi o tio George que mo fez. Vai ficar triste.

Victoria mordeu o lábio, hesitante. Embora a água fosse claramente profunda e a corrente forte, ela e Andrew tinham salvado os seus próprios barcos no muito mais perigoso rio onde costumavam pô-los a navegar. Ergueu a cabeça e examinou a margem íngreme, certificando-se de que no sítio onde estavam não poderiam ser vistos por alguém da casa, e tomou uma decisão.

– Não, não se perdeu, só encalhou num recife – disse num tom despreocupado, abraçando o garoto. – Vou buscá-lo. – Já estava a desembaraçar-se das sandálias, das meias e do vestido de musselina que Jason mandara comprar para ela. – Fica aqui sentado e não te mexas, que eu vou buscá-lo.

Vestida apenas com a camisa interior e o saiote, entrou no ribeiro até que o fundo lhe fugiu de debaixo dos pés, e então nadou com vigorosas braçadas até ao extremo mais distante da árvore. Debaixo da ponte, a água era fria e funda e saltava e espumjava por entre os ramos, mas ela não teve qualquer dificuldade em localizar o pequeno barco. Libertar a resistente linha de pesca foi, no entanto, bastante mais complicado. Teve de mergulhar duas vezes, para deliciado encanto do pequeno John, que aparentemente nunca tinha visto ninguém nadar ou mergulhar. Apesar da água fria e das roupas encharcadas, nadar era revigorante, e Victoria saboreou a liberdade do momento.

– Desta vez vou conseguir soltá-lo – gritou a John, acenando. Desejosa de se certificar de que a criança não ia tentar segui-la, acrescentou: – Fica aí, não preciso de ajuda.

Ele assentiu com a cabeça, obediente, e Victoria voltou a mergulhar, seguindo com os dedos gelados a linha por baixo da árvore até ao lugar onde se enrolara à volta de um ramo submerso, e progredindo até à outra ponta.

– O Northrup disse que os viu encaminharem-se para a ponte...

Jason calou-se de repente quando a palavra «ajuda» chegou até eles.

Os dois homens começaram a correr, atravessando o relvado em diagonal em direção à distante ponte. A escorregar e a patinar, desceram a margem coberta de flores até ao lugar onde John continuava sentado. Robert Collingwood agarrou o filho pelos ombros e perguntou, com a voz enrouquecida pelo alarme:

– Onde está ela?

– Debaixo da ponte – respondeu o rapazinho a sorrir. – Debaixo da árvore. Foi buscar o barco que o tio George me deu.

– Oh, meu Deus, aquela louca... – arquejou Jason, já a despir o casaco e a correr para a água. De súbito, uma risonha sereia de cabelo ruivo rompeu a superfície, num alto e vistoso arco.

– Já o tenho, John! – gritou, com o cabelo solto a tapar-lhe os olhos.

– Que bom! – respondeu John, a bater palmas.

Jason travou em derrapagem, com o terror cego a dar lugar a uma fúria negra enquanto a via nadar em direção à margem com fortes e graciosas braçadas, rebocando na sua esteira o pequeno barco à vela. De pernas abertas, pés fincados no chão e uma expressão tumultuosa no rosto, esperou, impaciente, que a sua presa chegasse ao seu alcance.

Robert Collingwood lançou ao furioso amigo um olhar de compreensão e pegou na mão do filho.

– Vem comigo, John – ordenou, num tom firme. – Penso que Lord Fielding tem qualquer coisa a

dizer a Miss Victoria.

– Obrigado? – previu o rapazinho.

– Não – respondeu o pai. – Não é obrigado.

Victoria saiu do ribeiro, a puxar o pequeno barco e a falar com o ausente John.

– Vês? Eu disse-te que conseguia salvá-lo...

As costas dela chocaram contra um obstáculo inamovível, ao mesmo tempo que duas mãos semelhantes a tornos lhe agarravam os braços e a faziam rodar, atirando-lhe a cabeça para trás.

– Sua estúpida! – rosnou Jason, furioso. – Sua desmiolada! Podia ter-se afogado!

– Não... não, não corri o mais pequeno perigo – arquejou Victoria, assustada pelo brilho de raiva nos olhos verdes dele. – Sei nadar muito bem, e...

– Também o moço de estrebaria que quase se afogou aqui o ano passado sabia! – disse ele, numa voz terrível.

– Bem, partir-me os braços não vai ajudar – disse ela, mas os seus fúteis esforços para se libertar só serviram para tornar o aperto mais doloroso. O peito arfava-lhe, agitado, mas ela continuava a tentar desesperadamente chamá-lo à razão. – Sei que o assustei, e peço desculpa, mas nunca estive em perigo. Não fiz nada de mal.

– Não fez nada de mal? E nunca estive em perigo? – repetiu ele, ameaçador, e baixou os olhos para o peito que a respiração ofegante fazia subir e descer. Victoria teve subitamente consciência de que estava encharcada e escassamente vestida, com a camisa interior molhada a moldar-lhe os seios. – Suponha que estava outra pessoa qualquer aqui na margem a observá-la em vez de mim... O que é que acha que aconteceria?

Victoria engoliu em seco e humedeceu os lábios, a recordar aquela vez em que se atardara a passear pelos campos até bem depois do escurecer e quando chegara a casa descobrira que o pai tinha organizado um grupo de busca para a procurar no bosque. A primeira reação dele fora de alegria. Depois, ficara incapacitada de se sentar sem desconforto durante dois dias.

– Não... não sei o que aconteceria – disse, tentando sair do aperto recorrendo à impudência. – Suponho que quem quer que fosse me entregaria as minhas roupas e...

O olhar de Jason desceu até aos lábios húmidos dela, e depois ainda mais para baixo, seguindo a linha do pescoço até às duas rotundidades de carne tentadoramente expostas acima do decote da camisa interior que se lhe colava à pele. Com a cabeça atirada para trás, freMIam e projetavam-se para a frente, convidativas, enfatizando o facto inegável de que ela era uma mulher desejável e não a criança que ele tentara convencer-se a si mesmo de que era.

– Aconteceria isto! – disse de repente, e esmagou a boca contra a dela num beijo feroz, brutal, cuja intenção era castigar e humilhar.

Victoria contorceu-se em silêncio, a tentar libertar-se do abraço e afastar a boca da violenta posse dos lábios dele. A resistência pareceu só servir para o enfurecer ainda mais, e tornar o beijo mais doloroso.

– Por favor – arquejou, chorosa contra a boca dele. – Lamento tê-lo assustado...

Devagar, ele largou-a, ergueu a cabeça e olhou para os olhos assustados dela. Num gesto automático, Victoria cruzou os braços sobre o peito, com o cabelo a cair-lhe sobre os ombros como uma capa de rubis molhados cobertos por uma pátina dourada, e os olhos cor de safira muito abertos de medo e arrependimento.

– Por favor – murmurou ela, com a voz sacudida por uma mistura das duas emoções no esforço de

manter a paz que existira entre os dois durante quase cinco dias. – Não fique zangado. Peço desculpa por tê-lo assustado. Nado desde criança, mas não devia tê-lo feito hoje, eu sei.

Aquela franca admissão, isenta de qualquer espécie de ressentimento, apanhou Jason completamente desprevenido. Todos os estratagemas femininos possíveis e imaginários tinham já sido usados contra ele desde que fizera fortuna e ganhara o seu título, mas sem êxito; a candura de Victoria, combinada com o belo rosto erguido para o seu e o contacto do corpo quase nu agiram nele como um poderoso afrodisíaco. O desejo invadiu-o, aqueceu-lhe o sangue, fazendo-o correr impetuoso pelas veias, forçando as mãos a puxá-la mais para si.

Victoria viu qualquer coisa primitiva e assustadora flamejar-lhe nos olhos enquanto as mãos voltavam a agarrar-lhe os braços com força. Atirou-se para trás, com um grito a subir-lhe à garganta, mas os lábios dele cobriram os dela, abafando-lhe a voz com uma insistência exigente que a deixou imóvel e aturdida. Como um coelho assustado apanhado numa armadilha indolor, debateu-se até sentir as mãos dele acariciarem-lhe apaziguadoramente os costas e os ombros enquanto os lábios se moviam contra os dela com incendiária perícia.

Estonteada, fez deslizar as mãos pelo peito dele, a procurar apoio precisamente naquilo que estava a destruir-lhe o equilíbrio. Esta ação inocente provocou em Jason uma reação instantânea. Os braços dele envolveram-na ainda com mais força e o beijo tornou-se mais intenso. Os lábios dele moviam-se contra os dela com um ardor faminto, a moldá-los e a ajustá-los aos seus. Perdida numa névoa de ânsias sem nome, Victoria empinou-se nas pontas dos pés, respondendo à poderosa pressão dos braços dele. Jason gemeu quando ela moldou o corpo contra o seu, e os seus lábios entreabertos esmagaram os dela, a deslizarem insistentes de um lado para o outro, a incitá-los a abrirem-se; no instante em que o fizeram, a língua dele insinuou-se pela abertura, entrando nos macios recessos da boca dela.

Victoria afastou a cabeça, horrorizada pelo que estava a fazer, e tentou empurrá-lo com todas as suas forças.

– Não! – gritou.

Jason largou-a tão de repente que ela recuou um passo, a cambalear, e então inspirou fundo e reteve a respiração durante um tempo anormalmente longo. Victoria ergueu os olhos furiosos para os dele, à espera de vê-lo lançar para cima dela a culpa daquele beijo indecoroso.

– Suponho que isto também foi culpa minha – disse. – Vai sem dúvida dizer que eu estava mesmo a pedi-las!

Os lábios dele torceram-se num sorriso sombrio e Victoria teve a fugaz sensação de que estava a lutar por recuperar a compostura.

– Cometeu o primeiro erro desta tarde – disse Jason, por fim. – Este foi meu. Peço desculpa.

– O quê? – exclamou ela, sem querer acreditar no que ouvia.

– Ao contrário do que obviamente pensa de mim – disse ele –, não tenho o hábito de seduzir donzelas inocentes...

– *Nunca* estive em risco de ser seduzida – mentiu ela, orgulhosa.

Uma preguiçosa ironia fez brilhar os olhos de Jason.

– Não? – perguntou, e o humor pareceu sugar-lhe a tensão do corpo.

– Com certeza absoluta que não!

– Nesse caso sugiro que se vista antes que eu me sinta tentado a mostrar-lhe como está enganada.

Victoria abriu a boca para responder de forma adequada àquela intolerável presunção, mas o

sorriso brilhante e descarado de Jason foi demasiado para ela.

– É insuportável! – foi tudo o que conseguiu.

– Tem toda a razão – concordou ele, e voltou-se de costas para a deixar vestir-se.

Tentando desesperadamente controlar as furiosas emoções que a agitavam e igualar a calma dele, Victoria vestiu-se à pressa. Andrew beijara-a algumas vezes, mas nunca daquela maneira. Jason nunca devia tê-lo feito e muito menos mostrar-se tão insuportavelmente calmo depois de o fazer. Sentia que tinha todo o direito de estar furiosa com ele, mas talvez as coisas em Inglaterra fossem diferentes. Talvez ali as senhoras considerassem beijos daqueles uma coisa normal e corriqueira. Talvez só conseguisse fazer figura de tola se armasse um escândalo por causa daquilo. E mesmo que fizesse um escândalo, Jason limitar-se-ia a encolher os ombros e declarar todo o episódio insignificante, como já estava, aliás, a fazer. Não tinha nada a ganhar provocando a hostilidade dele, e tinha até tudo a perder. Não conseguia, no entanto, controlar inteiramente a irritação.

– É na verdade insuportável – repetiu.

– Já tínhamos chegado a acordo quanto a isso.

– E também é imprevisível.

– De que maneira.

– Bem, cheguei quase a pensar que ia bater-me por tê-lo assustado. Em vez disso, beijou-me. – Inclinou-se para apanhar do chão o barco de John. – Começo a pensar que é igual ao seu cão. Ambos parecem muito mais ferozes do que na realidade são.

Pela primeira vez, viu a complacente e inalterável fachada dele abrir uma brecha.

– O meu cão? – disse Jason, sem compreender.

– O *Willie* – esclareceu ela.

– Deve ter medo de canários se acha que o *Willie* tem um ar feroz.

– Estou a chegar à conclusão de que não há razão para ter medo de nenhum dos dois.

Um pequeno sorriso surgiu-lhe nos lábios sensuais quando lhe tirou o pequeno barco da mão.

– Não conte a ninguém, ou vai dar cabo da minha reputação.

Victoria enrolou a manta à volta dos ombros e inclinou a cabeça para um lado.

– Quer dizer que tem uma?

– Do pior género possível – afirmou ele, lançando-lhe um olhar de desafio. – Quer que lhe conte os pormenores mais sórdidos?

– Com certeza que não – respondeu Victoria, pudica. Na esperança de que talvez o moderado arrependimento que ele parecia sentir por causa do beijo o tornasse mais flexível, reuniu coragem para abordar uma questão que lhe andava na cabeça havia dias. – Há uma maneira de compensar o seu erro – disse, hesitante, enquanto caminhavam em direção a casa.

Jason olhou para ela, a avaliá-la.

– Eu diria que um erro compensa o outro – disse. – Mas diga-me, o que é que quer?

– Quero que me devolva as minhas roupas.

– Não.

– Não compreende – gritou ela, com as emoções baralhadas pelo beijo e agora por aquela atitude implacável. – Estou de luto pelos meus pais.

– Compreendo. No entanto, não acredito que haja um luto tão grande que não possa ser guardado dentro de nós, e não acredito em ostentações exteriores de desgosto. Além disso, eu e o Charles queremos que construa uma vida nova aqui em Inglaterra, uma vida que possa desfrutar.

– Não preciso de uma vida nova! – disse Victoria, exasperada. – Só vou ficar aqui até que o Andrew me venha buscar...

– O Andrew não vem buscá-la, Victoria. Só lhe escreveu uma carta em todos estes meses.

As palavras trespassaram o cérebro de Victoria como punhais de fogo.

– Vem, pois. Só houve tempo para receber uma carta antes de vir para cá.

A expressão de Jason endureceu.

– Espero que tenha razão. Seja como for, proíbo-a de vestir de preto. O luto faz-se no coração.

– Como é que sabe? – explodiu ela, voltando-se para ele com os punhos cerrados junto ao corpo. –

Se tivesse um coração, não me obrigaria a andar por aí com estas roupas como se os meus pais nunca tivessem existido. Não tem coração!

– Tem razão – cuspiu ele, com a voz ainda mais assustadora por ser tão baixa. – Não tenho coração. Lembre-se disso, e não se iluda ao ponto de pensar que por baixo deste aspeto feroz, sou manso como um cãozinho de colo. Dúzias de mulheres cometeram esse erro, e arrependeram-se.

Victoria afastou-se dele com as pernas a tremer. Como pudera imaginar que era possível serem amigos! Aquele homem era frio, cínico e duro; tinha um temperamento mau e imprevisível. E, ainda por cima, era obviamente desequilibrado! Nenhum homem são de espírito podia beijar uma mulher com ternura e paixão num momento, mostrar-se descaradamente brejeiro no momento seguinte e tornar-se frio e odioso logo a seguir. Não, não era um cão de colo. Era perigoso e imprevisível como a pantera que tanto fazia lembrar!

Apesar de ela caminhar o mais depressa que era capaz, as longas passadas de Jason permitiam-lhe manter-se a par sem dificuldade, e chegaram ao mesmo tempo ao caminho circular em frente da casa.

O conde de Collingwood esperava-os, já montado num magnífico alazão, com John confortavelmente instalado à sua frente.

Embaraçada e furiosa, Victoria despediu-se do conde, sorriu debilmente a John, entregou-lhe o pequeno barco e entrou apressada.

John olhou para ela, olhou para Jason, e então voltou o rosto ansioso para o pai.

– Ele não deu uma tarefa a Miss Tory, pois não?

O conde ergueu um olhar divertido do peito molhado da camisa de Jason para o rosto de sua senhoria.

– Não, John, Lord Fielding não lhe deu uma tarefa. – E, dirigindo-se a Jason, perguntou: – Queres que peça à Carolina para vir amanhã visitar Miss Seaton?

– Vem com ela, e continuaremos a discutir o nosso negócio.

Robert assentiu com a cabeça. Passou um braço protetor pela cintura do filho, tocou com os calcanhares das botas nos flancos da pacífica montada e o alazão afastou-se a trote pelo caminho.

Jason ficou a vê-los ir, com a sua expressão branda a transformar-se noutra de sombrio desagrado quando se permitiu pela primeira vez encarar o que lhe tinha acontecido na margem do ribeiro.

CAPÍTULO 9

Na tarde seguinte, Victoria não tinha ainda conseguido expulsar do pensamento o beijo de Jason. Sentada na relva ao lado de *Willie*, fazia festas na sua cabeça imponente enquanto ele roía o osso que ela lhe levara. Ao olhar para ele, voltou a pensar na atitude descontraída e sorridente de Jason depois do beijo, e o estômago apertou-se-lhe quando comparou a sua própria inocência e estupidez com a sofisticação e mundanidade dele.

Como pudera ele, num momento, abraçá-la e beijá-la como se estivesse a tentar devorá-la e no momento seguinte brincar com o assunto? E aonde, perguntou-se, fora ela buscar a capacidade de igualar-lhe o humor despreocupado quando os seus sentidos vacilavam e os seus joelhos se entrechocavam? E depois de tudo aquilo, como pudera ele olhá-la com aqueles seus olhos gelados e avisá-la para que não cometesse o mesmo erro que «dúzias» de outras mulheres tinham cometido?

O que seria que o levava a comportar-se assim? Era impossível lidar com ele, era impossível compreendê-lo. Parecia ser tudo tão diferente em Inglaterra; talvez ali, beijos como aquele não fossem nada de extraordinário e ela não tivesse qualquer razão para sentir-se culpada ou zangada. Mas sentia. Invadiu-a a saudade de Andrew, e estremeceu de vergonha ao recordar a sua participação no beijo de Jason.

Viu-o passar a cavalo a caminho das cavalariças. Tinha saído para caçar naquela manhã, o que lhe permitira evitá-lo enquanto tentava pôr ordem nos pensamentos, mas a trégua chegara ao fim: a carruagem do conde de Collingwood estava a parar diante do pórtico. Pôs-se de pé, relutante.

– Anda, *Willie* – disse, numa voz tensa. – Vamos dizer a Lord Fielding que o conde e a condessa acabam de chegar e poupar ao pobre Mr. O'Malley uma viagem desnecessária às cavalariças.

O cão ergueu a grande cabeça e voltou para ela uns olhos inteligentes, mas não se mexeu.

– É tempo de deixares de te esconder das pessoas. Não sou tua criada, sabias, e recuso continuar a trazer as tuas refeições até aqui. O Northrup disse-me que costumavas comer nos estábulos. Anda, *Willie*! – repetiu, determinada a assumir o controlo ao menos daquela pequena parte da sua vida. Deu mais dois passos e esperou. O cão pôs-se de pé e olhou para ela, com a sua expressão alerta a dizer-lhe que tinha compreendido a ordem.

– *Willie*! – disse ela, irritada. – Estou a ficar farta de machos arrogantes. – Fez estalar os dedos. – Eu disse *anda*! – Voltou a dar um passo, a olhar por cima do ombro, preparada para arrastar o teimoso animal pelo pescoço se ele recusasse obedecer. – Anda! – repetiu, num tom mais duro, e dessa vez o cão seguiu-a, devagar.

Animada por esta pequena vitória, Victoria encaminhou-se para as cavalariças, de onde Jason vinha a sair, com a comprida espingarda suspensa da mão.

Em frente da casa, o conde de Collingwood ajudava a mulher a apear-se da carruagem.

– Lá estão eles, além – disse a Caroline, indicando com a cabeça as cavalariças. Passou afetuosamente a mão pelo braço da mulher e começou a atravessar o relvado em direção ao outro

casal. – Sorri – exortou-a, quando os passos dela hesitaram. – Quem te visse diria que vais ter com o carrasco.

– Que é mais ou menos como me sinto – admitiu Caroline, com um sorriso embaraçado. – Eu sei que vais rir, mas Lord Fielding assusta-me. – Acenou com a cabeça ao ver a expressão espantada do marido. – E não sou a única a sentir isto... quase toda a gente tem medo dele.

– O Jason é um homem brilhante, Caroline. Consegui excelentes dividendos em todos os investimentos que ele teve a gentileza de me recomendar.

– Talvez, mas continua a ser horivelmente inacessível e... e *assustador*. Além disso, é capaz de fazer o género de comentários arrasadores que fazem com que uma pessoa queira enfiar-se num buraco. Ainda no mês passado disse a Miss Farraday que detesta mulheres que riem como patetas, sobretudo as que se lhe agarram ao braço *enquanto* estão a rir como patetas.

– E que respondeu Miss Farraday?

– Que *podia* ela responder? Estava agarrada ao braço dele e a rir como uma pateta. Foi muito embaraçoso.

Caroline ignorou o eloquente sorriso do marido e alisou as luvas sobre os dedos compridos.

– *Eu* não consigo perceber o que é que as mulheres veem nele, mas parecem umas autênticas imbecis quando está por perto. É verdade que é rico como Creso, com seis casas e sabe Deus quantas libras de rendimento anual... e, claro, vai ser o próximo duque de Atherton. E faço-lhe a justiça de admitir que é invulgarmente atraente...

– E dizes que não consegues perceber o que é que as mulheres veem nele? – espicaçou-a o marido, com uma pequena gargalhada.

Caroline abanou a cabeça e baixou a voz à medida que se aproximavam do casal.

– Os modos dele não são nada agradáveis. Pelo contrário... é chocantemente franco!

– Quando um homem é perseguido sem descanso por causa do seu dinheiro e do seu título, pode-se perdoar-lhe se perde a paciência de vez em quando.

– Pode ser a tua opinião, mas, pelo meu lado, tenho muita pena da pobre Miss Seaton. Pensa em como deve estar aterrada, a viver na mesma casa que ele.

– Se vive aterrada não sei, mas tenho a impressão de que se sente muito sozinha e está a precisar de uma amiga que lhe ensine como funcionam as coisas em Inglaterra.

– Deve ser muito infeliz – concordou Caroline, compassiva, ao observar Victoria, que tinha chegado junto de Jason e estava a falar com ele.

– O conde e a condessa chegaram – dizia Victoria a Jason, num tom friamente delicado.

– Estou a ver. Seguiram-na até aqui, estão poucos passos atrás de si, do lado direito. – Voltou a olhar para ela, e então imobilizou-se, com a sua atenção fixa em qualquer coisa atrás e à esquerda de Victoria. – Afaste-se! – ordenou, empurrando-a rudemente para o lado e levando a espingarda ao ombro. Victoria ouviu atrás de si um rosnido baixo, terrível, e de súbito compreendeu o que Jason tencionava fazer.

– Não! – gritou. Agitando loucamente as mãos, desviou o cano da arma para cima e caiu de joelhos, passando os braços à volta de *Willie* e a olhar para Jason com uma expressão de fúria. – É louco! Louco! O que foi que o *Willie* fez para merecer passar fome e ser morto a tiro? – perguntou, histérica, a fazer festas na cabeça do cão. – Nadou no seu estúpido ribeiro... ou ousou desobedecer a uma das suas ordens... ou...

A espingarda deslizou por entre os dedos de Jason até o cano ficar inofensivamente apontado para

o chão.

– Victoria – disse numa voz calma que contrastava com as feições tensas e pálidas –, esse não é o *Willie*. O *Willie* é um *collie* e emprestei-o há três dias aos Collingwood, para reprodução.

A mão de Victoria imobilizou-se a meio de uma carícia.

– A menos que eu tenha perdido a vista e o juízo, diria que esse animal a que se agarra como uma mãe a proteger um filho é pelo menos metade lobo.

Victoria engoliu em seco e pôs-se lentamente de pé.

– Mesmo que não seja o *Willie*, continua a ser um cão, não um lobo – insistiu, teimosa. – Obedece à ordem «Anda».

– É *em parte* cão – contrapôs Jason. Com a intenção de afastá-la, avançou para ela e agarrou-lhe um braço, um gesto que provocou uma reação imediata da parte do animal, que baixou a cabeça, a rosnar e a mostrar os dentes, com o pelo do dorso eriçado. Jason largou-lhe o braço e deslocou a mão, devagar, para o gatilho da espingarda. – Afaste-se dele, Victoria.

Os olhos de Victoria estavam cravados no cano da arma.

– Não o faça! – avisou, de cabeça perdida. – Não vou deixar. Se o matar, mato-o a si, juro. Sou ainda melhor atiradora do que nadadora... qualquer pessoa na minha terra poderá confirmar-lho. Jason! – gritou, desesperada. – É um cão e só está a tentar proteger-me de si. Qualquer pessoa compreende isso! É meu amigo. Por favor, por favor, não o mate. Por favor...

A tremer de alívio, viu a mão de Jason relaxar na espingarda e o cano voltar a apontar para o chão.

– Pare de se agarrar a ele – ordenou Jason. – Não vou matá-lo.

– Dá-me a sua palavra como cavalheiro? – teimou Victoria, ainda a tapar *Willie* com o corpo na tentativa de impedir a fatal confrontação entre o corajoso animal que queria protegê-la e o homem que empunhava uma arma mortífera e estava disposto a matá-lo por causa disso.

– Dou-lhe a minha palavra.

Victoria começou a afastar-se, mas então lembrou-se de uma coisa que Jason tinha dito e voltou a colocar-se entre os dois combatentes. A olhar desconfiada para Jason, recordou-lhe:

– Disse-me que não era um cavalheiro e que não tem princípios. Como é que posso saber que vai honrar a sua palavra como um cavalheiro?

Os olhos felinos de Jason brilharam de relutante divertimento face àquela jovem indefesa que o desafiava ao mesmo tempo que defendia um lobo.

– Honrá-la-ei. Agora deixe de se comportar como uma Joana d’Arc.

– Não tenho a certeza de acreditar em si. Está disposto a jurá-lo também a Lord Collingwood?

– Está a abusar da sorte, minha cara – avisou Jason, numa voz suave como seda.

Apesar da calma com que fora dita, a frase continha uma inegável nota de ameaça, e Victoria obedeceu, não por temer as consequências mas por sentir instintivamente que Jason faria o que prometera. Assentiu com a cabeça e afastou-se, mas o enorme cão continuou pronto para atacar, de olhos ameaçadores fixos em Jason.

Este, por sua vez, observava o animal, com a espingarda ainda preparada para disparar. Em desespero, Victoria voltou-se para o cão.

– Senta! – ordenou, sem estar verdadeiramente à espera que ele obedecesse.

Após uma curta hesitação, o cão sentou-se ao lado dela.

– Está a ver? – Victoria ergueu as mãos, aliviada. – Foi ensinado por alguém. Sabe que a sua arma

pode magoá-lo... é por isso que não desvia os olhos dela. É esperto.

– Muito esperto – concordou Jason com seca ironia. – Suficientemente esperto para viver mesmo debaixo do meu nariz enquanto eu e toda a gente dos arredores andamos à procura do «lobo» que tem vindo a atacar os galinheiros e a aterrorizar a aldeia.

– É por isso que tem saído para caçar todos os dias? – Quando Jason confirmou com um aceno de cabeça, Victoria despejou uma torrente de palavras, todas elas destinadas e impedi-lo de dizer que o cão não podia ficar na propriedade: – Bem, não é um lobo, é um cão, como pode ver. E eu tenho-lhe dado de comer todos os dias, de modo que já não tem razão para continuar a assaltar galinheiros. Além disso, é muito inteligente, compreende tudo o que eu lhe digo.

– Nesse caso talvez possa referir-lhe que é muito indelicado ficar aí sentado à espera de uma oportunidade para morder a mão que, pelo menos indiretamente, o tem alimentado.

Victoria olhou ansiosa para o seu zeloso protetor e depois de novo para Jason.

– Penso que se voltar a estender a mão para mim e eu lhe disser para não rosnar, ele vai perceber a ideia. Vá, estenda a mão para mim.

– A minha vontade é torcer-lhe o pescoço – disse Jason, meio a sério, mas agarrou-lhe o braço como ela pedira. O animal agachou-se, a rosnar, pronto para saltar.

– Não! – disse Victoria secamente, e o lobo chamado *Willie* relaxou, hesitou e lambeu-lhe a mão.

Victoria deixou escapar um longo suspiro de alívio.

– Vê? Resultou. Eu cuidarei muito bem dele... e ele não incomodará ninguém se o deixar ficar.

Jason não soube resistir à coragem dela e à expressão suplicante daqueles olhos azuis brilhantes.

– Acorrente o seu cão – disse, com um suspiro, e quando ela começou a objetar, acrescentou: – Vou dar instruções ao Northrup para ordenar aos couteiros que não lhe façam mal, mas se ele entrar na propriedade de qualquer vizinho, abatê-lo-ão mal o virem. Nunca atacou ninguém, mas os camponeses prezam as suas galinhas quase tanto como as suas famílias.

Dito isto, cortou cerce quaisquer novos argumentos pelo simples expediente de se voltar para cumprimentar o conde e a condessa de Collingwood, e, pela primeira vez, Victoria lembrou-se da presença do casal.

O embaraço incendiou-lhe o rosto enquanto se forçava a enfrentar a mulher que Jason parecia considerar um modelo de boas maneiras. Em vez do altivo desdém que esperava ver na expressão da condessa, Lady Collingwood olhava para ela com qualquer coisa estranhamente parecida com risonha admiração. Jason fez as apresentações e afastou-se com o conde para discutir um negócio qualquer, deixando Victoria desenhencilhar-se sozinha o melhor que pudesse com a condessa.

Foi Lady Collingwood a primeira a romper o embaraçoso silêncio.

– Posso acompanhá-la enquanto acorrenta o seu cão?

Victoria assentiu com a cabeça, limpando às saias as palmas das mãos húmidas.

– Deve... deve achar que sou a mulher mais mal comportada do mundo – disse, num tom repassado de infelicidade.

– Não – respondeu Caroline Collingwood, a morder o lábio inferior para controlar o riso –, mas acho que é sem a mínima dúvida a mais *corajosa*.

Victoria olhou para ela, espantada.

– Por não ter medo do *Willie*?

A condessa abanou a cabeça.

– Por não ter medo de Lord Fielding – corrigiu, a rir.

Victoria olhou para a bonita morena elegantemente vestida, mas o que viu foi o brilho malicioso dos olhos cinzentos que dançavam e a oferta de amizade no sorriso dela. Apercebeu-se de que tinha encontrado uma alma gêmea naquele país aparentemente hostil, e o seu coração levantou voo.

– Para dizer a verdade, estava aterrorizada – confessou, enquanto dava a volta até às traseiras, onde tinha decidido acorrentar o cão até conseguir convencer Jason a deixá-lo entrar em casa.

– Mas não o mostrou, e isso é uma coisa muito boa, porque a partir do momento em que um macho percebe que uma fêmea tem medo de qualquer coisa, usa esse conhecimento contra ela de maneiras perfeitamente horrendas. Por exemplo, mal o meu irmão Carlton percebeu que eu tinha medo de cobras, pôs uma na minha gaveta dos lenços. E antes que me passasse o histerismo por causa da brincadeira, o meu irmão Abbott pôs outra nos meus sapatos de baile.

Victoria estremeceu.

– Detesto cobras. Quantos irmãos tem?

– Seis, e todos eles me fizeram coisas perfeitamente horríveis até que eu aprendi a pagar-lhes na mesma moeda. E a Victoria, tem irmãos?

– Não... só uma irmã.

Quando os cavalheiros terminaram a sua conversa de negócios e se juntaram às senhoras para um jantar adiantado, Victoria e Caroline Collingwood tratavam-se por tu e estavam a caminho de se tornarem grandes amigas. Victoria já tinha explicado que o seu noivado com Lord Fielding fora um erro cometido por Charles – mas com a melhor das intenções – e falara de Andrew; Caroline confidenciara-lhe que os pais tinham escolhido Lord Collingwood para seu marido, mas pelas coisas que dissera e pela maneira como os seus olhos se iluminavam sempre que falava dele, foi óbvio para Victoria que o adorava.

A refeição foi animada pelo riso e a conversa enquanto Victoria e Caroline continuavam a trocar confidências e a comparar algumas proezas das respetivas infâncias. Até Lord Collingwood contribuiu com histórias dos seus tempos de rapaz, e depressa se tornou evidente que os três tinham desfrutado de infâncias felizes e da segurança de pais que os amavam. Jason, no entanto, recusou falar da sua própria juventude, apesar de parecer genuinamente interessado em ouvir as histórias que eles contavam.

– Sabes mesmo disparar uma arma? – perguntou Caroline a Victoria num tom de admiração, enquanto dois lacaios serviam truta salteada em manteiga e ervas aromáticas coberta por um delicado molho.

– Sim – admitiu Victoria. – O Andrew ensinou-me porque queria ter alguém que competisse com ele quando fazia tiro ao alvo.

– E tu competias?

Victoria assentiu com a cabeça, com as luz das velas a fazer-lhe faiscar o cabelo e a transformá-lo num halo dourado. – Foi a coisa mais estranha que se possa imaginar, mas da primeira vez que ele me pôs uma arma nas mãos, segui as instruções, apontei e acertei no alvo. Não me pareceu muito difícil.

– E depois disso?

– Tornou-se mais fácil – respondeu Victoria, com um brilho nos olhos.

– Eu gosto de esgrima, com sabre – confessou Caroline. – O meu irmão Robert costumava deixar-me praticar com ele. Só é preciso ter um bom braço.

– E bom olho – acrescentou Victoria.

Lord Collingwood riu.

– Eu costumava fingir que era um cavaleiro de outras eras e fazia torneios com os moços de estrebaria. Saía-me bastante bem nas liças... mas nesse tempo os moços de estrebaria tinham uma enorme relutância em derrubar um conde do seu cavalo, de modo que provavelmente não era tão bom como na altura pensava.

– Jogavam ao cabo de guerra na América? – perguntou Caroline, entusiasmada.

– Sim, e era sempre rapazes contra raparigas.

– Mas isso não era justo... os rapazes são sempre mais fortes.

Victoria riu, com uma expressão saudosa no rosto.

– Não se as raparigas conseguirem escolher um lugar onde haja uma árvore e conseguirem... por acidente, claro... enrolar uma parte da corda à volta dela enquanto puxam.

– Que vergonha! – riu Jason. – Faziam batota.

– É verdade, mas de outro modo as probabilidades estavam contra nós, de modo que não era verdadeiramente fazer batota.

– O que é que sabe de «probabilidades»? – perguntou ele, a espicaçá-la.

– No que diz respeito a cartas? – respondeu ela, com um brilho de contagioso divertimento nos olhos. – Para lhe dizer um vergonhosa verdade, sou quase tão boa a calcular as probabilidades das várias mãos como a dar as cartas de maneira a produzir essas mãos em particular. Em suma – admitiu despidoradamente –, sei fazer batota.

As sobancelhas escuras de Jason juntaram-se num ligeiro franzir de testa.

– E quem a ensinou a fazer batota?

– O Andrew. Disse que eram «truques com cartas» que tinha aprendido quando estava no colégio.

– Não posso esquecer-me de nunca propor esse tal Andrew como membro de qualquer dos meus clubes – disse Collingwood, num tom seco. – Não viveria para ver o dia seguinte.

– Oh, o Andrew nunca faz batota – corrigiu Victoria. – Só achava que era importante saber como se faz para não ser enganado por um jogador sem escrúpulos. Mas na altura tinha só dezasseis anos e julgo que não se apercebia de que era muito improvável vir a encontrar uma pessoa assim...

Jason recostou-se na cadeira, a observar Victoria com fascinado interesse, espantado pela graciosa facilidade com que ela se conduzia com os convidados e pela facilidade com que convencia Robert Collingwood a participar na conversa à mesa. Reparou no modo como o rosto dela brilhava de ternura sempre que falava de Andrew, e no modo como enchia a sala de jantar de vida com o seu sorriso.

Era fresca e viva e intocada. Apesar da juventude, havia nela uma sofisticação natural que decorria de uma mente ativa, de um espírito arguto e de um genuíno interesse pelos outros. Sorriu para si mesmo ao recordar a maneira corajosa como defendera o cão, o qual, anunciara, passaria doravante a chamar-se *Wolf*, em vez de *Willie*. Jason conhecera ao longo da vida vários homens dotados de verdadeira coragem, mas nunca uma mulher. Recordou a tímida resposta dela ao seu beijo e a incrível explosão de desejo escaldante que provocara no seu corpo.

Victoria Seaton era cheia de surpresas, cheia de promessas, pensou, enquanto a observava disfarçadamente. Havia uma enorme beleza em cada uma das impecáveis feições do seu rosto, mas o encanto dela ia muito mais além; estava no seu riso musical, na graça dos seus gestos. Havia no fundo dela qualquer coisa que a fazia refulgir e brilhar como uma joia sem falhas, uma joia que só precisava do pano de fundo e do cenário adequados: roupas elegantes para complementarem a figura

sedutora e as feições delicadas; uma casa magnífica onde pudesse reinar como rainha; um marido para lhe controlar os impulsos mais loucos; um bebé ao seio para acarinhar e alimentar...

Sentado em frente dela, Jason recordou o seu velho e havia muito abandonado sonho de ter uma esposa para lhe iluminar a mesa com o seu calor e o seu riso... uma mulher para lhe encher os braços na cama e expulsar o escuro vazio que havia nele... uma mulher que amasse os filhos que ele lhe desse...

Interrompeu e expulsou para longe estes pensamentos, irritado com os seus sonhos ingénuos e juvenis e os seus desejos insatisfeitos. Levara-os para a idade adulta e casara com Melissa, acreditando, como um tolo, que uma mulher bonita os tornaria realidade. Que estúpido fora, que espantosamente crédulo ao permitir-se acreditar que uma mulher podia querer saber de amor ou de filhos ou fosse do que fosse exceto dinheiro, joias e poder. Franziu o sobrolho ao perceber que Victoria Seaton estava de repente a trazer de volta, para o atormentarem, todos aqueles velhos e estúpidos anseios.

CAPÍTULO 10

Mal os Collingwood saíram, Jason dirigiu-se à biblioteca, onde Charles desaparecera uma hora antes.

Charles pôs de lado o livro que estava a ler e sorriu-lhe.

– Reparaste no comportamento da Victoria durante o jantar? – perguntou, entusiasmado. – Não foi esplêndido? Quase rebentei de orgulho ao vê-la. É...

– Leve-a para Londres amanhã – disse Jason, interrompendo-o rudemente. – A Flossie Wilson pode lá ir ter consigo para passar a *saison*.

– Londres! – espantou-se Charles. – Mas porquê? Qual é a pressa?

– Quero-a fora de Wakefield e da minha responsabilidade. Leve-a para Londres e arranje-lhe um marido. A *saison* começa dentro de quinze dias.

Charles empalideceu, mas a sua voz manteve-se determinada.

– Penso que tenho direito a uma explicação para esta tua súbita decisão.

– Já lhe dei uma... Quero-a longe daqui e definitivamente fora da minha responsabilidade. É explicação suficiente.

– Não é assim tão fácil – protestou Charles, desesperado. – Não posso pôr um anúncio nos jornais para lhe encontrar um marido. Temos de fazer as coisas como deve ser... recebendo e apresentando-a formalmente à sociedade.

– Então leve-a e trate disso.

Charles passou a mão pelo cabelo grisalho e abanou a cabeça, a tentar dissuadi-lo.

– A minha casa não está em condições para grandes festas...

– Use a minha – disse Jason.

– Nesse caso, *tu* não podes ficar cá – objetou Charles, à procura de obstáculos para lançar no caminho do plano do filho. – Se o fizeres, toda a gente vai presumir que a Victoria é mais uma das tuas conquistas... e descarada, ainda por cima. O facto de estares supostamente noivo dela não terá qualquer peso.

– Quando for à cidade, ficarei em sua casa – disse Jason, inabalável. – Leve pessoal daqui... são capazes de preparar uma festa de um dia para o outro. Não seria a primeira vez.

– E em relação a vestidos e a credenciais para o Almack's e...

– A Flossie Wilson que leve a Victoria a Madame Dumosse e lhe diga que quero que a Victoria tenha o melhor... imediatamente. A Flossie saberá o que fazer a respeito das credenciais para o Almack's. Mais alguma coisa?

– Mais alguma coisa? – explodiu Charles. – Para começar, a Dumosse é tão famosa que até *eu* já ouvi falar dela. Não vai ter tempo para vestir a Victoria, com a *saison* à porta.

– Diga-lhe que eu entrego nas mãos dela o guarda-roupa da Victoria e que não olhe a despesas. O cabelo ruivo e a pequena estatura da Victoria vão ser um desafio para ela; vai vesti-la de modo a

deixar na sombra todas as louras insípidas e morenas escanzeladas de Londres. Fá-lo-á nem que tenha de passar as duas próximas semanas sem dormir, e então cobrar-me-á o dobro do seu já exorbitante preço habitual para se compensar do incómodo. Já passei por tudo isso – concluiu secamente. – Agora, uma vez que está tudo resolvido, tenho trabalho para fazer.

Charles soltou um longo e frustrado suspiro.

– Muito bem. Mas partimos dentro de dois dias, não amanhã. Dar-me-á tempo para pedir à Flossie Wilson que vá ter connosco a Londres, e não aqui. Sendo um homem solteiro, não posso viver na mesma casa com a Victoria a menos que esteja presente uma companhia feminina adequada... sobretudo em Londres. Manda o teu pessoal à frente para preparar a casa e eu mandarei avisar a Flossie para que se encontre connosco em Londres depois de amanhã. Agora, tenho um favor a pedir-te.

– O que é?

Compondo cuidadosamente a resposta, Charles disse:

– Não quero que as pessoas saibam que o teu noivado com a Victoria foi desfeito. Por enquanto.

– Porque não? – perguntou Jason, impaciente.

Charles hesitou, como se não soubesse muito bem o que dizer, e então animou-se.

– Bem, para começar, se os membros da elite julgarem que a Victoria já é tua noiva, não a vigiarão com tanta atenção. Poderá andar de um lado para o outro mais livremente e, como tu dirias, «sondar o mercado» antes de se decidir por alguém em especial. – Ao ver que Jason se preparava para argumentar, acrescentou, apressado: – Será muito mais admirada... e muito mais desejada... se os janotas de Londres acreditarem que já tem uma proposta nada menos do que *tua*. Pensa só, todos os solteiros elegíveis de Londres vão pensar que ela tem alguma coisa de especial, para tu queres casar com ela. Mas se pensarem que a descartaste, vão retrain-se.

– A sua «amiga» Lady Kirby já deve ter dito a toda a gente que o noivado foi desfeito – fez Jason notar.

Charles afastou a objeção com um gesto displicente.

– Ninguém dará atenção ao que a Kirby diz se *tu* não negares o noivado quando estiveres em Londres.

– Muito bem – disse Jason, disposto a concordar com praticamente qualquer coisa para ver Victoria casada. – Leve-a para Londres e apresente-a. Eu proporcionarei um dote adequado. Dê alguns bailes e convide todos os peralvilhos da Europa. Estarei presente no *début* dela. E ficarei em Londres para entrevistar os candidatos a pretendentes – acrescentou, sardónico. – Não deverá ser difícil encontrar alguém que me livre dela.

Estava tão aliviado por ver resolvido o problema chamado Victoria que não se deteve a considerar os raciocínios contraditórios por trás da apaixonada argumentação de Charles a favor de manter o noivado de pé durante mais algum tempo.

Victoria entrou na biblioteca no preciso instante em que Jason saía. Trocaram sorrisos; então ele desapareceu e ela aproximou-se de Charles.

– Está preparado para o nosso habitual jogo de damas, tio Charles?

– Como? – perguntou ele, distraído. – Sim, claro, minha querida. Tenho estado a ansiar por ele todo o dia. Como sempre.

Sentaram-se à mesa um de cada lado do tabuleiro de damas, um grande quadrado de madeira onde estavam embutidos sessenta e quatro outros quadrados, trinta e dois brancos, trinta e dois pretos.

Enquanto colocava as doze peças circulares brancas nos doze quadrados pretos mais próximos de si, Victoria lançou um olhar pensativo ao homem alto e elegante, de cabelo grisalho, que começava a amar como se fosse na verdade seu tio. Estivera particularmente bem nessa noite, à ceia, com o seu casaco escuro de corte impecável enquanto ria das histórias da infância dela e até contribuía com algumas suas, mas naquele momento parecia preocupado e apreensivo.

– Sente-se mal, tio Charles? – perguntou, a vê-lo dispor as doze peças pretas nos quadrados negros do seu lado.

– Não, não, nada disso – garantiu ele, mas nos primeiros cinco minutos de jogo já Victoria lhe comera três peças.

– Parece que não estou a conseguir concentrar-me no jogo – admitiu ele, quando ela comeu a quarta.

– Conversemos, então, em vez de jogar – sugeriu Victoria.

Quando ele concordou com um sorriso aliviado, Victoria procurou uma maneira diplomática de descobrir o que o perturbava. O pai fora um grande defensor da teoria segundo a qual as pessoas deviam falar do que as incomodava – sobretudo pessoas com problemas de coração, porque fazê-lo aliviava muitas vezes o género de tensão interior suscetível de provocar um novo ataque. Recordando que Jason estivera com Charles até ela chegar para jogar damas, concluiu que sua senhoria seria a causa mais provável para a perturbação de Charles.

– Divertiu-se ao jantar? – perguntou, com forçada despreocupação.

– Muito – disse ele, e pareceu totalmente sincero.

– Acha que o Jason também?

– Santo Deus, sim. Muito. Porque perguntas?

– Bem, não pude deixar de notar que ele não participou na conversa quando estávamos a contar histórias da nossa juventude.

O olhar de Charles fugiu ao dela.

– Talvez não se tenha lembrado de nenhuma divertida para nos contar.

Victoria não deu muita atenção à resposta; estava a dar voltas à cabeça, à procura da melhor maneira de desviar a conversa para o lado de Charles.

– Pensei que talvez tivesse ficado desagradoado com qualquer coisa que eu fiz ou disse e viesse aqui ter consigo para discutir o assunto.

Charles voltou a olhar para ela, dessa vez com um sorriso a brilhar-lhe nos olhos cor de avelã.

– Estás preocupada comigo, minha querida, é isso? E gostarias de saber se há alguma coisa que me preocupe?

Victoria deixou escapar uma gargalhada.

– Sou assim tão transparente?

Charles fez deslizar os dedos compridos por cima dos dela e apertou-lhe a mão.

– Não és transparente, Victoria; és maravilhosa. Preocupas-te com as pessoas. Olho para ti e penso que há esperança para o mundo. Apesar de toda a dor que sofreste nestes últimos meses, ainda consegues notar que um velho parece cansado, e preocupas-te.

– Não é velho nenhum – protestou ela, a admirar o aspeto dele com as suas roupas de cerimónia.

– Por vezes, sinto-me muito mais velho do que sou – disse ele, numa pouco convencida tentativa de humor. – Esta noite é uma dessas ocasiões. Mas tu animaste-me. Posso dizer-te uma coisa?

– Com certeza.

– Houve alturas na minha vida em que desejei ter uma filha, e tu és como eu sempre imaginei que ela seria.

Um nó de ternura apertou a garganta de Victoria enquanto ele prosseguia em voz baixa.

– Por vezes fico a observar-te quando passeias pelo jardim ou falas com os criados, e o meu coração enche-se de orgulho. Eu sei que deve parecer estranho, porque não contribuí de maneira nenhuma para fazer de ti aquilo que és, mas é o que sinto. Sinto vontade de gritar a todos os cétricos do mundo: «Olhem para ela, ela é vida e coragem e beleza. *Ela* é aquilo que o Senhor tinha em mente quando deu ao primeiro homem a sua companheira. Ela lutará pelas coisas em que acredita, defender-se-á quando for ofendida... e no entanto aceitará um pedido de desculpas por essa ofensa e perdoará sem rancor.» Sei que perdoaste ao Jason mais de uma vez a maneira como ele te trata. Penso em todas estas coisas, e então pergunto a mim mesmo: o que é que posso dar-lhe para lhe mostrar como gosto dela? Que espécie de dádiva faz um homem a uma deusa?

Victoria julgou ver o brilho de lágrimas nos olhos dele, mas não pôde ter a certeza porque os seus estavam cheios delas.

– Pronto! – disse ele, com um riso embaraçado, enquanto lhe apertava a mão com força. – Não tarda estamos os dois a chorar para cima do tabuleiro das damas. Uma vez que respondi à tua pergunta, responderás a uma minha? O que é que achas do Jason?

Victoria sorriu, nervosa.

– Tem sido generoso para comigo – começou, com cautela, mas Charles descartou estas palavras com um gesto.

– Não era isso que queria dizer. O que queria dizer é: que achas dele pessoalmente? Diz-me a verdade.

– Não... não compreendo o que me pergunta.

– Muito bem, serei mais específico. Acha-lo atraente?

Victoria reprimiu uma surpreendida gargalhada.

– A maior parte das mulheres parece achá-lo extremamente atraente – pressionou Charles com um sorriso. Um sorriso orgulhoso, pareceu a Victoria. – Tu também?

Recuperando do espanto que lhe causava aquela linha de interrogatório, Victoria assentiu com a cabeça, a tentar não parecer tão embaraçada como se sentia.

– Ótimo, ótimo. E dirias que é muito... hã... varonil?

Para horror de Victoria, o seu cérebro escolheu aquele preciso instante para reviver a maneira como Jason a beijara junto ao ribeiro, e um intenso rubor incendiou-lhe as faces.

– Estou a ver que sim – disse Charles com uma gargalhada, interpretando mal a razão que a fizera corar. – Excelente. Agora, vou revelar-te um segredo: o Jason é um dos melhores homens que alguma vez conhecerás. Não teve uma vida feliz, e no entanto seguiu em frente porque possui uma tremenda força de espírito e de vontade. Leonardo da Vinci disse certa vez: «Quanto maior é a alma de um homem, mais profundamente ele ama.» Estas palavras fazem-me sempre pensar no Jason. Sente as coisas muito profundamente, mas raramente o mostra. E – acrescentou, com triste ironia –, por ser tão forte, raramente encontra oposição da parte de quem quer que seja... e nunca da parte de jovens senhoras. É por isso que podes, de vez em quando, achá-lo um pouco... hã... ditatorial.

A curiosidade de Victoria levou a melhor sobre o desejo de não bisbilhotar.

– De que maneira é que a vida dele não foi feliz?

– Deve ser o Jason a falar-te da sua vida, eu não tenho esse direito. Ele há de contar-te, um dia...

sei-o no fundo do coração. Mas tenho mais uma coisa para te dizer: o Jason decidiu que terás a tua *saison* em Londres, completa com todo o brilho e fanfarra. Partiremos para Londres dentro de dois dias. A Flossie irá juntar-se-nos lá, e nos quinze dias que faltam para o início da *saison* ensinar-te-á tudo o que precisas de saber para te movimentares na sociedade. Ficaremos instalados em casa do Jason, que é muito mais adequada para receber do que a minha, e ele ficará na minha quando estiver na cidade. Uma coisa foi residirmos os três juntos aqui em Wakefield, na intimidade do campo, mas isso terá de acabar quando formos para Londres.

Victoria não fazia a mais pequena ideia do que uma *saison* em Londres implicava, mas escutou atentamente enquanto Charles descrevia a ronda de bailes, festas, *soirées*, noites no teatro e pequenos-almoços venezianos em que se ia ver envolvida. A sua apreensão tinha chegado quase ao ponto do descontrolo quando ele referiu que Caroline Collingwood estaria em Londres pela mesma razão.

– ... e apesar de tu não teres parecido prestar especial atenção durante o jantar – concluiu Charles –, Lady Caroline disse por duas vezes que esperava que tu também fosses para a cidade para poderem conhecer-se melhor. Vais gostar disso, não é verdade?

Victoria pensou que ia gostar muito de pelo menos essa parte da *saison*, e assim o disse, mas no fundo do coração detestava a ideia de sair de Wakefield e enfrentar centenas de desconhecidos, sobretudo se fossem parecidos com as duas Kirby.

– Agora que resolvemos este assunto – continuou Charles, abrindo uma pequena gaveta da mesa e tirando de lá um baralho de cartas –, diz-me uma coisa: quando o teu amigo Andrew te ensinou a jogar cartas, ensinou-te por acaso a jogar piquete?

Victoria assentiu com a cabeça.

– Ótimo. Então vamos jogar. – Victoria concordou prontamente, e ele lançou-lhe um olhar de fingida ferocidade. – Não vais fazer batota, pois não?

– Não, juro – prometeu ela, solene.

Charles passou-lhe o baralho, com riso nos olhos.

– Primeiro, mostra-me como és boa a dar. Para compararmos técnicas.

Victoria riu à gargalhada. Pegou no baralho e as cartas ganharam vida entre os seus hábeis dedos, encaixando-se umas nas outras com um ligeiro sussurro e um estalido enquanto ela as baralhava uma e outra vez.

– Primeiro vou levá-lo a pensar que esta é a sua noite de sorte – explicou, dando as cartas às duas de cada vez até ficarem ambos com doze. Charles deu uma vista de olhos à mão que acabava de receber e em seguida ergueu a cabeça e olhou para ela com fascinada admiração.

– Quatro reis. Apostaria uma fortuna numa mão destas.

– E perderia – respondeu Victoria com um sorriso malandro, e virou as suas próprias cartas, que incluíam quatro ases. – Agora mostre-me a *mim* como é bom a dar – sugeriu, e quando ele lhe mostrou, atirou a cabeça para trás e riu à gargalhada.

O jogo de cartas que tencionavam jogar degenerou em farsa, com os dois a revezarem-se para darem a si mesmos mãos escandalosamente vencedoras, e a biblioteca encheu-se de risos enquanto tentavam enganar-se um ao outro.

Prejudicado na sua concentração pelo barulho que vinha da biblioteca, Jason resolveu investigar o que se passava no preciso instante em que o carrilhão do ornamentado relógio de pé do átrio dava as nove horas. Quando entrou, viu Charles e Victoria esparramados nas respetivas cadeiras a limpar dos

olhos lágrimas de riso e um baralho de cartas entre os dois.

– As histórias que estão a trocar devem ser ainda mais divertidas do que as que contaram à ceia – observou, de mãos enfiadas nos bolsos das calças justas e a olhar para os dois com um ar um tudonada irritado. – Ouço-os rir no meu escritório.

– A culpa é minha – mentiu Charles, piscando maliciosamente um olho a Victoria enquanto se punha de pé. – A Victoria queria jogar uma partida séria de piquete e eu tenho estado a distraí-la com piadas. Esta noite não consigo ficar sério. Queres jogar uma partida com ela?

Victoria estava à espera de uma recusa, mas depois de lançar um olhar intrigado a Charles, Jason sentou-se à sua frente, do outro lado da mesa. Charles colocou-se atrás da cadeira dele. Ficou ali quieto até que Victoria ergueu os olhos para ele, e então dirigiu-lhe um olhar risonho que dizia com toda a clareza: «Dá-lhe uma tarefa. Faz batota!»

Victoria estava tão inebriada pelo divertimento dos truques descarados que tinham estado a fazer, incluindo alguns novos que Charles lhe ensinara, que entrou no plano sem precisar de mais exortações.

– Quer dar, ou prefere que dê eu? – perguntou a Jason, com um ar muito inocente.

– Faça favor – respondeu ele, cortês.

Com a intenção de o enganar levando-o a uma falsa sensação de segurança, Victoria baralhou as cartas sem quaisquer exibicionismos e começou a dá-las. Jason olhou por cima do ombro para Charles e pediu um copo de *brandy*, recostando-se depois na cadeira, indiferente. Acendeu um dos charutos finos que por vezes fumava e aceitou o copo que Charles lhe estendia.

– Não vai ver as suas cartas? – perguntou Victoria.

Jason enfiou as mãos nos bolsos, com o charuto preso entre os dentes muito brancos e regulares, e olhou para ela com um ar especulativo.

– Normalmente, prefiro as minhas dadas da parte de cima do baralho – disse, a arrastar a voz.

Trespasada pelo olhar dele, Victoria abafou uma risadinha de horror e tentou fazer *bluff*.

– Não sei o que quer dizer com isso.

Uma sobrelanceira escura arqueou-se, a desafiá-la.

– Sabe o que acontece aos batoteiros?

Victoria desistiu de fingir inocência. Apoiou os cotovelos na mesa, pousou o queixo nas mãos entrelaçadas e cravou nele os brilhantes olhos azuis.

– Não. O que é?

– A pessoa que foi vítima da batota acusa a que fez batota, e muitas vezes trava-se um duelo para resolver a questão.

– Quer desafiar-me para um duelo? – perguntou Victoria, atrevida, a divertir-se imensamente.

Jason deixou-se ficar recostado na cadeira, a estudar-lhe o rosto risonho e os olhos brilhantes enquanto parecia considerar essa possibilidade.

– É tão boa atiradora como afirmou quando esta tarde ameaçou a minha vida?

– Melhor – declarou ela.

– E com o sabre?

– Nunca peguei num, mas talvez Lady Caroline aceite representar-me. Parece que é excelente nesse género de coisa.

O deslumbrante encanto do sorriso preguiçoso de Jason estava a fazer coisas estranhas à pulsação de Victoria quando ele observou:

– Não sei o que me deu para pensar que a Caroline Collingwood seria uma companheira segura para si. – Então acrescentou o que pareceu a Victoria um elogio encantador: – Deus ajude os janotas de Londres esta *saison*. Não vai restar um coração intacto quando acabar com eles.

Victoria ainda estava a tentar recuperar do seu espanto pela alta opinião que ele parecia ter a respeito dos estragos que ia causar nos corações masculinos quando Jason se endireitou na cadeira e fez um ar sério.

– Então – disse –, vamos jogar a tal partida por que estava tão ansiosa?

Quando ela assentiu, ele tirou-lhe o baralho das mãos.

– *Eu* dou, se não se importa – brincou. E já lhe tinha ganhado três mãos quando ela o viu tirar habilmente a carta de que precisava daquelas que já tinha descartado e nas quais não podia tocar.

– Sua peste! – disse, explodindo numa indignada gargalhada. – Vim cair no meio de um par de bandidos! Vi o que fez... esteve a fazer batota durante toda esta mão!

– Engana-se – disse Jason, sorrindo enquanto se punha de pé com aquela sua graça felina. – Tenho estado a fazer batota *desde o início do jogo*.

Sem aviso, inclinou-se, depositou-lhe um beijo no alto da cabeça, despenteou-lhe o cabelo e saiu da biblioteca.

Victoria ficou tão estupefacta que não reparou na expressão de pura alegria no rosto de Charles enquanto via Jason sair.

CAPÍTULO 11

Dois dias mais tarde, o *Gazette* e o *Times* noticiavam que Lady Victoria Seaton, condessa de Langston – cujo noivado com Jason Fielding, marquês de Wakefield, tinha sido anteriormente anunciado – faria a sua apresentação formal à sociedade no baile que seria dado, dentro de quinze dias, pelo primo, o duque de Atherton.

Ainda a elite londrina mal tinha acabado de digerir a excitante notícia quando assistiu a uma súbita erupção de atividade na palaciana residência do marquês de Wakefield em Londres, no número 6 de Upper Brook Street.

Primeiro chegaram dois coches que transportavam, além de outra criadagem de menor importância, Mr. Northrup, o mordomo, O'Malley, o chefe dos lacaios e Mrs. Craddock, a cozinheira. Estes veículos foram seguidos a breve trecho por um enorme furgão em que viajavam várias criadas, três ajudantes de cozinha, quatro lacaios e montanhas de baús.

Pouco depois, outra carruagem deixou à porta Miss Flossie Wilson, a tia solteira do duque, uma senhora de idade, roliça, com um rosto rosado de querubim, enquadrado por caracóis louros. Trazia, empoleirada no alto da cabeça, uma pequena e deliciosa touca cor de amora que seria mais apropriada para uma senhora muito mais nova e fazia Miss Flossie parecer uma ternurenta boneca velhota. Miss Flossie, que era uma figura bem conhecida entre a alta sociedade, apeou-se da carruagem, fez um alegre aceno a duas amigas que iam a passar e subiu apressada os degraus do pórtico da mansão do sobrinho-neto em Brook Street.

Toda esta atividade foi devidamente notada pelas elegantes senhoras e cavalheiros que passeavam por Upper Brook Street ostentando os seus mais finos trajes, mas a excitação que criou não foi nada que se comparasse com a gerada no dia seguinte quando várias testemunhas viram o elegante coche *bordeaux* de Jason Fielding, tirado por quatro magníficos cavalos russos, deter-se diante do número 6.

Do sumptuoso interior da carruagem emergiu Charles Fielding, duque de Atherton, seguido por uma jovem que só podia ser a prometida esposa de Jason Fielding. A jovem desceu com grande graciosidade os degraus do coche, enfiou a mão no braço do duque e fez uma pausa, a olhar com sorridente incredulidade para a luxuosa mansão de quatro andares com as suas grandes janelas em arco.

– Santo Deus, é ela! – exclamou o jovem Lord Wiltshire do seu posto de observação do outro lado da rua. – É a condessa de Langston – acrescentou entusiasmado, cravando o cotovelo no peito do companheiro, para dar mais ênfase.

– Como é que sabes? – perguntou Lord Crowley, a alisar uma ruga inexistente no casaco agredido.

– A mais humilde inteligência não teria dificuldade em saber quem é... Olha para ela, é uma beldade. Uma Incomparável.

– Não consegues ver-lhe a cara – observou o companheiro, cheio de razão.

– Nem preciso, pateta. Se não fosse bela, nunca teria conseguido arrancar uma proposta ao Wakefield. Alguma vez o viste com uma mulher que não fosse deslumbrante?

– Não – admitiu Lord Crowley. Erguendo o monóculo, espreitou por ele de olho semicerrado e deixou escapar um abafado assobio de surpresa. – É ruiva. Nunca o teria esperado, nem num milhão de anos.

– Não é ruiva, é mais para o dourado do que para o ruivo.

– Não, é ruivo-dourado – argumentou Lord Crowley. Baixou o monóculo e lançou um olhar superior ao amigo. – Penso que a minha tia Mersley conhece o Atherton... vai receber um convite para o baile de apresentação da condessa de Langston. Acho que me vou pendurar nela e... – Parou de falar e abafou uma exclamação quando a jovem que era objeto da atenção dos dois se voltou para a carruagem e disse qualquer coisa. Um instante mais tarde, um enorme animal de pelagem prateada e cinzenta saltou para o chão e deteve-se junto dela. O trio subiu então os degraus do pórtico. – Que me enforcem se aquilo não era um lobo! – murmurou Lord Crowley, estupefacto.

– Tem estilo – decretou o outro jovem, quando recuperou a voz. – Nunca ouvi falar de uma mulher que tivesse um lobo como animal de estimação. Tem muito estilo, a condessa. Uma Original, sem a mais pequena dúvida.

Desejosos de fazerem constar que tinham sido os primeiros a ver a misteriosa Lady Victoria Seaton, os dois separaram-se e correram para os respetivos clubes. Quando, na tarde seguinte, Jason chegou a Londres e entrou no White's pela primeira vez em meses, com a intenção de relaxar algumas horas a jogar cartas antes de ir ao teatro, era já facto sabido e aceite que a sua noiva era uma beldade deslumbrante e uma aclamada «ditadora de modas». Em consequência disto, em vez de poder jogar em paz, Jason foi repetidamente confrontado por conhecidos que interrompiam o jogo para lhe elogiarem o excelente bom gosto e boa sorte e para o felicitarem e apresentarem os melhores votos de felicidade futura.

Depois de aguentar duas horas desta farsa, de lhe terem apertado a mão e dado palmadas nas costas dúzias de vezes, ocorreu-lhe que, a despeito do que Charles parecia pensar, não era boa ideia deixar a alta sociedade acreditar que ele e Victoria estavam noivos. Baseou esta conclusão na simples observação de que nenhum dos solteiros elegíveis que o felicitavam correria o risco de o ofender cortejando a sua reconhecida noiva. Em vista disto, começou a encorajá-los a assediarem-na agradecendo os bons votos e acrescentando: «A questão ainda não está inteiramente decidida entre nós», ou: «Lady Seaton não está ainda absolutamente segura de os seus afetos estarem definitivamente fixos em mim... Ainda não me conhece o suficiente.»

Dizia estas coisas porque eram necessárias, mas estava farto de toda a farsa e furioso por ser obrigado a desempenhar o papel de noivo putativo cuja noiva estava a um passo de o deixar.

Quando, às nove da noite, a sua carruagem se deteve diante da elegante casa em Williams Street onde alojava a amante, Jason Fielding estava de péssimo humor.

A criada que lhe abriu a porta olhou-lhe para a cara e recuou, assustada.

– M-Miss Sybil ordenou-me que lhe dissesse que não deseja voltar a vê-lo.

– Ai sim? – respondeu Jason, numa voz de seda. – Ela fez isso?

A pequena criada, que sabia muito bem que o seu salário era pago pelo homem assustadoramente alto e robusto que estava à sua frente, assentiu com a cabeça, engoliu em seco e acrescentou, numa voz contrita: – Sim, senhor. É-é que Miss Sybil leu no jornal a respeito do baile da noiva de vossa senhoria e que vossa senhoria estaria presente, e recolheu à cama. É lá que se encontra agora.

– Ótimo! – disse Jason, cruel. Sem disposição para tolerar uma birra de Sybil naquela noite, passou pela criada, subiu a escada saltando dois degraus de cada vez e abriu de rompante a porta do quarto.

Semicerrou os olhos ao ver a mulher deslumbrantemente bela que estava recostada na cama no meio de uma montanha de almofadas de cetim.

– Está com um ataque de mau humor, minha querida? – perguntou num tom gelado, encostando um ombro à porta fechada.

Os olhos verdes de Sybil chisparam de fúria, mas ela não se dignou responder.

O mau génio de Jason, já muito posto à prova, estava prestes a explodir.

– Levante-se da cama e vista-se – ordenou, numa voz que soou perigosamente calma. – Esta noite vamos festejar. Mande-i-lhe um bilhete.

– Não vou a lado nenhum consigo. Nunca mais!

Jason começou calmamente a desabotoar o casaco.

– Nesse caso, chegue-se para lá. Fazemos a festa aqui mesmo.

– Seu bruto luxurioso! – explodiu a tempestuosa beldade, saltando da cama numa agitação de *chiffons* rosados quando ele se aproximou. – Como se atreve? Como se atreve a pensar que pode aproximar-se de mim depois daquele artigo no *Times*? Saia da minha casa!

Jason olhou para ela, impassível.

– Tenho de recordar-lhe que a casa é *minha*? Fui eu que a paguei.

– Nesse caso saio *eu* – gritou ela em resposta. A despeito da exibição de desafio, o queixo tremeu-lhe e, tapando a cara com as mãos, começou a chorar. – Jason, como foi capaz? – disse numa voz entrecortada, com o corpo sacudido pelos soluços. – Disse-me que o seu noivado era uma mentira e eu acreditei! N-nunca lhe perdoarei. Nunca...

A fúria desapareceu do rosto de Jason e foi substituída por uma expressão de surpreendido remorso ao ouvir o que parecia o choro genuíno de um coração destroçado.

– Será que isto a ajuda a perdoar-me? – perguntou em voz baixa e, enfiando a mão no bolso, tirou de lá uma fina caixa de veludo. Abriu-a com um toque do polegar e estendeu-a na direção de Sybil.

Sybil espreitou por entre os dedos e arquejou ao ver a refulgente pulseira de diamantes aninhada no seu escrínio de veludo negro. Com gestos reverentes, pegou nela e apertou-a contra a face. Ergueu os olhos que brilhavam para os dele e disse:

– Jason, pelo colar a condizer, perdoar-lhe-ei *tudo* o que quiser!

Jason, que se preparava para lhe garantir que não fazia a mínima tenção de casar com Victoria, atirou a cabeça para trás e riu à gargalhada.

– Sybil – disse, a abanar a cabeça como se estivesse tão divertido como ela –, acho que esta é a mais encantadora das suas qualidades.

– Qual? – perguntou ela, esquecendo a pulseira e estudando as sardónicas feições do amante.

– A sua sincera e ousada ganância – respondeu ele, sem um vestígio de malícia. – Todas as mulheres são gananciosas, mas você minha, cara, tem a honestidade de não disfarçar. Agora venha mostrar-me como ficou contente com a sua nova bugiganga.

Obediente, Sybil avançou para os braços dele, mas os seus olhos expressavam uma ligeira perturbação quando ergueu o rosto para o beijar.

– Não tem uma grande opinião a respeito das mulheres, pois não, Jason? Não é só a mim que despreza em segredo... é a todas nós, não é verdade?

– Penso – murmurou ele, evasivo, enquanto desatava as fitas de cetim do *robe de chambre* – que as mulheres são criaturas deliciosas na cama.

– E fora da cama? O que é que acha delas?

Ele ignorou a pergunta e fez-lhe deslizar pelos ombros a única roupa que ela vestia, com os dedos a acariciarem habilmente os mamilos e a obterem uma resposta imediata. Apoderando-se-lhe dos lábios num beijo loucamente exigente, pegou-lhe ao colo e levou-a para a cama. Sybil esqueceu-se de que ele não tinha chegado a responder à pergunta.

CAPÍTULO 12

Victoria estava sentada no canapé do quarto, rodeada por montes de caixas acabadas de chegar de Madame Dumosse, cheias de mais coisas para juntar à estonteante variedade de vestidos de passeio, trajes de montar, vestidos de baile, toucas, xales, compridas luvas de pelica francesa e sapatos que já enchiam todos os espaços de armazenamento disponíveis.

– Minha senhora! – exclamou Ruth, excitada, enquanto desdobrava uma capa de cetim azul real com um capuz largo e debruada a arminho. – Alguma vez viu coisa mais bonita?

Victoria ergueu os olhos da carta de Dorothy.

– É encantadora – disse, distraída. – Com essa quantas capas são?

– Onze – respondeu Ruth, a acariciar a pele branca e macia. – Não, doze. Estava a esquecer-me da de veludo amarelo com debrum de zibelina. Ou serão treze? Deixe-me ver... há quatro de veludo, cinco de cetim, duas de pele e três de lã. Catorze, ao todo!

– É difícil acreditar que tenho conseguido governar-me bastante bem com apenas duas. – Victoria suspirou, com um sorriso. – E quando voltar para casa, três ou quatro serão mais do que suficientes. Parece um desperdício tão grande Lord Fielding gastar dinheiro em roupas que só vou poder usar durante algumas semanas. Em Portage, Nova Iorque, as senhoras não usam esses luxos – concluiu, voltando a dedicar a sua atenção à carta de Dorothy.

– Quando voltar para casa? – disse Ruth, num murmúrio alarmado. – Que quer dizer com isso? Peço desculpa, minha senhora, perdoe-me por ter perguntado.

Victoria não a ouviu; estava a reler a carta, que chegara naquela manhã.

Querida Tory,

Recebi a tua carta há uma semana e fiquei muito excitada quando soube que vinhas para Londres, porque pensei que ia ver-te imediatamente. Disse à avó que desejava fazê-lo, mas em vez de continuarmos em Londres, partimos no dia seguinte para a casa de campo da avó, que fica a pouco mais de uma hora de viagem do lugar chamado Wakefield Park. Agora estou eu no campo e tu estás na cidade. Tory, acho que a avó quer manter-nos afastadas, e isso entristece-me muito e deixa-me muito zangada. Temos de arranjar maneira de nos encontrarmos, mas deixo isso contigo, porque sempre foste muito melhor do que eu a fazer planos.

Talvez esteja só a imaginar as intenções da avó. Não posso ter a certeza. É muito severa, mas não tem sido cruel para mim. Quer que eu faça aquilo a que chama «um casamento brilhante», e com esse objetivo tem em mente um cavalheiro chamado Winston. Tenho dúzias de esplêndidos vestidos novos de todas as cores, apesar de não poder usar a maior parte

deles enquanto não for apresentada à sociedade, o que me parece uma tradição muito estranha. E a avó diz que não posso ser apresentada à sociedade enquanto tu não estiveres noiva de alguém, o que é outra tradição. As coisas eram muito mais simples lá na nossa terra, não eram?

Já expliquei não sei quantas vezes à Avó que tu estás praticamente noiva do Andrew Bainbridge e que quero seguir uma carreira musical, mas ela parece não ouvir.

Nunca refere o teu nome, mas eu falo de ti de qualquer maneira, porque estou determinada a fazê-la ceder e convidar-te para viver connosco. A avó não me proíbe de falar de ti, só nunca diz nada quando o faço, o que me leva a pensar que prefere fingir que não existes. Limita-se a olhar para mim com uma expressão que só posso descrever como *vazia* e não diz absolutamente nada.

A verdade é que tenho insistido muito com ela a teu respeito... mas *discretamente*, como prometi. Ao princípio limitava-me a falar de ti, introduzindo o teu nome na conversa sempre que possível. Quando a avó comentava que eu tinha uma boa cara, eu dizia que a tua é muito mais bonita; quando elogiava a minha capacidade de tocar piano, eu dizia que o teu talento é muito superior; quando observava que os meus modos eram aceitáveis, eu dizia que os teus eram perfeitos.

Quando todos estes esforços para a fazer compreender que somos muito chegadas e que tenho saudades tuas falharam, fui obrigada a recorrer a medidas mais drásticas, de modo que levei aquele pequeno retrato teu de que tanto gosto para a sala de estar e pu-lo em cima da consola da lareira. A avó não disse nada, mas no dia seguinte mandou-me dar uma volta por Londres, e quando regresssei o retrato estava outra vez no meu quarto.

Uns dias mais tarde, a avó estava à espera da visita de umas amigas, e eu entrei às escondidas no salão preferido dela e preparei uma linda exposição dos teus desenhos de paisagens à volta de Portage... aqueles que me deste para me lembrar de casa. Quando as senhoras os viram, todas elogiaram o teu talento, mas a avó não disse nada. No dia seguinte mandou-me ao Yorkshire, e quando voltei os desenhos estavam outra vez no meu quarto, dentro do armário.

Esta noite, voltou a receber, e pediram-me que tocasse piano para as visitas. Toquei, mas enquanto o fazia cantei a cantiga que nós as duas escrevemos quando éramos crianças – chamámo-lhe «Irmãos para Sempre», lembras-te? Percebi pela expressão da Avó que estava muito zangada comigo. Quando as amigas saíram, disse-me que tinha decidido mandar-me para o Devonshire por uma semana.

Desconfio que, se volto a provocá-la, é bem capaz de me mandar para Bruxelas, ou para outro lado qualquer, durante um mês inteiro. Mesmo assim, vou insistir. Mas chega deste assunto por agora.

Imagino como deves ter ficado chocada quando soubeste que tinha sido anunciado o teu noivado com Lord Fielding. O Andrew havia de ficar muito perturbado se soubesse. No entanto, uma vez que tudo isso está agora resolvido e não vai dar em nada, o que deves fazer é aproveitar os teus vestidos novos e não te sentires mal por não teres podido respeitar o tempo de luto apropriado pela mamã e pelo papá. Eu uso luvas pretas, que a avó diz ser a maneira adequada de fazer luto em Inglaterra, embora haja quem vista de preto durante seis meses e depois de cinzento por mais seis.

A avó é muito inflexível no que respeita às conveniências, e apesar de ter aceitado as minhas garantias de que já estás noiva do Andrew, como estás, só poderei ser apresentada à sociedade na próxima primavera. Diz que tem de passar um ano inteiro depois da morte de algum membro da família chegada antes de se poder participar em seja o que for exceto reuniões muito íntimas e informais. Eu não me importo nem um bocadinho, porque a perspectiva de bailes e tudo o que isso implica me parece muito assustadora. Tens de me escrever a contar se é tão mau como parece.

A avó irá a Londres de vez em quando para ir ao teatro, de que gosta muito, e prometeu-me que poderei acompanhá-la uma vez por outra. Avisar-te-ei logo que saiba quando será, e havemos de arranjar maneira de nos encontrarmos.

Agora tenho de ir, porque a avó contratou uma professora para me ensinar a comportar-me em sociedade quando fizer o meu *début*. Há tanta coisa para aprender que fico com a cabeça a andar à roda...

Victoria guardou a carta numa gaveta, olhou para o relógio em cima da consola da lareira e suspirou. Sabia muito bem o que Dorothy queria dizer com aquele último parágrafo, porque havia quase duas semanas que Miss Flossie Wilson andava a martelar-lhe na cabeça regras de conduta e comportamento, e estava na hora de mais uma lição.

– Cá estás tu – disse Miss Flossie, com um grande sorriso, quando Victoria entrou no salão. – Penso que hoje vamos rever a forma correta de nos dirigirmos aos membros da aristocracia. Não podemos correr o risco de cometeres um erro no teu baile, amanhã à noite.

Reprimindo uma vontade louca de levantar as saias e fugir daquela casa, Victoria sentou-se ao lado de Charles e em frente de Miss Flossie. Durante quase duas semanas, Miss Flossie tinha-a arrastado num corrupio da modista para a chapeleira e da chapeleira para o sapateiro, tudo isto nos intervalos de intermináveis lições de comportamento, dança e francês. Durante essas lições, Miss Flossie ouvia a dicção dela, observava-lhe os mais pequenos gestos e interrogava-a a respeito das suas realizações e interesses, sem parar de acenar com a cabeça encaracolada e agitar os dedos de uma maneira que lhe fazia lembrar o esvoaçar de uma pequena ave.

– Muito bem, então – chilreou Miss Flossie. – Vamos começar pelos duques. Como te disse ontem, o título de duque é o mais alto, com exceção dos reais, na aristocracia britânica. Os duques são tecnicamente «príncipes», mas embora te possa parecer que um príncipe tem uma condição mais elevada, deves ter presente que os filhos dos reis nascem príncipes, mas são *elevados* à condição de duques. O nosso querido Charles – concluiu triunfante e desnecessariamente –, é um duque!

– Sim – concordou Victoria, retribuindo o olhar de compaixão que o tio Charles lhe dirigiu.

– Depois do duque vem o marquês. Um marquês é o herdeiro de um ducado. Por isso o nosso querido Jason é marquês! Seguem-se o conde, o visconde e, por fim, o barão. Queres que to ponha por escrito, querida?

– Não é preciso, obrigada – apressou-se Victoria a assegurar. – Já tenho tudo decorado.

– És uma criança tão inteligente – disse Miss Flossie, aprovadamente. – Ora bem, agora as formas de tratamento. Quando falas com um duque, deves tratá-lo por «vossa graça». *Nunca* – avisou, num tom dramático – trates um duque por «meu senhor». As duquesas tratam-se também por «vossa graça». Podes, no entanto, tratar todos os outros membros da aristocracia por «meu senhor», e as

mulheres por «minha senhora», que é a forma de tratamento adequada para eles. Quando fores duquesa, tratar-te-ão por «vossa graça» – concluiu, com um ar satisfeito. – Não é excitante?

– Sim – respondeu Victoria, pouco à vontade. O tio Charles explicara-lhe por que razão era necessário que a sociedade acreditasse que o seu noivado com Jason era real e, uma vez que Flossie Wilson era tão tagarela, ele decidira que o mais conveniente seria deixá-la acreditar como o resto das pessoas.

– Obtive autorização das patrocinadoras do Almack’s para dançares a valsa no teu *début*, minha querida. Mas basta deste tema. Vamos agora estudar um capítulo do Debrett’s Peerage? – continuou Flossie, mas Victoria foi poupada a esse tormento por Northrup, que entrou no salão, tossicou para limpar a garganta e anunciou a chegada da condessa de Collingwood.

– Mande-a entrar, Northrup – disse jovialmente o tio Charles.

Caroline Collingwood entrou no salão, reparou nos livros de etiqueta abertos e no volume do Debrett’s Peerage e dirigiu a Victoria um sorriso conspirativo.

– Estava na esperança de que pudesses acompanhar-me num passeio pelo parque – disse.

– Oh, adorava! – exclamou Victoria. – Importa-se muito, Miss Flossie? Tio Charles?

Ambos deram a sua autorização e Victoria correu escadas acima para arranjar o cabelo e escolher uma touca.

Enquanto esperava por ela, Caroline voltou-se, delicada, para os dois ocupantes mais velhos do salão.

– Imagino que devem estar ansiosos pela noite de amanhã.

– Oh, sim, muito – declarou Miss Flossie, sacudindo energicamente os caracóis louros. – A Victoria é uma jovem encantadora, o que não preciso de lhe dizer, uma vez que já a conhece. Tem uns modos tão delicados, é muito simpática e uma excelente conversadora. E que olhos! E uma bela figura, também. Estou muito confiante que vai ser um enorme êxito. Mas não consigo impedir-me de desejar que fosse loura. – Miss Flossie suspirou e abanou a cabeça com uma expressão triste, indiferente às tranças cor de mogno de Lady Collingwood. – O louro está muito na moda. – Os seus olhinhos de pássaro saltaram para Charles. – Lembras-te de Lord Hornby quando era novo? Eu achava-o o homem mais atraente do mundo. Tinha cabelos ruivos e um trato tão *agradável*. O irmão era muito baixinho...

E continuou por ali fora, saltitando de tema em tema como uma ave de ramo em ramo.

Victoria olhou em redor, recostou-se no banco da carruagem aberta que atravessava o parque e fechou os olhos, com uma sensação de pura felicidade.

– É tudo tão calmo, aqui – disse a Caroline. – E tu tens sido um anjo por vires em meu socorro tantas tardes para dar estes passeios pelo parque.

– O que estavas a estudar quando cheguei?

– A maneira correta de tratar os membros da aristocracia e as respetivas mulheres.

– E já sabes tudo?

– Absolutamente – respondeu Victoria, a reprimir uma cansada e irreverente gargalhada. – Tudo o que tenho de fazer é tratar os homens por «meu senhor», como se fossem Deus, e as mulheres por «minha senhora», como se fosse criada delas.

A gargalhada de Caroline fez eco à dela.

– O que mais me custa é o francês – confessou Victoria. – A minha mãe ensinou-nos, a mim e à Dorothy, a ler, mas não consigo lembrar-me das palavras certas quando tento falar.

Caroline, que falava fluentemente francês, tentou ajudar:

– Por vezes é melhor aprender uma língua em frases úteis, em vez de palavras isoladas; se fizeres isso, não precisarás de pensar na maneira de as juntar, e o resto virá mais tarde. Por exemplo, como me pedirias material para escrever em francês?

– *Mon pot d'encre veut vous emprunter votre plume?* – arriscou Victoria.

Os lábios de Caroline tremeram de riso.

– Acabas de dizer: «O meu tinteiro quer pedir emprestada a sua pena.»

– Pelo menos andei perto – disse Victoria, e riram as duas à gargalhada.

Os ocupantes das outras carruagens que cruzavam o parque voltaram-se ao ouvir o som musical da hilaridade das duas, e foi mais uma vez notado que a bela condessa de Collingwood dava mostras de uma *particular* afeição por Lady Victoria Seaton – um facto que já contribuíra grandemente para o crescente prestígio de Victoria entre os membros da alta sociedade que ainda não a conheciam.

Victoria estendeu a mão para acariciar a cabeça de *Wolf*, que costumava acompanhá-las naqueles passeios.

– É estranho, não é, eu ter aprendido matemática e física com o meu pai sem qualquer dificuldade, e esbarrar no francês? Talvez seja por me parecer tão inútil.

– Inútil porquê?

– Porque o Andrew vai aparecer em breve e levar-me para casa.

– Vou ter saudades tuas – disse Caroline, entristecida. – A maior parte das amizades demora anos a tornar-se fácil e confortável como a nossa é agora. Quando pensas, exactamente, que o teu Andrew vai chegar?

– Escrevi-lhe uma semana depois da morte dos meus pais – respondeu Victoria, a empurrar com um gesto distraído uma madeixa de cabelo para debaixo da orla pregueada da touca amarelo-limão. – A carta deve ter demorado cerca de seis semanas a chegar-lhe às mãos, e ele demorará mais seis semanas a chegar a casa. E depois mais quatro a seis semanas para viajar da América até cá. O total andarás entre as dezasseis e as dezoito semanas. Amanhã fará exactamente dezoito semanas que lhe escrevi.

– Estás a presumir que ele recebeu a primeira carta na Suíça, mas o correio para a Europa nem sempre é fiável. Além disso, supõe que ele já tinha partido para França, aonde disseste que ia a seguir?

– Entreguei a Mrs. Bainbridge... é a mãe do Andrew... uma segunda carta para ela mandar para França, para o caso de isso acontecer. – Victoria suspirou. – Se soubesse, quando lhe escrevi, que ia estar agora em Inglaterra, ele podia ter ficado aqui na Europa, o que teria sido muito mais conveniente. Infelizmente, não sabia, de modo que nas primeiras cartas só lhe disse que os meus pais tinham morrido num acidente. Tenho a certeza de que ele regressou à América mal recebeu a notícia.

– Nesse caso, porque foi que não chegou lá antes de tu teres partido para Inglaterra?

– Provavelmente não houve tempo suficiente. Calculo que tenha chegado uma ou duas semanas depois da minha partida.

Caroline lançou-lhe um olhar pensativo e hesitante.

– Victoria, disseste ao duque de Atherton que tens a certeza de que o Andrew te vem buscar?

– Disse, mas ele não acredita. E porque não acredita, decidiu que eu tenho de ter a minha *saison*.

– Mas não achas estranho que ele insista que tu e Lord Fielding continuem a fingir que estão noivos? Não quero meter-me na tua vida – apressou-se a acrescentar. – Se não queres discutir o assunto comigo, eu compreendo.

Victoria abanou enfaticamente a cabeça.

– Tenho andado desejosa de falar disto contigo, mas não queria abusar da tua amizade sobrecarregando-te com os meus problemas.

– Eu contei-te os meus – disse Caroline. – E é para isso que as amigas servem... para desabafar. Não imaginas como acho maravilhoso e invulgar ter uma amiga na alta sociedade que sei de certeza que não vai contar a ninguém nada do que eu lhe diga.

Victoria sorriu.

– Nesse caso... O tio Charles diz que quer que toda a gente acredite que estamos noivos porque isso permite que me mantenha livre de outras «trapalhadas» e «complicações». Como noiva comprometida, poderei desfrutar de toda a excitação do meu *début* sem sentir a mais pequena pressão por parte de eventuais pretendentes, ou da sociedade, para arranjar um marido adequado.

– De certo modo, tem razão – observou Caroline, com uma expressão ligeiramente intrigada –, mas parece-me demasiado rebuscado só para impedir que os cavalheiros te cortejem.

Victoria olhou, pensativa, para os impecáveis canteiros de narcisos-amarelos que ladeavam a alameda do parque.

– Eu sei, e tenho pensado nisso. O tio Charles é muito meu amigo, e por vezes tenho a sensação de que continua a alimentar a esperança de que eu e Lord Fielding acabemos por casar se o Andrew não me vier buscar.

Uma sombra de preocupação escureceu os olhos cinzentos de Caroline.

– Achas que essa possibilidade existe?

– De modo nenhum – respondeu Victoria, confiante.

Com um pequeno suspiro de alívio, Caroline recostou-se nas almofadas.

– Ótimo. Ficaria preocupada contigo se casasses com Lord Fielding.

– Porquê? – perguntou Victoria, a quem a frase despertara a curiosidade.

– Quem me dera não o ter dito – murmurou Caroline, com um ar infeliz –, mas já que o disse, acho que tenho de me explicar. Se o teu Andrew não te vier buscar, tens de saber que género de homem Lord Fielding verdadeiramente é. Há salas de visitas onde é admitido, mas não bem-vindo.

– Porque não?

– Para começar, houve um escândalo qualquer, aqui há quatro anos. Não sei os pormenores porque na altura era demasiado nova para estar a par dos mexericos verdadeiramente escandalosos. A semana passada, pedi ao meu marido que me contasse, mas ele é amigo de Lord Fielding e não quis falar do assunto. Diz que foi uma aldrabice disparatada posta a circular por uma mulher vingativa e proibiu-me de perguntar a mais alguém porque ia voltar a agitar as velhas coscuvilhices.

– Miss Flossie diz que a elite está sempre em fogo com um mexerico qualquer e que a maior parte não passa de disparates – comentou Victoria. – Fosse o que fosse, tenho a certeza de que vou ouvir falar do assunto ao longo das próximas semanas.

– Não, não vais – previu Caroline, enfática. – Em primeiro lugar, és uma jovem solteira, pelo que ninguém te dirá nada que seja sequer ligeiramente escandaloso, por medo de ofender a tua sensibilidade ou fazer-te desmaiar. Em segundo lugar, as pessoas falam umas das outras, mas raramente contam as suas histórias aos que nelas estão envolvidos. É da natureza da coscuvilhice ser

feita nas costas daqueles a quem ela mais intimamente respeita.

– Onde provoca mais estragos e proporciona mais excitação – concordou Victoria. – A coscuvilhice não é de todo desconhecida em Portage, Nova Iorque, e também lá a maior parte é disparate.

– Talvez, mas há outras coisas de que te quero avisar – continuou Caroline, com um ar culpado mas decidida a proteger a amiga. – Graças à sua condição e fortuna, Lord Fielding continua a ser considerado um excelente partido, e há muitas senhoras que além disso o acham extremamente atraente. Por estas três razões, são muitas as que suspiram por ele. No entanto, *ele* nem sempre as trata da maneira mais simpática. Na realidade, houve ocasiões em que foi absolutamente grosseiro! Victoria – concluiu, num tom de severa condenação –, Lord Fielding *não* é um cavalheiro.

Ficou à espera de uma reação da parte da amiga, mas quando Victoria se limitou a olhar para ela como se essa falha no carácter de Lord Fielding não fosse mais importante do que um lenço de pescoço amarrotado, suspirou e seguiu em frente:

– Os homens têm quase tanto medo dele como muitas senhoras, porque houve rumores a respeito de duelos na Índia. Diz-se que se bateu em dúzias deles e que matou os seus oponentes a sangue frio, sem a mais pequena réstia de emoção ou remorso... Dizem-no capaz de desafiar um homem para um duelo à mínima ofensa...

– Não acredito nisso – interpôs Victoria, num impulso de inconsciente lealdade.

– Podes não acreditar, mas há quem acredite, e as pessoas têm medo dele.

– Ostracizam-no, então?

– Muito pelo contrário – disse Caroline. – *Bajulam-no*. Ninguém se atreveria a repudiá-lo abertamente.

Victoria olhou para ela, incrédula.

– Com certeza que todos os que o conhecem têm medo dele?

– Quase todos. O Robert gosta muito dele e ri-se quando eu digo que há qualquer coisa de sinistro em Lord Fielding. No entanto, certa vez ouvi a mãe dele dizer a um grupo de amigas que Lord Fielding é mau, que usa as mulheres e as deita fora.

– Não pode ser tão mau como isso. Tu própria disseste que é considerado um excelente partido.

– É considerado o melhor partido de Inglaterra.

– Vês? Se as pessoas o achassem tão mau como tu pensas, nenhuma jovem, e nenhuma mãe, procuraria um casamento com ele.

Caroline bufou com indelicadeza.

– Por um ducado e uma enorme fortuna, algumas seriam capazes de casar com o Barba Azul.

Quando Victoria se limitou a rir, uma expressão intrigada ensombreceu o rosto de Caroline.

– Victoria, a ti não te parece estranho e assustador?

Victoria considerou com muito cuidado a resposta enquanto o cocheiro dava a volta para iniciar a viagem de regresso à casa de Jason. Recordou a ardente chicotada da língua de Jason quando ela chegara a Wakefield e a terrível fúria que se apoderara dele quando a apanhara a nadar no ribeiro. Recordou também a maneira como ele a batera na competição de batota ao jogo, a consolara na noite em que ela tinha chorado e rira da sua tentativa de ordenhar uma vaca. E recordou ainda a maneira como ele a tinha apertado contra si com uma ternura feroz e exigente, mas expulsou de imediato essa recordação do seu espírito.

– Lord Fielding tem mau génio – disse, devagar –, mas já reparei que a fúria lhe passa depressa e

que não guarda rancores. Sou muito parecida com ele nesse aspeto, embora não me zangue com tanta facilidade. E não *me* desafiou para um duelo quando ameacei dar-lhe um tiro – acrescentou, com humor –, de modo que não consigo acreditar que esteja assim sempre tão desejoso de matar pessoas. Se me pedisses para o descrever – concluiu –, provavelmente diria que é um homem muito generoso que talvez até possa ser gentil por baixo da sua...

– Estás a brincar!

Victoria abanou a cabeça, tentando explicar.

– É que eu vejo-o de uma maneira diferente de ti. Tento ver as pessoas como o meu pai me ensinou que devo vê-las.

– Ensinou-te a ser cega para os defeitos delas? – perguntou Caroline, exasperada.

– De modo nenhum. Mas era médico, e ensinou-me a procurar as causas das coisas, não apenas os sintomas. Por isso, quando alguém se comporta de uma maneira estranha, começo a perguntar a mim mesma *porque* é que o faz, e há sempre uma razão. Por exemplo, já reparaste que quando as pessoas não se sentem bem ficam muitas vezes irritadiças?

Caroline assentiu no mesmo instante.

– Os meus irmãos ficavam maus como as cobras à mais pequena indisposição.

– É disso mesmo que estou a falar: os teus irmãos não são maus, mas quando não se sentem bem, ficam com mau feitio.

– Achas então que Lord Fielding está doente?

– Penso que não é muito feliz, o que é a mesma coisa que não se sentir bem. Outra coisa que o meu pai me ensinou foi a dar mais importância àquilo que as pessoas fazem do que àquilo que dizem. Se olhares para Lord Fielding dessa perspetiva, tem sido muito generoso para comigo. Deu-me uma casa e mais roupas bonitas do que eu poderei usar numa vida inteira, e até me deixou levar o *Wolf* para casa.

– Deves ter uma compreensão superior das pessoas – disse Caroline, em voz baixa.

– Não, não tenho – negou Victoria, pensativa. – Zango-me e sou magoada tão facilmente como qualquer um. É só *depois* que tento compreender o que pode ter levado as pessoas a tratarem-me mal.

– E não tens medo de Lord Fielding, nem sequer quando ele está zangado?

– Só um bocadinho – admitiu Victoria. – Mas a verdade é que não o vejo desde que viemos para Londres, de modo que talvez só esteja a sentir-me corajosa por ele estar longe.

– Já não está – observou Caroline, com um significativo aceno de cabeça na direção da carruagem lacada a preto e com um brasão dourado na porta que esperava diante do número 6 de Upper Brook Street. – É o brasão de Lord Fielding, na porta da carruagem preta – explicou, quando Victoria fez um ar de incompreensão. – E a que está parada atrás é nossa... o que significa que o meu marido deve ter acabado os seus negócios mais cedo e decidiu vir buscar-me.

Victoria sentiu um pequeno e estranho palpar do coração ao saber que Jason estava ali – uma reação que atribuiu de imediato a alguma culpa e nervosismo por ter estado a falar dele com Caroline.

Os dois cavalheiros encontravam-se na sala de estar, a ouvir com delicada paciência Miss Flossie, que os torturava com um longo e desconjuntado monólogo a respeito dos progressos de Victoria durante as duas últimas semanas, liberalmente salpicado de extasiadas referências ao seu próprio *début*, quase cinquenta anos antes. Victoria lançou um olhar às feições tensas de Jason e concluiu

que, na sua mente, ele estava a estrangular a boa senhora.

– Victoria! – exclamou Miss Flossie, e bateu as pequenas mãos. – Finalmente de volta! Tenho estado a falar a estes cavalheiros do teu talento para o piano, e eles estão absolutamente ansiosos por te ouvirem tocar.

Ignorou com alegre descaso a expressão sardónica de Jason ao ouvir-se descrever como «absolutamente ansioso», levou Victoria até ao piano e insistiu que tocasse qualquer coisa.

Impotente, Victoria sentou-se no banco e olhou para Jason, que estava concentrado a tirar uma minúscula partícula de algodão das suas impecáveis calças azul-escuras. Parecia tão entediado que só lhe faltava bocejar. Apercebeu-se de que estava também incrivelmente atraente, e sentiu um novo frémito de nervosismo, ampliado dez vezes pelo sorriso preguiçoso e trocista que ele lhe dirigiu quando ergueu os olhos para ela.

– Nunca conheci uma mulher que soubesse nadar, disparar, domesticar animais selvagens *e* – concluiu – tocar piano. Vamos lá ouvi-la.

Victoria percebeu pelo tom que ele estava à espera de que tocasse mal, e o que mais queria era evitar um recital naquele momento, quando estava tão inexplicavelmente nervosa.

– Mr. Wilhelm deu-me lições a mim e à minha irmã Dorothy como uma forma de pagar ao meu pai por tê-lo tratado de uma doença dos pulmões, mas a Dorothy é muito melhor executante do que eu. Até há duas semanas, tinha passado meses sem tocar, e estou muito destreinada – disse, numa apressada tentativa de escapar à prova. – O meu Beethoven é quando muito medíocre, e...

A sua débil esperança de um adiamento morreu quando Jason arqueou uma sobrancelha, numa expressão de desafio, e fez um significativo aceno de cabeça na direção do teclado.

Victoria capitulou, com um suspiro.

– Há alguma coisa em especial que gostasse de ouvir?

– Beethoven – disse ele, secamente.

Victoria lançou-lhe um olhar exasperado, que só serviu para lhe alargar ainda mais o sorriso, mas inclinou a cabeça e preparou-se para fazer o que ele pedia. Passou os dedos pelo teclado, hesitante, e então deteve-se, com as mãos suspensas sobre as teclas. Quando as baixou, a sala encheu-se com a vibrante e avassaladora melodia e os triunfantes *crescendos* da *Sonata para Piano em Fá Menor*, que explodiu com toda a força e poder e rítmica suavidade do trecho.

No salão para onde dava a sala de estar, Northrup parou de limpar uma taça de prata e fechou os olhos, a ouvir, extasiado. No átrio, O'Malley parou de ralhar com um subordinado, voltou a cabeça na direção da sala de estar e sorriu ao inesperado som de música a ser tocada em casa de Lord Fielding.

Quando Victoria acabou, todos os presentes na sala irromperam em espontâneos aplausos... exceto Jason, que se recostou na cadeira com um sorriso torcido nos lábios.

– Possui mais «talentos medíocres»? – perguntou, a provocá-la, mas havia um elogio sincero nos seus olhos, e quando Victoria o viu, foi invadida por um absurdo prazer.

Caroline e o marido saíram pouco depois, prometendo estar com Victoria no baile da noite seguinte, e Miss Flossie acompanhou-os à porta. Sozinha com Jason, Victoria sentiu um inexplicável embaraço, e começou a falar para o esconder:

– Estou... estou surpreendida por vê-lo aqui.

– Com certeza não pensou que eu ia faltar ao seu *début* – respondeu ele, com um deslumbrante sorriso de provocação. – Não sou totalmente indiferente às conveniências, sabe? Supostamente

estamos noivos. Que iam as pessoas pensar se não aparecesse?

– Senhor... – começou ela.

– Gosto – interrompeu-a ele, a rir. – Muito respeitoso. Nunca me tinha tratado assim.

Victoria lançou-lhe um olhar de risonha severidade.

– E não o teria feito agora se Miss Flossie não tivesse passado dias a fio a enfiar-me na cabeça títulos e fórmulas de tratamento. No entanto, o que ia dizer é que não sou muito boa a mentir e que a ideia de dizer às pessoas que estamos noivos me faz sentir muito pouco à vontade. O tio Charles não dá ouvidos às minhas objeções, mas eu não acho que este fingimento seja uma boa ideia.

– Não é – concordou Jason, numa voz átona. – A razão para lhe proporcionar esta *saison* é apresentá-la a possíveis maridos... – Victoria abriu a boca para insistir que Andrew seria o seu marido, mas Jason ergueu uma mão e corrigiu a última parte da frase: – O propósito é apresentá-la a possíveis maridos, *no caso* de o Ambrose não acorrer a salvá-la.

– Andrew – corrigiu Victoria. – Andrew Bainbridge.

Jason descartou a questão do nome com um encolher de ombros.

– Quando alguém trazer à baila o tema do nosso noivado, quero que diga o que eu tenho andado a dizer.

– E que é...?

– Digo que nem tudo está definitivamente assente, ou que não me conhece suficientemente bem para ter a certeza dos seus sentimentos. Deixa a porta aberta a outros pretendentes, e nem sequer o Charles pode objetar.

– Eu preferia contar a verdade e dizer que não estamos noivos.

Jason passou a mão pela parte de trás do pescoço, massajando irritadamente os músculos tensos.

– Não pode. Se um de nós desistir agora... tão pouco tempo depois da sua chegada a Inglaterra... haverá muita e desagradável especulação a respeito de qual dos dois foi, e porquê.

Victoria recordou a descrição que Caroline lhe fizera da atitude da elite em relação a Jason e adivinhou no mesmo instante o que as pessoas diriam se fosse *ela* a desistir. Ao ver as coisas desta perspetiva, decidiu continuar com o fingimento do noivado. Por nada no mundo pagaria a generosidade de Jason permitindo que alguém pensasse que o achava repugnante ou assustador como futuro marido.

– Muito bem – concordou. – Direi que as coisas ainda não estão assentes entre nós.

– Menina bonita. O Charles já teve um ataque quase fatal e o coração dele é fraco. Não quero preocupá-lo desnecessariamente, e ele está decidido a vê-la bem casada.

– Mas o que acontecerá quando o Andrew chegar e me levar para casa? – perguntou ela, e os olhos abriram-se-lhe muito quando o novo problema lhe ocorreu. – Que vão as pessoas pensar quando eu... eu o largar para casar com o Andrew?

A escolha da expressão pôs um brilho divertido nos olhos de Jason.

– Se isso acontecer, diremos que estamos a honrar um noivado anterior arranjado pelo seu pai. Em Inglaterra, o dever de uma filha é casar de modo a servir as conveniências da família, e toda a gente compreenderá. O Charles terá saudades suas, mas se acreditar que é feliz, isso atenuará o golpe. No entanto – acrescentou –, não acredito que aconteça. O Charles falou-me do Bainbridge, e eu concordo que é provavelmente um homem fraco dominado pela mãe. Sem a sua presença na América para lhe reforçar a coragem e a determinação, é pouco provável que se decida a desafiar a mamã e venha atrás de si.

– Oh, pelo amor de... – exclamou Victoria, exasperada por aquele preconceito contra Andrew.

– Ainda não acabei – interrompeu-a Jason, autoritário. – É também evidente para mim que o seu pai não estava particularmente entusiasmado com esse casamento, uma vez que insistiu numa separação para pôr à prova os vossos sentimentos quando os dois já se conheciam desde sempre. Não estava noiva do Bainbridge quando o seu pai morreu, Victoria – concluiu, implacável. – Portanto, se ele aparecer à minha porta, terá de merecer a *minha* aprovação antes que eu a autorize a casar com ele e regressar à América.

Victoria sentiu-se dividida entre a fúria e o riso face ao deslante da afirmação.

– Que descaramento! – disse, com os pensamentos a atropelarem-se-lhe na cabeça. – Ainda nem sequer o conhece e já decidiu que espécie de homem ele é. E agora diz que eu não posso ir-me embora sem que ele tenha merecido a *sua* aprovação quando pouco faltou para me pôr na rua por uma orelha no dia em que cheguei a Wakefield! – Era tudo tão absurdo que começou a rir. – Sabe uma coisa? Nunca faço ideia do que é que vai dizer a seguir para me deixar de boca aberta. Não sei o que fazer consigo.

– A única coisa que precisa de fazer – respondeu Jason, com um sorriso a repuxar-lhe os cantos dos lábios – é passar em revista a última colheita de janotas de Londres, escolher o que quiser e trazê-lo até mim para que eu lhe dê a minha bênção. Nada poderia ser mais fácil... Vou estar a trabalhar aqui no meu gabinete quase todos os dias.

– Aqui? – espantou-se Victoria, reprimindo uma gargalhada pela maneira como ele tinha descrito como devia proceder para escolher um marido. – Pensei que ia ficar em casa do tio Charles.

– Vou dormir lá, mas vou trabalhar aqui. A casa do Charles é muito desconfortável. As mobílias são velhas e as divisões, na sua maioria, pequenas e escuras. Além disso, ninguém terá nada a dizer se eu estiver aqui durante o dia desde que a Victoria esteja devidamente acompanhada, como estará. Não há qualquer razão para que eu seja obrigado a trabalhar num lugar incómodo. Por falar em companhias, a Flossie Wilson já conseguiu matá-la de tédio com a sua tagarelice?

– É muito querida – disse Victoria, mais uma vez a tentar não rir.

– Nunca ouvi uma mulher falar tanto e dizer tão pouco.

– Tem um bom coração.

– Verdade – disse ele, distraído, com a sua atenção desviada para o relógio. – Combinei ir à ópera esta noite. Quando o Charles chegar, diga-lhe que estive cá e que cá estarei amanhã à noite para receber os convidados.

– Muito bem – disse Victoria e, lançando-lhe um olhar impudentemente risonho, acrescentou: – Mas aviso-o de que terei o maior dos prazeres quando o Andrew chegar e for obrigado a admitir como estava enganado a respeito de tudo.

– Não conte com isso.

– Oh, mas estou a contar. Vou pedir a Mrs. Craddock que faça uma empada de corvo e vou obrigá-lo a comê-la à minha vista.

Jason olhou, num surpreendido silêncio, para o rosto risonho e levantado dela.

– Não tem medo de nada, pois não?

– Não tenho medo de si – respondeu ela, descontraída.

– Pois devia ter – disse ele e, com este comentário enigmático, saiu da sala.

CAPÍTULO 13

— Já chegou quase toda a gente — gorjeou Miss Flossie com entusiasmo, enquanto Ruth dava os últimos retoques no penteado de Victoria. — São horas de fazeres a tua grande entrada, minha querida.

Victoria pôs-se de pé, obediente, mas tinha os joelhos a tremer.

— Teria preferido estar no salão com o tio Charles e Lord Fielding, para poder conhecer os convidados individualmente. Seria muito menos enervante do que assim.

— Mas muito menos eficaz — respondeu Miss Flossie, alegre como um passarinho.

Victoria lançou um último e crítico olhar ao seu reflexo no espelho, aceitou o leque que Ruth lhe entregava e levantou um pouco as saias.

— Estou pronta — disse, com voz trémula.

Quando atravessaram o patamar, fez uma pausa e olhou para o átrio, lá em baixo, que tinha sido transformado num maravilhoso jardim em honra do seu baile, cheio de gigantescos vasos com vaporosos fetos e grandes cestas de rosas brancas. Então inspirou fundo e começou a subir a escadaria encurvada que dava acesso ao piso superior, onde ficava o salão de baile. Lacaios de libré em veludo verde debruada a ouro mantinham-se imóveis ao longo da escadaria, a intervalos regulares, junto a altos arranjos de rosas brancas em suportes de prata. Victoria sorriu aos que conhecia e fez delicados acenos de cabeça aos restantes. O'Malley, o chefe dos lacaios, esperava no alto da escadaria, e ela perguntou-lhe em voz baixa:

— O seu dente tornou a incomodá-lo? Não deixe de me dizer se as dores voltarem... não custa nada preparar outra cataplasma.

O homem sorriu-lhe com franca devoção.

— Não voltou a incomodar-me desde a última que me preparou, minha senhora.

— Fico contente. Mas não tente aguentar as dores se elas voltarem, está bem?

— Não tentarei, minha senhora. — Esperou até Victoria ter dobrado a esquina e voltou-se para o laçao a seu lado. — É maravilhosa, não é?

— Uma senhora dos pés à cabeça — respondeu o outro. — Tal como disseste que sempre foi.

— Vai alegrar a vida de todos nós — previu O'Malley —, e a de sua senhoria também, quando começar a aquecer-lhe a cama. Há de dar-lhe um herdeiro... Isso fá-lo-á feliz.

Northrup estava na varanda sobranceira ao salão de baile, pronto para anunciar os nomes de quaisquer convidados retardatários que passassem por baixo do portal de mármore a seu lado. Victoria aproximou-se dele com pernas que pareciam feitas de geleia.

— Dê-me um momento para recuperar o fôlego — pediu. — Depois pode anunciar os nossos nomes. Estou muito nervosa — confidenciou.

Um sorriso quase desfez a severa compostura do mordomo, que avaliou com um olhar conhecedor a jovem deslumbrante que tinha à sua frente.

– Enquanto recupera o fôlego, minha senhora, permite-me que diga como gostei de ouvi-la tocar a *Sonata para Piano em Fá Menor*, ontem à tarde? É uma das peças de que mais gosto.

Victoria ficou tão satisfeita, e tão espantada, pela inesperada cordialidade do austero servidor que quase esqueceu a multidão ruidosa e risonha que enchia o salão de baile.

– Obrigada – disse, com um sorriso. – E qual é a sua preferida?

Northrup pareceu chocado pelo interesse, mas disse-lhe.

– Amanhã tocá-la-ei para si – prometeu ela, docemente.

– É muita bondade sua, minha senhora – respondeu ele, com uma expressão rígida e uma vénia formal. Mas quando se voltou para anunciar o nome dela, a voz vibrou-lhe de orgulho. – Lady Victoria Seaton, condessa de Langston – proclamou –, e Miss Florence Wilson.

Uma vaga de expectativa pareceu percorrer a multidão, interrompendo conversas e abafando risos quando os cerca de quinhentos convidados se voltaram num quase perfeito uníssono para verem verdadeiramente pela primeira vez a rapariga nascida na América que usava agora o título da mãe e em breve receberia de Jason, Lord Fielding, outro ainda mais cobiçado.

O que viram foi uma exótica deusa de cabelos ruivo-dourados envolta numa túnica ao estilo grego de seda safira que condizia com os seus olhos brilhantes e se colava a cada curva do corpo esbelto e voluptuoso. Usava luvas que lhe chegavam quase aos cotovelos e tinha o cabelo apanhado no alto da cabeça numa massa de espessos e brilhantes caracóis entretecidos com fiadas de safiras e diamantes. Viram um rosto esculpido de inesquecível beleza, com pómulos altos e delicadamente moldados, um nariz perfeito, lábios generosos e uma minúscula e intrigante covinha no centro do queixo.

Ninguém que olhasse para ela acreditaria que os joelhos da majestosa e jovem beldade estavam quase a tremer de medo.

O mar de rostos anónimos que olhavam para ela pareceu abrir-se à medida que Victoria descia os degraus, e, de repente, Jason avançou, saindo do meio da multidão. Estendeu a mão, onde Victoria pousou automaticamente a sua, mas os olhos que voltou para ele estavam muito abertos de medo.

Inclinando-se como que para murmurar algum elogio íntimo, Jason disse:

– Está morta de medo, não está? Quer que comece já as centenas de apresentações, ou prefere dançar comigo e deixá-los acabar de a examinar da cabeça aos pés?

– Que escolha! – murmurou ela, a reprimir o riso.

– Vou abrir o baile – decidiu Jason sensatamente, e fez sinal aos músicos com um aceno de cabeça. Levou-a para a pista de dança e tomou-a nos braços enquanto os músicos atacavam uma dramática valsa.

– Sabe dançar a valsa? – perguntou ele de repente.

– Que altura para perguntar! – respondeu ela a rir, à beira da histeria nervosa.

– Victoria! – disse Jason num tom severo, mas com um sorriso rasgado para benefício do público atento. – É a mesma jovem que ameaçou friamente estourar-me os miolos com uma bala. Não se acobarde agora.

– Não, senhor – respondeu ela, a tentar, desesperada, segui-lo quando ele começou a guiá-la nos primeiros passos da valsa. Jason dançava, pensou ela, com a mesma elegância descontraída com que usava a sua magnífica indumentária negra de cerimónia.

De súbito, o braço dele apertou-lhe a cintura com mais força, obrigando-a a uma inebriante proximidade, e Jason avisou em voz baixa:

– É habitual duas pessoas que dançam envolverem-se numa conversa ou num namoro inofensivo,

caso contrário quem está a assistir percebe que não gostam uma da outra.

Victoria ficou a olhar para ele, com a boca seca como serradura.

– Diga qualquer coisa, raios.

A praga, dita com um sorriso *tão* radiante e atencioso, arrancou-lhe uma gargalhada involuntária, e Victoria esqueceu por instantes o público que os rodeava. A tentar fazer o que ele ordenava, disse a primeira coisa que lhe acudiu à cabeça.

– Valsa muito bem, senhor.

Jason relaxou e sorriu-lhe.

– Isso é o que *eu* devia dizer-lhe a *si*.

– Vocês, os Ingleses, têm regras para tudo – contrapôs Victoria, com admiração fingida.

– Acontece que a senhora também é inglesa – recordou-lhe ele, e acrescentou: – Miss Flossie ensinou-a a valsar muito bem. Que mais aprendeu?

Um pouco picada pela presunção de que antes não sabia dançar a valsa, Victoria fez-lhe um sorriso descarado e disse:

– Posso garantir-lhe, para seu sossego, que possuo agora todas as competências que os Ingleses consideram necessárias a uma jovem bem-nascida e refinada.

– E são? – perguntou Jason, a sorrir do tom que ela usara.

– Além de tocar piano, sei cantar, dançar a valsa sem cair e bordar muito bem. Além disso, sei ler francês e fazer com grande aprumo uma reverência digna de uma sala do trono. Parece-me a mim – observou, com um sorriso impertinente – que em Inglaterra é considerado desejável que as mulheres sejam totalmente inúteis.

Jason atirou a cabeça para trás e riu da observação.

Ela era, pensou, uma espantosa combinação de intrigantes contrastes: sofisticação e inocência, feminidade e coragem, beleza deslumbrante e irreprimível humor. Tinha um corpo que fora feito para as mãos de um homem, uns olhos capazes de levar qualquer um à loucura, um sorriso que tanto podia ser radioso como sensual, e uma boca... uma boca que convidava ao beijo.

– É má educação olhar fixamente para as pessoas – disse Victoria, mais ocupada a manter a aparência de estar a divertir-se do que com a direção do olhar dele.

Jason desviou o olhar da boca dela.

– Peço desculpa.

– Disse que se espera que namorisquemos um pouco enquanto dançamos – recordou-lhe ela, provocadora. – Não tenho nenhuma experiência desse género de coisas... e o Jason?

– Mais do que o suficiente – respondeu ele, a admirar o rubor que lhe realçava as maçãs do rosto.

– Muito bem... mostre-me como se faz.

Apanhado de surpresa pelo convite, Jason baixou o olhar para os olhos azuis que riam por baixo das espessas pestanas escuras e, por instantes, perdeu-se neles. O desejo despertou nele e, num gesto automático, puxou-a para si.

– Não precisa de lições – murmurou numa voz rouca. – Tem-se saído muito bem até agora.

– A fazer o quê?

A óbvia confusão dela fez Jason voltar à razão. Relaxou a força com que a apertava.

– A arranjar muitos mais sarilhos do que aqueles que está preparada para enfrentar.

Junto à pista de dança, o jovem Lord Crowley ergueu o monóculo e inspecionou Lady Victoria da cabeça aos pés.

– Maravilhosa – disse ao amigo. – Disse-to no instante em que a vi, no dia em que chegou a Brook Street. Nunca vi nenhuma que se lhe comparasse. É divina. Celestial. Um anjo.

– Uma beldade, uma verdadeira beldade! – concordou Lord Wiltshire.

– Se não fosse o Wakefield, cortejava-a eu próprio – disse Lord Crowley. – Sitiava-lhe as defesas, expulsava os outros pretendentes e perseguia-a!

– Podias tentar – respondeu Lord Wiltshire, brincalhão. – Mas para a *apanhares*, precisarias de ser dez anos mais velho e vinte vezes mais rico. Se bem que, segundo ouvi dizer, o casamento não esteja ainda definitivamente assente.

– Nesse caso, tenciono ser-lhe apresentado esta noite.

– Também eu – retorquiu Lord Wiltshire num tom de desafio, e apressaram-se ambos a ir procurar as respetivas mães, para que as apresentações pudessem ser devidamente feitas.

Para Victoria a noite foi um êxito sem reservas. Receara que os membros da elite fossem parecidos com Lady Kirby, mas a esmagadora maioria parecia acolhê-la de braços abertos no seu seletos e fechado grupo. Na realidade, alguns – sobretudo os cavalheiros – eram quase humoristicamente efusivos nos seus elogios e atenções. Rodeavam-na, pediam apresentações e danças, e depois deixavam-se ficar a seu lado, a requestar-lhe a atenção e a pedir-lhe autorização para a visitar. Victoria não levava nenhum deles a sério, mas tratava todos com imparcial simpatia.

De longe em longe, apanhava um vislumbre de Jason e sorria para si mesma. Estava estonteantemente bonito naquela noite, com as roupas negras de cerimónia a condizerem com o cabelo preto e brilhante e a contrastar com o branco puríssimo da camisa de folhos e o radiante e alvo sorriso. Ao lado dele, os outros homens pareciam apagados e insignificantes.

Muitas outras senhoras eram da mesma opinião, compreendeu Victoria quatro horas mais tarde, quando dançava com mais um dos seus pares. Várias dessas senhoras namoriscavam descaradamente com ele, apesar do suposto noivado entre os dois. Com secreta compaixão, viu uma voluptuosa loura captar-lhe a atenção olhando-o convidativamente nos olhos enquanto Jason encostava um ombro a uma coluna numa pose negligente e ostentava no rosto bronzeado uma expressão de entediada condescendência.

Até àquela noite, presumira que ele reservava só para ela aquele enfurecedor ar de troça, mas apercebia-se agora de que Jason tratava todas as mulheres com a mesma fria tolerância. Era sem dúvida àquele comportamento que Caroline se referia quando dizia que Jason era grosseiro e nada cavalheiresco. Mesmo assim, as damas eram atraídas para ele como belas borboletas noturnas para uma perigosa chama. E porque não?, pensou Victoria filosoficamente, vendo-o libertar-se com gentileza da mão da loura pousada no seu braço e afastar-se na direção de Lord Collingwood. Jason era subjugadoramente, irresistivelmente, magneticamente... masculino.

Robert Collingwood olhou para Jason e fez um movimento de cabeça na direção dos janotas que se tinham juntado à volta de Flossie Wilson à espera que Victoria regressasse da pista de dança.

– Se continuas a tencionar casá-la com alguém, Jason – disse –, não vais ter muito que esperar. Está a tornar-se a grande coqueluche.

– Ótimo – respondeu Jason, olhando para o grupo e descartando-o com um encolher de ombros.

CAPÍTULO 14

A previsão de Robert a respeito do sucesso de Victoria revelou-se verdadeira. No dia seguinte ao baile, doze cavalheiros e sete jovens senhoras apareceram para visitar Lady Victoria, com convites para visitas e pedidos para ver *Wolf* mais de perto. Northrup estava na sua glória, a conduzir visitantes para dentro e para fora de salões e a distribuir instruções aos lacaios que transportavam bandejas de chá de um lado para o outro.

Quando o jantar foi servido, às nove horas, Victoria estava demasiado exausta para comparecer em qualquer dos bailes e *soirées* para que tinha sido convidada durante o dia. Na noite anterior deitara-se já quase de madrugada e mal conseguia manter os olhos abertos enquanto depenicava a sobremesa do prato. Jason, em contrapartida, parecia tão fresco e repousado como sempre, apesar de ter trabalhado no escritório toda a tarde.

— Victoria, foi um sucesso retumbante ontem à noite — disse, desviando a sua atenção de Charles para ela. — É óbvio que o Crowley e o Wiltshire já estão embeaçados por si. Tal como Lord Makepeace, e ele é considerado o melhor partido da *saison*.

Os olhos sonolentos de Victoria encheram-se de riso.

— Pois, é pena eu não andar à caça de bons partidos.

Pouco depois, pediu licença para se retirar. Jason desejou-lhe uma boa noite, com um sorriso a demorar-se-lhe nos lábios por causa da resposta. Victoria conseguia iluminar uma sala com o seu sorriso, mesmo sonolento. E por baixo da sua inocente sofisticação, havia doçura e inteligência. Beberricou o *brandy*, lembrando-se de como ela cativara a elite na noite anterior com a sua beleza e o seu riso. E naquela noite cativou definitivamente Northrup ao tocar Mozart para ele. Quando acabou, o velho mordomo tinha lágrimas nos olhos. E depois de Mozart, Victoria mandou chamar O'Malley e tocou uma animada jiga irlandesa. No fim, havia uma dúzia de criados à porta da sala de estar, a fingir que estavam ocupados com qualquer coisa para ouvirem o inesperado concerto. Em vez de lhes ordenar que fossem tratar das suas obrigações — como Jason se preparava para fazer —, Victoria voltou-se para eles e perguntou-lhes se havia alguma música em especial que quisessem ouvir; sabia os nomes de todos, perguntou-lhes pela saúde e pelas famílias. E apesar de estar obviamente cansada, continuou a tocar durante uma hora.

Todos os criados lhe eram dedicados, apercebeu-se Jason. Os lacaios sorriam e faziam tudo para lhe agradar. As criadas corriam a satisfazer o mais pequeno dos seus desejos. E Victoria agradecia a todos os serviços que lhe prestavam. Tinha um jeito especial para lidar com as pessoas, era capaz de conquistar barões e mordomos com igual facilidade... talvez porque os tratava a todos com o mesmo sincero e sorridente interesse.

Jason rodou, distraído, o pé do cálice de *brandy* entre os dedos. Sem ela, a sala de jantar pareceu de súbito vazia e lúgubre. Inconsciente de que Charles estava a observá-lo com um brilho satisfeito nos olhos, continuou ali sentado, a olhar de testa franzida para a cadeira vazia.

– É uma jovem extraordinária, não é? – disse Charles, por fim.

– Sim, é.

– Deslumbrantemente bonita, e ainda por cima inteligente. Tens rido mais desde que a Victoria chegou a Inglaterra do que te vi rir num ano! Não o negues... aquela rapariga é única.

– Não o nego – respondeu Jason, a recordar a capacidade dela de parecer uma condessa, uma leiteira, uma criança perdida ou uma mulher sofisticada, conforme o seu estado de espírito e as circunstâncias.

– É encantadora e inocente, mas também tem coragem e fogo. O homem certo poderia transformá-la numa mulher apaixonada e amante... uma mulher para lhe aquecer a cama e a vida. – Charles fez uma pausa, mas Jason não disse nada. – O tal Andrew não tenciona casar com ela – continuou Charles, num tom carregado de significado. – Não tenho a mínima dúvida disso. Se tencionasse, já a tinha contactado.

Fez nova pausa, e mais uma vez Jason nada disse.

– Tenho mais pena dele do que da Victoria – insistiu Charles, com descarada determinação. – Tenho pena de *qualquer* homem que seja suficientemente louco para ignorar a única mulher em mil capaz de fazê-lo feliz. Jason, estás a prestar alguma atenção ao que eu digo?

Jason lançou-lhe um olhar impaciente e intrigado.

– Ouvi todas as palavras. O que é que tudo isso tem a ver comigo?

– O que é que...? – exclamou Charles, frustrado, mas, contendo-se, continuou, mais cuidadoso: – Tem tudo a ver contigo, e comigo também. A Victoria é uma jovem solteira. Mesmo com a Flossie para lhe fazer companhia, não pode continuar a viver indefinidamente com um homem solteiro, e com outro homem solteiro que passa cá em casa a maior parte do dia. Vivemos assim há semanas, e as pessoas vão começar a pensar que o noivado é um disfarce e que ela é na realidade mais uma das tuas conquistas. Quando isso acontecer, cortarão com ela. Não queres ver a rapariga humilhada por tua culpa, pois não?

– Claro que não – respondeu Jason, olhando para o cálice de *brandy* com uma expressão ausente.

– Nesse caso só há uma solução... ela tem de casar, e quanto mais depressa melhor – disse Charles, e esperou, mas Jason manteve-se silencioso. – Não é verdade, Jason? – insistiu.

– Suponho que sim.

– Com *quem* deve ela então casar? – perguntou Charles, triunfante. – *Quem* poderá transformá-la numa mulher apaixonada e carinhosa? *Quem* precisa de uma esposa para lhe aquecer a cama e lhe dar um herdeiro?

Jason encolheu os ombros, irritado.

– Como quer que eu saiba? Não sou o casamenteiro da família, esse papel cabe-lhe a si.

Charles ficou a olhar para ele de boca aberta.

– Estás a dizer-me que não te ocorre nenhum homem com quem ela deva casar?

Jason levou o cálice aos lábios, esvaziou-o de um trago, pousou-o em cima da mesa com um gesto definitivo e pôs-se de pé.

– A Victoria sabe cantar, tocar piano, fazer reverências e costurar – resumiu secamente. – Arranje-lhe um homem com ouvido para a música, olho para a beleza e que goste de cães. Mas certifique-se de que tem uma disposição plácida, pois caso contrário ela distraí-lo-á de tudo o mais. É tão simples como isso.

Ao ver que Charles olhava para ele de boca aberta, Jason acrescentou, impaciente:

– Eu tenho seis propriedades para gerir, uma frota de navios para acompanhar e uma centena de outras coisas a exigir a minha atenção. Eu encarrego-me disso. Encarregue-se o senhor de encontrar um marido para a Victoria. Cooperarei acompanhando-a a alguns bailes e *soirées* durante uma ou duas semanas. Ela já fez sensação. Com um pouco mais de exposição e mais algumas festas, terá tantos pretendentes que nem o senhor saberá o que fazer com todos eles. Observe-os com atenção quando vierem visitá-la e faça uma lista dos candidatos mais prováveis. Eu verei essa lista e escolherei um.

Charles deixou descair os ombros, num gesto de cansada derrota.

– Como queiras – disse.

CAPÍTULO 15

— Não via uma jovem causar uma agitação destas desde que a Caroline debutou — disse Robert Collingwood, sorrindo a Jason enquanto os dois observavam Victoria num baile, uma semana mais tarde. — A cidade inteira não fala de outra coisa. É verdade que ela disse ao Roddy Carstairs que era capaz de batê-lo numa competição de tiro com a sua própria pistola?

— Não — respondeu Jason, secamente. — Disse-lhe que se voltasse a ser inconveniente lhe dava um tiro... e que se falhasse deixava que fosse o *Wolf* a tratar dele. E que se o *Wolf* não acabasse o serviço, tinha a certeza de que *eu* o faria. — Riu e abanou a cabeça. — Foi a primeira vez que me vi nomeado para o papel de herói. Fiquei um pouco humilhado, no entanto, por ser a segunda escolha depois do cão.

Robert Collingwood olhou-o de uma maneira estranha, mas Jason não reparou. Estava a observar Victoria. Quase completamente cercada por janotas que lhe disputavam a atenção, mantinha-se serena no meio deles — uma rainha de cabelo ruivo rodeada pela sua corte de súbditos veneradores. Com um vestido de cetim azul-gelo e luvas altas a condizer, dominava todo o salão de baile com a sua presença encantadora.

Enquanto olhava, reparou que Lord Warren, ao lado dela, mergulhava o olhar no fundo decote do vestido de Victoria, e empalideceu de fúria.

— Desculpa — disse a Robert, numa voz tensa. — Eu e o Warren vamos ter uma pequena conversa.

Foi a primeira das muitas ocasiões durante as duas semanas seguintes em que a elite viu o marquês de Wakefield descer como um falcão furioso sobre algum galanteador mais entusiasmado cujas atenções em relação a Lady Victoria se tornassem demasiado ostensivas.

Três semanas depois do *début* de Victoria, Charles entrou no escritório de Jason.

— Já fiz a lista dos candidatos a marido da Victoria que tu disseste que querias examinar — anunciou, no tom de voz de quem foi obrigado a executar uma tarefa repugnante e agora quer acabar com aquilo o mais depressa possível. — Gostaria de a ver contigo.

Jason ergueu os olhos do relatório que estava a ler e semicerrou-os ao ver o papel que Charles tinha na mão.

— Neste momento estou ocupado.

— Mesmo assim, gostaria de despachar isto. Achei a missão particularmente desagradável. Selecionei vários candidatos aceitáveis, mas não foi fácil.

— Estou certo de que não — concordou Jason, sardónico. — Todos os peralvilhos e cretinos de Londres andaram por cá a farejar. — Dito isto, voltou a concentrar a sua atenção no relatório. — Leia os nomes, já que tanto insiste.

Franzindo o sobrolho à reação desinteressada de Jason, Charles ocupou a cadeira em frente da

secretária e pôs os óculos.

– Em primeiro lugar, temos o jovem Lord Crowley, que já pediu a minha autorização para lhe fazer a corte.

– Não. Demasiado impulsivo – decretou Jason, perentório.

– O que é que te leva a dizer não? – perguntou Charles, com um ar confuso.

– O Crowley não conhece a Victoria suficientemente bem para querer «fazer-lhe a corte», como tão delicadamente disse.

– Não sejas ridículo. Os primeiros quatro homens desta lista já me pediram autorização para fazer o mesmo... desde, claro, que o teu direito sobre ela não seja inquebrantável.

– Não, a todos os quatro... pela mesma razão – declarou Jason secamente, e recostou-se na cadeira, absorto no relatório. – Quem se segue?

– Lord Wiltshire, o amigo do Crowley.

– Demasiado novo. Seguinte.

– Arthur Lancaster.

– Demasiado baixo – foi a críptica resposta. – Mais.

– William Rogers – ripostou Charles, num tom de desafio. – E *esse* é alto, conservador, maduro, inteligente e bem-parecido. E é também herdeiro de uma das melhores propriedades de Inglaterra. Penso que serviria muito bem para a Victoria.

– Não.

– Não? – explodiu Charles. – Porque não?

– Não gosto da maneira como o Rogers monta a cavalo.

– Não gostas... – começou Charles, cheio de irritada incredulidade; então olhou para o rosto implacável de Jason e suspirou. – Muito bem. O último nome da minha lista é Lord Terrance. Monta muito bem a cavalo, além de ser uma excelente pessoa. E também é alto, bem-parecido, inteligente e rico. Então – terminou, triunfante –, que defeito lhe encontras?

Jason cerrou ominosamente os dentes.

– Não *gosto* dele.

– Não és *tu* que vais casar com ele – protestou Charles, erguendo a voz.

Jason inclinou-se para a frente na cadeira e bateu com a palma da mão no tampo da secretária.

– Já disse que não gosto dele – rosnou por entre os dentes cerrados. – Assunto encerrado.

A fúria no rosto de Charles deu pouco a pouco lugar à surpresa, e depois a um sorriso desprovido de alegria.

– Não a queres, mas não queres que mais ninguém a tenha... é isso?

– Exato – respondeu Jason, num tom ácido. – Não a quero.

A voz baixa e furiosa de Victoria soou através da porta atrás deles.

– Eu também não o quero a si!

Os dois homens voltaram a cabeça ao mesmo tempo, mas quando ela avançou, os seus magníficos olhos azuis estavam fixos no rosto impassível de Jason. Apoiou as mãos na secretária, com o peito a arfar de magoada fúria.

– Uma vez que está tão desejoso de se ver livre de mim, se o Andrew não me vier buscar, farei todos os esforços para arranjar vários substitutos, mas o senhor *nunca* será um deles! Não vale um décimo do Andrew. Ele é gentil e generoso e bom, enquanto o senhor é frio e cínico e presumido... e um filho da mãe!

O insulto incendiou uma fúria terrível nos olhos de Jason.

– No seu lugar – retaliou, numa voz baixa e selvagem –, começava já a tratar de encontrar esses substitutos, porque o bom e querido Andrew quer saber tanto de si como eu.

Humilhada para lá do tolerável, Victoria fez meia-volta e saiu do escritório com um único pensamento na cabeça: fosse como fosse, ia mostrar a Jason Fielding que havia outros homens que a queriam. E nunca, nunca mais ia permitir-se confiar nele. Nas últimas semanas, deixara-se iludir ao ponto de pensar que eram amigos. Chegara até a pensar que ele gostava dela. Lembrou-se do nome que lhe chamara e a sua humilhação duplicou. Como pudera deixá-lo provocá-la ao extremo de lhe chamar nomes?

Quando ela saiu, Charles voltou-se para Jason.

– Parabéns – disse amargamente. – Quiseste que ela te desprezasse desde o dia em que chegou a Wakefield, e agora sei porquê. Tenho visto a maneira como olhas para ela quando julgas que não está ninguém a ver. Quere-la e tens medo de, num momento de fraqueza, lhe pedir que...

– Basta!

– Quere-la – continuou Charles, furioso –, quere-la, e gostas dela, e detestas-te a ti mesmo por essa fraqueza. Bem, agora já não tens de te preocupar... humilhaste-a tão completamente que ela nunca to perdoará. *És* um filho da mãe, e o Andrew *não* virá buscá-la. Alegra-te, Jason. Não precisas de continuar a preocupar-te com fraquezas. Ela há de odiar-te ainda mais quando perceber que o Andrew não vem. Saboreia o teu triunfo.

Jason pegou no relatório que estivera a ler e disse, com uma expressão glacial:

– Faça outra lista, e traga-ma para a semana.

CAPÍTULO 16

A tarefa de escolher os melhores entre o número crescente de admiradores de Victoria, para fazer a lista que Jason exigia, tornou-se muito mais difícil para Charles do que da primeira vez. No final da semana seguinte, a casa de Upper Brook Street estava a transbordar de ramos de flores levados por um interminável desfile de jovens cavalheiros animados pela esperança de ganhar a distinção de conseguir o favor dela.

Até o elegante marquês de Salle, um nobre francês, sucumbiu ao feitiço, não apesar da barreira da língua, mas por causa dela. Apareceu um dia, na companhia do seu amigo o barão Arnoff e de outro amigo que tinha passado para fazer uma visita matinal a Victoria.

— O seu francês é excelente — mentiu o marquês com suave e inofensiva galanteria enquanto mudava sensatamente para o inglês e se sentava na cadeira que lhe tinha sido indicada.

Victoria olhou para ele com risonha incredulidade.

— É péssimo — declarou, sem rodeios. — Acho os tons nasalados usados no francês quase tão difíceis de imitar como os guturais do apache.

— Apache? — inquiriu ele, delicado. — O que é isso?

— É a língua falada por uma tribo de índios americanos.

— Selvagens americanos? — exclamou o barão russo, um cavaleiro lendário no exército do czar, com a expressão de tédio que ostentara até então a transformar-se noutra de fascinado interesse. — Ouvi dizer que esses selvagens são cavaleiros extraordinários. É verdade?

— Só conheci um índio, barão Arnoff, e era muito velho e muito delicado, nada selvagem. O meu pai encontrou-o doente, no bosque, e levou-o para casa para o tratar. Chamava-se Rio Que Corre, e ficou connosco como uma espécie de ajudante do meu pai. No entanto, para responder à sua pergunta, e apesar de ele ser apenas meio apache, sim, era um soberbo cavaleiro. Eu tinha doze anos quando o vi fazer truques pela primeira vez, e fiquei sem fala. Não usava sela e...

— Não usava sela! — exclamou o barão.

Victoria abanou a cabeça.

— Os apaches não as usam.

— Que espécie de truques sabia ele fazer? — perguntou o marquês, muito mais interessado no delicioso rosto dela do que nas suas palavras.

— Uma vez, pediu-me para colocar um lenço no meio de um campo; então galopou para ele a toda a velocidade. Quando estava quase a chegar ao sítio, largou a corda que servia de rédea, inclinou-se para o lado e apanhou o lenço do chão enquanto o cavalo continuava a galopar. Ensinou-me a fazer aquilo — admitiu Victoria, com uma gargalhada.

Impressionado, o barão disse:

— Teria de ver antes de acreditar. Suponho que não pode mostrar-me como se faz?

— Não, lamento. Primeiro seria necessário treinar o cavalo ao estilo apache.

– Talvez possa ensinar-me uma ou duas palavras de apache – desfiou o marquês, com um sorriso encorajador –, e eu possa ajudá-la com o seu francês.

– A oferta é generosa – respondeu Victoria –, mas não seria justa, porque eu teria muito a aprender e muito pouco a ensinar. Lembro-me de muito pouco do que Rio Que Corre me ensinou.

– Mas pode com certeza ensinar-me uma frase? – insistiu ele, a sorrir.

– Não, palavra...

– Por favor.

– Muito bem – capitulou Victoria, com um suspiro. Pronunciou uma frase em tons guturais e olhou para o marquês. – Agora tente repeti-la.

O marquês conseguiu um resultado perfeito à segunda tentativa e sorriu satisfeito.

– O que é que significa? O que foi que eu disse?

– Disse... – respondeu Victoria, com uma expressão embaraçada – «Aquele homem está a pisar a minha águia.»

– A pisar a minha... – O marquês, o barão e todos os presentes no salão dourado riram à gargalhada.

No dia seguinte, o barão russo e o marquês francês voltaram a juntar-se às fileiras dos admiradores de Victoria, o que muito contribuiu para aumentar o seu prestígio e crescente popularidade.

Onde quer que Victoria estivesse, em casa, havia risos e os sons de animada alegria. No resto da mansão, porém, reinava uma tensão vibrante e opressiva que emanava de Lord Fielding e enrolava os seus tentáculos à volta de toda a gente. À medida que as semanas passavam e o número de admiradores de Victoria duplicava e voltava a duplicar, o humor de Jason transformou-se de ameaçador em assassino. Aonde quer que fosse, via qualquer coisa que lhe desagradava. Censurou a cozinheira por lhe preparar demasiadas vezes a sua refeição preferida; admoestou uma criada por causa de um grão de pó que descobriu na face inferior do corrimão da escada; ameaçou despedir um lacaios que tinha um botão solto no colete.

No passado, Lord Fielding sempre fora um amo exigente, severo, mas também razoável. Agora, nada parecia satisfazê-lo, e qualquer servidor que se lhe atravessasse no caminho sentia por certo a chicotada da sua língua cáustica. Infelizmente, quando mais impossível de satisfazer ele se tornava, mais eles se esforçavam e afadigavam, e mais erros cometiam.

Em tempos, as suas casas tinham funcionado como máquinas bem lubrificadas. Agora, os criados corriam de um lado para o outro, chocavam uns com os outros na desesperada pressa de completar as suas tarefas e assim evitarem a fervente ira do patrão. Em consequência deste nervoso frenesi, um precioso jarro chinês foi partido, uma celha de água de lavagem entornada em cima de um tapete *Aubusson* na sala de jantar e o caos reinava em toda a casa.

Victoria tinha consciência da tensão entre o pessoal, mas quando, com todo o cuidado, tentou abordar o assunto com Jason, ele acusou-a de «incitar à insurreição», e em seguida lançou-se num discurso azedo a respeito do barulho que os convidados dela faziam enquanto ele tentava trabalhar e do cheiro enjoativo das flores que lhe levavam.

Charles tentou por duas vezes discutir com ele a segunda lista de eventuais pretendentes, só para ser rudemente corrido do escritório.

Quando o próprio Northrup foi alvo de uma dura reprimenda, a casa inteira começou a abrir brechas de aterrorizada tensão. Tudo acabou abruptamente ao fim de uma tarde, cinco semanas depois do *début* de Victoria. Jason estava a trabalhar no seu escritório e chamou Northrup, que se

preparava para colocar num jarro um ramo de flores acabado de chegar para Victoria.

Para não fazer esperar o irascível patrão, Northrup correu para o escritório com o ramo na mão.

– Sim, senhor? – perguntou, apreensivo.

– Que amável – troçou Jason, com um risinho mordaz. – Mais flores? Para mim? – Antes que Northrup tivesse tempo de responder, acrescentou, num tom sombrio: – O raio da casa inteira fede a flores! Livre-se desse ramo, diga à Victoria que quero falar com ela e traga-me o maldito convite para essa coisa dos Frigley esta noite. Não consigo lembrar-me a que horas começa. Depois diga ao meu criado de quarto que me prepare as roupas. Então? – bradou. – De que é que está à espera? Despache-se!

– Sim, senhor, imediatamente.

Northrup saiu do escritório e chocou com O'Malley, que Jason tinha descomposto por não ter as botas devidamente engraxadas.

– Nunca o tinha visto assim – arquejou O'Malley dirigindo-se a Northrup, que estava a colocar o ramo num vaso antes de ir chamar Lady Victoria. – Sua senhoria mandou-me buscar chá, e depois gritou comigo porque devia ter-lhe levado café.

– Sua senhoria não bebe chá – declarou Northrup, altivo.

– Foi o que eu lhe disse quando ele mo pediu – respondeu O'Malley, ressentido –, e ele chamou-me insolente.

– És insolente – respondeu Northrup, acicatando a animosidade que fervilhava entre ele e o laçao irlandês havia vinte anos, e, com um sorriso ferino, afastou-se.

No pequeno salão, Victoria olhava sem ver para a carta de Mrs. Bainbridge que acabava de receber, com as palavras a esborratarem-se diante dos olhos ardentes de lágrimas.

...não encontro uma maneira suave de te dizer que o Andrew casou com a prima, na Suíça. Tentei avisar-te desta mais do que provável possibilidade antes de partires para Inglaterra, mas tu preferiste não acreditar. Agora que tens de aceitá-la, sugiro que procures um marido mais adequado a uma rapariga da tua condição.

– Não! Por favor! – murmurou Victoria enquanto as suas esperanças e os seus sonhos se desfaziam e se desmoronavam à sua volta e morriam juntamente com a sua fé nos homens, todos os homens. Reviu o rosto bonito e sorridente de Andrew a galopar a seu lado: «*Ninguém monta como tu, Tory...*» Recordou o primeiro beijo no dia em que fez dezasseis anos: «*Se fosses mais velha*», murmurara ele, numa voz rouca, «*estava a dar-te um anel em vez de uma pulseira...*» – Mentiroso – sussurrou, com a voz quebrada pelo desgosto. – Mentiroso!

Lágrimas escaldantes transbordaram-lhe dos olhos, correram-lhe pelas faces e caíram, lentas, no papel.

Northrup entrou no salão e anunciou:

– Lord Fielding gostaria de falar-lhe no escritório, minha senhora, e Lord Crowley acaba de chegar. Pergunta se pode dispensar-lhe um... – A voz de Northrup esmoreceu num chocado silêncio quando Victoria ergueu para ele os olhos atormentados e alagados em lágrimas. Depois ela pôs-se de pé, tapou a cara com as mãos e passou por ele a correr. Um gemido baixo, angustiado, escapou-se-

lhe da garganta enquanto voava pelo corredor e subia a escadaria.

O olhar alarmado de Northrup seguiu-a até que desapareceu no patamar. O velho mordomo dobrou-se num gesto automático e apanhou do chão a carta que caíra do colo de Victoria. Ao contrário dos outros criados, que só ouviam pedaços de conversas, Northrup estava ao corrente de muito mais, e nunca acreditara, como os outros, que Lady Victoria estivesse para casar com Lord Fielding. Além disso, ouvira-a dizer várias vezes que tencionava casar com um cavalheiro na América.

Acicatado por um sentimento de alarme, não de curiosidade, olhou para a carta, para ver que terríveis notícias tinham provocado tão grande dor. Leu-a, e fechou os olhos, cheio de desgosto partilhado.

– Northrup! – trovejou a voz de Lord Fielding do seu escritório, ao fundo do corredor.

Como um autómato, Northrup obedeceu ao chamamento.

– Disse à Victoria que quero falar com ela? – perguntou Jason. – O que é que tem na mão... é a mensagem de Lady Frigley? Dê-ma. – Estendeu a mão e semicerrou os olhos de impaciência enquanto, de costas rígidas, o mordomo avançava muito devagar para a secretária. – Que diabo se passa consigo? – disse, arrancando a carta da mão de Northrup. – Que manchas são estas?

– Lágrimas – esclareceu Northrup, rigidamente ereto, com os olhos desviados e focados na parede.

– Lágrimas? – repetiu Jason, a olhar de pálpebras semicerradas para as letras esborratadas. – Isto não é o convite, é... – Fez-se silêncio no escritório quando Jason compreendeu por fim o que estava a ler e inspirou com força por entre os dentes cerrados. Quando acabou, ergueu para Northrup um olhar que chispava de fúria. – Mandou a *mãe* dizer-lhe que tinha casado com outra. O cobarde filho de uma cabra!

Northrup engoliu em seco.

– Exatamente o que penso – disse, numa voz rouca.

Pela primeira vez em quase um mês, a voz de Jason soou sem o gume da ira.

– Vou falar com ela – disse e, empurrando a cadeira para trás, dirigiu-se ao quarto de Victoria.

Como de costume, ela não respondeu às pancadas na porta, e, como de costume, Jason resolveu o assunto entrando sem esperar pela autorização. Em vez de estar a chorar com a cara escondida na almofada, Victoria estava a olhar pela janela, com o rosto mortalmente pálido, os ombros tão rígidos e direitos que Jason quase conseguia sentir o doloroso esforço que ela estava a fazer para se manter direita. Fechou a porta e hesitou, à espera de que ela lhe dirigisse uma das suas duras reprimendas por ter entrado no seu quarto sem ser convidado, mas quando por fim Victoria falou, a sua voz foi alarmanamente calma e desprovida de emoção:

– Por favor, vá-se embora.

Jason ignorou o pedido e aproximou-se dela.

– Victoria, tenho muita pena... – começou, mas calou-se ao ver a raiva vulcânica que incendiou os olhos azuis.

– Aposto que tem! Mas não se preocupe, senhor, não tenciono ficar aqui e continuar a ser um peso para si.

Jason estendeu as mãos, a tentar puxá-la para si, mas ela encolheu-se e saltou para trás como se tivesse sido queimada.

– Não me toque! – sibilou. – Não se atreva a tocar-me! Não quero ser tocada por nenhum homem, e muito menos por si. – Fez uma longa e trémula inspiração, num esforço óbvio para se controlar, e

continuou, numa voz entrecortada: – Tenho estado a pensar em como posso sustentar-me a mim mesma. Não... não sou tão impotente e indefesa como julga. Sou uma excelente costureira. Madame Dumosse, que fez os meus vestidos, referiu mais de uma vez como é difícil encontrar pessoas dispostas a trabalhar e com as competências necessárias. Talvez possa dar-me trabalho...

– Não seja ridícula! – atirou-lhe Jason, furioso consigo mesmo por lhe ter dito, quando ela chegara a Wakefield, que não sabia fazer coisa nenhuma, e furioso com ela por lho atirar à cara naquele momento, quando ele queria consolá-la.

– Oh, mas eu *sou* ridícula – respondeu ela, com a voz estrangulada. – Uma condessa sem um xelim, sem casa, sem um resto sequer de orgulho. Nem sequer sei se sou suficientemente hábil com a agulha...

– Pare! – interrompeu-a Jason, tenso. – Não permitirei que trabalhe como uma vulgar costureira, assunto encerrado. – Quando ela começou a argumentar, ele calou-a. – Seria capaz de pagar a minha generosidade envergonhando-me a mim e ao Charles diante de Londres inteira?

Victoria deixou pender os ombros e abanou a cabeça.

– Ótimo. Não quero ouvir mais disparates a respeito de trabalhar para Madame Dumosse.

– Que hei de fazer então? – murmurou ela, com os olhos cheios de dor a procurarem os dele.

Uma estranha emoção perpassou pelas feições de Jason, e ele cerrou os dentes como que para se impedir de dizer qualquer coisa.

– Faça o que todas as mulheres fazem – disse duramente, ao cabo de uma longa pausa. – Case com um homem capaz de proporcionar-lhe o estilo de vida a que deseja habituar-se. O Charles já recebeu meia dúzia de propostas exploratórias a pedir a sua mão. Case com um desses homens.

– Não quero casar com um homem de que não goste – replicou Victoria, com um breve lampejo do seu antigo fogo.

– Há de mudar de ideias – disse Jason, com fria certeza.

– Talvez devesse – admitiu ela, vencida. – Gostar de alguém dói demasiado. Por... porque depois essa pessoa trai-nos e... oh, por favor, diga-me o que é que há de errado em mim – gritou, com os olhos magoados enormes e suplicantes. – O Jason detesta-me, e o Andrew...

A resistência de Jason cedeu. Tomou-a nos braços e apertou-a contra o peito.

– Não há nada de errado consigo – sussurrou, acariciando-lhe o cabelo. – O Andrew é um louco e um cobarde. E eu sou ainda mais louco do que ele.

– Ele quis outra pessoa mais do que me queria a mim – soluçou ela, nos braços dele. – E magoa tanto sabê-lo.

Jason fechou os olhos e engoliu o nó que se lhe formara na garganta.

– Eu sei – sussurrou.

Ela encharcou-lhe o peito da camisa com as suas lágrimas escaldantes, que por sua vez começaram finalmente a derreter o gelo que rodeara o coração dele durante anos. Apertando-a contra o peito num abraço protetor, Jason esperou que os soluços acalmassem; então roçou os lábios pela têmpora dela e disse, muito baixo:

– Lembra-se de quando me perguntou em Wakefield se podíamos ser amigos?

Ela assentiu, roçando sem dar por isso a face contra o peito dele.

– Gostaria muito – sussurrou ele, numa voz rouca. – Dá-me uma segunda oportunidade?

Victoria ergueu a cabeça e olhou para ele, desconfiada. Depois assentiu.

– Obrigado – disse ele, com o fantasma de um sorriso.

CAPÍTULO 17

Nas semanas que se seguiram, Victoria sentiu todo o impacto da deserção de Andrew. Ao princípio ficou magoada, depois zangada, e no fim restou uma surda e dorida sensação de perda. Mas, com força e determinação, acabou por aceitar a traição e enfrentar o doloroso conhecimento de que a sua antiga vida tinha acabado de uma vez por todas. Aprendeu a chorar lágrimas secretas e solitárias por tudo o que deixara para trás... e em seguida vestir o seu melhor vestido e ostentar o seu mais radioso sorriso para encarar amigos e conhecidos.

Conseguiu esconder as suas emoções de todos exceto de Jason e Caroline Collingwood, que acorreram a ajudá-la de maneiras diferentes: Caroline mantendo-a ocupada num incessante corrúpio de atividades sociais, e Jason acompanhando-a a quase todas elas.

A maior parte das vezes, tratava-a como um condescendente irmão mais velho, acompanhando-a a festas, ao teatro, à ópera, e uma vez chegados, deixando-a divertir-se com os seus amigos enquanto passava a noite com os dele. Mas mantinha-se vigilante, e protetor, pronto para mergulhar como um falcão e afastar qualquer galanteador que não merecesse a sua aprovação. E eram muitos os que a não mereciam. Victoria, que tinha agora pleno conhecimento da sua chocante reputação de libertino, achava graça a vê-lo fixar o foco gelado do seu olhar em qualquer admirador excessivamente ávido e obrigar o pobre cavalheiro a desculpas murmuradas e uma rápida retirada.

Para o resto da elite, o comportamento do marquês de Wakefield não era apenas divertido, era também estranho e até um tudo-nada suspeito. Já ninguém acreditava que os dois tencionavam casar, quando Jason Fielding continuava a receber os admiradores de Lady Victoria em sua casa e afirmava repetidas vezes que o noivado não era ainda um caso decidido. Por tudo isto, e porque fora anunciado antes que a condessa pusesse sequer os pés em Inglaterra, era de um modo geral aceite que o noivado fora prematuramente arranjado pelo velho duque (que gostava muito claramente dos dois) e que o par se limitava a manter a ficção em seu benefício.

Agora, porém, esta teoria começava a ser suplantada por outra menos generosa. Desde o início que alguns espíritos mais inflexíveis levantavam objeções às disposições tomadas para o alojamento de Victoria, mas porque ela parecera uma jovem tão doce e porque Lord Fielding nunca dera mostras de uma verdadeira parcialidade, ninguém prestara grande atenção aos objetores. No entanto, à medida que o número de aparições públicas de Jason ao lado de Victoria aumentava, também aumentaram os rumores de que o mal afamado Lord Fielding decidira fazer dela mais uma conquista – se era que o não tinha já conseguido.

Alguns dos comentários mais maldosos iam ao ponto de insinuar que o noivado não passava de um disfarce conveniente para uma licenciosa ligação que decorria mesmo debaixo do ingénuo nariz da pobre Miss Flossie Wilson. Esta calúnia, apesar de repetida, merecia pouco crédito pela simples razão de que, embora surgisse com frequência no papel de acompanhante, Lord Fielding não se comportava como proprietário ou amante. Além disso, Lady Victoria conquistara muitos e firmes

defensores, incluindo Lady Collingwood e o seu influente marido, que se mostravam sempre pessoalmente ofendidos se alguém ousava murmurar sequer uma palavra de crítica contra a condessa de Langston.

Victoria não ignorava a curiosidade que a sua relação com Jason despertava, nem era cega ao facto de muitos entre a elite não confiarem nele. À medida que a novidade dos seus novos e elegantes conhecimentos se foi atenuando, tornou-se muito mais sensível aos subtis matizes de expressão que perpassavam pelo rosto das pessoas sempre que Jason estava perto. Ao princípio, pensara que estava apenas a imaginar a maneira como as pessoas se punham rígidas na presença dele e se tornavam mais formais, mas não, não era imaginação. Por vezes ouvia coisas – pedaços de coscuvilhices murmuradas, uma palavra aqui e ali – que tinham o tom da malícia, ou pelo menos da reprovação.

Caroline avisara-a de que as pessoas o temiam e desconfiavam dele. Certa noite, Dorothy tentou avisá-la também.

– Tory, Tory, és tu! – exclamou Dorothy abrindo caminho por entre a multidão de pessoas que a rodeavam diante da casa de Lord e Lady Potham, onde estava a decorrer um baile.

Victoria, que não via a irmã desde que tinham saído do navio, olhou para ela com os olhos humedecidos pela ternura, enquanto Dorothy a envolvia num apertado e protetor abraço.

– Onde tens estado? – ralhou docemente. – Escreves tão poucas vezes que pensei que continuavas a «rusticar» no campo.

– A avó e eu voltámos para Londres há três dias – explicou Dorothy, apressada. – Eu teria vindo logo ver-te, mas a avó quer que eu tenha o menos contacto possível contigo. Tenho-te procurado em todos os lugares aonde vou. Mas deixemos isso. Não tenho muito tempo. A acompanhante que ela me arranjou já deve andar à minha procura. Disse-lhe que me parecera ter visto uma amiga da avó e queria transmitir-lhe uma mensagem. – Lançou um apreensivo olhar por cima do ombro, demasiado preocupada com a acompanhante para reparar na maneira como os jovens admiradores de Victoria a observavam. – Oh, Tory, tenho estado louca de preocupação! Eu sei que o Andrew fez uma coisa horrível, mas não deves *pensar* sequer em casar com o Wakefield! Não podes casar com aquele homem. Não podes! Ninguém gosta dele, deves saber disso. Ouvi Lady Faulklyn, a acompanhante da avó, falar dele, e sabes o que disse?

Victoria voltou-se de lado para o público avidamente interessado que as escutava.

– Dorothy, Lord Fielding tem sido muito generoso para comigo. Não me peças que ouça mexericos desagradáveis, porque não o farei. Mas deixa-me apresentar-te...

– Agora não! – disse Dorothy, desesperada, demasiado perturbada para querer saber de qualquer outra coisa. Tentou sussurrar, mas era impossível fazê-lo e ser ouvida com o barulho à sua volta, de modo que foi forçada a falar em voz mais alta. – Sabes o género de coisas que as pessoas dizem a respeito do Wakefield? Lady Faulklyn diz que nem sequer seria *recebido* se não fosse um Fielding. A reputação dele é pior do que ser censurável. Usa as mulheres para os seus próprios fins e depois volta-lhes as costas! As pessoas têm medo dele, e com razão! Dizem... – Interrompeu-se quando uma senhora de idade se apeou de uma carruagem que esperava na rua e avançou por entre a multidão, obviamente à procura de alguém. – Tenho de ir. Aquela é Lady F.

Dorothy afastou-se a correr para desviar a velha senhora e as duas voltaram a subir para a carruagem.

Ao lado de Victoria, Mr. Warren serviu-se de uma pitada de rapé.

– Aquela menina tem toda a razão, sabe? – disse, numa voz nasalada.

Arrancada aos seus pensamentos solitários sobre Dorothy, Victoria olhou com desagrado para o apanhado jovem, que parecia capaz de ter medo da própria sombra, e depois para os rostos apressivos dos outros peraltas, que claramente tinham ouvido a conversa.

Subiu-lhe no peito um desprezo furioso por todos eles. Nem um daqueles parasitas tinha alguma vez feito um dia que fosse de trabalho honesto, como Jason fazia. Eram manequins aperaltados, estúpidos e vazios que se deliciavam a ouvir dizer mal de Jason pela óbvia razão de ele ser muito mais rico, e muito mais desejado pelas damas, apesar da sua reputação.

O sorriso coquete foi desmentido pelo perigoso brilho que lhe surgiu nos olhos quando disse:

– Ora, Mr. Warren, acaso teme pelo meu bem-estar?

– Sem dúvida, minha senhora, e não sou o único.

– Que absurdo! – troçou Victoria. – Se está interessado na verdade, em vez de boatos maldosos, eu dir-lha-ei. E a verdade é que cheguei aqui sozinha no mundo, sem parentes próximos e sem fortuna, para todos os efeitos dependente de sua graça e de Lord Fielding. Agora – continuou, com um sorriso fixo –, quero que olhe para mim com muita atenção.

Um riso genuíno surgiu-lhe na garganta quando o apatetado jovem levou o monóculo ao olho, seguindo à letra as suas instruções.

– Pareço-lhe maltratada? – perguntou, impaciente. – Fui assassinada na minha cama? Não, senhor, não fui! Em vez disso, Lord Fielding ofereceu-me o conforto da sua casa e a proteção do seu nome. Com toda a franqueza, Mr. Warren, acredito que há em Londres muitas senhoras que desejam em segredo ser «maltratadas» da mesma maneira e, pelo que tenho podido observar, exatamente pelo *mesmo* homem. Além disso, estou convencida de que é apenas a inveja que está na origem dessa ridícula maledicência.

Mr. Warren corou, e Victoria voltou-se para os outros e declarou, desafiadora:

– Se conhecessem Lord Fielding como eu conheço, saberiam que ele é um exemplo de generosidade, consideração, refinamento e... e amabilidade – concluiu.

– Senhora – disse atrás dela a voz de Jason, tocada por uma nota de riso –, na sua tentativa de limpar a minha negra reputação, está a fazer-me parecer o homem mais insuportavelmente aborrecido do mundo.

Victoria rodou sobre os calcanhares e o seu olhar embaraçado voou para o dele.

– No entanto – continuou Jason, com um breve sorriso –, estou disposto a perdoar-lhe se me conceder a honra de uma dança.

Victoria pousou a mão na que ele lhe oferecia e entraram lado a lado na casa cheia de gente.

A orgulhosa e triunfante exaltação que sentira por ter tido coragem para erguer a voz em defesa de Jason começou a dissipar-se quando ele a enlaçou na pista de dança. Continuava a saber muito pouco a seu respeito, mas aprendera por experiência própria, sempre que tentara em vão levá-lo a falar de si mesmo, que Jason era cioso da sua privacidade. Embaraçada, perguntou a si mesma se estaria zangado com ela por ter falado dele com terceiros. Quando Jason continuou a dançar em silêncio, espreitou, insegura, para os seus olhos pensativos.

– Está zangado comigo? – perguntou. – Quero dizer, por ter falado de si em público?

– Era de *mim* que estava a falar? – respondeu ele, de sobancelha arqueada. – Pela descrição, não percebi. Desde quando é que sou generoso, atencioso, refinado e amável?

– Está zangado – concluiu Victoria, com um suspiro.

Uma gargalhada baixa rumorejou-lhe no peito, e os braços puxaram-na para mais perto do corpo

esbelto e musculoso.

– Não estou zangado – disse, numa voz suavemente rouca. – Estou embaraçado.

– Embaraçado? – repetiu ela surpreendida, a estudar o calor que lhe aquecia os olhos de jade. – Porquê?

– Para um homem da minha idade, altura e péssima reputação, é um pouco embaraçoso ver uma jovem tão pequenina a tentar defendê-lo contra o mundo.

Hipnotizada pela ternura que lhe via nos olhos, Victoria combateu o absurdo impulso de encostar a face à casaca de veludo vermelho-escura que ele vestia.

*

A notícia da defesa pública que Victoria fizera de Lord Fielding, o homem que aparentemente admirava mas com o qual não queria casar, não tardou a espalhar-se, e a elite concluiu que, afinal, sempre podia estar iminente uma data de casamento – uma possibilidade que perturbou de tal maneira os outros admiradores de Victoria que os fez redobrar os seus esforços para lhe agradar. Competiam entre si pela sua atenção, discutiam entre si por causa dela e, no fim, Lord Crowley e Lord Wiltshire acabaram por bater-se em duelo por causa dela.

– Ela não quer nenhum de nós – disse o jovem Lord Crowley, num tom zangado, a Lord Wiltshire quando, num fim de tarde, se afastavam da mansão de Upper Brook Street depois de uma breve e insatisfatória visita a Victoria.

– Quer, sim – argumentou Lord Wiltshire, acalorado. – Tem demonstrado uma nítida preferência por mim!

– Não sejas parvo! Acha que somos ingleses aperlaltados, e não gosta de ingleses – respondeu Crowley, sombrio. – Prefere os pacóvios das colónias! Não é tão doce como pensas, ri-se de nós nas nossas costas...

– Isso é mentira! – exclamou o seu exaltado amigo.

– Estás a chamar-me mentiroso, Wiltshire? – perguntou Crowley, furioso.

– Não – respondeu Wiltshire, de dentes cerrados. – Estou a *desafiar-te* !

– Ótimo – disse Crowley. – Amanhã ao raiar do dia, na minha propriedade. No bosque.

E, fazendo voltar o cavalo, galopou até ao seu clube, de onde a notícia do duelo se espalhou até chegar ao exclusivo estabelecimento de jogo para cavalheiros onde o marquês de Salle e o barão Arnoff lançavam dados com altíssimas apostas.

– Jovens loucos – resmungou de Salle com um suspiro irritado ao ser informado do duelo. – Lady Victoria vai ficar extremamente perturbada quando souber disto.

O barão Arnoff limitou-se a rir.

– Nem o Crowley nem o Wiltshire sabem usar uma arma suficientemente bem para fazerem quaisquer estragos. Tive ocasião de verificar a falta de habilidade dos dois durante uma caçada que fizemos na propriedade do Wiltshire no Devon.

– Talvez eu devesse tentar pôr cobro a isto antes que alguém se magoe – disse o marquês.

Arnoff abanou a cabeça, divertido.

– Não estou a ver porquê. O pior que pode acontecer é um deles conseguir acertar no cavalo do outro.

– Estava a pensar na reputação de Lady Victoria. Um duelo travado por causa dela não será benéfico.

– Excelente – riu Arnoff. – Quanto menos popular ela for, melhores serão as minhas probabilidades.

Várias horas mais tarde, noutra mesa, Robert Collingwood soube do duelo, mas não encarou a coisa com tanta ligeireza. Desculpando-se aos amigos com que estava, saiu do clube e dirigiu-se à residência do duque de Atherton em Londres, onde Jason estava instalado. Depois de esperar quase uma hora que Jason chegasse, Robert conseguiu convencer o sonolento mordomo a acordar o criado de quarto de Lord Fielding. Ao fim de muita insistência e persuasão, o criado informou-o, relutantemente, de que o amo tinha voltado mais cedo depois de acompanhar Lady Victoria a uma *matinée* e fora em seguida visitar uma certa dama com residência no número 21 de Williams Street.

Robert saltou para a sua carruagem e deu ao cocheiro a morada de Williams Street.

– Depressa – ordenou.

As sonoras pancadas que desferiu na porta conseguiram por fim acordar a sonolenta criada francesa, que lha abriu e negou discretamente saber sequer quem era Lord Fielding.

– Vá chamar a sua senhora – ordenou Robert, impaciente. – Não tenho muito tempo.

A criada lançou um olhar rápido à rua atrás dele, viu o brasão na porta da carruagem, hesitou e subiu a escada.

Após mais uma longa espera, uma morena encantadora envolta no mais diáfano dos *robes de chambre* desceu os mesmos degraus.

– Que se passa, Lord Collingwood? – perguntou Sybil.

– O Jason está consigo?

Sybil assentiu no mesmo instante.

– Diga-lhe que o Crowley e o Wiltshire vão bater-se em duelo por causa da Victoria, ao nascer do dia, no bosque da propriedade do Crowley – pediu-lhe Robert.

Jason estendeu a mão quando Sybil se sentou a seu lado na cama. De olhos fechados, procurou e encontrou a abertura do robe e acariciou-lhe a coxa nua.

– Venha para a cama – convidou numa voz rouca. – Preciso de si outra vez.

Um sorriso melancólico aflorou aos lábios da mulher.

– Não «precisa» de ninguém, Jason – disse tristemente. – Nunca precisou.

Uma gargalhada baixa e sensual agitou o peito de Jason enquanto ele rolava até ficar deitado de costas e a puxava para cima de si.

– Se *isto* não é precisar, o que é que lhe chama?

– Não era isso que eu queria dizer com precisar, e sabe-o muito bem – sussurrou ela, beijando-lhe os lábios. – Não – disse, apressada, quando ele lhe rodeou o corpo com os braços. – Não tem tempo. O Collingwood está cá. Pediu-me para lhe dizer que o Crowley e o Wiltshire vão bater-se em duelo ao nascer do dia, na propriedade do Crowley.

Jason abriu os olhos, de expressão alerta mas ainda não demasiado preocupada.

– O duelo é por causa da Victoria – acrescentou ela.

Num instante, Jason era um turbilhão de movimento: empurrou-a para o lado, saltou da cama e enfiou as calças e as botas. A praguejar furiosamente em voz baixa, vestiu a camisa.

– Que horas são? – perguntou, olhando para a janela.

– Falta uma hora para o amanhecer.

Ele assentiu, inclinou-se, depositou um breve e contrito beijo na testa dela e saiu, com o som das botas a ecoar ao longo do soalho de madeira polida.

O céu começava a clarear quando Jason conseguiu finalmente localizar o bosque da propriedade de Crowley e avistou os dois duelistas de pé à sombra dos frondosos carvalhos. Cinquenta metros à esquerda do par, a carruagem do médico estava parada, negra e sinistra, debaixo de outra árvore, com um cavalo preso pelas rédeas à traseira. Jason cravou selvaticamente os calcanhares nos flancos da montada e o garanhão negro galopou à desfilada pelo prado, com os cascos a atirarem para o ar grandes torrões de terra húmida.

Parou a deslizar junto dos combatentes e saltou da sela, já a correr.

– Que diabo se passa aqui? – gritou a Crowley quando chegou junto dele, e então voltou-se surpreendido ao ver o marquês de Salle sair das sombras a vinte passos de distância e colocar-se ao lado do jovem Wiltshire. – Que faz *você* aqui, de Salle? – perguntou, furioso. – Seria de esperar que tivesse mais juízo do que estes dois garotos.

– Vim fazer o mesmo que você, Wakefield – respondeu de Salle com um débil sorriso. – Mas sem grande êxito, como não tardará a descobrir.

– O Crowley disparou contra mim – disse Wiltshire, num tom acusador. Tinha o rosto distorcido por uma expressão de furiosa surpresa e a voz entaramelada pelo álcool que ingerira para ganhar coragem. – O Crowley n-não desperdiçou o primeiro tiro co-como um cavalheiro. Agora vou *matá-lo*.

– Não disparei *contra* ti – berrou Crowley furioso, ao lado de Jason. – Se tivesse disparado, tinha-te *acertado*.

– Não apontaste para... para o ar – gritou Wiltshire em resposta. – Não és um ca... cavalheiro. Mereces morrer e eu vou matar-te!

O braço de Wiltshire tremeu quando o levantou e apontou a pistola ao seu adversário, e então aconteceu tudo ao mesmo tempo. A arma explodiu no instante em que o marquês de Salle saltava para a frente e tentava arrancá-la da mão de Wiltshire e Jason mergulhava para Crowley, atirando ao chão o jovem paralisado pelo medo. A bala zuniu por cima da cabeça de Jason, fez ricochete numa árvore e trespassou-lhe o braço esquerdo.

Após um momento de estupefação, Jason sentou-se devagar, com uma expressão de incredulidade. Levou a mão ao braço e ficou a olhar, com um ar que era quase de cómico espanto, para o sangue que lhe manchou os dedos.

O médico, o marquês de Salle e o jovem Wiltshire correram para a frente.

– Deixe-me dar uma vista de olhos a esse braço – disse o Dr. Worthing, afastando os outros com um gesto e acocorando-se sobre os calcanhares.

Rasgou a manga da camisa, e o jovem Wiltshire fez um gemido estrangulado ao ver o sangue que jorrava da ferida.

– Meu Deus! – gemeu. – Lord Fielding, nunca foi minha intenção.

– Cale-se! – bradou o Dr. Worthing. – Um dos senhores, dê-me a garrafa de *whisky* que está na minha maleta. – E, dirigindo-se a Jason, acrescentou: – A bala não atingiu o osso, mas a ferida é funda. Vou ter de a limpar e coser. – Pegou na garrafa de *whisky* que o marquês de Salle lhe estendia e olhou para Jason como que a pedir antecipadamente desculpa. – Vai arder como as chamas do Hades.

Jason assentiu e cerrou os dentes, e o médico voltou a garrafa, banhando em álcool a carne rasgada. Em seguida, entregou a garrafa a Jason. – No seu lugar, bebia o resto. Isto vai precisar de uma porção de pontos.

– Não disparei contra ele – protestava Wiltshire, numa tentativa de evitar ter de dar a Lord Fielding, o lendário duelista, a satisfação a que tinha direito de exigir-lhe numa data posterior. – A culpa foi da árvore. Disparei contra a árvore, e a bala acertou na árvore, e *depois* atingiu Lord Fielding.

Jason ergueu os olhos escuros e brilhantes para o seu aterrorizado atacante e disse, numa voz ameaçadora:

– Se tiver muita sorte, Wiltshire, vai conseguir manter-se longe da minha vista até eu ser demasiado velho para lhe arrancar a pele à chicotada.

Wiltshire recuou, rodou sobre os calcanhares e começou a correr. Jason voltou a cabeça e empalou o petrificado duelista com o olhar.

– Crowley – avisou num tom suave –, a sua presença ofende-me.

Crowley fez meia-volta e correu para o cavalo.

Quando os dois desapareceram, Jason ergueu a garrafa de *whisky* e bebeu um longo trago. Estremeceu quando o Dr. Worthing passou a agulha e a linha pela carne inchada e puxou com força, unindo os bordos da ferida e dando um dó antes de voltar a espetar a agulha. Estendeu a garrafa a de Salle e disse, seca mente:

– Lamento a falta de um copo apropriado; no entanto, se quiser fazer-me companhia, faça favor.

De Salle pegou sem hesitar na garrafa que lhe era oferecida e explicou:

– Fui a sua casa quando soube do duelo, ao princípio da noite, mas o seu mordomo disse-me que passava a noite fora e recusou dizer-me onde estaria. – Bebeu um longo trago do forte *whisky* e devolveu a garrafa a Jason. – Fui então procurar o Dr. Worthing e viemos para cá, na esperança de os travar.

– Devíamos tê-los deixado matarem-se um ao outro – disse Jason, furioso, e então cerrou os dentes quando a agulha voltou a furar-lhe a martirizada carne.

– Provavelmente.

Jason bebeu mais dois longos goles e sentiu o álcool começar a embotar-lhe os sentidos. Encostando a cabeça ao tronco duro da árvore, suspirou com divertida exasperação.

– O que foi exatamente que a minha pequena condessa fez para provocar este duelo?

De Salle pôs-se rígido ao ouvir a maneira afetuosa como a pergunta fora feita e a sua voz perdeu o tom de delicada simpatia que mantivera até então.

– Tanto quanto sei, Lady Victoria terá chamado ao Wiltshire um aperaltado pacóvio inglês.

– Nesse caso, o Wiltshire devia tê-la desafiado a *ela* – disse Jason com uma gargalhada, e bebeu mais um golo de *whisky*. – Ela não teria falhado o tiro.

De Salle sorriu à graça.

– Que quer dizer com a «sua pequena condessa»? – perguntou, secamente. – Se é sua, está a demorar demasiado tempo para torná-lo oficial. Lembro-me de o ouvir dizer que o assunto não está arrumado. Que espécie de jogo está a fazer com o afeto dela, Wakefield?

O olhar de Jason voltou-se para as feições hostis do outro homem; então fechou os olhos e um sorriso exasperado encurvou-lhe os lábios.

– Se está a pensar em desafiar-me, espero por Deus que saiba atirar. É muito humilhante para um homem com a minha reputação ser atingido a tiro por uma árvore.

Victoria virava-se e revirava-se na cama, demasiado exausta para dormir e incapaz de acalmar o turbilhão que lhe enchia a cabeça. Ao raiar do dia, desistiu de tentar e sentou-se na cama, a ver o céu passar de cinzento-escuro para cinzento-claro, com pensamentos tão sombrios e tristes como a manhã prometia ser. Recostada nas almofadas, beliscava, distraída, a colcha de cetim, enquanto a sua vida parecia estender-se à sua frente como um túnel escuro, solitário e assustador. Pensou em Andrew, que casara com outra mulher e estava perdido para ela; pensou nas pessoas que amara desde criança e que a tinham amado a ela. Agora não havia ninguém. Exceto o tio Charles, claro, mas nem mesmo o afeto dele era o bastante para lhe acalmar a inquietude e preencher o doloroso vazio que tinha dentro do peito.

Sempre se sentira necessária e útil; agora, a sua vida era uma interminável sucessão de frenéticas frivolidades, com Jason a pagar todas as despesas. Sentia-se tão... tão desnecessária, tão inútil, um fardo.

Tentara seguir o insensível conselho de Jason e escolher outro homem com quem casar. Tentara, mas pura e simplesmente não conseguia imaginar-se casada com qualquer dos ocos peralvilhos londrinos que se esforçavam tanto por conquistá-la. Não precisavam dela como esposa; seria apenas um ornamento, uma decoração nas suas vidas. Com exceção dos Collingwood e uns poucos outros, os casamentos na elite eram superficiais questões de conveniência, nada mais. Os casais raramente apareciam juntos nos mesmos eventos, e se o faziam era considerado de mau gosto manterem-se ao lado um do outro. Os filhos nascidos destes casamentos eram de imediato entregues nas mãos de amas e preceptores. Como era diferente o significado de «casamento» em Inglaterra, pensou.

Recordou com saudade os maridos e mulheres que conhecera em Portage. Lembrou-se do velho Mr. Prowther sentado no alpendre, durante o verão, a ler com obstinada determinação para a mulher, que mal se apercebia de que ele ali estava. Lembrou-se da expressão nos rostos de Mr. e Mrs. Makepeace quando o pai os informara de que, ao fim de vinte anos de um casamento sem filhos, Mrs. Makepeace tinha concebido. Lembrou-se de como o casal de meia-idade se tinha abraçado e chorado de despudorada alegria. *Aqueles* eram casamentos decentes: duas pessoas a trabalharem juntas e a ajudarem-se uma à outra nos bons e nos maus momentos; duas pessoas a rirem juntas, a criarem os filhos juntas e até a chorarem juntas.

Pensou no pai e na mãe. Apesar de não ter amado o marido, Katherine Seaton criara para ele um lar acolhedor e fora a sua companheira de trabalho. Faziam coisas juntos, como jogar xadrez diante da lareira durante o inverno e passear ao fim da tarde durante o verão.

Em Londres, era desejada pela simples e tola razão de «estar na moda» no momento. Como esposa, não teria qualquer utilidade, qualquer propósito, exceto como decoração à cabeceira da mesa quando houvesse convidados para o jantar. Sabia que nunca poderia contentar-se com uma vida assim. Queria partilhar-se com um homem que precisasse dela, fazê-lo feliz e ser importante para ele. Queria ser útil, ter um propósito que não fosse apenas ornamental.

O marquês de Salle gostava verdadeiramente dela, sentia-o... mas não a amava, por mais que o afirmasse.

Mordeu o lábio para reprimir a dor ao recordar as ternas confissões de amor de Andrew. Mas Andrew não a tinha amado verdadeiramente. Talvez os homens ricos, incluindo Andrew, fossem incapazes de sentir verdadeiro amor. Talvez...

Sentou-se direita na cama ao ouvir no corredor o som de passos pesados, arrastados. Era

demasiado cedo para os criados estarem a pé e, além disso, estes quase *corriam*, em vez de andarem, na sua pressa de satisfazerem o amo. Qualquer coisa chocou contra uma parede e um homem gemeu. O tio Charles devia estar doente, pensou, e sacudiu de cima de si as roupas da cama e saltou para o chão. Correu para a porta e abriu-a.

– Jason! – exclamou, e o coração subiu-lhe à garganta quando o viu apoiado contra a parede, com o braço esquerdo ao peito. – Que aconteceu? – murmurou, mas emendou-se no mesmo instante. – Não importa. Não tente falar. Vou chamar um criado para o ajudar.

Rodou sobre os calcanhares, mas ele agarrou-lhe o braço com uma força surpreendente e puxou-a para trás, com um sorriso torcido a encurvar-lhe os lábios.

– Quero que sejas *tu* a ajudar-me – disse, e passou-lhe o braço direito pelos ombros, quase a fazendo vergar os joelhos sob o seu peso. – Leva-me para o meu quarto, Victoria – ordenou, numa voz pastosa e persuasiva.

– Onde é? – perguntou Victoria, quando começaram a avançar tropegamente pelo corredor.

– Não sabes? – brincou ele, a fingir-se ofendido. – Eu sei onde é o *teu* quarto.

– Que importância tem isso? – perguntou Victoria um pouco enervada, a tentar carregar o peso dele.

– Nenhuma – concordou Jason, e deteve-se diante da primeira porta à direita. Victoria abriu-a e ajudou-o a entrar.

Do outro lado do corredor, abriu-se outra porta e Charles Fielding apareceu no umbral com uma expressão ansiosa e preocupada enquanto vestia um roupão de cetim. Deteve-se, só com um braço enfiado na respetiva manga, e ouviu Jason dizer a Victoria, num tom expansivo:

– Agora, condessinha, acompanha-me até à minha cama.

Victoria notou a maneira estranha como Jason arrastava as palavras; pareceu-lhe até que havia uma nota de brejeirice na sua voz, mas atribuiu aquela estranha maneira de falar à dor ou à perda de sangue.

Quando chegaram à grande cama de dossel, Jason retirou o braço e esperou docilmente que ela puxasse as cobertas para trás; então sentou-se e ficou a olhá-la com um sorriso apatetado. Victoria retribuiu o olhar, escondendo a ansiedade. Usou o tom suave e prático do pai, ao perguntar:

– É capaz de me dizer o que lhe aconteceu?

– Com certeza! – disse ele, com um ar ofendido. – Não sou nenhum imbecil, sabias?

– Então, que aconteceu? – insistiu ela, ao ver que ele não fazia qualquer tentativa para lhe dizer.

– Ajuda-me a descalçar as botas.

Victoria hesitou.

– Penso que é melhor chamar o Northrup.

– Deixa lá as botas, então – disse Jason, magnânimo, e, com esta, deitou-se na cama e cruzou descuidadamente os pés calçados sobre a colcha de seda. – Senta-te a meu lado e pega-me na mão.

– Não seja tolo.

Ele lançou-lhe um olhar magoado.

– Devias ser mais boazinha para mim, Victoria. Ao fim e ao cabo, acabo de ser ferido num duelo por causa da tua honra.

Estendeu a mão e agarrou a dela.

Horrorizada pela referência ao duelo, Victoria cedeu à crescente pressão da mão dele e sentou-se na beira da cama.

– Oh, meu Deus... um duelo! Jason, porquê? – Sondou-lhe as pálidas feições, viu o corajoso sorriso de esguelha, e o coração derreteu-se-lhe de arrependimento e culpa. Por qualquer razão, ele tinha-se batido por ela. – Diga-me porque foi o duelo, por favor – suplicou.

Ele sorriu.

– Porque o Wiltshire te chamou uma pacóvia inglesa.

– O quê? Jason – perguntou ansiosa –, quanto sangue perdeu?

– Todo – declarou ele, descaradamente. – Tens muita pena de mim?

– Muita – respondeu ela de uma maneira automática. – Agora, por favor, tente falar de maneira que se perceba. O Wiltshire feriu-o porque...

Ele revirou os olhos, exasperado.

– O Wiltshire não me feriu... aquele idiota não conseguia acertar num muro de pedra a dois passos. Foi uma *árvore* que me atingiu. – Ergueu os braços, segurou o rosto chocado dela com as duas mãos e puxou-o para si. Baixou a voz até quase um murmúrio. – Sabes como és bonita? – disse roucamente, e desta vez ela detetou o cheiro pungente a *whisky* no hálito dele.

– Está embriagado! – acusou, afastando-se vivamente.

– Tens toda a razão – concordou ele, sorridente. – Embebedei-me com o teu amigo de Salle.

– Santo Deus! – arquejou Victoria. – Ele também lá estava?

Jason assentiu com a cabeça mas não disse nada, a olhar fascinado para ela. O cabelo brilhante caía-lhe sobre os ombros numa gloriosa e confusa massa de ouro derretido, emoldurando um rosto de cortar a respiração. A pele era suave como alabastro, as sobrancelhas desenhavam dois delicados arcos, as pestanas eram espessas e encurvadas. Os olhos eram como duas grandes e luminosas safiras a sondarem-lhe o rosto, ansiosas, no desejo de avaliar o estado em que ele estava. O orgulho e a coragem revelavam-se em cada feição do rosto, dos pómulos e do nariz pequeno e teimoso ao queixo com a sua minúscula e encantadora covinha no meio. E no entanto a boca era vulnerável e macia – tão macia como os seios que se mostravam ao nível dos olhos dele acima do decote da camisa de noite de cetim creme orlada a renda, praticamente a pedirem que lhes tocasse. Mas era a boca que Jason queria saborear primeiro... Agarrou com mais força o braço dela, puxando-a para si.

– Lord Fielding! – avisou ela, tentando afastar-se.

– Há pouco chamaste-me Jason. Eu ouvi, não o negues.

– Foi um erro – disse Victoria, desesperada.

Os lábios dele agitaram-se num débil sorriso.

– Então cometamos outro.

Enquanto falava, fez deslizar a mão para a parte de trás do pescoço dela e baixou inexoravelmente o rosto de Victoria para o seu.

– Por favor, não – suplicou Victoria, com os lábios a centímetros dos dele. – Não me obrigue a lutar contra si... vai fazer mal ao seu ferimento.

A pressão da mão dele afrouxou muito ao de leve, não o suficiente para a deixar escapar, mas também sem a forçar a aproximar-se mais, enquanto Jason a estudava num silêncio pensativo.

Victoria esperou pacientemente que ele a largasse, sabendo que tinha os sentidos baralhados pela perda de sangue, pela dor e por uma grande quantidade de álcool. Nem por um instante acreditou que ele sentisse o mais pequeno desejo genuíno por ela, e olhou-o com uma expressão muito próxima do divertimento.

– Alguma vez foste beijada, verdadeiramente beijada, por algum homem exceto o teu Arnold?

– Andrew – corrigiu Victoria, com os lábios a tremerem de riso.

– Não há dois homens que beijem da mesma maneira, sabias?

Uma gargalhada escapou-lhe da garganta antes que ela pudesse travá-la.

– A sério? Quantos homens já beijou?

Um sorriso como resposta surgiu nos lábios sensuais de Jason, mas ele ignorou a graça.

– Inclina-te para mim – ordenou numa voz rouca, voltando a aumentar subtilmente a pressão na nuca dela – e encosta os lábios aos meus. Vamos fazê-lo à minha maneira.

A complacência de Victoria evaporou-se e ela começou a entrar em pânico.

– Jason, pare com isto – pediu. – Não quer beijar-me. Nem sequer gosta de mim mais do que um bocadinho quando não está embriagado.

Ele soltou uma dura gargalhada.

– Gosto de ti até de mais! – sussurrou num tom amargo, e então puxou a cabeça dela para baixo e apoderou-se-lhe dos lábios num beijo exigente, escaldante, que tirava tudo e não dava nada em troca. Victoria debateu-se, chocada e assustada, pousou as mãos de ambos os lados dele e empurrou, tentando libertar-se. Com um gesto rápido, Jason enfiou-lhe os dedos no denso cabelo da nuca e torceu com força. – Não lutes! – disse através dos dentes cerrados. – Estás a magoar-me.

– O senhor é que está a magoar-me a *mim* – arquejou Victoria, com os lábios a menos de dois centímetros dos dele. – Deixe-me.

– Não consigo – disse ele roucamente, mas largou-lhe o cabelo e os dedos compridos deslizaram para baixo, para a curva do pescoço, enquanto os hipnotizantes olhos verdes olhavam para o fundo dos dela. Como se a confissão estivesse a ser-lhe arrancada sob tortura, disse numa voz entrecortada: – Já tentei cem vezes deixar-te, Victoria, mas não consigo.

E enquanto Victoria estava ainda abalada por esta incrível declaração, Jason puxou-lhe a cabeça para baixo e apoderou-se-lhe da boca num interminável e inebriante beijo que lhe roubou o fôlego e a deixou imóvel e atordoada. Os lábios dele moviam-se contra os dela numa terna e faminta ânsia, saboreando-os e moldando-os, movendo-se para a esquerda e para a direita como se quisessem mais. Alguma coisa no âmago de Victoria sentiu o solitário desespero dele e, impotente, respondeu ao que era quase um pedido de socorro. Os seus lábios suavizaram-se e derreteram-se contra os dele. No mesmo instante, o exigente ardor do beijo de Jason aumentou. A língua dele deslizou pelos lábios dela, exortando-os a abrirem-se, e no momento em que cederam à sensual pressão, passou suavemente pela abertura.

Descargas sucessivas de uma sensação louca percorreram o corpo de Victoria enquanto a língua de Jason lhe explorava a boca, até que, numa febre de aturdido desejo, a sua própria língua tocou timidamente os lábios dele. A resposta de Jason foi imediata; gemeu e passou-lhe o braço são pelas costas, apertando-lhe os seios contra o peito, com a língua a penetrar mais fundo na boca dela, para então retirar e voltar a mergulhar, uma e outra vez, num ritmo loucamente excitante e proibido.

Uma eternidade mais tarde, afastou os lábios dos de Victoria, e fê-los deslizar pela face dela beijando-lhe o queixo e a têmpora. E então, sem aviso, parou.

A onda de loucura que se apoderara de Victoria dissipou-se, deixando atrás de si a compreensão do seu comportamento desvergonhado. Tinha a cara apoiada no peito de Jason e estava meio deitada em cima dele como... como uma impudica meretriz! A tremer por dentro, forçou-se a levantar a cabeça, à espera de vê-lo olhar para ela com triunfo ou desdém – que era exatamente o que merecia. Com relutância, abriu os olhos e obrigou-se a enfrentar os dele.

– Meu Deus – murmurou ele numa voz rouca, com os olhos verdes a brilhar. Victoria encolheu-se num reflexo instintivo quando Jason ergueu a mão, mas em vez de a afastar de si, ele pousou-lhe a palma na face afogueada e passou suavemente as pontas dos dedos pelos contornos dos delicados ossos do rosto. Confundida por este comportamento inexplicável, sondou-lhe, ansiosa, os olhos ardentes.

– O teu nome não condiz contigo – disse ele, pensativo. – «Victoria» é demasiado comprido e frio para uma criatura tão pequena e cheia de fogo.

Completamente cativada pela expressão de intimidade dos olhos dele e pela suavidade da voz, Victoria engoliu e disse:

– Os meus pais chamavam-me Tory.

– Tory – repetiu ele, a sorrir. – Gosto... adequa-se perfeitamente. – O seu olhar hipnótico reteve o dela e a mão continuou a acariciá-la, deslizando pelo ombro e pelo braço. – Também gosto da maneira como o sol brilha no teu cabelo quando passeias de carruagem com a Caroline Collingwood – continuou. – E gosto do som do teu riso. Gosto da maneira como os teus olhos faíscam quando te zangas... E sabes do que mais gosto? – perguntou ele, com os olhos a fechar.

Victoria abanou a cabeça, hipnotizada pela voz e pela doçura das palavras.

De olhos fechados e com um sorriso nos lábios. Jason murmurou:

– Mais do que tudo... gosto da maneira como enches essa camisa de noite que tens vestida...

Victoria saltou para trás num assomo de pudor ofendido e a mão dele caiu, ficando molemente pousada ao lado da cabeça em cima da almofada. Jason tinha mergulhado num sono profundo.

Victoria ficou a olhar para ele com os olhos muito abertos de incredulidade, sem saber o que pensar ou o que sentir. Aquele homem era o mais ousado e descarado... O sentimento de ofensa que estava a tentar evocar recusou manifestar-se, e um sorriso relutante tocou-lhe os lábios quando olhou para ele. As arestas mais duras do rosto suavizavam-se no sono, e sem o céptico contorcer dos lábios, tinha um ar vulnerável e incrivelmente jovem.

O sorriso abriu-se ainda mais quando reparou nas pestanas dele – tão compridas e densas que qualquer rapariga lhas invejaria. Enquanto o observava, perguntou a si mesma como teria sido quando era um rapazinho. De certeza que não fora cínico nem desligado nem inacessível.

– O Andrew destruiu todos os meus sonhos de infância – pensou em voz alta. – Gostava de saber quem terá destruído os teus.

Ele voltou a cabeça na almofada e uma madeixa de cabelo negro caiu-lhe para a testa. Sentindo-se estranhamente maternal e um tudo-nada perversa, Victoria estendeu a mão e afastou-a com as pontas dos dedos.

– Vou dizer-te um segredo – confessou, sabendo que ele não a ouvia. – Eu também gosto de ti, Jason.

Do outro lado do corredor, uma porta fechou-se com um estalido e Victoria levantou-se de um salto, sentindo-se culpada. Alisou a camisa de noite e compôs o cabelo. Mas quando espreitou para o corredor, não estava lá ninguém.

CAPÍTULO 18

Quando desceu para o pequeno-almoço, Victoria ficou espantada ao encontrar o tio Charles já sentado à mesa, muito antes da hora a que normalmente acordava, e, por qualquer razão desconhecida, com um ar muito feliz.

– Encantadora como sempre – disse Charles com um sorriso rasgado, pondo-se de pé para lhe oferecer uma cadeira.

– E o senhor com melhor aspeto do que nunca, tio Charles – respondeu ela, retribuindo o sorriso, enquanto ele lhe enchia a chávena de chá e acrescentava o leite.

– *Sinto-me* melhor do que nunca – declarou ele, expansivo. – Diz-me, como está o Jason?

Victoria deixou cair a colher.

– O que quero dizer – explicou ele, num tom suave – é que o ouvi no corredor, de madrugada, e ouvi também a tua voz. O Jason pareceu-me – fez uma pausa delicada – ...um pouco alterado. Estava?

Victoria assentiu, alegremente.

– Bêbedo como um cacho!

Em vez de comentar, Charles continuou:

– O Northrup informou-me de que o teu amigo Wiltshire esteve cá, há cerca de uma hora, a perguntar muito ansioso pela saúde do Jason. – Lançou-lhe um olhar divertido e interrogador. – Parecia convencido de que o Jason tinha estado envolvido num duelo e fora ferido.

Victoria compreendeu que era inútil esconder-lhe o que tinha acontecido. Assentiu com a cabeça, a rir.

– Segundo o que o Jason me disse, bateu-se em duelo com Lord Wiltshire por este me ter chamado «uma pacóvia inglesa».

– O Wiltshire tem-me chagado sem descanso a pedir autorização para te fazer formalmente a corte. Não acredito que te tenha chamado uma coisa dessas.

– Tenho a certeza de que não chamou. Para começar, não faz o menor sentido.

– Nenhum – concordou Charles, jovial. – Mas qualquer que tenha sido a provocação para o duelo, parece que o Wiltshire atingiu o Jason.

O riso brilhou nos olhos de Victoria.

– Segundo Lord Fielding, foi atingido no braço por uma *árvore*.

– Por estranho que pareça – disse Charles, divertido –, foi *exatamente* a história que o jovem Wiltshire contou ao Northrup. – Ao cabo de um instante, acrescentou: – Não importa. Creio que o Dr. Worthing cuidou do Jason. É amigo dele e meu, e um excelente médico. Se a saúde do Jason estivesse em perigo, estaria aqui neste instante, a vigiá-lo. Além disso, pode-se contar com ele para manter a coisa em segredo. É que os duelos são ilegais.

Victoria empalideceu e Charles pousou a mão em cima da dela, apertando-a ao de leve, para a

tranquilizar.

– Não há motivos para te preocupares. – Uma ternura inexplicável fez-lhe tremer a voz quando acrescentou: – Não sei dizer-te como estou feliz... como estou profundamente feliz por ter-te connosco, minha filha. Há tanta coisa que quero dizer-te a respeito do Ja... a respeito de tudo – emendou atabalhoadamente. – Em breve chegará o momento em que poderei fazê-lo.

Victoria aproveitou a oportunidade para voltar a pedir-lhe que lhe falasse do tempo em que conhecera a mãe, mas Charles abanou a cabeça e a sua expressão tornou-se solene.

– Em breve – prometeu, como sempre. – Mas ainda não.

O resto do dia pareceu arrastar-se enquanto Victoria esperava, ansiosa, que Jason aparecesse, interrogando-se como se comportaria ele em relação a ela depois do que acontecera naquela manhã. Na sua cabeça, dava voltas e mais voltas às possibilidades, incapaz de pôr o assunto de lado. Talvez ele a desprezasse por ter deixado que a beijasse. Talvez se detestasse a si mesmo por ter admitido que gostava dela e não queria deixá-la ir embora. Talvez não tivesse sido sincero em nenhuma das coisas doces que dissera.

Tinha a certeza de que a maior parte das ações dele fora ditada pelo excesso de álcool, mas queria muito acreditar que uma amizade mais forte, em vez da hesitante que tinham tido até então, resultaria de terem deixado cair as barreiras entre os dois. Nas últimas semanas, acabara por aprender a gostar muito dele, e a admirá-lo. Para lá disso... para lá disso recusava pensar.

À medida que o dia avançava, as suas esperanças começaram a morrer e a tensão continuou a aumentar – um estado de espírito exacerbado pelas duas dúzias de visitantes que se apresentaram desejosos de saber a verdade a respeito do duelo de Jason. Northrup informou-os todos de que Lady Victoria passaria o dia fora, e Victoria continuou à espera.

À uma da tarde, Jason desceu por fim as escadas só para ir diretamente para o escritório, onde permaneceu fechado com Lord Collingwood e dois outros homens que apareceram para discutir um qualquer investimento.

Às três horas, Victoria foi para a biblioteca. Furiosa consigo mesma por permitir que a preocupação a dominasse àquele extremo, ficou lá sentada, a tentar concentrar-se no livro, incapaz de manter qualquer espécie de conversa inteligente com o tio Charles, que estava sentado junto à janela, do outro lado da sala, a folhear o jornal.

Quando, finalmente, Jason entrou na biblioteca, Victoria estava tão tensa que quase saltou do cadeirão ao vê-lo.

– Que está a ler? – perguntou ele num tom despreocupado, de mãos enfiadas nos bolsos das calças castanhas e justas.

– Um livro do Shelley – respondeu ela ao cabo de um longo e embaraçoso momento durante o qual não conseguiu lembrar-se do nome do poeta.

– Victoria – começou Jason, e ela notou pela primeira vez a tensão dos lábios dele. Ele hesitou, como se estivesse à procura das palavras certas, e então disse: – Esta manhã fiz alguma coisa de que deva pedir desculpa?

Victoria sentiu o coração afundar-se-lhe no peito; ele não se lembrava de nada.

– Nada de que me lembre – respondeu, tentando não deixar transparecer o desapontamento.

– Geralmente – disse ele, com o fantasma de um sorriso a pairar-lhe nos lábios –, a pessoa que não se lembra é a que bebeu de mais... não o contrário.

– Estou a ver. Bem, não, não disse.

– Ótimo. Nesse caso, vemo-nos mais tarde quando sairmos para o teatro... – e acrescentou, com um brilho nos olhos: – Tory.

E fez meia-volta para sair.

– Disse que não se lembrava de nada – explodiu ela, incapaz de se conter.

Jason voltou-se para a enfrentar, com um sorriso absolutamente vulpino.

– *Eu* lembro-me de tudo, Tory. Só queria saber se, na *sua* opinião, tinha feito qualquer coisa de que devesse pedir desculpa.

A respiração de Victoria saiu numa embaraçada gargalhada.

– É o homem mais exasperante à face da Terra!

– É verdade – admitiu ele, sem ponta de remorso –, mas *gosta* de mim de qualquer maneira.

Victoria sentiu o sangue subir-lhe à cara enquanto o via afastar-se. Nunca, nem nas suas piores imaginações, pensara que ele estivesse acordado quando dissera aquilo. Deixou-se cair no cadeirão e fechou os olhos, profundamente envergonhada. E isso foi antes de um movimento no outro lado da sala lhe recordar que o tio Charles estava presente. Abriu os olhos e viu-o a observá-la, com uma expressão alegre de triunfo no rosto.

– Muito bem feito, minha filha – disse o velho duque, em voz baixa. – Sempre esperei que viesses a gostar dele, e estou a ver que aconteceu.

– Sim, mas não consigo compreendê-lo, tio Charles.

A confissão só pareceu deixá-lo ainda mais satisfeito.

– Se gostas dele agora, sem o compreender, vais gostar cem vezes mais quando o compreenderes, isso posso prometer-te. – Pôs-se de pé. – Suponho que é melhor ir andando. Tenho um compromisso para o resto da tarde e para a noite, com um velho amigo.

Quando Victoria entrou na sala de estar ao fim da tarde, encontrou Jason à sua espera, a alta figura vestida com uma casaca e calças cor de vinho, e um rubi a cintilar entre as dobras do lenço de pescoço muito branco. Dois rubis iguais ao do lenço refulgiram no punho da camisa quando ele estendeu o braço para pegar no copo de vinho.

– Tirou a ligadura! – exclamou Victoria, ao aperceber-se de que ele não estava a usá-la.

– E a Victoria não se vestiu para o teatro – contrapôs ele. – E os Mortram dão um baile. Iremos lá depois.

– A verdade é que não me apetece ir a nenhum desses lugares. Já mandei uma mensagem ao marquês de Salle a pedir-lhe que me escusasse de ir com ele jantar a casa dos Mortram.

– Vai ficar devastado – previu Jason, satisfeito. – Sobretudo quando souber que em vez disso foi jantar comigo.

– Oh, mas não posso!

– Pode, sim – respondeu ele, num tom seco.

– Devia andar com o braço ao peito – disse ela, fugindo ao assunto.

Ele lançou-lhe um olhar de exasperada diversão.

– Se aparecesse em público de braço ao peito, o pequeno Wiltshire ia convencer toda a gente em Londres de que fui derrubado por uma árvore.

– Duvido que o faça – respondeu Victoria, com um brilho nos olhos. – É muito novo, e mais provavelmente gabar-se-á de o ter vencido num duelo.

– O que é ainda mais embaraçoso do que ser atingido por uma árvore. O Wiltshire – explicou Jason, desdenhoso – não sabe que ponta da pistola apontar para o alvo.

Victoria reprimiu uma gargalhada.

– Mas para que tenho eu de ir consigo se tudo o que precisa de fazer é mostrar-se em público a parecer incólume?

– Porque se não estiver a meu lado, uma dama qualquer com vontade de ser duquesa é bem capaz de se pendurar no meu braço ferido. Além disso, quero levá-la.

Victoria não tinha defesas contra este género de persuasão.

– Muito bem – concordou, com uma gargalhada. – Não conseguiria viver comigo mesma se arruinasse a sua reputação de duelista invencível. – Começou a voltar-se, mas então fez uma pausa, com um sorriso impudente a assomar-lhe aos lábios. – É verdade que matou uma dúzia de homens em duelos, na Índia?

– Não – foi a brusca resposta. – Agora vá mudar de roupa.

Parecia que Londres em peso estava no teatro naquela noite... e que todos os olhos os seguissem quando entraram no camarote de Jason. Voltaram-se cabeças, agitaram-se leques, soaram murmúrios. Ao princípio, Victoria presumiu que as pessoas estavam surpreendidas por Jason parecer perfeitamente bem, e não ferido, mas mais tarde mudou de opinião. Mal saiu do camarote com Jason no intervalo da peça, apercebeu-se de que alguma coisa tinha mudado. Jovens e senhoras de mais idade, que se tinham mostrado amistosas no passado, olhavam-na agora com rostos fechados e expressões de censura. E compreendeu finalmente porquê: dizia-se que Jason se tinha batido em duelo por causa dela. A sua reputação sofrera um rude golpe.

Não muito longe, uma senhora já de muita idade que usava um turbante de cetim com uma grande ametista na frente observou Jason e Victoria e semicerrou os olhos.

– Então – sibilou em voz baixa para a senhora que a acompanhava e que pouco mais nova devia ser – o Wakefield bateu-se em duelo por causa dela.

– Foi o que ouvi dizer, vossa graça – respondeu Lady Faulklyn.

A duquesa de Claremont apoiou-se na sua bengala de ébano enquanto estudava Victoria.

– É a imagem da Katherine.

– Sim, vossa graça.

Os olhos azuis da duquesa miraram Victoria da cabeça aos pés, e então voltaram-se para Jason Fielding.

– Um patife bem bonito, não é?

Lady Faulklyn empalideceu, como que receosa de dar uma resposta afirmativa.

A duquesa ignorou o silêncio dela e bateu com os dedos no castão cravejado de pedras preciosas da bengala enquanto continuava a estudar o marquês de Wakefield através dos olhos semicerrados.

– É parecido com o Atherton – disse.

– Há uma ligeira parecença – arriscou Lady Faulklyn, hesitante.

– Tolice! – ripostou a duquesa. – O Wakefield é exatamente igual ao Atherton quando tinha a mesma idade.

– Exatamente! – concordou Lady Faulklyn.

Um sorriso de maliciosa satisfação espalhou-se pelo rosto magro da duquesa.

– O Atherton está convencido de que vai conseguir um casamento entre as nossas duas famílias contra a minha vontade. Esperou vinte anos para se vingar, e acredita que vai ser bem-sucedido. – Uma gargalhada baixa rouquejou-lhe na garganta enquanto observava o belo casal a poucos passos de distância. – Mas está enganado – acrescentou.

Victoria desviou nervosamente o olhar da velhasenhora com o estranho turbante. *Toda a gente* parecia estar a olhar para ela e para Jason, até senhoras de idade que nunca tinha visto antes, como aquela. Voltou-se, apreensiva, para Jason.

– Ter vindo consigo foi um erro terrível – disse, enquanto ele lhe entregava uma taça de ratafia.

– Porquê? Está a gostar de ver a peça. – Sorriu em resposta à preocupação existente nos olhos azuis dela. – E eu estou a gostar de vê-la a si.

– Pois não deve olhar para mim, e sobretudo não deve dar a impressão de que gosta de o fazer – disse Victoria, tentando ignorar o prazer que o despreocupado elogio lhe proporcionara.

– Porque não?

– Porque está toda a gente a olhar para nós.

– Não é a primeira vez que nos veem juntos – respondeu Jason, com um indiferente encolher de ombros, e levou-a de regresso ao camarote.

Foi ainda pior, muito pior, quando chegaram ao baile dos Mortram. No instante em que entraram juntos, todos os presentes no espaçoso salão de baile pareceram voltar-se para os olhar com expressões decididamente antipáticas.

– Jason, isto é horrível! É pior do que no teatro. Lá, ao menos, algumas pessoas estavam a olhar para o palco. Aqui, estão todos a olhar para *nós*, e, por favor – pediu, mudando de assunto –, pare de olhar para mim dessa maneira encantadora... Estão todos a observar-nos!

– Estou a ser encantador? – perguntou ele, a provocá-la, mas passou um rápido olhar pelos rostos à sua volta. – O que vejo – disse num tom perfeitamente calmo, fazendo um gesto de cabeça para o lado direito – é meia dúzia dos seus embeijados admiradores com ar de quem gostaria de arranjar maneira de me cortar o pescoço e livrar-se do corpo.

Victoria estava quase a bater o pé, de tão frustrada.

– Está a ignorar deliberadamente o que aconteceu. A Caroline Collingwood, que está a par de todos os *on dits*, contou-me que ninguém acreditava que tivéssemos qualquer interesse verdadeiro um pelo outro. Segundo os mexericos, só mantínhamos a charada do noivado para agradar ao tio Charles. Mas agora bateu-se em duelo por causa de qualquer coisa que alguém disse a meu respeito, e isso muda tudo. Estão a pensar no tempo que passa em casa quando eu lá estou.

– Por acaso, até é a minha casa – disse Jason numa voz arrastada, com as sobrancelhas juntas sobre os duros olhos verdes.

– Eu sei, mas é o princípio da coisa que conta. Agora toda a gente, sobretudo as senhoras, está a pensar todo o género de coisas horríveis a nosso respeito. Se fosse outra pessoa, não teria tanta importância – disse, querendo apenas dizer que a mal esclarecida condição de noivos lançava ainda mais lenha para a fogueira. – É o princípio da...

A voz de Jason baixou para um murmúrio gelado.

– Está enganada se julga que quero saber do que as pessoas pensam... incluindo-a a si. Não se canse a fazer-me preleções sobre princípios, porque não tenho nenhuns, e não me confunda com um «cavalheiro», porque não sou. Vivi em lugares de que nunca ouviu falar e em todos eles fiz coisas que ofenderiam a sua puritana sensibilidade. É uma criança tola e inocente. Eu nunca fui inocente. Nunca fui uma criança. No entanto, uma vez que está tão preocupada com o que as pessoas pensam, o problema é relativamente fácil de remediar. Pode passar o resto da noite com os seus babados admiradores, e eu encontrarei alguém que me divirta.

Victoria ficou tão confusa e magoada por aquele ataque injustificado que mal conseguia pensar

depois de ele se ter afastado. No entanto, fez *exatamente* o que ele tão rudemente sugerira, e apesar da diminuição dos olhares maldosos lançados na sua direção, passou uma noite horrível. O orgulho ofendido obrigava-a a comportar-se como se apreciasse dançar com os seus pares e ouvir as palavras lisonjeiras que lhe diziam, mas os seus ouvidos pareciam sintonizados para a voz profunda de Jason e o seu coração parecia adivinhar sempre que ele estava perto.

Cada vez mais infeliz, apercebeu-se de que Jason se tinha rodeado de três bonitas louras que competiam umas com as outras pela sua atenção e se viravam do avesso para conseguir um dos seus preguiçosos sorrisos. Nem uma única vez, desde aquela manhã, se permitira pensar no prazer que os lábios dele lhe tinham proporcionado. Agora não conseguia pensar noutra coisa, e ansiava tê-lo de novo a seu lado em vez de a namoriscar com aquelas mulheres, e que se danasse a opinião pública!

Junto dela, um jovem bem-parecido de cerca de vinte e cinco anos lembrou-lhe que lhe tinha prometido a próxima dança.

– Sim, com certeza – respondeu, delicada mas sem qualquer entusiasmo. – Sabe por acaso que horas são, Mr. Bascomb? – perguntou, deixando-o levá-la para a pista de dança.

– Sem dúvida – respondeu ele, orgulhoso. – São onze e meia.

Victoria reprimiu um gemido. Ainda faltavam horas para que o pesadelo daquela noite chegasse ao fim.

Charles rodou a chave na fechadura e abriu a porta no preciso instante em que Northrup aparecia a correr no vestíbulo.

– Não precisava de ficar a pé à minha espera, Northrup – disse bondosamente, enquanto lhe entregava o chapéu e a bengala. – Que horas são?

– Onze e meia, vossa graça.

– O Jason e a Victoria não estarão em casa muito antes da madrugada, de modo que não tente esperar por eles – aconselhou. – Sabe que estas coisas se prolongam sempre até tarde.

Northrup desejou-lhe uma boa noite e desapareceu em direção ao seu quarto. Charles voltou-se na direção oposta e encaminhou-se para o salão, com a intenção de relaxar com um cálice de porto e deliciar-se a pensar no romance entre Jason e Victoria que tinha finalmente desabrochado naquela madrugada no quarto de Jason. Já a meio do vestíbulo, uma pancada seca e imperiosa na porta da frente fê-lo deter-se e voltar para trás. A pensar que Jason e Victoria deviam ter esquecido a chave e regressado a casa mais cedo, abriu a porta, e o seu sorriso transformou-se numa expressão de moderada curiosidade ao ver o homem alto, com cerca de trinta anos e bem vestido que estava à sua frente.

– Peço que perdoe esta intrusão a uma hora tão tardia, vossa graça – disse o cavalheiro. – Chamo-me Arthur Wilson, e a minha firma foi contactada por outra firma de solicitadores, na América, com instruções para que esta carta lhe seja imediatamente entregue. Tenho outra para Miss Victoria Seaton.

Uma incontável premonição de desastre começou a encher a cabeça de Charles enquanto aceitava a carta.

– Lady Seaton não está em casa.

– Eu sei, vossa graça. – O jovem fez um gesto na direção da carruagem parada na rua. – Tenho estado ali à espera de que um dos dois regressasse desde o princípio da noite, altura em que estas

cartas foram colocadas nas minhas mãos. No caso de Lady Seaton não estar, as nossas instruções são entregar a carta a vossa graça e pedir-lhe que se certifique de que ela a recebe de imediato. – Colocou a segunda carta na húmida palma da mão de Charles e levou os dedos ao chapéu. – Desejo uma boa noite a vossa graça.

Charles sentiu um medo gelado percorrer-lhe o corpo enquanto abria a sua carta e procurava a identidade do remetente. O nome «Andrew Bainbridge» saltou-lhe à cara. Ficou a olhar para ele, enquanto o coração começava a martelar-lhe o peito em dolorosos espasmos. Forçou-se a ler o que estava escrito. À medida que lia, a cor fugiu-lhe do rosto e as palavras puseram-se a dançar-lhe diante dos olhos.

Quando acabou, deixou cair as mãos ao longo do corpo e a cabeça pender para a frente. Os seus ombros estremeceram e as lágrimas correram-lhe pelas faces e caíram no chão, enquanto os seus sonhos e esperanças se desmoronavam numa explosão que fez o sangue rugir-lhe nos ouvidos. Por fim, muito devagar, endireitou os ombros e ergueu a cabeça.

– Northrup – chamou, e começou a subir a escadaria, mas a sua voz foi um murmúrio abafado. Tossicou para limpar a garganta e voltou a chamar: – Northrup!

O mordomo apareceu no vestíbulo a correr, ainda a vestir o casaco.

– Chamou, vossa graça? – perguntou, e olhou alarmado para o duque, que se tinha detido a meio da escada, agarrado ao corrimão em busca de apoio.

Charles voltou a cabeça e olhou para ele.

– Chame o Dr. Worthing – disse. – Diga-lhe que venha imediatamente. Diga-lhe que é urgente.

– Devo mandar alguém avisar Lord Fielding e Lady Victoria? – perguntou Northrup, apressado.

– Não, raios! – rouquejou Charles, e então recuperou o controlo da voz. – Dir-lhe-ei depois de o Dr. Worthing chegar – emendou, e continuou a subir a escada, muito devagar.

O céu já clareava quando o cocheiro de Jason fez deter os fogosos cavalos ruços diante do número 6 de Upper Brook Street. Nem Jason nem Victoria tinham dito uma palavra desde que tinham saído do baile dos Mortram, mas ao ouvir a súbita inspiração de Jason, Victoria endireitou-se e olhou em redor.

– De quem é aquela carruagem? – perguntou.

– Do Dr. Worthing. Reconheço os baios.

Jason saltou da carruagem, pegou nela sem cerimónias, depositou-a no passeio e subiu a correr os degraus do pórtico, deixando-a desenhencilhar-se sozinha. Victoria levantou as saias compridas e correu atrás dele, com o pânico a apertar-lhe a garganta ao ver um pálido Northrup abrir a porta.

– Que se passa? – vociferou Jason.

– O seu tio, senhor – respondeu Northrup, sombrio. – Teve um ataque... o coração. O Dr. Worthing está com ele.

– Santo Deus! – exclamou Victoria, agarrando a manga de Jason, dominada pelo terror.

Subiram a escada juntos, a correr, enquanto, atrás deles, Northrup dizia:

– O Dr. Worthing pediu para vossa senhoria não entrar antes de eu o avisar da sua chegada.

Jason ergueu a mão para bater à porta do quarto de Charles, mas o Dr. Worthing já estava a abri-la. O médico saiu para o corredor, fechando firmemente a porta atrás de si.

– Bem me pareceu ouvi-lo chegar – explicou, passando os dedos pelo cabelo branco num gesto de cansaço.

– Como está ele? – perguntou Jason, com a voz tensa.

O Dr. Worthing tirou da cara os óculos de armação de arame e concentrou-se em limpar as lentes. Ao cabo de um interminável momento, inspirou fundo e ergueu os olhos.

– Sofreu um golpe muito duro, Jason.

– Podemos vê-lo?

– Sim, mas aviso-os de que não devem dizer seja o que for que possa perturbá-lo.

Victoria levou a mão ao pescoço.

– Não... não vai morrer, pois não, Dr. Worthing?

– Mais cedo ou mais tarde, todos temos de morrer, minha querida – disse ele, com uma expressão tão sombria que Victoria começou a tremer de terror.

Entraram no quarto do moribundo e foram colocar-se junto à cama, Victoria de um lado, Jason do outro. Havia um castiçal com velas acesas em cima da mesa de cabeceira, mas a Victoria o quarto já parecia tão escuro e assustador como um túmulo à espera. A mão de Charles estava molemente pousada na colcha e, engolindo as lágrimas, ela pegou-lhe e apertou-a entre as suas, a tentar desesperadamente infundir-lhe um pouco de força.

As pálpebras de Charles abriram-se, trémulas, e os olhos fixaram-se no rosto dela.

– Minha querida filha – disse, num murmúrio. – Não era minha intenção morrer tão cedo. Queria primeiro ver-te instalada e feliz. Quem cuidará de ti quando eu partir? Tens mais alguém que possa acolher-te e cuidar de ti?

As lágrimas corriam pelas faces de Victoria. Amava-o tanto, e agora ia perdê-lo. Tentou falar, mas o nó de angústia e medo que tinha na garganta estrangulou-lhe a voz e tudo o que conseguiu fazer foi apertar a mão frágil de Charles ainda com mais força.

Charles voltou a cabeça na almofada e olhou para Jason.

– És tão parecido comigo – murmurou –, tão teimoso. E agora vais ficar tão sozinho como eu sempre estive.

– Não fale – aconselhou Jason, com a voz enrouquecida pelo desgosto. – Descanse.

– Não *posso* descansar – argumentou Charles debilmente. – Não posso morrer em paz sabendo que a Victoria vai ficar sozinha. Vão ficar os dois sozinhos, de maneiras diferentes. Ela não pode continuar sob a tua proteção, Jason. A sociedade nunca perdoaria... – A voz esmoreceu-lhe. Fazendo um esforço visível para continuar, voltou a cabeça para Victoria. – Victoria, deram-te o meu nome. Eu e a tua mãe amámo-nos muito. Ia... ia contar-te tudo, um dia. Agora já não há tempo.

Victoria foi incapaz de continuar a conter as lágrimas. Inclinou a cabeça, com os ombros sacudidos por soluços convulsivos.

Charles desviou os olhos da figura que soluçava e voltou-os para Jason.

– O meu sonho era que tu e a Victoria casassem. Queria que se tivessem um ao outro quando eu partisse...

O rosto de Jason era uma máscara tensa de dor controlada. Assentiu com a cabeça, com os músculos do pescoço a agitarem-se.

– Eu tomarei conta da Victoria... casarei com ela – esclareceu apressadamente quando Charles começou a argumentar.

Os olhos espantados e cheios de lágrimas de Victoria ergueram-se para a cara de Jason; e então compreendeu que ele estava apenas a tentar adoçar os últimos momentos de Charles.

Charles fechou os olhos, cansado.

– Não acredito em ti, Jason – murmurou.

Dominada pelo terror e pelo desespero, Victoria caiu de joelhos ao lado da cama, agarrada à mão de Charles.

– Não se preocupe connosco, tio Charles – soluçou.

Charles voltou devagar a cabeça na almofada, abriu os olhos e olhou para Jason.

– Juras? – sussurrou. – Jura-me que casarás com a Victoria e cuidarás sempre dela.

– Juro – disse Jason, e a expressão dos olhos dele convenceu Victoria de que aquilo, afinal, não era uma farsa da sua parte. Estava a fazer um juramento a um moribundo.

– E tu, minha filha – continuou Charles, voltando-se de novo para Victoria –, juras solenemente aceitá-lo?

Victoria ficou tensa. Aquele não era o momento para discutir agravos antigos ou pormenores mesquinhos. O facto brutal era que sem Jason, sem Charles, não tinha mais ninguém no mundo, e sabia-o. Recordou a inebriante delícia dos beijos de Jason, e embora temesse a sua frieza exterior, sabia que era forte e que a manteria a salvo. O pouco que restava dos seus vagos planos de um dia regressar à América cedeu à mais premente necessidade de sobreviver e aliviar a preocupação de Charles nas suas últimas horas.

– Victoria? – insistiu Charles, num fio de voz.

– Aceitá-lo-ei – murmurou ela.

– Obrigado – sussurrou Charles, com uma patética tentativa de sorriso. Tirou a mão esquerda de baixo do lençol e agarrou a de Jason. – Agora posso morrer em paz.

De súbito, todo o corpo de Jason ficou rígido. Olhou para Charles, e o seu rosto tornou-se uma máscara de ceticismo.

– Sim, agora pode morrer em paz, Charles – concordou, com mordaz sarcasmo.

– Não! – gritou Victoria, a chorar. – Não morra, tio Charles! Por favor, não! – Tentando, desesperada, dar-lhe uma razão para lutar pela vida, soluçou: – Se morrer, não poderá levar-me ao altar...

O Dr. Worthing saiu das sombras e ajudou suavemente Victoria a pôr-se de pé. Fazendo um sinal com a cabeça a Jason para que o seguisse, levou-a para o corredor.

– Basta, minha querida – disse, num tom apaziguador. – Vai ficar doente.

Victoria ergueu para o médico o rosto sulcado pelas lágrimas.

– Acha que ele vai viver, Dr. Worthing?

O bondoso médico, um homem de meia-idade, deu-lhe uma afetuosa palmadinha no braço.

– Vou ficar com ele e avisá-los-ei se houver alguma mudança.

E, sem qualquer palavra verdadeiramente tranquilizadora, voltou ao quarto e fechou a porta.

Victoria e Jason desceram para o salão. Jason sentou-se ao lado dela e, num gesto de conforto, enlaçou-a com o braço direito e puxou-lhe a cabeça para o ombro. Victoria escondeu a cara no peito dele e soluçou o seu medo e o seu desgosto até não ter mais lágrimas para derramar. Passou o resto da noite nos braços de Jason, numa silenciosa vigília.

Charles passou o resto da noite a jogar cartas com o Dr. Worthing.

CAPÍTULO 19

Na tarde seguinte, o Dr. Worthing pôde comunicar-lhes que o Tio Charles «se estava a aguentar». E no dia seguinte, desceu até à sala de jantar onde Jason e Victoria jantavam e informou-os de que Charles tinha «melhorado muito».

Victoria mal conseguiu conter a sua alegria, mas Jason limitou-se a arquear uma sobrancelha e a convidar o médico para se lhes juntar à mesa.

– Hã... obrigado – respondeu o Dr. Worthing, lançando um olhar indagador às imperscrutáveis feições de Jason. – Julgo que posso deixar o meu paciente sem assistência durante alguns instantes.

– Estou certo de que pode – disse Charles, num tom indiferente.

– Acha que ele vai recuperar, Dr. Worthing? – perguntou Victoria, que não conseguia compreender a estranha impassibilidade de Jason.

Esforçando-se por evitar o olhar atento de Jason, o médico voltou-se para Victoria, claramente embaraçado, tossicou para limpar a garganta e respondeu:

– É difícil dizer, neste momento. Ele diz que quer viver até vê-los casados. Está muito determinado. Poder-se-ia dizer que se agarra a isso como uma razão para viver.

Victoria mordeu o lábio e olhou de soslaio para Jason antes de perguntar:

– Que aconteceria se ele comesse a recuperar e nós... nós lhe disséssemos que mudámos de ideias?

Foi Jason que respondeu, numa voz agradavelmente calma:

– Se isso acontecesse, teria sem dúvida uma recaída. – E, voltando-se para o médico, perguntou: – Não é verdade, doutor?

O Dr. Worthing fugiu ao duro olhar de Jason.

– Tenho a certeza de que o conhece melhor do que eu, Jason. O que é que acha que faria?

Jason encolheu os ombros.

– Acho que teria uma recaída.

Victoria sentiu que a vida estava a atormentá-la deliberadamente, roubando-lhe a casa e as pessoas que amava, forçando-a a viajar para uma terra estranha e estrangeira, e agora empurrando-a para um casamento sem amor com um homem que não a queria.

Continuou sentada à mesa muito depois de os homens se terem levantado, a brincar tristemente com a comida que tinha no prato, tentando encontrar uma saída para aquele dilema, por Jason e também por ela própria. Os seus sonhos de um lar feliz, com um marido que a amasse a seu lado e um bebé a palrar nos braços, voltaram para troçar dela, e permitiu-se um acesso de autocomiseração. Ao fim e ao cabo, não pedia muito à vida; não desejava peles e joias, *saisons* em Londres ou casas palacianas onde pudesse brincar às rainhas. Queria apenas o que tinha na América – só que com um marido e filhos a acompanhar.

Foi invadida por uma onda de saudade e deixou pender a cabeça. Como desejava fazer o tempo

recuar um ano e fixá-lo lá, ter os rostos sorridentes dos pais à sua frente, ouvir o pai falar do hospital que queria construir, estar rodeada pelos habitantes da povoação que tinham sido a sua segunda família. Daria tudo, tudo, para poder voltar para casa. Uma imagem do rosto bonito e risonho de Andrew apareceu para a atormentar, e ela expulsou-a, recusando derramar mais lágrimas pelo homem infiel que tinha adorado.

Empurrou a cadeira para trás e foi à procura de Jason. Andrew abandonara-a à sua sorte, mas Jason estava ali e tinha a obrigação de a ajudar a pensar numa maneira de fugir a um casamento que nenhum dos dois queria.

Encontrou-o sozinho no escritório – um homem solitário e pensativo a olhar para a lareira vazia, com um braço pousado na consola. O coração encheu-se de compaixão ao compreender que, apesar de ter fingido frieza e ausência de emoção na presença do Dr. Worthing, Jason tinha ido para ali para se preocupar em solitária privacidade.

Reprimiu o impulso de se aproximar dele e oferecer a sua compreensão, que sabia que ele rejeitaria, e disse em voz baixa:

– Jason?

Ele ergueu a cabeça e olhou para ela, com o rosto inexpressivo.

– O que é que vamos fazer?

– A respeito de quê?

– A respeito desta ridícula ideia do tio Charles de nos ver casados.

– Ridícula porquê?

Victoria ficou espantada com a resposta, mas estava decidida a discutir o assunto calma e francamente.

– É ridícula porque eu não quero casar consigo.

Os olhos dele endureceram.

– Estou bem ciente disso, Victoria.

– E o Jason também não quer casar comigo – disse ela, erguendo as mãos num gesto de apelo.

– Tem razão. – Jason voltou a olhar para a lareira e remeteu-se ao silêncio. Victoria esperou que ele dissesse mais qualquer coisa; ao ver que não o fazia, suspirou e voltou-se para sair. As palavras que ele disse a seguir fizeram-na parar e olhar para trás. – No entanto, o nosso casamento poderia dar a cada um de nós uma coisa que queremos.

– O quê? – perguntou ela, a estudar-lhe o perfil duramente esculpido, tentando adivinhar-lhe o estado de espírito. Ele endireitou-se e voltou-se para ela, enfiando as mãos nos bolsos, a olhá-la nos olhos.

– Pelo seu lado, quer voltar à América, ser independente, viver entre os seus amigos e talvez construir o hospital com que o seu pai sonhava. Disse-me tudo isso. E se for sincera consigo mesma, admitirá que também gostaria de voltar para mostrar ao Andrew, e a todos os outros, que a deserção dele não significou nada para si... que o esqueceu tão facilmente como ele a esqueceu a si e que andou para a frente com a sua vida.

Victoria ficou tão humilhada por aquela referência à sua situação que demorou alguns segundos a registar o que ele disse a seguir.

– E eu – declarou Jason, sem rodeios – quero um filho.

Victoria ficou de boca aberta enquanto ele continuava, muito calmo:

– Podíamos ambos dar ao outro aquilo que queremos. Case comigo e dê-me um filho. Em troca, eu

mandá-la-ei de volta à América com dinheiro suficiente para viver como uma rainha e construir uma dúzia de hospitais.

Victoria estava a olhar para ele, fulminada pela incredulidade.

– Dar-lhe um filho? – ecoou. – Dou-lhe um filho e então o senhor manda-me de volta para a América? Dar-lhe um filho e *deixá-lo* aqui?

– Não sou completamente egoísta. Poderia tê-lo consigo até ele ter... digamos, quatro anos. As crianças precisam da mãe até atingirem essa idade. Depois disso, esperaria tê-lo comigo. Talvez opte por ficar connosco depois de o trazer de volta. Para ser franco, preferiria que ficasse definitivamente, mas deixo isso consigo. Há, no entanto uma condição... uma condição em que eu insistiria.

– Que condição? – perguntou ela, aturdida.

Ele hesitou, como que a formular a resposta com todo o cuidado, e quando por fim falou, desviou o olhar, a estudar a paisagem pendurada por cima da lareira, como se não quisesse olhá-la de frente.

– Devido à maneira como saiu em minha defesa, na outra noite, as pessoas passaram a presumir que não me despreza nem tem medo de mim. Se concordar com este casamento, esperarei de si que reforce esta opinião e não diga ou faça seja o que for que a altere. Por outras palavras, aconteça o que acontecer entre nós em privado, quando estivermos em público esperarei que se comporte como se tivesse casado comigo por algo mais do que o meu dinheiro e o meu título. Ou para pôr as coisas de uma maneira mais simples, como se gostasse de mim.

Por nenhuma razão especial, Victoria recordou o cáustico comentário dele no baile dos Mortram: «*Está enganada se julga que quero saber do que as pessoas pensam...*» Estava a mentir, apercebeu-se com uma pontada de ternura. Era óbvio que queria saber do que as pessoas pensavam, ou não estaria a pedir-lhe aquilo.

Olhou para o homem frio e desapaixonado que tinha à sua frente. Parecia poderoso, altivo, confiante. Era impossível pensar que queria um filho, ou que a queria a ela, ou quem quer que fosse... como era impossível acreditar que o incomodava o facto de as pessoas desconfiarem ou terem medo dele. Impossível, mas verdade. Lembrou-se de como lhe parecera arrapazado na noite do duelo, quando a provocara e a convencera a beijá-lo. Recordou a fome ansiosa do beijo e o desespero solitário da suas palavras: «*Já tentei cem vezes deixar-te, Victoria, mas não consigo.*»

Talvez, por baixo da sua fachada fria e desprovida de emoção, Jason se sentisse tão sozinho e vazio como ela. Talvez precisasse dela e não conseguisse dizê-lo. Por outro lado, talvez ela estivesse apenas a tentar iludir-se a si mesma acreditando naquilo.

– Jason – disse, dando voz a uma parte dos seus pensamentos –, não pode esperar que eu tenha um filho e então lho entregue e me vá embora. Não pode ser tão frio e sem coração como as suas propostas fazem supor. Não... não consigo acreditar que seja.

– Não me achará um marido cruel, se é isso que quer dizer.

– Não, *não* é isso que quero dizer – explodiu ela, à beira da histeria. – Como é que pode falar de casamento como se fosse um... um vulgar negócio... sem sentimento, sem qualquer espécie de emoção, sem sequer um simulacro de amor ou...

– Com certeza já não lhe restam ilusões em matéria de amor – troçou ele, com cáustica impaciência. – A sua experiência com o Bainbridge devia ter-lhe ensinado que o amor é apenas uma emoção usada para manipular os tolos. Não espero nem desejo amor, Victoria.

Victoria apoiou-se ao espaldar da cadeira a seu lado, abalada por estas palavras. Abriu a boca

para recusar a oferta, mas ele adiantou-se-lhe.

– Não responda antes de pensar no que eu disse. Se casar comigo, será livre de fazer o que quiser com a sua vida. Poderá construir um hospital na América e outro perto de Wakefield e ficar em Inglaterra. Tenho seis propriedades e um milhar de rendeiros e criados. Só os meus criados fornecer-lhe-iam doentes suficientes para encher o seu hospital. Senão, pagar-lhes-ei para adoecerem.

O fantasma de um sorriso encurvou-lhe os lábios, mas Victoria estava demasiado magoada para ver o humor da situação.

Quando Jason viu que a sua graça não tinha eco, acrescentou num tom despreocupado:

– Poderá cobrir as paredes de Wakefield com os seus desenhos, e se lhe faltar espaço mandarei ampliar a casa. – Victoria estava ainda a tentar digerir a surpreendente informação de que ele sabia dos seus desenhos quando Jason estendeu a mão e lhe passou os dedos pela face tensa, e acrescentou num tom despreocupado: – Serei um marido generoso, prometo.

A finalidade da palavra «marido» fez descer um arrepio gelado pelas costas de Victoria, que agarrou os próprios braços e os esfregou num vã tentativa de se aquecer.

– Porquê? – murmurou. – Porquê eu? Se quer um filho, há dúzias de mulheres em Londres nauseantemente desejosas de casar consigo.

– Porque me sinto atraído por si... sem dúvida sabe disso – disse ele. – Além disso – acrescentou, com os olhos a provocá-la enquanto pousava as mãos nos ombros dela e tentava puxá-la para si –, gosta de mim. Disse-mo quando pensou que eu estava a dormir... lembra-se?

Victoria ficou a olhar de boca aberta, incapaz de absorver a espantosa revelação: Jason sentia-se atraído por ela.

– Também gostava do Andrew – respondeu com furiosa impertinência. – Não sou grande coisa a avaliar homens.

– É verdade – concordou ele, com o riso a dançar-lhe nos olhos.

Victoria sentiu que estava a ser inexoravelmente puxada para o peito dele.

– Penso que perdeu o juízo! – disse, com uma voz estrangulada. – Penso que está completamente louco!

– Perdi e estou – concordou ele, enquanto lhe passava o braço pelas costas.

– Não o farei. Não posso...

– Victoria – disse ele suavemente –, não tem por onde escolher. – A voz tornou-se-lhe rouca e persuasiva quando os seios dela entraram por fim em contacto com o seu peito. – Eu posso dar-lhe tudo o que uma mulher quer...

– Tudo menos amor – disse ela, a sufocar.

– Tudo o que uma mulher *verdadeiramente* quer – emendou ele, e antes que Victoria tivesse tempo de perceber o cínico comentário, começou, com deliberada lentidão, a aproximar os lábios dos dela. – Dar-lhe-ei joias e peles – prometeu. – Terá mais dinheiro do que alguma vez sonhou. – Agarrou-lhe com a mão livre o cabelo sedoso na nuca e inclinou-lhe a cabeça para trás. – Em troca, a única coisa que tem de me dar é isto...

Estranhamente, o único pensamento de Victoria foi que ele estava a vender-se barato, a pedir-lhe demasiado pouco. Era atraente e rico e desejado. Tinha com certeza o direito de esperar mais da esposa do que aquilo... E então a mente dela esvaziou-se quando a boca sensual dele se apoderou da sua num interminável e inebriante beijo que pouco a pouco se tornou mais insistente, mais exigente, e a deixou a tremer de quentes sensações. Jason tocou-lhe nos lábios com a língua, fê-la passar pelo

meio deles, a exortá-los, a forçá-los a abrirem-se, e quando se abriram mergulhou-lha na boca, enviando ondas de choque de estonteantes emoções que a sacudiram da cabeça aos pés. Victoria gemeu e os braços dele apertaram-na com mais força, protetores, puxando-a para si enquanto a língua iniciava uma lenta e erótica sedução e as mãos lhe agarravam possessivamente os lados do corpo, os ombros e as costas.

Quando, por fim, ele levantou a cabeça, Victoria sentia-se zozna e cheia de calor e de um inexplicável medo.

– Olha para mim – sussurrou ele, agarrando-lhe o queixo com os dedos para lho levantar. – Estás a tremer – disse, quando os grandes olhos azuis se ergueram para os seus. – Tens medo de mim?

Apesar das cruas emoções que a faziam estremecer, Victoria abanou a cabeça. Não tinha medo dele; de repente, por razões que não compreendia, tinha medo de si mesma.

– Não – disse.

Um sorriso pairou nos lábios dele.

– Tens, mas não tens razão para ter. – Pousou as mãos no rosto escaldante dela e fê-las deslizar para trás, alisando-lhe o pesado cabelo. – Só te magoarei uma vez, e só porque é inevitável.

– O quê... porquê?

Ele cerrou os dentes.

– Talvez afinal não te magoe. É isso?

Numa das suas imprevisíveis mudanças de humor, Jason encolheu friamente os ombros.

– Não importa – disse, num tom seco. – Não quero saber do que fizeste com o Bainbridge. Isso foi antes.

– Antes? – repetiu Victoria, com a voz cheia de frustrada incompreensão. – Antes do quê?

– Antes de mim – respondeu ele. – Julgo, no entanto, que deves saber antecipadamente que não tolerarei ser um marido enganado.

Victoria abriu muito a boca, espantada.

– Marido enganado?! É louco. Completamente louco.

Os lábios dele torceram-se no esboço de um sorriso.

– Já tínhamos chegado a acordo quanto a esse ponto.

– Se continua a falar em insinuações insultuosas – avisou ela –, vou fechar-me no meu quarto.

Jason olhou para os tempestuosos olhos azuis e reprimiu o súbito impulso de a tomar nos braços e voltar a devorar-lhe a boca.

– Muito bem, falaremos de coisas mais triviais. O que está Mrs. Craddock a preparar?

Victoria sentiu-se como se o mundo, e todos os que o habitavam, estivesse a rodar num sentido, e ela, sozinha, a rodar no sentido oposto, entontecida e perdida.

– Mrs. Craddock? – repetiu, sem compreender.

– A cozinheira. Vês, aprendi o nome dela. Também sei que o O'Malley é o teu laçao preferido. – Sorriu. – Então, o que está Mrs. Craddock a preparar para o jantar?

– Ganso – respondeu Victoria, tentando recuperar o equilíbrio. – É... é aceitável?

– Perfeitamente. Jantamos em casa?

– Eu janto – disse ela, a fugir de alguma maneira à pergunta.

– Nesse caso, naturalmente, eu também.

Jason já estava a desempenhar o papel de marido, apercebeu-se ela, aturdida.

– Assim sendo, vou avisar Mrs. Craddock.

Victoria voltou-se, num transe de confusão. Jason dissera que se sentia atraído por ela. Queria casar com ela. Impossível. Se o tio Charles morresse, *teria* de casar com ele. Se casasse com ele agora, talvez o tio Charles encontrasse a força de que precisava para viver. E filhos... Jason queria filhos. Também ela os queria, muito. Queria *qualquer coisa* para amar. Talvez pudessem ser felizes juntos; havia momentos em que Jason conseguia ser encantador, momentos em que o sorriso dele lhe dava a ela vontade de sorrir. Ele tinha dito que não a magoaria... Já ia a meio da sala quando a voz calma de Jason a deteve.

– Victoria...

Numa resposta automática, voltou-se para ele.

– Penso que já tomou uma decisão a respeito do nosso casamento. Se foi sim, devíamos falar com o Charles depois do jantar e dizer-lhe que vamos marcar uma data. Ele vai gostar, e quanto mais cedo lhe dissermos, melhor.

Victoria percebeu que Jason estava a insistir em saber se ela tencionava casar com ele. Olhou para aquele homem atraente, enérgico e dinâmico. Porque lhe parecia tenso enquanto esperava por uma resposta? Porque tinha de pedir-lhe que casasse com ele como se fosse uma proposta de negócio?

– Eu... – começou, impotente para resistir, quando o terno e formal pedido de Andrew lhe ecoou de repente na cabeça: «*Diz que casas comigo, Victoria. Amo-te. Hei de amar-te sempre...*»

Ergueu o queixo, em furiosa rebelião. Jason Fielding, ao menos, não dizia palavras de amor que não sentia. Mas também não dera quaisquer mostras de sentimento ou afeto quando lho pedira, de modo que aceitou a proposta da mesma maneira fria com que fora feita. Olhou para Jason e assentiu, num gesto rígido.

– Dir-lhe-emos depois do jantar.

Seria capaz de jurar que tinha visto a tensão abandonar o rosto e o corpo de Jason.

Tecnicamente, era a noite do seu noivado, e Victoria decidiu aproveitar o momento para tentar estabelecer um padrão melhor para o futuro. Na manhã do duelo, Jason dissera que gostava do riso dela. Se, como suspeitava, ele estava tão sozinho e vazio por dentro como ela própria tantas vezes se sentia, então talvez pudessem alegrar a vida um do outro. Descalça diante do guarda-fato aberto, examinou os seus mais bonitos vestidos, tentando decidir o que usar na ocasião falsamente festiva. Acabou por decidir-se por um de *chiffon* azul muito claro com uma sobressaia salpicada de refulgentes lentejoulas douradas e o colar de águas-marinhas encastradas em ouro que Jason lhe oferecera na noite do seu *début*. Ruth escovou-lhe o cabelo até ficar a brilhar, e então dividiu-o ao meio e deixou-o cair em duas ondas que lhe emolduravam o rosto e se lhe derramavam sobre os ombros e as costas. Quando ficou satisfeita com o seu aspeto, Victoria saiu do quarto e desceu à sala de estar. Jason tinha evidentemente seguido o mesmo impulso, pois vestia uma impecável casaca e uma calças de veludo vermelho-escuras, com um colete de brocado branco e botões de rubi a cintilarem no peito da camisa.

Estava a deitar champanhe numa taça quando ergueu a cabeça e a viu, e os seus olhos ousados percorreram-lhe o corpo com clara apreciação masculina. O orgulho da posse era evidente no seu olhar e Victoria sentiu um aperto nervoso no estômago ao notá-lo. Nunca ele a tinha olhado daquela maneira – como se ela fosse um delicioso petisco que planeava devorar com todo o sossego.

– Tens a desconcertante capacidade de parecer uma criança encantadora num momento e uma

mulher incrivelmente sedutora no momento seguinte – disse ele.

– Obrigada – respondeu Victoria, insegura. – Acho.

– A intenção foi fazer um elogio – assegurou ele, com um ligeiro sorriso. – Não sou regra geral tão desastrado com os meus elogios que se torne difícil identificá-los. Serei mais cuidadoso, de futuro.

Tocada por esta pequena indicação de que ele tencionava tentar mudar para lhe agradar, Victoria ficou a vê-lo verter o borbulhante líquido em duas taças. Jason entregou-lhe uma e ela começou a afastar-se em direção ao canapé, mas ele pousou uma mão no seu braço nu e puxou-a para trás. Com a outra mão, levantou a tampa de uma grande caixa de veludo que estava ao lado da taça e tirou de lá um triplo colar das maiores e mais magníficas pérolas que Victoria alguma vez tinha visto. Sem uma palavra, voltou-a para o espelho por cima do aparador e afastou o cabelo comprido. Os dedos dele provocaram-lhe pequenos tremores ao longo da espinha enquanto retiravam as águas-marinhas e lhe punham o pesado colar de pérolas à volta do esguio pescoço.

Viu, no espelho, as feições inexpressivas dele enquanto prendia o fecho de diamante e em seguida erguia os olhos para os dela, a estudar o efeito da joia sobre o seu pescoço.

– Obrigada... – começou, atrapalhada, voltando-se.

– Prefiro que me agradeças com um beijo.

Obediente mas embaraçada, ela pôs-se em bicos de pés e depositou um beijo na face lisa e acabada de escanhoar. Qualquer coisa na maneira como ele lhe oferecera as pérolas e, friamente, esperara um beijo em troca incomodou-a muito. Era como se estivesse a comprar os seus favores, começando com um beijo em troca de um colar. Esta ideia foi assustadoramente confirmada quando ele comentou, a respeito do beijo:

– Não foi grande beijo para um colar tão bonito.

E se apoderou dos lábios dela com uma repentina e exigente insistência.

Quando a largou, olhou-a nos olhos com um sorriso trocista.

– Não gostas de pérolas, Victoria?

– Oh, gosto... palavra! – respondeu Victoria nervosamente, furiosa consigo mesma por não ser capaz de controlar os seus tolos e fantasiosos medos. – Nunca vi outras tão bonitas como estas. Nem as de Lady Wilhelm eram tão grandes. São dignas de uma rainha.

– Pertenceram a uma princesa russa, há um século – disse ele, e ela sentiu-se tocada por ele parecer julgá-la digna de uma joia tão preciosa.

Depois do jantar, subiram ao quarto de Charles. A alegria dele quando lhe falaram da sua decisão de ir para a frente com o casamento tirou-lhe anos do rosto, e quando Jason passou um braço pelos ombros de Victoria, o inválido acamado riu de incontido prazer. Parecia tão feliz, tão seguro de que os dois iam fazer o que deviam, que Victoria quase também acreditou que sim.

– E quando vai ser o casamento? – perguntou Charles, de repente.

– Dentro de uma semana – respondeu Jason, o que lhe valeu um olhar surpreendido de Victoria.

– Excelente! Excelente! – declarou Charles. – Tenciono estar suficientemente bem para assistir.

Victoria começou a protestar, mas os dedos de Jason apertaram-lhe o braço, a avisá-la para que não discutisse.

– E o que tens aí, minha querida? – perguntou Charles, radiante com o colar que Victoria ostentava ao pescoço.

A mão dela subiu, num gesto automático, ao objeto da atenção dele.

– O Jason ofereceu-mo esta noite, para celebrar o nosso acor... o nosso noivado – explicou.

Terminada a conversa com Charles, Victoria alegou cansaço e Jason acompanhou-a até à porta do quarto.

– Há qualquer coisa que te preocupa – disse ele, num tom calmo. – O que é?

– Entre outras coisas, sinto-me muito mal por casar antes de ter decorrido o período de luto pelos meus pais. Tenho-me sentido culpada sempre que vou a um baile. Tive de ser evasiva a respeito da data da morte dos meus pais para que as pessoas não se apercebam de que sou uma filha desrespeitosa.

– Fizeste o que tinhas de fazer, e os teus pais compreendê-lo-iam. Ao casar comigo imediatamente, estás a dar ao Charles uma razão para viver. Viste como ficou melhor quando lhe dissemos que tínhamos marcado a data do casamento. Além disso, a decisão original de encurtar o período de luto foi minha, não tua, e tu não tiveste escolha na matéria. Se tens de culpar alguém, culpa-me a mim.

Victoria sabia, claro, que ele tinha razão, e mudou de assunto.

– Agora que acabo de saber que *nós* decidimos casar dentro de uma semana – disse, com um sorriso ligeiramente acusador –, pode dizer-me *onde* foi que decidimos casar?

– *Touché* – disse, e sorriu. – Muito bem; decidimos casar em casa.

Victoria abanou a cabeça, de forma enfática.

– Por favor, Jason, não podemos casar na igreja... na igreja da aldeia que vi perto de Wakefield? Não podíamos esperar um pouco mais até o tio Charles estar em condições de fazer a viagem?

Espantada, viu a expressão de fria aversão que perpassou pelos olhos de Jason quando ela falou da igreja, mas, ao cabo de uma curta hesitação, ele aquiesceu, com um seco aceno de cabeça.

– Se é um casamento na igreja que queres, fã-lo-emos aqui em Londres, numa igreja suficientemente grande para acolher todos os convidados.

– Por favor, não... – pediu Victoria, pousando inconscientemente a mão na manga dele. – Estou muito longe da América, senhor. A igreja perto de Wakefield seria muito melhor... recorda-me a minha terra, e desde rapariguinha que sonho casar numa pequena igreja de aldeia...

Victoria apercebeu-se tardiamente que sonhara casar numa pequena igreja de aldeia com Andrew, e desejou nunca ter pensado sequer em igrejas.

– Quero que o nosso casamento seja em Londres, diante da alta sociedade – disse Jason, num tom absolutamente definitivo. – No entanto, podemos chegar a um compromisso – concedeu. – Casaremos numa igreja de Londres, e depois iremos a Wakefield para uma pequena celebração.

A mão de Victoria escorregou do braço dele.

– Esqueça que eu falei na igreja. Convide as pessoas cá para casa. Seria pouco menos do que uma blasfémia entrar numa igreja para selar aquilo que não é mais do que um frio acordo comercial. – E acrescentou, numa triste tentativa de fazer humor: – Quando estivermos a jurar amar-nos e honrar-nos um ao outro, estarei à espera de que um raio me fulmine.

– Casaremos numa igreja – declarou Jason, num tom duro, interrompendo a diatribe dela. – E se cair algum raio, serei eu a suportar a despesa de um telhado novo.

CAPÍTULO 20

—Boa tarde, minha querida – disse Charles alegremente, batendo com a mão na cama a seu lado. – Vem sentar-te. A tua visita ontem à noite com o Jason restaurou-me a saúde de uma maneira incrível. Anda, conta-me mais a respeito dos vossos planos de casamento.

Victoria sentou-se ao lado dele.

– Para dizer a verdade, é tudo muito confuso, tio Charles. O Northrup acaba de me dizer que o Jason pegou em tudo o que tinha no escritório e voltou para Wakefield.

– Eu sei – disse Charles, a sorrir. – Falou comigo antes de ir e disse-me que o fazia «para salvaguardar as aparências». Quanto menos tempo passar perto de ti, menos motivos haverá para coscuvilhices.

– Foi então por isso que ele partiu – disse Victoria, com a expressão preocupada a desanuviar-se-lhe.

O riso sacudiu os ombros de Charles quando ele acenou com a cabeça.

– Minha filha, julgo que foi a primeira vez em toda a sua vida que o Jason fez uma concessão às conveniências! Não gostou, mas fê-lo mesmo assim! Não há dúvida de que és uma boa influência para ele – terminou, jovial. – Talvez a seguir possas ensiná-lo a não trocar dos princípios.

Victoria retribuiu o sorriso, aliviada e de súbito muito feliz.

– Receio não saber nada a respeito dos preparativos para o casamento – admitiu –, exceto que será celebrado numa igreja aqui em Londres.

– O Jason vai ocupar-se de tudo. Levou o secretário com ele para Wakefield, juntamente com a maior parte do pessoal daqui, para poder tratar dos preparativos. Depois da cerimónia, haverá uma celebração em Wakefield, para os vossos amigos mais chegados e alguns dos aldeãos. Julgo que a lista de convidados e os convites estão já a ser feitos. Por isso não tens nada que fazer exceto ficar aqui e saborear a surpresa de toda a gente quando se souber que vais verdadeiramente ser a próxima duquesa de Atherton.

Victoria descartou isto com um gesto da mão e abordou, hesitante, um assunto que era muito mais importante para ela.

– Naquela noite em que estive muito doente, disse qualquer coisa a respeito de si e da minha mãe... qualquer coisa que tencionava contar-me.

Charles desviou a cabeça e olhou pela janela, e Victoria apressou-se a acrescentar:

– Não precisa de mo dizer, se isso o perturba.

– Não é isso – respondeu ele devagar, voltando a olhar para ela. – Eu sei como és compreensiva e sensível, mas és ainda muito nova. Amaste o teu pai, provavelmente tanto como amaste a tua mãe. Quando eu te contar o que tenho para te dizer, vais talvez julgar-me um intruso no casamento deles, apesar de poder jurar-te que nunca comuniquei com a tua mãe depois de ela ter casado com o teu pai. Victoria – continuou, com um ar infeliz –, estou a tentar dizer-te que não quero que me desprezes, e

receio que isso possa acontecer quando ouvires a minha história.

Victoria pegou-lhe na mão e disse, docemente:

– Como poderia eu desprezar alguém que teve o bom senso de amar a minha mãe?

Charles olhou para as mãos que seguravam a sua e disse, com a voz estrangulada pela emoção:

– Sabias que herdaste o coração da tua mãe? – Como Victoria permaneceu silenciosa, voltou a olhar para a janela e começou a contar a história do seu envolvimento com Katherine. Só voltou a olhar para ela quando acabou, e quando o fez não viu condenação nos seus olhos, apenas dor e compaixão. – Amei-a com todo o meu coração – concluiu. – Amei-a e afastei-a da minha vida quando ela era a única coisa por que valia a pena viver.

– Foi a minha bisavó que o *forçou* a fazê-lo – disse Victoria, com uma tempestade de fúria nos olhos.

– Eram felizes... quero dizer, a tua mãe e o teu pai? Sempre quis saber como era o casamento deles, mas tinha medo de perguntar.

Victoria recordou a horrível cena entre os pais a que assistira naquele Natal, havia já tantos anos, mas isso não era nada em comparação com os dezoito anos de bondade e consideração que tinham tido um para com o outro.

– Sim, eram felizes. O casamento deles não era nada um casamento da elite.

Disse aquilo com tanta aversão que Charles sorriu, curioso.

– O que é que queres dizer com «um casamento da elite»?

– O género de casamento que quase toda a gente aqui em Londres tem... exceto o Robert e a Caroline Collingwood e mais uns poucos. O género de casamento em que os dois raramente estão juntos, e quando por acaso se encontram num evento qualquer comportam-se com a delicadeza de desconhecidos bem-educados. Os cavalheiros estão sempre fora entregues aos seus divertimentos, e as senhoras têm os seus galãs. Ao menos os meus pais viviam juntos numa verdadeira casa e nós éramos uma verdadeira família.

– Deduzo que queres ter um casamento à antiga e uma família à antiga – brincou ele, parecendo muito agradado com a ideia.

– Não me parece que o Jason queira esse género de casamento. – Não conseguiu contar a Charles que a proposta original de Jason fora ela dar-lhe um filho e depois ir-se embora. Consolou-se com o conhecimento de que, apesar de ele ter feito a proposta, parecer preferir que ficasse em Inglaterra.

– Duvido muito que o Jason saiba o que quer, neste momento – disse Charles, num tom grave. – Ele precisa de ti, querida. Precisa do teu calor e do teu ânimo. Não o admitirá, nem sequer para si mesmo... e quando finalmente o admitir para si mesmo, não vai gostar, acredita. Vai lutar contra ti – avisou. – Mas, mais cedo ou mais tarde, abrir-te-á o coração, e nesse instante encontrará a paz. Em troca, far-te-á mais feliz do que alguma vez sonhaste ser.

A expressão dela foi tão cheia de dúvida, tão cética, que o sorriso de Charles esmoreceu.

– Tem paciência com ele, Victoria. Se não fosse tão forte de corpo e de espírito, nunca teria chegado aos trinta anos. Tem cicatrizes, cicatrizes profundas, mas tu tens o poder de as sarar.

– Que espécie de cicatrizes?

Charles abanou a cabeça.

– Será melhor para os dois se for o Jason a falar-te finalmente da sua vida, sobretudo da sua infância. Se ele não o fizer, então poderás procurar-me.

Nos dias que se seguiram, Victoria teve pouco tempo para pensar em Jason ou fosse no que fosse.

Mal tinha saído do quarto de Charles quando Madame Dumosse chegou, acompanhada por quatro costureiras.

– Lord Fielding deu-me instruções para fazer um vestido de noiva para si, *mademoiselle* – disse, já a andar à volta dela. – Disse que tinha de ser muito rico, muito elegante. Único. Digno de uma rainha. Sem folhos.

Apanhada algures entre a irritação e o riso pela prepotência de Jason, Victoria lançou-lhe um olhar de soslaio.

– Por acaso também escolheu a cor?

– Azul.

– Azul? – exclamou Victoria, preparada para se bater fisicamente pelo branco.

Madame assentiu com a cabeça, com um dedo pensativo contra os lábios e a outra mão apoiada na anca.

– Sim, azul. Azul-gelo. Disse que fica gloriosa com essa cor... «um anjo de cabelo ruivo», foi o que disse.

De repente, Victoria decidiu que azul-gelo era uma cor encantadora para um vestido de noiva.

– Lord Fielding tem muito bom gosto – continuou *madame*, com as sobrancelhas finas arqueadas sobre os olhos brilhantes e alerta. – Não concorda?

– Absolutamente – respondeu Victoria, a rir, e submeteu-se aos experientes cuidados da modista.

Quatro horas mais tarde, quando *madame* finalmente a libertou e se retirou com as suas quatro costureiras, Victoria foi informada de que Lady Caroline Collingwood a esperava no salão dourado.

– Victoria – exclamou a amiga, com uma expressão de ansiedade no rosto bonito enquanto estendia as mãos para pegar nas dela. – Lord Fielding passou por nossa casa esta manhã para nos informar do casamento. É uma honra ser tua dama de honor, como Lord Fielding disse que era teu desejo, mas é tudo tão repentino... O vosso casamento, quero dizer.

Victoria reprimiu a alegre surpresa que lhe causava o facto de Jason ter sido suficientemente atencioso para se lembrar de que ela precisava de ajuda e ter passado por casa dos Collingwood.

– Nunca suspeitei de que estavas a desenvolver um afeto duradouro por Lord Fielding – continuou Caroline –, e confesso que me confunde. Queres casar com ele, não é verdade? Não estás, de alguma maneira, a ser forçada... bem, a fazê-lo?

– Só pelo destino – respondeu Victoria com um sorriso, enquanto se deixava cair, exausta, num cadeirão. E apressou-se a acrescentar, ao ver que Caroline franzia a testa: – Não estou a ser forçada. É o que desejo fazer.

Toda a expressão de Caroline se iluminou de alívio e felicidade.

– Estou tão feliz... estava na esperança de que isto acontecesse. – A expressão confusa de Victoria levou-a a explicar: – Nestas últimas semanas, passei a conhecê-lo melhor, e estou *absolutamente* de acordo com o Robert, que me disse que as coisas que as pessoas pensam de Lord Fielding são fruto de mexericos, sobretudo da parte de uma mulher despeitada e maldosa. Duvido que alguém tivesse acreditado neles se o próprio Lord Fielding não fosse tão altivo e fechado. É claro que ninguém gosta de pessoas que dizem coisas horríveis a seu respeito, não é verdade? Foi talvez por isso que Lord Fielding não se sentiu na obrigação de nos enganar. E, como o Robert diz, Lord Fielding é um homem orgulhoso, o que o impede de fazer concessões a uma opinião pública adversa, sobretudo sendo tão injusta!

Victoria reprimiu uma gargalhada ao ouvir a acalorada defesa que a amiga fazia do homem que em

tempos temera e condenara, mas era típico de Caroline, que recusava ver defeitos, fossem quais fossem, nas pessoas de que gostava e que, em contrapartida, era incapaz de ver quaisquer qualidades redentoras naquelas de que não gostava. Esta característica da sua personalidade fazia dela a mais leal das amigas, e Victoria estava profundamente grata pela sua inabalável amizade.

– Obrigada, Northrup – disse, quando o mordomo entrou com a bandeja do chá.

– Nem consigo compreender porque foi que alguma vez o achei assustador – continuou Caroline, enquanto Victoria servia o chá. Ansiosamente desejosa de absolver Jason de qualquer culpa que lhe pudesse ter atribuído no passado, Caroline continuou: – Fiz muito mal em deixar-me levar pela imaginação. Julgo que a razão por que me pareceu assustador foi o facto de ser tão alto e ter um cabelo tão preto, o que é perfeitamente absurdo. Sabes o que disse quando saiu de nossa casa esta manhã? – perguntou, numa voz a transbordar satisfação.

– Não – respondeu Victoria, a disfarçar outro sorriso ao registar os esforços que Caroline fazia para elevar Jason de demónio a santo. – O que foi?

– Disse que eu sempre lhe tinha feito lembrar uma bonita borboleta.

– Que encantador – disse Victoria, com sinceridade.

– Pois foi, mas nem de longe tão encantador como a maneira como te descreveu a *ti*.

– A mim? E a que propósito veio isso?

– Os elogios? – Victoria assentiu com a cabeça, e Caroline explicou: – Eu acabava de comentar como estava feliz por ires casar com um inglês e ficar cá, para podermos continuar a ser amigas. Lord Fielding riu e disse que nós as duas nos complementávamos perfeitamente uma à outra, porque eu sempre lhe tinha feito lembrar uma bonita borboleta e tu és como uma flor silvestre que floresce mesmo na adversidade e alegre a vida de toda a gente. Não foi totalmente encantador?

– Sem dúvida – concordou Victoria, a sentir-se absurdamente contente.

– Acho que ele está muito mais apaixonado por ti do que dá a entender – declarou Caroline. – Ao fim e ao cabo, bateu-se em duelo por ti.

Quando Caroline saiu, Victoria estava meio convencida de que Jason gostava na verdade dela, uma convicção que lhe permitiu estar alegre e positiva na manhã seguinte, quando uma estonteante procissão de visitantes alertados para a notícia do casamento iminente começou a chegar para lhe desejar felicidades.

Victoria estava a receber um grupo de jovens senhoras que tinham ido visitá-la precisamente por essa razão quando o objeto do romântico debate entrou no salão azul. Os risos esmoreceram e transformaram-se em murmúrios nervosos e inseguros enquanto as jovens contemplavam a impressionante figura do imprevisível marquês de Wakefield, vestido com um casaco de montar antracite e uns calções pretos que o faziam parecer esmagadoramente masculino. Inconsciente do efeito que estava a ter nas jovens impressionáveis, muitas das quais tinham alimentando o sonho de serem elas a «caçá-lo», Jason agraciou-as com um radioso sorriso.

– Bom dia, minhas senhoras – disse; e então, voltando-se para Victoria, o seu sorriso tornou-se muito mais íntimo. – Podes dispensar-me um momento?

Pedindo que a desculpassem, Victoria seguiu-o até ao escritório.

– Não te afastarei muito tempo das tuas amigas – disse ele, enquanto enfiava a mão no bolso do casaco. Sem mais uma palavra, pegou na mão dela e enfiou-lhe no dedo um pesado anel. Victoria olhou para o anel, que lhe cobria toda a falange. Viu uma enfiada de grandes safiras, flanqueada, de ambos os lados, por duas outras de refulgentes diamantes.

– Jason, é muito bonito – ofegou. – Espantosamente, incrivelmente bonito. Obri...

– Agradece-me com um beijo – recordou-lhe ele em voz baixa, e quando Victoria ergueu a cara para a dele, capturou-lhe os lábios num beijo longo e faminto que lhe esvaziou a mente de pensamentos e o corpo de qualquer espécie de resistência. Abalada pelo ardor dele e pela resposta impotente do seu corpo, Victoria ficou a olhar para os olhos verdes e enevoados, a tentar perceber porque seria que os beijos de Jason tinham sempre nela aquele efeito avassalador.

Jason baixou os olhos para os lábios dela.

– Achas que, da próxima vez, serás capaz de beijar-me sem ser preciso pedir?

Foi a nota de desapontamento que julgou detetar-lhe na voz que derreteu o coração de Victoria. Ele tinha-se oferecido para seu marido, e em troca pedia muito pouco – apenas aquilo. Pôs-se em bicos de pés, ergueu os braços, passou-lhos à volta do pescoço e beijou-o. Sentiu um tremor percorrer a alta figura enquanto roçava os lábios pelos dele, a explorar as quentes curvas daquela boca, a aprender a saboreá-lo. Os lábios dele entreabriram-se e começaram a roçar-se pelos dela, num beijo loucamente excitante.

Mas no crescente tumulto do beijo, e inconsciente da dura pressão contra o seu ventre, Victoria deixou os dedos deslizarem por entre o cabelo macio da nuca dele enquanto, numa resposta automática, moldava o corpo ao de Jason... e, de repente, tudo mudou. Os braços dele apertaram-na com uma força inesperada, a sua boca apoderou-se da dela com uma fome selvagem. Forçou-a a abrir os lábios, provocou a língua dela com a sua, exortando-a a retribuir, e, quando o conseguiu, arquejou e apertou-a ainda com mais força, com o corpo tenso de um desejo ardente.

Quando, por fim, ergueu a cabeça, baixou os olhos para ela com uma estranha expressão de troça nas feições duramente cinzeladas dirigida a si mesmo.

– Devia ter-te dado diamantes e safiras, na outra noite, em vez de pérolas – comentou. – Mas não voltas a beijar-me assim *antes* de estarmos casados.

Victoria tinha sido avisada pela mãe e por Miss Flossie de que por vezes os cavalheiros se deixavam arrebatados pelo seu próprio ardor, o que os levava a ter um comportamento não especificado – mas muito impróprio – para com a jovem que desavisadamente os deixasse perder a cabeça. Percebeu, de uma forma instintiva, que Jason estava a dizer-lhe que estivera muito perto de perder a cabeça. E era suficientemente feminina para sentir uma pontinha de satisfação ao saber que o seu inexperiente beijo afetara assim tanto aquele homem tão experiente – sobretudo porque Andrew nunca parecera ficar alterado pelos seus beijos. Mas também era verdade que nunca beijara Andrew da maneira como Jason gostava que ela o beijasse.

– Vejo que compreendeste o que quis dizer – disse ele, com alguma ironia. – Pessoalmente, nunca atribuí grande importância à virgindade. Há nítidas vantagens em casar com uma mulher que já tenha aprendido como agradar a um homem. – Calou-se, a observá-la com atenção como se estivesse à espera de uma reação, mas Victoria limitou-se a desviar o olhar, desanimada. A sua virgindade, ou pelo menos era o que ouvira dizer, deveria ser uma dádiva muito valorizada pelo marido. Não podia de certeza oferecer-lhe qualquer experiência em termos de «agradar a um homem», fosse o que fosse que isso implicava.

– La... lamento tê-lo desapontado – disse, embaraçada pelo tema. – As coisas são muito diferentes na América.

Apesar da tensão que continuava a vibrar-lhe na voz, as palavras dele foram gentis.

– Não tens motivo para pedir desculpa nem para fazer esse ar tão infeliz, Victoria. Nunca tenhas

medo de me dizer a verdade. Por muito má que a verdade seja, consigo aceitá-la e até admirar-te por teres tido a coragem de me dizer. – Ergueu a mão para lhe acariciar a face. – Não tem importância – disse, apaziguador. E então, de repente, os seus modos tornaram-se bruscos. – Diz-me se gostaste do anel e volta para junto das tuas amigas.

– Adoro-o – disse ela, tentando acompanhar as rápidas e incompreensíveis mudanças de humor dele. – É tão bonito que já estou cheia de medo de o perder.

Jason encolheu os ombros, num gesto de absoluta indiferença.

– Se o perderes, compro-te outro.

Deixou-a sozinha, e Victoria olhou para o anel de noivado, desejando que ele não se tivesse mostrado tão indiferente a uma potencial perda. Queria que o anel fosse mais importante para ele, não tão facilmente substituível. Por outro lado, como símbolo do seu afeto, era mais do que apropriado, uma vez que *ela* não tinha qualquer importância para ele e era facilmente substituível.

Ele precisa de ti, querida. As palavras de Charles voltaram para a tranquilizar e Victoria sorriu, ao recordar que, pelo menos quando estava nos seus braços, Jason parecia precisar mesmo muito dela. Sentindo-se um pouco mais segura, voltou ao salão, onde o anel foi de imediato notado e devidamente admirado por todas as jovens.

Nos dias que precederam o casamento, quase trezentas pessoas passaram pelo número 6 de Upper Brook Street para lhe desejar felicidades. Elegantes carruagens desfilavam pela rua, largavam as suas passageiras e voltavam vinte minutos mais tarde para as recolher, enquanto, no salão, Victoria ouvia elegantes matronas de meia-idade aconselharem-na sobre as difíceis tarefas de governar uma grande casa e receber com o luxuoso requinte exigido pela nobreza. Senhoras mais jovens e casadas falavam-lhe dos problemas que representava encontrar amas adequadas e descobrir as melhores precetoras para os filhos. E no meio de todo este alegre caos, uma reconfortante sensação de pertença começou a lançar raízes no seu coração. Até então, não tivera oportunidade de conhecer aquelas pessoas melhor do que de passagem, ou de conversar com elas a respeito do que quer que fosse exceto as mais superficiais banalidades. Tivera tendência para ver a maior parte delas como mulheres ricas e mimadas que só pensavam em vestidos, joias e diversões. Via-as agora a uma nova luz, como esposas e mães que também se preocupavam em desempenhar os seus deveres de uma maneira exemplar – e gostava muito mais delas assim.

De todas as pessoas que conhecia, só Jason se manteve afastado, mas fazia-o para salvaguardar as aparências, e Victoria tinha de estar grata por isso, ainda que por vezes tivesse a incómoda sensação de que ia casar com um desconhecido ausente. Charles aparecia frequentemente para encantar as senhoras com a sua conversa e deixar bem claro que Victoria tinha o seu apoio incondicional. Durante o resto do tempo, mantinha-se fora das vistas, «para ganhar forças», como dizia a Victoria, para poder ter a honra de a levar ao altar. Nem Victoria nem o Dr. Worthing conseguiam dissuadi-lo desta sua determinação. Jason nem sequer se dava ao incómodo de tentar.

À medida que os dias passavam, Victoria apreciava cada vez mais o tempo que passava no salão com as visitas – exceto nas ocasiões em que o nome de Jason era referido e sentia entre elas a familiar corrente subterrânea de apreensão. Era óbvio que as suas novas amigas e conhecidas admiravam o prestígio social de que desfrutaria como mulher do fabulosamente rico marquês de Wakefield, mas tinha a incómoda impressão de que havia quem continuasse a ter sérias reservas em relação ao seu futuro marido. Isto incomodava-a porque começava a gostar muito daquelas pessoas, e queria que elas também gostassem de Jason. De longe em longe, enquanto falava com uma das

visitantes, ouvia fragmentos de conversas a respeito de Jason vindos de outros pontos do salão, mas essas conversas cessavam sempre de repente quando se voltava para lhes dar atenção. O que a impedia de defendê-lo, porque não sabia do que era que tinha de o defender.

Na véspera da data marcada para o casamento, as peças do *puzzle* encaixaram finalmente nos respectivos lugares, compondo uma imagem que quase fez Victoria cair redonda no chão. Quando Lady Clappeston, a última visita da tarde, se despediu, deu uma palmadinha no braço de Victoria e disse:

– É uma jovem cheia de bom senso, minha querida, e ao contrário dessas tolas aves de mau agouro que temem pela sua segurança, *eu* acredito que saberá lidar com o Wakefield. Não é nada parecida com a primeira mulher dele. Na minha opinião, Lady Melissa mereceu tudo o que se disse que ele lhe fez, e mais. A mulher não passava de uma meretriz!

Com estas palavras, Lady Clappeston saiu do salão, deixando Victoria a olhar para Caroline.

– A primeira mulher? – murmurou, sentindo-se como se estivesse no meio de um pesadelo. – O Jason já foi casado? Porque... porque é que ninguém me disse?

– Mas eu pensava que sabias ao menos isso – exclamou Caroline, desejosa de ilibar-se. – Naturalmente, presumi que o teu tio ou Lord Fielding te tinham dito. Com certeza hás de ter ouvido pelo menos rumores?

– Tudo o que ouvi foi pedaços de conversas que cessavam no instante em que as pessoas se apercebiam da minha presença – respondeu Victoria, lívida de raiva e choque. – Ouvi o nome de Lady Melissa referido em ligação com o Jason, mas nunca ninguém me disse que tinha sido *mulher* dele. Regra geral, as pessoas falavam dela de uma maneira tão reprovadora que presumi que tinha estado... envolvida... com o Jason, tu sabes – terminou, atabalhoada – ...como essa Miss Sybil Não-Sei-Quê esteve envolvida com ele até agora.

– Esteve envolvida? – repetiu Caroline, espantada pelo uso do pretérito. Arrependeu-se no mesmo instante, e olhou para baixo como se estivesse fascinada pelo padrão do forro do sofá.

– Naturalmente, agora que vamos casar, o Jason não vai... ou vai? – perguntou Victoria.

– Não sei o que é que ele vai fazer – admitiu Caroline, muito infeliz. – Alguns homens, como o Robert, deixam as amantes quando casam, mas outros não.

Victoria esfregou as têmporas com as pontas dos dedos, com a mente agitada por um tal tumulto que se deixou desviar por esta conversa a respeito de amantes.

– Por vezes a Inglaterra parece-me um lugar tão estranho. Na América, os homens não dedicam tempo nem afeto a mulheres que não sejam suas esposas. Pelo menos, nunca ouvi falar de semelhante coisa. Aqui, no entanto, já ouvi comentários que me levaram a pensar que é perfeitamente aceitável cavalheiros ricos darem-se com... com mulheres que não são suas esposas.

Caroline fez voltar a conversa a um tema mais premente.

– É assim tão importante para ti que Lord Fielding já tenha sido casado?

– Claro que é. Pelo menos, acho que é. Não sei. O que mais me importa neste momento é ninguém da família me ter dito nada. – Pôs-se de pé tão abruptamente que Caroline deu um salto. – Se me dás licença, preciso de ir falar com o tio Charles.

O criado de quarto do tio Charles levou um dedo aos lábios quando Victoria bateu à porta, e informou-a de que o duque estava a dormir. Demasiado agitada para esperar que ele acordasse e pudesse responder às suas perguntas, Victoria continuou pelo corredor até ao quarto de Miss Flossie. Nas últimas semanas, Miss Flossie tinha praticamente cedido o seu papel de acompanhante a

Caroline Collingwood, pelo que Victoria já raramente via a encantadora e minúscula senhora de cabelos louros a não ser numa ou outra refeição.

Bateu à porta, e quando Miss Flossie a convidou jovialmente a entrar, dirigiu-se a uma bonita saleta contígua ao quarto.

– Victoria, minha querida, estás radiosa como uma noiva! – disse Miss Flossie com um brilhante e vago sorriso e a sua habitual falta de discernimento, pois a verdade era que Victoria estava muito pálida e visivelmente perturbada.

– Miss Flossie – disse Victoria, indo direita ao assunto –, venho agora mesmo do quarto do tio Charles, mas ele está a dormir e a senhora é a única pessoa para quem me posso voltar. É a respeito do Jason. Passa-se qualquer coisa de horivelmente errado.

– Santo Deus! – exclamou Miss Flossie, pousando o estirador do bordado. – De que estás tu a falar?

– Acabo de descobrir que o Jason já foi casado! – explodiu Victoria.

Miss Flossie pôs a cabeça de lado, como uma boneca de porcelana antiga com uma pequena touca de renda.

– Oh, pensava que o Charles te tinha dito... ou o próprio Wakefield. Bem, seja como for, o Jason já foi casado, minha querida. Agora já sabes.

E, tendo resolvido o problema, Miss Flossie voltou a pegar no estirador.

– Mas não sei nada. Lady Clappeston disse uma coisa estranhíssima... disse que a mulher do Jason mereceu tudo o que ele lhe fez. O que foi que ele lhe fez?

– Fez? – repetiu Miss Flossie, a piscar os olhos. – Nada, que eu saiba. Lady Clappeston foi muito tola em dizer que o Jason fez qualquer coisa, pois também não pode saber, a menos que tivesse sido casada com ele, e posso garantir-te que não foi. Então, já te sentes melhor?

– Não! – respondeu Victoria, à beira da histeria. – O que quero saber é *porque* é que Lady Clappeston pensa que o Jason fez coisas más à mulher. Deve ter uma razão qualquer para o pensar, e a menos que esteja muito enganada, há um grande número de pessoas que pensa o mesmo.

– É possível – concordou Miss Flossie. – É que, bem vês, a malvada mulher do Jason, que Deus a tenha em descanso... apesar de não estar a ver como possa isso ser possível tendo em conta a maneira horrível como ela se comportou enquanto viveu... queixava-se a toda a gente da maneira abominável como o Wakefield a tratava. Houve quem acreditasse, claro, mas o simples facto de ele não a ter matado mostra que é capaz de se controlar mesmo face às provocações mais extremas. Se eu tivesse um marido, que evidentemente não tenho, e fizesse as coisas que a Melissa fazia, que evidentemente nunca faria, ele havia com certeza de me bater. Portanto se o Wakefield batia na Melissa, e não tenho a certeza de que o fizesse, estava mais do que justificado. Podes acreditar no que te digo.

Victoria pensou nas vezes em que tinha visto Jason zangado, na fúria contida nos seus olhos e no assustador poder predador que ocasionalmente vislumbrava sob a sua aparência exterior civilizada. Uma imagem perpassou-lhe pela mente aterrorizada: a imagem de uma mulher a gritar enquanto ele a espancava por uma qualquer infração a uma das suas regras pessoais.

– Que... – murmurou, numa voz rouca – Que espécie de coisas fazia a Melissa?

– Bem, não há uma maneira simpática de o dizer. A verdade é que era vista na companhia de outros homens.

Victoria estremeceu. Quase todas as senhoras chiques de Londres eram vistas na companhia de

outros homens. Era a maneira de as senhoras casadas terem os seus cortejadores.

– E ele batia-lhe por causa disso? – murmurou, sentindo-se doente.

– Não *sabemos* se ele lhe batia – fez notar Miss Flossie com cuidadosa precisão. – Na realidade, duvido muito. Ouvi uma vez um cavalheiro criticar o Jason... nas costas dele, porque ninguém teria a coragem de o criticar cara a cara... pela maneira como ele *ignorava* o comportamento da Melissa.

Uma súbita ideia nasceu na mente abalada de Victoria.

– O que foi exatamente que esse cavalheiro disse? – perguntou. – *Exatamente* – destacou.

– Exatamente? Bem, uma vez que insistes, disse... se bem recordo: «*O Wakefield está a ser enganado pela mulher diante de Londres inteira, e no entanto ignora o facto e usa os cornos. Está a dar um mau exemplo às nossas mulheres. Se queres que te diga, devia trancar a pega no castelo que tem na Escócia e deitar fora a chave.*»

Victoria deixou cair frouxamente a cabeça contra o espaldar do cadeirão e fechou os olhos, sentindo uma mistura de alívio e pena.

– Marido enganado – murmurou. – Foi então por isso...

Pensou em como Jason era orgulhoso, e em como o seu orgulho devia ter sido maltratado pelas infidelidades públicas da mulher.

– Há mais alguma coisa que queiras saber? – perguntou Miss Flossie.

– Sim – respondeu Victoria, com um visível mal-estar.

A tensão na voz dela fez Miss Flossie sobressaltar-se.

– Bem, espero que não seja nada a respeito *daquilo que tu sabes* – gorjeou, nervosa –, porque compreendo que, como tua parente mais próxima, é minha responsabilidade explicar-te, mas a verdade é que sou abismalmente ignorante nessa matéria. Estava na esperança de que a tua mãe já te tivesse explicado.

Victoria abriu os olhos, curiosa, mas estava demasiado exausta por tudo aquilo para dizer, em voz baixa: – Não sei do que está a falar, Miss Flossie.

– Estou a falar «*daquilo que tu sabes*»... como a minha querida amiga Prudence costumava dizer, o que era uma patetice porque eu não sabia nada. Posso, em todo o caso, repetir a informação que a Prudence recebeu da mãe no dia em que casou.

– Perdão? – disse Victoria, a sentir-se estúpida.

– Não tens de que pedir perdão; eu é que devia pedir-te a ti por não ter a informação de que precisas. Mas as senhoras nunca falam «*daquilo que tu sabes*». Queres ouvir o que a mãe da Prudence disse a respeito do assunto?

Victoria franziu os lábios.

– Sim, senhora – disse, sem fazer a mínima ideia do que estavam a falar.

– Muito bem. Na tua noite de núpcias, o teu marido irá juntar-se-te na tua cama... ou talvez te leve para a dele, já não me lembro muito bem. Seja como for, não deves, em circunstância alguma, mostrar repulsa, ou gritar, ou desmaiar. Deves fechar os olhos e permitir que ele faça *aquilo*. Seja lá o que for. Vai doer e vai ser repugnante, e, da primeira vez, vai haver sangue, mas deves fechar os olhos e perseverar. Julgo que a mãe da Prudence sugeriu que enquanto *aquilo* estivesse a acontecer ela devia tentar pensar noutra coisa qualquer... como a nova estola de peles ou o novo vestido que em breve poderia comprar se o marido ficasse satisfeito com ela. Uma coisa horrível, não é?

Lágrimas de riso e ansiedade subiram aos olhos de Victoria, cujos ombros foram sacudidos por irreprimíveis gargalhadas.

– Obrigada, Miss Flossie – disse. – Foi muito tranquilizadora.

Até ao momento não se permitira preocupar com as intimidades do casamento a que Jason teria direito e que sem dúvida não se coibiria de reivindicar, uma vez que queria um filho. Apesar de ser filha de um médico, o pai sempre tivera um meticuloso cuidado em evitar que os seus olhos fossem expostos à visão da anatomia masculina abaixo da cintura. Mesmo assim, Victoria não era totalmente ignorante do processo de acasalamento. A família tinha algumas galinhas e testemunhara o bater de asas e os cacarejos que acompanhavam o ato, ainda que fosse impossível dizer com exatidão o que estava a acontecer. Além disso, sempre desviara os olhos, movida por uma peculiar necessidade de permitir aos galináceos alguma intimidade enquanto tratavam de produzir pintainhos.

Certa vez, quando tinha catorze anos, o pai foi chamado a casa de um fazendeiro cuja mulher estava em trabalho de parto. Enquanto esperava que o bebé nascesse, Victoria deambulou pelo prado onde estavam os cavalos. E aí assistiu ao assustador espetáculo do garanhão a montar uma égua. Viu-o cravar os enormes dentes no pescoço da pobre e indefesa fêmea enquanto lhe fazia o pior, e ouviu a égua gritar de dor.

Visões de asas a bater, galinhas a cacarejar e éguas aterrorizadas desfilaram-lhe pelo espírito, fazendo-a estremecer.

– Minha querida, estás muito pálida, e não te censuro – disse Miss Flossie, numa desastrada tentativa de ajudar. – No entanto, foi-me dado a entender que depois de a esposa ter cumprido o seu dever e gerado um herdeiro, um marido atencioso arranjará uma amante e passará a fazer *aquilo* com ela, deixando-a em paz para gozar o resto da vida.

Os olhos de Victoria desviaram-se, nervosos, para a janela.

– Uma amante – murmurou, sabendo que Jason já tinha uma, e que tivera muitas outras no passado... todas belas, segundo os rumores que ouvira. Ali sentada, começou a repensar os seus anteriores sentimentos em relação aos cavalheiros da elite e às suas amantes. Parecera-lhe uma perfídia da parte deles serem casados e manterem amantes, mas talvez não fosse nada disso. Parecia, pelo contrário, que, tal como Miss Flossie dissera, os cavalheiros da elite eram até mais civilizados, refinados e atenciosos para com as esposas. Em vez de as usarem para satisfazer os seus baixos desejos, arranjavam outra mulher para desempenhar essa função, instalavam-na numa casa com criados e belos vestidos e deixavam as pobres esposas em paz. Sim, decidiu, aquela era provavelmente a maneira ideal de lidar com a questão. Pelo menos as senhoras da elite pareciam achar que sim, e deviam saber muito mais a respeito do assunto do que ela. – Obrigada, Miss Flossie – disse, cheia de sinceridade. – Foi muito gentil e ajudou-me muito.

O rosto de Miss Flossie iluminou-se, com os caracóis louros a agitarem-se abaixo da touca de renda branca.

– Eu é que *te* agradeço, minha querida. Fizeste o Charles mais feliz do que alguma vez o vi. E o Jason também, claro – acrescentou, delicada.

Victoria sorriu, mas não conseguia aceitar a ideia de que tinha feito Jason verdadeiramente feliz.

De regresso ao seu quarto, sentou-se diante da lareira apagada e forçou-se a deslindar o emaranhado de emoções que a dominavam e deixar de se esconder dos factos. Na manhã do dia seguinte ia casar com Jason. Queria fazê-lo feliz... queria-o tanto que mal sabia como lidar com os seus próprios sentimentos. O facto de ele ter sido casado com uma mulher infiel despertava nela simpatia e compaixão, não ressentimento – e um desejo ainda maior de compensá-lo por toda a infelicidade da sua vida.

Inquieta, pôs-se de pé e começou a andar de um lado para o outro no quarto, pegou na caixa de música de porcelana que estava em cima da mesa de cabeceira e voltou a pousá-la, aproximou-se da cama. Tentava dizer a si mesma que ia casar com Jason porque não tinha por onde escolher, mas enquanto se sentava na cama, admitiu que não era totalmente verdade. Uma parte dela *queria* casar com ele. Gostava do aspeto dele e do seu sorriso e do seu seco sentido de humor. Gostava da brusca autoridade da sua voz e da confiança das suas longas e atléticas passadas. Gostava da maneira como os olhos dele brilhavam quando riam e da maneira como ficavam enevoados quando a beijava. Gostava da elegância preguiçosa como usava as roupas e do contacto dos seus lábios...

Afastou os pensamentos de Jason e ficou a olhar para os panos de seda dourada do dossel da cama. Gostava de muitas coisas nele... demasiadas coisas. Não era boa a avaliar homens; a sua experiência com Andrew provava-o. Iludira-se a si mesma convencendo-se de que Andrew a amava, mas não tinha ilusões a respeito do que Jason sentia por ela: desejava-a fisicamente e queria que lhe desse um filho. Também gostava dela, sabia que sim, mas para lá disso, não sentia nada. Ela, pelo contrário, já estava em sério risco de se apaixonar por ele. Mas ele não queria o seu amor. Dissera-lho nos termos mais claros possíveis.

Durante semanas, tentara convencer-se de que o que sentia por Jason era gratidão e amizade, mas sabia agora que já tinha chegado muito mais fundo do que isso. Senão, porque sentiria aquela ardente necessidade de o fazer feliz e fazer com que ele a amasse? Porque outra razão sentiria uma tão grande raiva quando Miss Flossie falara das infidelidades públicas da mulher?

Sentiu o medo invadi-la enquanto esfregava as mãos no vestido de musselina cor de lima. Na manhã seguinte ia confiar toda a sua vida à guarda de um homem que não queria o seu amor, um homem que podia usar a ternura que sentia por ele como uma arma para a magoar. Todos os instintos de autopreservação que possuía lhe diziam que não casasse com ele. As palavras do pai ecoaram-lhe no espírito, como tinham vindo a fazer nos últimos dias, a avisá-la: *«Amar alguém que não nos ama é o inferno!... Nunca deixes ninguém convencer-te de que podes ser feliz com alguém que não te ama... Nunca ames um homem mais do que ele te ama a ti, Tory...»*

Inclinou a cabeça, com o cabelo a cair para a frente numa cortina à volta do rosto tenso, os punhos cerrados. O cérebro dizia-lhe que não casasse com ele, que ele a faria infeliz – mas o coração pedia-lhe que apostasse tudo nele, que tentasse chegar à felicidade que estava mesmo à beira do seu alcance.

O cérebro dizia-lhe para fugir, o coração suplicava-lhe que não fosse cobarde.

Northrup bateu à porta, com a voz a vibrar de reprovação.

– Peço que me desculpe, Lady Victoria – disse do outro lado da porta fechada. – Está lá em baixo uma jovem muito agitada, sem companhia nem touca, que chegou numa carruagem de aluguer mas que afirma ser sua... hã... irmã? Não tenho conhecimento de qualquer jovem parente sua aqui em Londres, de modo que naturalmente lhe sugeri que se retirasse, mas...

– A Dorothy? – exclamou Victoria, abrindo a porta e afastando o cabelo da testa. – Onde está ela? – perguntou, com o rosto radiante de felicidade.

– Deixei-a no pequeno salão – disse Northrup, visivelmente perturbado. – Mas se é sua irmã, vou conduzi-la para o salão amarelo e...

A voz morreu-lhe na garganta quando Victoria passou por ele a correr e voou escada abaixo.

– Tory! – gritou Dorothy, envolvendo a irmã num abraço protetor, com as palavras a atropelarem-se umas às outras, a voz a tremer de riso e de lágrimas. – Devias ter *visto* o olhar que o teu mordomo

lançou à minha carruagem alugada... Foi quase tão mau como o que me lançou a *mim*.

– Porque não respondeste à minha última carta? – perguntou Victoria, abraçando-a com força.

– Porque só hoje regressei de Bath. Amanhã vou ser despachada para França durante dois meses, para adquirir aquilo a que a avó chama «polimento». Vai ficar furiosa quando descobrir que vim cá, mas não posso ficar de braços cruzados e deixar-te casar com aquele homem. Tory, o que foi que te fizeram para te levar a concordar? Bateram-te, ou mataram-te à fome, ou...

– Nada disso – respondeu Victoria, a alisar o cabelo dourado da irmã. – Eu quero casar com ele.

– Não acredito. Só estás a tentar enganar-me para eu não me preocupar...

Jason recostou-se no assento do coche, a bater distraidamente com as luvas no joelho enquanto olhava pela janela, vendo as mansões desfilarem ao longo do caminho para sua casa em Upper Brook Street. No dia seguinte ia casar...

Agora que tinha admitido o seu desejo por Victoria e tomara a decisão de casar com ela, queria-a com uma urgência que era quase irracional. A necessidade crescente que tinha dela fazia-o sentir-se vulnerável e pouco à vontade, pois sabia, de experiências anteriores, como o «sexo fraco» podia ser maldoso e traiçoeiro. No entanto, era tão incapaz de se impedir de querê-la como de abafar a sua ingénua e juvenil esperança de que iam ser felizes um com o outro.

A vida com ela nunca seria plácida, pensou com um sorriso de esguelha. Victoria ia diverti-lo, frustrá-lo e desafiá-lo a cada passo – sabia-o com a mesma certeza com que sabia que ela só ia casar com ele porque não tinha outra opção. Sabia-o com a mesma certeza com que sabia que ela já tinha oferecido a sua virgindade a Andrew.

O sorriso morreu-lhe nos lábios. Esperara que ela o negasse, naquela tarde, mas em vez disso ela desviara o olhar e dissera: «Lamento.»

Detestara ouvir a verdade, mas admirara-a por lha ter dito. No fundo do coração, não podia censurá-la por se ter dado a Andrew, quando podia com tanta facilidade compreender como acontecera. Não lhe custava imaginar como uma rapariguinha inocente, criada no campo, podia ter sido persuadida pelo homem mais rico da região de que ia ser sua mulher. Depois de a ter convencido disso, não fora provavelmente muito difícil a Bainbridge roubar-lhe a virgindade. Victoria era uma rapariga meiga, generosa, que quase de certeza se daria ao homem que amava com a mesma naturalidade com que dava atenção aos criados ou o seu afeto a *Wolf*.

Depois da vida dissoluta que ele próprio fizera, condenar Victoria por ter entregado a sua virgindade ao homem que amava seria o cúmulo da hipocrisia, e Jason desprezava os hipócritas. Infelizmente, também desprezava o pensamento de Victoria deitada nua nos braços de outro homem. Andrew ensinara-a bem, pensou, tenso, enquanto o coche se detinha diante do número 6 de Upper Brook Street. Ensinara-a a beijar um homem e a aumentar-lhe o ardor apertando o corpo contra o dele...

Expulsou do espírito estes pensamentos dolorosos, apeou-se da carruagem e subiu os degraus. Victoria já deixara Andrew para trás, disse a si mesmo. Tinha-o esquecido naquelas últimas semanas.

Bateu à porta, sentindo-se um pouco tolo por ir procurá-la na véspera do casamento. Não tinha qualquer razão para estar ali exceto satisfazer-se a si mesmo vendo-a e, esperava, satisfazê-la a ela falando-lhe do cavalo índio que mandara embarcar num dos seus navios que vinham da América.

Seria um dos presentes de casamento, mas a verdade era que estava absurdamente ansioso por vê-la demonstrar a sua perícia a montá-lo. Sabia como ficaria bela com o gracioso corpo inclinado para o pescoço do cavalo, e o glorioso cabelo a brilhar ao sol.

– Boa noite, Northrup. Onde está Lady Victoria?

– No salão amarelo, senhor – respondeu Northrup. – Com a irmã.

– Com a irmã? – exclamou Jason, e sorriu de prazer e surpresa quando Northrup assentiu. – Parece que a velha bruxa levantou as suas restrições às visitas da Dorothy – acrescentou, já a caminho do salão amarelo. Satisfeito por ter a oportunidade de conhecer a irmã mais nova de que Victoria tanto falava, abriu a porta.

– Não consigo aguentar – soluçava uma jovem, com a cara escondida no lenço. – *Ainda bem* que a avó não me deixa assistir ao teu casamento. Não suportaria estar lá, a ver-te avançar para o altar sabendo que estás a fingir que ele é o Andrew...

– Parece óbvio que cheguei num momento inconveniente – disse Jason, numa voz arrastada. A esperança que secretamente alimentara de que Victoria quisesse na verdade casar com ele morreu de uma morte rápida e dolorosa com a descoberta de que ela precisava de fingir que ele era Andrew para conseguir juntar-se-lhe diante do altar.

– Jason! – exclamou Victoria, voltando-se sobressaltada ao perceber que ele tinha ouvido os tolos desabafos de Dorothy. Recuperando a compostura, estendeu as duas mãos para ele e disse, com um doce sorriso: – Ainda bem que veio. Por favor, deixe-me apresentar-lhe a minha irmã. – Sabendo que não havia maneira de atenuar o impacto do que fora dito com uma mentira misericordiosa, tentou fazê-lo compreender dizendo a verdade. – A Dorothy ouviu alguns comentários maldosos feitos pela acompanhante da minha bisavó, Lady Faulklyn, e por causa do que ouviu formou a absurda opinião de que é um monstro. – Mordeu o lábio quando Jason olhou para Dorothy com uma sobrancelha sardonicamente arqueada e não disse uma palavra; inclinou-se então para a irmã. – Dorothy, farás o favor de ser suficientemente razoável para me deixar apresentar-te Lord Fielding, para poderes ver por ti mesma que é muito simpático.

Nada convencida, Dorothy ergueu o olhar para as duras e implacáveis feições do homem que estava à sua frente como um gigante sombrio e zangado, com os braços cruzados sobre o peito largo. Abriu muito os olhos e, sem dizer uma palavra, levantou-se devagar, mas, em vez de fazer uma reverência, fulminou-o com um olhar furioso.

– Lord Fielding – disse, desafiadora –, não sei se é ou não «muito simpático». No entanto, aviso-o de que se alguma vez se atrever a tocar num cabelo da minha irmã não terei o mais pequeno escrúpulo em... em dar-lhe um tiro! Fui suficientemente clara?

A voz dela tremia de fúria e medo, mas aguentou com firmeza o olhar frio dele.

– Perfeitamente.

– Nesse caso, uma vez que não consigo convencer a minha irmã a fugir de si – terminou Dorothy –, vou voltar para casa da minha avó. Boa noite.

Saiu do salão, com Victoria no seu encalço.

– Dorothy, como *foste* capaz? – perguntou Victoria, chorosa. – Como pudeste ser tão mal-educada?

– É melhor que ele me considere mal-educada do que pense que pode maltratar-te sem consequências.

Victoria revirou os olhos, despediu-se da irmã com um abraço e voltou ao salão.

– Peço desculpa pela minha irmã – disse a Jason, que estava junto à janela a ver a carruagem de Dorothy afastar-se.

Olhando por cima do ombro, Jason arqueou as sobrancelhas.

– Ela sabe disparar?

Insegura quanto ao humor dele, Victoria reprimiu uma gargalhada nervosa e abanou a cabeça. Quando ele voltou a olhar para a janela e não acrescentou mais nada, tentou explicar:

– A Dorothy tem uma imaginação muito viva e recusa acreditar que eu não vou casar consigo por estar despeitada com o Andrew.

– E não é esse o motivo? – perguntou ele, trocista.

– Não, não é.

Ele voltou-se então completamente, com os olhos como dois pedaços de gélido vidro verde.

– Quando amanhã percorreres a coxia em direção ao altar, Victoria, não será o teu precioso Andrew que vai estar à tua espera, serei *eu*. Lembra-te disso. Se não consegues enfrentar a verdade, não apareças na igreja.

Tinha ido ali para lhe dizer que lhe comprara um cavalo índio; tencionara brincar com ela e fazê-la sorrir. Saiu sem dizer mais uma palavra.

CAPÍTULO 21

O céu estava enevoadado e cinzento enquanto a brilhante carruagem negra de Jason percorria as ruas de Londres apinhadas de gente, tirada por quatro magníficos cavalos castanhos ajaezados com arreios cobertos de incrustações de prata. Seis cavaleiros, com a libré verde e ouro, precediam a carruagem, que era seguida por outros quatro com o mesmo uniforme. Dois cocheiros sentavam-se, orgulhosamente eretos, na boleia, e dois lacaios iam de pé no estribo traseiro.

Aninhada nas almofadas grandes e fofas do coche, envolta num vestido incrivelmente belo e extravagantemente rico, Victoria tinha a cabeça cheia de pensamentos tão tristes e sombrios como o dia lá fora.

– Estás com frio, minha querida? – perguntou Charles, solícito, do seu lugar em frente dela.

Victoria abanou a cabeça, a ponderar porque teria Jason insistido em fazer um grande espetáculo daquele casamento.

Minutos mais tarde, pousou a mão na que Charles lhe oferecia, apeou-se da carruagem e começou a subir com passos lentos os desgastados degraus da maciça igreja gótica, como uma criança a ser levada pelo pai a um evento que a assustava.

Esperou ao lado de Charles ao fundo da igreja, tentando não pensar na enormidade do que se preparava para fazer e a deixar que o seu olhar divagasse sem objetivo pela multidão de pessoas. A sua mente apreensiva reparou, ao acaso, na enorme diferença entre os aristocratas de Londres, vestidos de sedas e finos brocados, que tinham ido assistir à cerimónia e os simples e amistosos aldeãos que sempre esperara ter perto de si no dia em que casasse. Mal conhecia a maior parte daquelas pessoas, muitas delas nunca tinha sequer visto. Desviando com deliberado cuidado os olhos do altar, onde Jason, e não Andrew, estaria em breve à sua espera, passeou-os pelas filas de bancos. Um lugar vago, reservado a Charles, deixava um espaço vazio no primeiro banco do lado direito, mas todos os restantes estavam ocupados por convidados. No primeiro banco do lado oposto da coxia, que normalmente estaria reservado para a família mais chegada da noiva, estava uma senhora muito idosa apoiada a uma bengala de ébano, com o cabelo escondido por um turbante de vistoso cetim púrpura.

Aquela cabeça envolta em cetim pareceu-lhe vagamente familiar, mas estava demasiado nervosa para se lembrar onde a tinha visto, e Charles distraiu-lhe a atenção fazendo um aceno de cabeça a Lord Collingwood, que avançava para eles.

O conde, que era o padrinho de Jason, beijou a mão de Victoria, dirigiu-lhe um sorriso tranquilizador e disse:

– Ele já chegou. Está pronto quando a Victoria estiver.

Victoria sentiu que os joelhos começavam a tremer. Não estava pronta. Não estava mesmo nada pronta!

Caroline endireitou a cauda constelada de diamantes do vestido de cetim azul de Victoria e sorriu

ao marido.

– Lord Fielding está nervoso? – perguntou.

– Ele diz que não – respondeu Robert. – Mas que gostaria de despachar este assunto.

Tão frio, pensou Victoria, com o medo a transformar-se em pânico. Tão vazio de emoção. Tão próprio de Jason.

Charles estava irrequieto, ansioso.

– Estamos prontos – disse, entusiasmado. – Vamos começar.

Sentindo-se como uma marioneta cujos cordelinhos eram puxadas por outra pessoa, Victoria pousou a mão no braço dele e iniciou a interminável caminhada pela coxia que o clarão de centenas de velas iluminava. Avançou banhada em luz dourada, vestida de refulgente cetim azul e com diamantes a brilhar como pequenas estrelas tremeluzentes no cabelo, no pescoço, espalhados pelo véu. Na vasta galeria superior da igreja, o coro começou a cantar, mas ela não o ouvia. Para trás de si, a afastar-se mais a cada passo, ficavam o riso e os dias descontraídos da juventude. À sua frente... à sua frente estava Jason, envergando uma esplêndida casaca de veludo azul-escuro. Com o rosto em parte oculto na sombra, parecia muito alto e muito escuro. Escuro como o desconhecido... escuro como o futuro dela.

Porque é que estás a fazer isto?!, gritou a mente aterrorizada de Victoria enquanto Charles a levava na direção de Jason.

Não sei, foi a silenciosa resposta do coração. *O Jason precisa de mim.*

Isso não é razão!, insistiu a mente. *Ainda podes escapar. Faz meia-volta e foge.*

Não posso!, gritou o coração.

Claro que podes. Faz meia-volta e foge. Antes que seja demasiado tarde.

Não posso! Não posso deixá-lo assim.

Porque não?

Ficaria humilhado se eu o fizesse... mais humilhado do que alguma vez foi pela primeira mulher.

Lembra-te do que o teu pai te disse: nunca deixes ninguém convencer-te de que podes ser feliz com alguém que não te ama. Lembra-te de como ele foi infeliz. Foge! Depressa! Sai daqui antes que seja demasiado tarde!

O coração de Victoria perdeu a batalha contra o terror quando Charles pousou a mão dela, gelada, no braço de Jason e se afastou. Todo o seu corpo ficou tenso, preparado para a fuga, a mão livre agarrou as saias, a respiração acelerou. Começou a libertar a mão direita da de Jason no preciso instante em que os dedos dele se fecharam como uma armadilha de aço e ele voltou vivamente a cabeça, com os intensos olhos verdes fixos nos dela, a avisá-la de que não tentasse. Então, de repente, a pressão dos dedos afrouxou; a expressão dele tornou-se remota, vazia. Largou-lhe a mão, deixando-a cair sobre a ampla saia do vestido, e olhou para o arcebispo.

Vai parar tudo!, percebeu Victoria, apavorada, enquanto o arcebispo fazia uma vénia e perguntava:

– Podemos começar, senhor?

Jason abanou secamente a cabeça e abriu a boca.

– Não! – murmurou Victoria, a tentar impedi-lo.

– O que foi que disse? – perguntou o arcebispo, a olhar para ela de cenho franzido.

Victoria ergueu os olhos para Jason e viu a humilhação que ele estava a tentar esconder por detrás

de uma máscara de cínica indiferença.

– Estou apenas assustada, senhor. Por favor, segure a minha mão.

Ele hesitou, sondou-lhe os olhos, e, pouco a pouco, o alívio substituiu a férrea dureza das suas feições. Tocou-lhe na mão, e então fechou tranquilizadamente os dedos à volta dos dela.

– E *agora*, posso continuar? – perguntou o arcebispo, indignado.

Os lábios de Jason estremeceram.

– Faça favor.

Enquanto o arcebispo começava a ler o longo serviço, Charles olhava, deliciado, para os noivos, com o coração a dilatar-se ao ponto de sentir que ia rebentar, mas um lampejo de púrpura visto pelo canto do olho combinado com a estranha sensação de que estava a ser vigiado atraíu-lhe repentinamente a atenção. Olhou para o lado, e ficou rígido de choque quando os seus olhos chocaram com os olhos azul-claros da duquesa de Claremont. Olhou para ela, com o rosto a brilhar de frio triunfo; então, com um último olhar de desdém, voltou a cara e expulsou do espírito a sua presença. Contemplou o filho de pé ao lado de Victoria, dois jovens belos e orgulhosos a pronunciar votos que os uniriam para sempre. As lágrimas arderam-lhe nos olhos ao ouvir o arcebispo dizer:

– Victoria Seaton, aceitas...

«*Katherine, meu amor*», murmurou Charles no coração, «*estás a ver os nossos filhos? Não ficam tão bem um com o outro? A tua avó impediu-nos de ter filhos juntos, minha querida... essa vitória foi dela, mas esta é nossa. Em vez de filhos, teremos netos, minha amada. Minha doce e bela Katherine, teremos netos...*» Baixou a cabeça, para que a velha do outro lado da coxa não o visse chorar. Mas a duquesa de Claremont não conseguia ver fosse o que fosse através das lágrimas que lhe brotavam dos olhos e lhe corriam pelas faces engelhadas. «*Katherine, meu amor*», murmurou no seu coração, «*vê o que eu fiz. No meu estúpido e cego egoísmo impedi-te de casar com ele e ter filhos dele. Mas agora arranjei maneira de que em vez de filhos tivesses netos. Oh, Katherine, amei-te tanto. Queria que tivesses o mundo a teus pés, e não podia acreditar que era ele a única coisa que querias...*»

Quando o arcebispo pediu a Victoria que repetisse os seus votos, ela recordou o acordo que fizera de dar a entender a toda a gente que estava profundamente dedicada a Jason. Erguendo o rosto para ele, tentou falar numa voz clara e firme, mas quando prometeu amá-lo, ele ergueu os olhos para a teto da igreja e um sorriso sardónico encurvou-lhe os lábios. Victoria compreendeu que estava a ver se algum raio atingiria o telhado do templo e a tensão que a dominava dissolveu-se numa gargalhada reprimida que lhe valeu um zangado franzir de sobrolho por parte do arcebispo.

O riso de Victoria morreu de repente quando a voz profunda e ressoante de Jason ecoou pela igreja para lhe oferecer todos os seus bens terrenos. E então tinha acabado.

– Pode beijar a noiva – disse o arcebispo.

Jason voltou-se e olhou para ela, com os olhos a brilharem com um triunfo que era tão intenso, tão inesperado e tão assustador que Victoria ficou rígida quando os braços dele a envolveram. Inclinando a cabeça, ele reclamou-lhe os lábios trémulos num longo e ousado beijo que fez o arcebispo fulminá-lo com os olhos e arrancou risos abafados a alguns dos presentes; então libertou-a e deu-lhe o braço.

– Senhor – sussurrou ela suplicante enquanto desciam a coxa em direção às portas para saírem da igreja –, por favor... não consigo acompanhá-lo.

– Trata-me por Jason – disse ele, num tom brusco, mas abrandou o passo. – E da próxima vez que

te beijar, finge que gostas.

O tom gelado atingiu-a como um balde de água fria, mas mesmo assim Victoria conseguiu deter-se entre Charles e Jason no exterior da igreja e sorrir aos oitocentos convidados que fizeram uma pausa para lhes desejar felicidades.

Charles voltou-se para o lado para falar com um dos seus amigos no preciso instante em que a última convidada saía da igreja, pesadamente apoiada ao castão cravejado de pedras preciosas da bengala de ébano.

Ignorando totalmente Jason, a duquesa aproximou-se de Victoria, a olhá-la no fundo dos olhos azuis.

– Sabes quem eu sou? – perguntou sem mais preâmbulos, quando Victoria lhe sorriu, delicada.

– Não, minha senhora – respondeu Victoria. – Lamento muito, mas não sei. Julgo tê-la já visto algures, porque me parece familiar, mas...

– Sou a tua bisavó.

A mão de Victoria apertou o braço de Jason num gesto espasmódico. Aquela era a sua bisavó, a mulher que recusara oferecer-lhe abrigo e destruíra a felicidade da mãe. Ergueu o queixo, desafiadora.

– Não tenho nenhuma bisavó – respondeu, com uma calma mortal.

A seca refutação teve um estranho efeito na duquesa. Os seus olhos brilharam de admiração e a sombra de um sorriso suavizou-lhe as feições severas.

– Ah, tens, sim, minha querida – disse. – Tens – repetiu, quase com ternura. – És muito parecida com a tua mãe na aparência, mas esse teu orgulho desafiador veio de mim. – Riu, e abanou a cabeça quando Victoria começou a argumentar. – Não... não te dês ao incómodo de voltar a negar a minha existência, porque o meu sangue corre nas tuas veias e é a minha teimosia que vejo no teu queixo. Os olhos da tua mãe, a minha força de vontade...

– Afaste-se dela! – sibilou Charles, furioso, voltando a cabeça. – Vá-se embora!

A duquesa endireitou as costas e os seus olhos chispavam de ira.

– Não se atreva a usar esse tom comigo, Atherton, ou eu...

– Ou a senhora o quê? – ripostou Charles. – Não se dê ao trabalho de me ameaçar. Já tenho tudo o que queria.

A duquesa viúva de Claremont olhou-o do alto do seu aristocrático nariz, com uma expressão de triunfo.

– Tem-no porque eu lho *dei*, seu pateta – declarou, e, ignorando o olhar aturdido e furioso de Charles, voltou-se de novo para Victoria, e a sua expressão adoçou-se. Ergueu a mão frágil e, com os olhos humedecidos pelas lágrimas, tocou ao de leve na face dela. – Talvez queiras ir a Claremont House ver a Dorothy quando ela regressar de França. Não foi fácil mantê-la afastada de ti, mas ela teria estragado tudo com a sua estouvada tagarelice a respeito de velhos escândalos... velhos boatos – corrigiu apressada. Voltou-se então para Jason, e a sua expressão tornou-se muito severa. – Estou a confiar a minha bisneta à sua guarda, Wakefield, mas considerá-lo-ei pessoalmente responsável pela felicidade dela. Está claro?

– Perfeitamente claro – respondeu ele numa voz solene, mas estava a olhar para a velha e minúscula senhora que lhe fazia vagas ameaças com um ar de mal disfarçado divertimento.

A duquesa perscrutou com atenção as suas feições tranquilas e assentiu com a cabeça.

– Desde que nos entendamos, despeço-me. – Levantou o braço. – Pode beijar-me a mão.

Com perfeita equanimidade, Jason pegou na mão erguida e depositou nela um galante beijo.

A duquesa voltou-se então para Victoria e disse, com tristeza:

– Suponho que seria pedir demasiado...?

Victoria percebera muito pouco do que tinha acontecido desde que a bisavó se aproximara dela, mas sabia sem a mais pequena sombra de dúvida que a emoção que via nos olhos da velha senhora era amor... amor e um enorme arrependimento.

– Avó – murmurou, com a voz embargada, e deu por si apertada com força pelos braços da bisavó.

A duquesa afastou-se um pouco, com um sorriso relutante e embaraçado; e então lançou um olhar imperioso a Jason.

– Wakefield, decidi não morrer sem antes ver o meu trineto. Uma vez que não posso viver para sempre, não tolerarei quaisquer dilações da sua parte.

– Darei ao assunto imediata atenção, vossa graça – respondeu Jason com uma cara muito séria, mas com um sorriso a espreitar-lhe nos olhos de jade.

– E também não tolerarei quaisquer hesitações do teu lado, minha querida – disse a duquesa, dirigindo-se à ruborizada bisneta. Com uma palmadinha na mão de Victoria, acrescentou, esperançosa: – Decidi retirar-me para o campo. Claremont fica apenas a uma hora de Wakefield, de modo que talvez vás visitar-me de vez em quando. – Dito isto, fez sinal ao solicitador, que aguardava de pé à porta da igreja, e ordenou majestaticamente. – O seu braço, Weatherford. Já vi o que queria ver e disse o que queria dizer.

E, com um último e vitorioso olhar ao aturdido Charles, fez meia-volta e afastou-se, com as costas muito direitas e a bengala a mal roçar o chão.

Muitos dos convidados para o casamento continuavam por perto, à espera das respetivas carruagens, quando Jason guiou Victoria por entre a multidão até ao seu luxuoso veículo. Victoria sorria automaticamente às pessoas que lhe acenavam e via-as afastarem-se, mas a sua mente estava de tal modo avassalada por aquele dia carregado de emoções que só voltou a tomar plena consciência do que a rodeava quando já estavam a chegar à aldeia próxima de Wakefield. Com um sobressalto de culpa, apercebeu-se de que não dirigira mais de uma dúzia de palavras a Jason durante mais de duas horas.

A coberto das compridas pestanas, lançou um rápido olhar de soslaio ao belo homem que estava a seu lado e era agora seu marido. Jason olhava pela janela e o seu perfil era uma máscara dura, cinzelada, despida de compaixão ou compreensão. Sabia que estava furioso com ela por ter tentado deixá-lo diante do altar – furioso e nada disposto a perdoar. O medo da possível vingança abalou-lhe o sistema nervoso, acrescentando mais tensão às suas já sobrecarregadas emoções. Perguntou-se, frenética, se teria criado entre os dois uma brecha que nunca seria possível colmatar.

– Jason – disse timidamente, usando o nome próprio dele –, peço desculpa pelo que aconteceu na igreja.

Ele encolheu os ombros, sem revelar no rosto qualquer emoção.

O silêncio dele só serviu para aumentar a ansiedade de Victoria no momento em que o coche fazia uma curva e começava a descer para a pitoresca aldeia.

Preparava-se para voltar a pedir desculpa quando, de repente, os sinos da igreja começaram a repicar e viu os aldeãos e camponeses alinhados de ambos os lados da estrada lá à frente, envergando as suas melhores roupas.

Sorriam e acenavam quando a carruagem passava, agitavam ramos de flores silvestres, corriam ao

lado do coche, oferecendo-os a Victoria através da janela aberta.

Um garotinho com cerca de quatro anos tropeçou numa grossa raiz na berma e estatelou-se em cima do seu ramalhete.

– Jason – implorou Victoria, por um instante esquecida do mal-estar entre os dois –, diga ao cocheiro para parar... por favor!

Jason assim fez e Victoria abriu a porta.

– Que flores tão bonitas! – disse ao rapazinho, que se punha de pé ao lado da carruagem enquanto outros mais velhos troçavam dele e lhe gritavam. – São para mim? – perguntou num tom entusiasmado, a apontar para o ramo esfrangalhado.

O rapazinho fungou, a limpar as lágrimas dos olhos com o punho sujo de terra.

– Sim, senhora... eram antes de eu cair em cima delas.

– Dás-mas? – continuou Victoria, a sorrir. – Ficariam muito bonitas aqui junto ao meu ramo.

O rapazinho estendeu-lhe, envergonhado, os decapitados caules.

– Fui eu que as apanhei – murmurou, orgulhoso, ao ver de olhos muito abertos Victoria inserir dois caules no meio do seu magnífico *bouquet*. – Chamo-me Billy – explicou, olhando para ela com o olho esquerdo, uma vez que o direito apontava, torto, para o lado do nariz. – Vivo no orfanato, além.

Victoria sorriu e disse docemente.

– Eu chamo-me Victoria. Mas os meus amigos mais chegados tratam-me por Tory. Gostavas de me tratar por Tory?

O pequeno peito inchou de orgulho, mas o rapazinho lançou um cauteloso olhar a Jason e esperou pelo aceno do senhor antes de assentir com a cabeça num exuberante sim.

– Gostarias de ir a Wakefield um destes dias, em breve, e ajudar-me a lançar um papagaio de papel? – continuou ela, enquanto Jason a observava com pensativa surpresa.

O sorriso do garoto desapareceu.

– Não sei correr muito bem. Caio muitas vezes – confessou, com dolorosa veemência.

Victoria assentiu com a cabeça, num gesto de compreensão.

– Talvez seja por causa do teu olho. Mas talvez eu saiba a maneira de o endireitar. Conheci em tempos um rapazinho com um olho igual ao teu. Um dia, estávamos todos a brincar aos colonos e aos índios e ele caiu e magoou o olho bom, e o meu pai teve de tapá-lo com uma pala até que sarasse. Enquanto o olho bom estava tapado, o outro começou a endireitar-se... o meu pai achou que era porque o olho mau tinha de esforçar-se e trabalhar enquanto o bom estava tapado. Gostarias que eu te visitasse para experimentarmos a venda?

– Vou ficar com um ar esquisito – disse ele, hesitante.

– Nós achávamos que o Jimmy... era o nome do nosso amigo... parecia tal e qual um pirata – disse Victoria –, e pouco depois andávamos todos de pala no olho. Gostarias que fosse visitar-te para brincarmos aos piratas?

Ele assentiu com a cabeça e voltou-se para sorrir com ares de superioridade às outras crianças.

– O que foi que a senhora disse? – perguntaram elas, enquanto Jason fazia sinal ao cocheiro para continuar.

Billy enfiou as mãos nos bolsos, inchou o peito e declarou, orgulhoso:

– Disse que *eu* posso tratá-la por Tory.

As crianças juntaram-se aos adultos numa procissão que seguiu o coche até ao cume da colina, naquilo que Victoria presumiu ser alguma espécie de festivo costume local quando o senhor do solar

se casava. Quando os cavalos atravessaram a trote os enormes portões de Wakefield Park, um pequeno exército de aldeãos caminhava atrás da carruagem, e havia mais pessoas à espera ao longo da alameda ladeada de árvores que atravessava o parque. Victoria olhou, insegura, para Jason, e poderia jurar que ele estava a disfarçar um sorriso.

A razão deste sorriso tornou-se óbvia logo que o coche se aproximou da vasta mansão. Victoria dissera a Jason que sempre planeara casar numa pequena aldeia com todos os habitantes presentes para ajudarem a festejar a ocasião, e, num gesto inesperadamente quixotesco, o enigmático homem com quem casara estava a tentar tornar realidade pelo menos uma parte desse sonho. Transformara os relvados de Wakefield num caramanchão de flores digno de um conto de fadas. Grandes abóbadas de orquídeas, lírios e rosas brancas estendiam-se por cima de enormes mesas carregadas de talheres de prata, pratos e comida. O pavilhão no extremo mais afastado do relvado estava coberto de flores e enfeitado com candeias de papel alegremente coloridas. Havia archotes acesos para onde quer que olhasse, expulsando o crepúsculo que se adensava e dando à cena um brilho misterioso e festivo.

Em vez de estar aborrecido por ter deixado em Londres a maior parte dos convidados para o casamento, Jason gastara uma fortuna a transformar a propriedade num paraíso de estranha beleza, e então convidara a aldeia inteira para celebrar a união entre os dois. Até a natureza tinha colaborado no plano, pois as nuvens começaram a desaparecer varridas pelo sol poente, que pintou o céu com vivas pinceladas de rosa e púrpura.

A carruagem deteve-se diante da casa e Victoria contemplou à sua volta as provas da atenção de Jason – uma atenção que estava em oposição direta à sua habitual fachada de fria indiferença. Olhou para ele, viu o pequeno sorriso que lhe franzia os cantos dos olhos, a despeito dos esforços que fazia para o esconder, e pousou docemente a mão no seu braço.

– Jason – disse, numa voz que a emoção fazia tremer. – Eu... eu... Obrigada.

Recordou então a ordem para lhe agradecer com um beijo e, mudou a mão para o peito dele e beijou-o, com tímida ternura a correr-lhe pelas veias.

Uma voz de homem, risonha e irlandesa, chamou-a de volta à realidade.

– Jason, meu rapaz, vais descer dessa carruagem e apresentar-me à tua noiva, ou terei de ser eu a fazê-lo?

Jason voltou-se e uma expressão de deliciada surpresa espalhou-se-lhe pelas feições bronzeadas enquanto saltava para o chão. Estendeu a mão para apertar a do robusto irlandês, mas o homem envolveu-o num grande e forte abraço.

– Então – disse por fim o desconhecido, a agarrar o ombro de Jason e a sorrir-lhe com afeto sincero –, arranjaste finalmente uma mulher para aquecer este teu grande e frio palácio. Podias ter ao menos esperado que o meu navio aportasse, para eu poder ir ao casamento – brincou.

– Só te esperava no mês que vem – disse Jason. – Quando voltaste?

– Fiquei para assistir ao desembarque da carga e vim hoje para casa. Cheguei cá há uma hora, mas em vez de te encontrar a trabalhar, como era tua obrigação, fiquei a saber que estavas muito ocupado a casar. Então, vais ou não apresentar-me à tua mulher? – perguntou, bem-humorado.

Jason voltou-se para ajudar Victoria a apear-se e então apresentou-lhe o marinheiro como sendo o comandante Michael Farrell. O comandante Farrell tinha cerca de cinquenta anos, calculou Victoria, uma basta cabeleira castanha e os olhos cor de avelã mais alegres que ela alguma vez tinha visto. O rosto era bronzeado e curtido, com finas rugas a abrirem-se em leque a partir dos cantos dos olhos, a atestar uma vida passada no convés de um navio. Victoria simpatizou com ele à primeira vista, mas

ouvir-se pela primeira vez referida como mulher de Jason abalou-lhe de tal modo a compostura que cumprimentou Mike Farrell com a reservada formalidade que fora obrigada a manter desde que chegara a Inglaterra.

Quando o fez, a expressão do comandante Farrell alterou-se. A calorosa animação desapareceu-lhe dos olhos, e os seus modos ultrapassaram muito os dela em rigidez.

– É um prazer conhecê-la, Lady Fielding – disse, com uma breve e fria vénia. – Perdoará o descuido da minha indumentária. Não fazia ideia, quando cá cheguei, que se preparava uma festa. Agora, se me dá licença, passei seis meses no mar e estou desejoso da minha própria casa.

– Oh, mas não se pode ir embora! – exclamou Victoria, reagindo com o calor despido de afetação que era muito mais próprio da sua natureza do que a majestosa formalidade. Bem via que o comandante Farrell era um amigo muito especial de Jason e queria muito fazê-lo sentir-se bem-vindo. – Eu e o meu marido estamos demasiado bem vestidos para esta altura do dia – brincou. – Além disso, quando passei apenas seis semanas no mar, estava desejosa de comer a uma mesa que não se inclinasse e balouçasse, e estou certa de que as nossas permanecerão tal como estão.

O comandante Farrell examinou-a, como se não soubesse muito bem o que pensar.

– Deduzo que não apreciou a viagem, Lady Fielding? – disse, num tom resguardado.

Victoria abanou a cabeça, com um sorriso contagioso nos lábios.

– Não tanto como gostei de partir um braço ou apanhar sarampo. Pelo menos nessas ocasiões não tive vômitos, como me aconteceu durante uma semana inteira no mar. Receio não ser grande marinheira, porque quando rebentou uma tempestade antes de eu ter recuperado do *mal de mer*, fiquei vergonhosamente assustada.

– Santo Deus! – disse Farrell, com o seu sorriso a recuperar algum do calor inicial. – Não se julgue uma cobarde por causa disso. Muitos marinheiros experientes têm tido medo de morrer durante uma tempestade no Atlântico.

– Mas eu – contrapôs Victoria, a rir – tive medo foi de *não* morrer.

Mike Farrell atirou a cabeça para trás e riu; então segurou as mãos de Victoria nas suas enormes e calejadas manámulas e sorriu-lhe.

– Terei muito prazer em ficar e fazer-lhe companhia a si e ao Jason. Perdoe-me por ter sido tão... hã... hesitante, há pouco.

Victoria assentiu com a cabeça, feliz. Tirou um copo de vinho da bandeja de um lacaios que passava e afastou-se para ir falar com os dois agricultores que a tinham transportado até Wakefield no dia da sua chegada.

Mike Farrell voltou-se para Jason e disse em voz baixa:

– Quando a vi beijar-te, no coche, gostei dela logo à primeira vista, Jason. Mas quando, me cumprimentou daquela maneira afetada e muito correta... com aquela expressão vazia nos olhos, como se não estivesse verdadeiramente a ver-me... receei por um instante que tivesses casado com outra cabra ativa como a Melissa.

Jason estava a ver Victoria pôr os dois agricultores à vontade.

– É tudo menos ativa – disse. – O cão é meio lobo e ela é meio peixe. Os meus criados veneram-na, o Charles adora-a e não há em Londres um peralvilho que não julgue estar apaixonado por ela.

– Incluindo tu? – perguntou Mike Farrell, incisivo.

Jason estava a ver Victoria acabar o seu copo de vinho e pegar noutro. A única maneira que ela encontrara de conseguir forçar-se a casar com ele fora imaginar Andrew no seu lugar, e mesmo assim

quase o deixara especado diante do altar à frente de oitocentos convidados. Uma vez que nunca a vira beber mais do que um gole de vinho, e naquele momento já ia no segundo copo, presumiu que estava tentar embotar a repulsa que lhe causava a ideia de se deitar com ele naquela noite.

– Não pareces o mais feliz dos noivos – continuou Farrell, observando-lhe a expressão sombria.

– Nunca estive mais feliz – respondeu Jason, num tom amargo, e foi cumprimentar convidados cujos nomes não sabia para poder apresentá-los à mulher com a qual começava a arrepender-se de ter casado.

Desempenhou as funções de anfitrião e o papel de noivo com uma aparência de sorridente cordialidade, sem esquecer por um instante que Victoria estivera à beira de fugir dele na igreja. A recordação era dolorosa e humilhante, e ele não conseguia expulsá-la do pensamento.

As estrelas já cintilavam no céu quando, mantendo-se à margem dos festejos, a viu dançar com o magistrado local e com Mike Farrell e depois com vários dos aldeãos. Victoria estava a evitá-lo deliberadamente, bem o sabia, e nas raras ocasiões em que os olhos dos dois se encontravam, ela apressava-se a desviar os seus.

Havia muito que tirara o véu e pedira à orquestra que tocasse músicas mais animadas. Depois encantara os aldeãos pedindo-lhes que lhe ensinassem as danças locais. Com a lua já alta no firmamento, toda a gente dançava e batia palmas e se divertia, incluindo Victoria, que entretanto bebera cinco copos de vinho. Era evidente que estava a tentar beber até ficar atordoada, pensou Jason sarcasticamente, ao notar-lhe as faces coradas. O desgosto apertou-lhe o coração quando pensou nas suas esperanças para aquela noite, para o futuro dos dois. Como um tolo, acreditara que a felicidade estava finalmente ao seu alcance.

Encostado a uma árvore, observava-a, perguntando-se porque seria que as mulheres se sentiam tão atraídas por ele até que casava com elas, e então passavam a detestá-lo. Tinha voltado ao mesmo, pensou, furioso. Tinha cometido o mesmo erro idiota duas vezes: casara com uma mulher que concordara aceitá-lo porque queria qualquer coisa *dele*, não por querê-lo a ele.

Melissa quisera todos os homens que vira, exceto ele. Victoria só queria Andrew, o bom, gentil, generoso e *fraco* Andrew.

A única diferença entre Melissa e Victoria era o facto de Victoria ser muito melhor atriz, concluiu. Sempre soubera, desde o início, que Melissa era uma cabra egoísta e calculista, mas Victoria parecera-lhe mais próxima de um anjo... um anjo caído, claro, graças a Andrew, mas não a culpara por isso. Agora culpava. Desprezava-a por se ter dado livremente a Andrew, e no entanto querer evitar dar-se ao marido, que era exatamente o que estava a fazer ao consumir vinho suficiente para a deixar insensível. Odiara a maneira como ela tremera nos seus braços e lhe evitara o olhar quando tinham dançado, minutos antes, e como estremecera quando ele sugerira que eram horas de se retirarem.

Perguntou-se, desapaixadamente, porque seria que era capaz de fazer as suas amantes gritarem de êxtase, mas as mulheres com que casava deixavam de querer ter fosse o que fosse a ver com ele a partir do instante em que os votos eram pronunciados. Perguntou-se porque seria que lhe era tão fácil ganhar dinheiro, mas a felicidade teimava em fugir-lhe. A cabra velha e má que o criara tinha razão: ele era um filho do Diabo, indigno de viver, quanto mais de ser feliz.

As únicas três mulheres que tinham alguma vez feito parte da sua vida – Victoria, Melissa e a sua mãe adotiva – tinham todas visto nele qualquer coisa que o tornava odioso e feio a seus olhos, apesar de as duas esposas terem escondido a sua repulsa até depois do casamento, quando a fortuna dele

passara a pertencer-lhes.

Com implacável determinação, aproximou-se de Victoria e tocou-lhe no braço. Ela deu um salto e encolheu-se, como se o toque dele a tivesse queimado.

– É tarde e são horas de ir – disse.

Mesmo à luz da lua o rosto dela empalideceu visivelmente, e uma expressão encurralada encheu-lhe os olhos muito abertos.

– M... mas não é assim tão tarde...

– É tarde suficiente para ir para a cama, Victoria – disse ele, com brusca rudeza.

– Mas eu não tenho sono nenhum!

– Ótimo – respondeu Jason com deliberada crueza. Soube que ela o tinha compreendido porque todo o seu corpo começou a tremer.

– Fizemos um acordo – disse, numa voz dura –, e espero que cumpras a tua parte, por muito detestável que aches a perspetiva de ir para a cama comigo.

A voz gelada, autoritária, gelou-a até aos ossos. Com um aceno de cabeça, Victoria dirigiu-se à casa e subiu até aos seus novos aposentos, contíguos aos de Jason.

Sentindo-a distante e desligada, Ruth ajudou-a, em silêncio, a despir o vestido de noiva e vestir o *negligée* de cetim creme e renda que Madame Dumosse criara especialmente para a sua noite de núpcias.

Victoria sentiu a bília subir-lhe à garganta e o terror contorcer-lhe as entranhas enquanto via Ruth abrir a cama. O vinho que bebera, na esperança de que lhe sossegasse os medos, fazia-a agora sentir-se zozna e agoniada. Em vez de a acalmar, como fizera antes, estava a fazê-la sentir-se doente e incapaz de controlar as suas emoções. Desejou muito não lhe ter tocado. A única outra ocasião em que bebera mais do que um gole fora depois do funeral dos pais, quando o Dr. Morrison insistira que bebesse dois copos. Causara-lhe vômitos, e o médico dissera que talvez ela fosse uma dessas pessoas cujo organismo não tolerava o álcool.

Com a sinistra descrição de Miss Flossie a gritar-lhe na cabeça, encaminhou-se para a cama. Em breve o seu sangue seria derramado naqueles lençóis, pensou, aterrorizada. Quanto sangue? Quanta dor? O corpo cobriu-se-lhe de suores frios e uma tontura apoderou-se dela enquanto Ruth ajeitava as almofadas. Como uma marioneta, enfiou-se debaixo das cobertas, tentando controlar o pânico que a fazia tremer e a náusea que lhe subia na garganta. Não devia gritar nem mostrar a sua repulsa, dissera-lhe Miss Flossie, mas quando Jason abriu a porta de ligação e entrou no quarto vestindo um roupão de quarto de brocado castanho que revelava grande parte do peito nu e das pernas, não conseguiu abafar um arquejo de medo.

– Jason! – exclamou, encolhendo-se contra as almofadas.

– De quem estavas à espera... do Andrew? – perguntou ele, em tom de conversa. Levou as mãos ao cinto que mantinha o roupão fechado, e o medo de Victoria transformou-se em pânico.

– Não faça isso – suplicou, de cabeça perdida, incapaz de falar ou de pensar de uma forma coerente. – Com certeza que um cavalheiro não se despe em frente de uma senhora, mesmo sendo casados.

– Penso que já tivemos esta conversa, mas para o caso de a teres esquecido, recordo-te que não sou um cavalheiro. – As mãos dele puxaram as pontas do cinto de cetim. – No entanto, se a visão do meu muito pouco cavalheiresco corpo ofende a tua sensibilidade, podes resolver o problema fechando os olhos. A única outra solução é eu meter-me na cama e *só então* despir o roupão, e *essa*

opção ofende a *minha* sensibilidade.

Desapertou o roupão e deixou-o cair, e os olhos de Victoria abriram-se de terror à vista do grande e musculoso corpo.

Qualquer pequena esperança que Jason ainda tivesse de que ela se submetesse voluntariamente aos seus avanços dissipou-se quando a viu fechar os olhos e desviar o rosto.

Olhou para ela durante alguns instantes e então, com deliberada crueza, arrancou-lhe o lençol e a colcha dos punhos cerrados e atirou-os para trás. Deitou-se ao lado dela e, sem uma palavra desatou o laço do decotado corpete do *negligée* de cetim; inspirou fundo por entre os dentes cerrados e contemplou a nua perfeição do corpo dela.

Os seios de Victoria eram cheios, a cintura estreita, as ancas arredondadas. As pernas eram compridas e incrivelmente bem feitas, com coxas esbeltas e tornozelos finos. Enquanto o olhar dele a percorria, um intenso rubor tingiu a pele lisa e cor de marfim, e quando ele pousou, hesitante, uma mão num voluptuoso seio, todo o corpo dela se sobressaltou e ficou rígido, a rejeitar o toque.

Para uma mulher experiente, era fria e inflexível como uma pedra, ali deitada, com o rosto voltado para o lado e contorcido pela repulsa. Jason considerou a possibilidade de levá-la a cooperar pela sedução, mas logo a seguir pôs a ideia de lado com desprezo. Ela quase o deixara no altar naquela manhã e não tinha obviamente o mais pequeno desejo de suportar as suas prolongadas carícias.

– Não faça isso! – suplicou ela, frenética, quando ele lhe acariciou o seio. – Vou vomitar! – gritou, e tentou fugir da cama. – Vai fazer-me vomitar!

As palavras dela foram como pregos cravados no cérebro de Jason, e uma fúria negra explodiu dentro dele. Enterrando as mãos nos luxuriantes cabelos, rolou para cima dela.

– Nesse caso – rosnou, numa voz rouca e furiosa –, é melhor despacharmos isto o mais depressa possível.

Visões de sangue e de dor terrível encheram a cabeça de Victoria, juntando o seu horror à náusea que o vinho estava a causar.

– Não quero! – gritou, pateticamente.

– Fizemos um acordo, e enquanto formos casados cumpri-lo-ás – murmurou ele, enquanto lhe afastava as pernas rígidas. Victoria gemeu quando a dura virilidade dele a sondou, mas algures no fundo da sua apavorada mente, sabia que ele tinha razão quanto ao acordo, e deixou de lutar.

– Relaxa – aconselhou ele, amargo, na escuridão por cima dela. – Posso não ser tão atencioso como o teu querido Andrew, mas não quero magoar-te.

A maldosa referência a Andrew numa altura daquelas trespassou-a até ao âmago, e a angústia dela explodiu num grito de dor quando Jason a penetrou. O seu corpo contorceu-se debaixo do dele e as lágrimas brotaram-lhe dos olhos em escaldantes e humilhados fios enquanto o marido se servia dela sem ternura nem cuidado.

No instante em que o peso dele saiu de cima de si, Victoria voltou-se para o lado, com a cabeça enterrada na almofada e o corpo sacudido por soluços que eram em parte de horror e em parte de choque.

– Saia! – disse, num grito estrangulado, puxando os joelhos para o peito e enrolando-se numa bola de angústia. – Saia, saia!

Jason hesitou, e então rolou para fora da cama, apanhou o roupão do chão e foi para o seu quarto. Fechou a porta, mas os sons do choro dela seguiram-no. Nu, dirigiu-se à cómoda e pegou numa garrafa de cristal com *brandy* e encheu meio copo com a potente bebida. Despejou de um só trago o

líquido ardente, a tentar afogar a recordação da resistência dela e o som da sua desolada repulsa, a tentar apagar a imagem da cara dela quando retirara a mão da dele diante do altar.

Como fora estúpido ao acreditar que sentira calor em Victoria quando ela o beijara. Ela dissera-lhe, quando ele lhe sugerira que casassem, que não queria casar com ele. Muito antes disso, quando soubera que estavam supostamente noivos, dissera-lhe o que na verdade pensava dele: *«É um monstro frio, grosseiro, arrogante e insensível... Nenhuma mulher no seu perfeito juízo o quererá!... Não vale um décimo do Andrew...»*

E fora totalmente sincera.

Como fora estúpido ao convencer-se de que ela gostava dele... Voltou-se para pousar o copo em cima da cómoda e viu o seu reflexo no espelho. Tinha sangue nas coxas.

Sangue de Victoria.

O coração dela podia ter pertencido a Andrew, mas o seu belo corpo não – esse dera-lho só a ele. Ficou a olhar para a sua imagem enquanto o ódio por si mesmo lhe corria nas veias como ácido. Ficara tão cheio de ciúme, tão magoado pela tentativa dela de o abandonar junto ao altar, que nem sequer reparara que ela era virgem.

Fechou os olhos cheio de remorso dilacerante, incapaz de suportar a visão de si mesmo. Não tratara Victoria com mais ternura ou consideração do que um marinheiro bêbedo concede a uma prostituta.

Pensou em como a passagem dela tinha sido seca e apertada, em como ela se sentira pequena e frágil nos seus braços, na brutalidade com que a tratara, e uma nova vaga de arrependimento invadiu-o.

Abriu os olhos e ficou a olhar para a sua imagem no espelho, sabendo que transformara a noite de núpcias dela num pesadelo. Victoria era na verdade o anjo gentil, corajoso e cheio de espírito que ele julgara que era desde o princípio. E ele... ele era exatamente o que a mãe adotiva lhe chamara quando era criança: o filho do Diabo.

Vestiu o roupão, tirou uma caixa de veludo de uma gaveta e voltou ao quarto de Victoria. Deteve-se junto à cama, a vê-la dormir.

– Victoria – sussurrou.

Ela encolheu-se no sono ao som da sua voz, e o remorso foi uma ferroadada que lhe trespassou o peito. Como parecia vulnerável e magoada; como era incrivelmente bonita com o cabelo espalhado pelas almofadas a brilhar à luz das velas.

Ficou a contemplá-la num atormentado silêncio, sem coragem para a acordar. Por fim, inclinou-se e puxou as roupas da cama para cima, de modo a tapar os frágeis ombros nus, e afastou-lhe com uma carícia o cabelo da testa.

– Desculpa – murmurou à esposa adormecida.

Soprou as velas e pousou a caixa de veludo em cima da pequena mesa de cabeceira, onde ela de certeza a veria quando acordasse. Os diamantes apaziguá-la-iam. As mulheres perdoavam tudo por diamantes.

CAPÍTULO 22

Victoria abriu os olhos e ficou a olhar sem ver, através das janelas, para um céu carregado e cheio de nuvens escuras. O sono pairava sobre ela como uma densa teia, emaranhando-lhe os pensamentos ainda indistintos enquanto olhava apática para lá dos desconhecidos panos de seda dourada que pendiam dos cantos da cama.

Sentia-se pesada e aturdida, como se não tivesse dormido, e no entanto não tinha uma vontade particular de voltar a adormecer nem de acordar de vez. A sua mente divagava sem objetivo, e então, de repente, começou a clarear.

Santo Deus, estava casada! Verdadeiramente casada. Era a mulher de Jason.

Abafou um grito de protesto ao pensar nisso e sentou-se direita na cama quando a recordação plena do que acontecera na noite anterior a atingiu. Era então a respeito daquilo que Miss Flossie tentara avisá-la. Não admirava que as mulheres não discutissem o assunto! Começou a sair da cama em resposta a um tardio instinto de fuga, mas então deteve-se, endireitou as almofadas e deixou-se cair contra elas, mordendo o lábio inferior. Recordou com dolorosa clareza os humilhantes pormenores da sua noite de núpcias e encolheu-se, recordando como Jason se despira grosseiramente diante dela. Estremeceu ao recordar a maneira como a provocara a propósito de Andrew, e depois a maneira como se servira dela. Usara-a como se ela fosse um animal, um bicho sem sentimentos ou emoções, indigno de ternura ou bondade.

Uma lágrima deslizou-lhe pela face quando pensou na noite que havia de vir, e na seguinte, e em todas as noites que a esperavam até que Jason conseguisse finalmente engravidá-la. Quantas vezes seriam precisas? Uma dúzia? Duas dúzia? Mais? Não, por favor, mais não. Não conseguiria aguentar muito mais daquilo.

Limpou a lágrima com um gesto zangado, furiosa consigo mesma por sucumbir ao medo e à fraqueza. Na noite anterior ele dissera que tencionava continuar a fazer-lhe aquela coisa feia e humilhante – era a parte do acordo que ela tinha de cumprir. Agora que sabia o que o acordo na verdade implicava, queria libertar-se dele!

Afastou os lençóis para o lado e saiu do sedoso casulo que supostamente era a sua compensação por uma vida de infelicidade imposta por um homem cínico e sem coração. Pois bem, não era nenhuma menina inglesa choramingas, incapaz de erguer a cabeça e fazer face ao mundo. Antes enfrentar um pelotão de fuzilamento do que mais uma noite como a anterior! Podia viver sem luxos, se era aquela a maneira como se esperava que os pagasse.

Olhou em redor, tentando planejar o próximo passo, e o seu olhar pousou na caixa de veludo em cima da mesa de cabeceira. Pegou nela e abriu-a, e rilhou os dentes de fúria ao ver o espetacular colar de diamantes que continha. Tinha cinco centímetros de largura e fora trabalhado de modo a parecer um delicado arranjo de flores, com os diamantes cortados em diversas formas para compor as pétalas e as folhas de tulipas, rosas e orquídeas.

A raiva cresceu nela como uma nuvem vermelha quando pegou no colar pelo fecho, segurando-o com dois dedos como se fosse uma cobra venenosa, e o deixou cair dentro da caixa num monte desarrumado.

Compreendia *agora* o que sempre a incomodara nas prendas que Jason lhe dava e na maneira como ele queria que lhe agradecesse com um beijo. Estava a comprá-la. Acreditava de verdade que podia comprá-la, como uma prostituta barata do cais. Não, barata, não. Uma prostituta cara, mas mesmo assim uma prostituta.

Depois da noite anterior, já se sentia usada e ofendida; o colar vinha acrescentar mais um insulto à crescente lista dos crimes de Jason. Mal queria acreditar que se iludira ao ponto de pensar que ele gostava dela, que precisava dela. Jason não gostava de ninguém, não precisava de ninguém. Não queria ser amado e não tinha amor para dar fosse a quem fosse. E ela tinha obrigação de saber – ele próprio o dissera.

«Homens!», pensou, furiosa, com a ira a pôr-lhe manchas de cor viva nas faces pálidas. Que monstros. Andrew com as suas falsas declarações de amor, e Jason, que pensava que podia servir-se dela e pagar-lhe com um estúpido colar.

Fez uma careta por causa da dor entre as pernas, e dirigiu-se à casa de banho contígua ao quarto, do lado oposto ao de Jason. Ia pedir o divórcio, decidiu. Já tinha ouvido falar deles. Ia dizer a Jason que era o que queria, imediatamente.

Ruth chegou quando ela estava a sair do banho.

A pequena criada tinha o rosto franzido num sorriso cúmplice quando entrou em bicos de pés e olhou em redor. Fosse o que fosse que esperava ver, não era com certeza a sua senhora já a pé e de banho tomado, embrulhada numa toalha e a escovar vigorosamente o cabelo. Como não esperava ouvir a nova noiva de Jason Fielding, que tinha fama de ser um amante irresistível, dizer numa voz que pingava gelo:

– Não há qualquer motivo para andares por aí em bicos de pés como se tivesses medo da tua própria sombra, Ruth. O monstro está no outro quarto, não neste.

– M-monstro, menina? – gaguejou a pobre criada, confusa. – Oh – riu, nervosa –, devo ter percebido mal. Imagine que me pareceu ouvi-la dizer...

– Disse «*monstro*» – respondeu Victoria num tom ríspido. A violência da resposta fê-la arrepender-se no mesmo instante. – Desculpa, Ruth. Acho que estou só um pouco... bem, cansada.

Por qualquer razão, aquelas palavras fizeram a pequena criada corar e soltar um risinho nervoso, que irritou Victoria, já à beira da histeria, a despeito dos seus esforços para dizer a si mesma como era fria e lógica e determinada. Esperou, a tamborilar com os dedos, que Ruth acabasse de arrumar o quarto. O relógio em cima da consola da lareira marcava as onze horas quando ela atravessou o quarto em direção à porta por onde Jason tinha entrado na noite anterior. Deteve-se com a mão na maçaneta, a tentar recompor-se. Todo o seu corpo tremia como gelatina ao pensar em confrontá-lo e exigir o divórcio, mas era exatamente isso que estava decidida a fazer, e nada ia dissuadi-la. A partir do momento em que o informasse de que o casamento dos dois tinha terminado, Jason deixaria de ter quaisquer direitos maritais. Mais tarde decidiria para onde ir e o que fazer. De momento, só precisava que ele concordasse com o divórcio. Ou precisaria sequer da sua autorização? Uma vez que não tinha a certeza, decidiu que não seria sensato aliená-lo desnecessariamente ou enfurecê-lo ao ponto de o levar a recusar. Mas também não ia pôr-se com grandes rodeios.

Endireitou os ombros, apertou o cinto do roupão de veludo e entrou no quarto de Jason.

Reprimindo a vontade de lhe partir na cabeça a jarra de porcelana que estava na mesa de cabeceira, cumprimentou, delicada:

– Bom dia.

Jason abriu os olhos, com a expressão instantaneamente alerta, quase desconfiada, e então sorriu. Aquele seu sorriso preguiçoso e sensual, que antes poderia ter-lhe derretido o coração, fê-la ranger os dentes de raiva. Mas conseguiu, apesar de tudo, manter um ar delicado, quase agradável.

– Bom dia – respondeu Jason numa voz rouca, a percorrer com os olhos a voluptuosa figura envolta na sensual macieza do brilhante veludo dourado. Ao recordar a maneira como a tinha brutalizado na noite anterior, desviou o olhar do decote em V do roupão dela e moveu o corpo de modo a dar-lhe lugar na cama a seu lado. Tocado pelo facto de ela ter ido desejar-lhe bom dia quando tinha todo o direito de o desprezar depois do que acontecera, bateu com a mão no espaço que deixara vago e disse, num tom gentil: – Não queres sentar-te?

Era a abertura que Victoria procurava.

– Obrigada por tudo. De muitas maneiras, foi extraordinariamente generoso para comigo. Sei como ficou descontente quando apareci à sua porta meses atrás, mas apesar de não me querer aqui, deixou-me ficar. Comprou-me roupas bonitas e levou-me a bailes, o que foi uma extrema bondade da sua parte. Bateu-se em duelo por mim, o que não era de modo algum necessário mas foi apesar disso muito galante. Casou comigo numa igreja, coisa que não tinha o mais pequeno desejo de fazer, e ofereceu-me uma festa encantadora aqui, ontem à noite, para a qual convidou pessoas que não conhecia, só para me agradar. Obrigada por tudo isso.

Jason ergueu a mão e passou os nós dos dedos pela face pálida dela.

– Não tens de quê – disse, em voz baixa.

– Agora quero o divórcio.

A mão dele imobilizou-se.

– Queres *o quê*? – perguntou, num sussurro ameaçador.

Victoria cerrou e descerrou os punhos pousados no colo, mas manteve a determinação.

– Quero o divórcio – repetiu, com falsa calma.

– Assim sem mais? – disse ele, numa terrível voz de seda. Embora disposto a admitir que a tratara mal na noite anterior, não estava à espera daquilo. – Depois de um dia de casamento, queres divorciar-te?

Victoria olhou para a fúria que lhe ardia nos olhos e pôs-se apressadamente de pé, mas a mão de Jason agarrou-a por um pulso e puxou-a para baixo.

– Não me maltrate, Jason – avisou ela.

Jason, que a deixara na noite anterior a parecer uma criança magoada, via-se naquele instante confrontado com uma mulher que não reconhecia – uma bela fera enraivecida e fria. Em vez de pedir desculpa, como tencionara fazer um minuto antes, disse:

– Estás a ser absurda. Só houve um punhado de divórcios em Inglaterra nos últimos cinquenta anos, e não vai haver qualquer divórcio entre nós.

Victoria libertou o braço com um puxão que quase lhe deslocou o ombro e recuou para longe do alcance dele, com o peito a arfar de fúria e medo.

– É um animal! – sibilou. – Não sou absurda e nunca mais voltarei a ser usada como um animal!

Saiu do quarto batendo com a porta, que trancou do seu lado com uma pancada.

Não tinha dado mais do que meia dúzia de passos quando a porta pareceu explodir nas suas costas

e saltou do umbral, ficando ebriamente suspensa de um gonzo. Jason estava de pé na abertura, com o rosto lívido de raiva, e a voz a sibilar por entre os dentes cerrados.

– Nunca mais voltas a trancar-me uma porta enquanto viveres – rosnou. – E não voltas a ameaçar-me com um divórcio! Esta casa é minha propriedade, nos termos da lei, tal como tu és minha propriedade. Compreendeste?

Victoria assentiu com a cabeça, a encolher-se por dentro face à fúria cega que relampejava nos olhos dele. Jason fez meia-volta e saiu do quarto, deixando-a a tremer de medo. Nunca tinha testemunhado tal raiva vulcânica num ser humano. Jason não era um animal, era um monstro enlouquecido.

Esperou, a ouvir o barulho de gavetas a abrirem-se e fecharem-se enquanto ele se vestia, com a mente ocupada numa frenética busca de uma maneira de fugir do pesadelo em que a sua vida se tinha tornado. Quando ouviu a porta do quarto ao lado bater e soube que ele tinha descido, aproximou-se da cama e deixou-se cair. Ficou onde estava, a pensar, durante quase uma hora, mas não havia saída. Estava encurralada para o resto da vida. Jason dissera a verdade: ela era sua propriedade, como a casa e os cavalos.

Se ele não concordasse com o divórcio, não imaginava como poderia consegui-lo sozinha. Nem sequer tinha a certeza de ter razões suficientes para convencer um tribunal a conceder-lhe um divórcio, mas tinha a certeza absoluta de que nunca conseguiria explicar a um grupo de juizes de toga e peruca o que Jason lhe fizera na noite anterior para a levar a querer o divórcio.

Estava desesperada quando concebeu a ideia do divórcio naquela manhã, e apercebeu-se com um suspiro de impotência, que a ideia era absurdamente radical. Ficaria ali presa até que desse a Jason o filho que ele queria. E então ficaria acorrentada a Wakefield pela própria existência da criança que poderia libertá-la, pois sabia que nunca seria capaz de partir e deixar um filho seu para trás.

Olhou em redor para o luxuoso quarto. Fosse como fosse, ia ter de adaptar-se à sua nova vida, aproveitando o que pudesse até que o destino interviesse para a ajudar. Então decidiu, enquanto uma calma entorpecida descia sobre o seu ser, que entretanto, teria de tomar medidas para salvaguardar a sua sanidade mental. Podia passar tempo com outras pessoas, sair de casa e ocupar-se dos seus assuntos e entretenimentos. Ia ter de inventar diversões agradáveis para a distrair dos seus problemas. E o melhor era começar já. Detestava a autocomiseração e recusava deixar-se atolar nela.

Já tinha feito amigos em Inglaterra; em breve haveria um bebé para amar e que a amaria em troca. Melhoraria dentro do possível uma vida vazia preenchendo-a com tudo o que conseguisse encontrar para a impedir de enlouquecer.

Afastou o cabelo das faces pálidas e pôs-se de pé, decidida a fazê-lo. Mesmo assim, tinha os ombros descaídos quando tocou a campainha para chamar Ruth. Porque seria que Jason a desprezava tanto, perguntou a si mesma. Ansiava ter alguém com quem pudesse falar, em quem pudesse confiar. Antigamente houvera sempre a mãe, ou o pai, ou Andrew, para a ouvirem. Falar das coisas ajudava sempre. Mas desde que viera para Inglaterra, não havia ninguém. A saúde de Charles era delicada e ela sempre fora obrigada a fingir coragem e alegria na presença dele desde o primeiro dia. Além disso, Jason era seu sobrinho, e ela nunca poderia falar-lhe do medo que tinha dele, mesmo que Charles estivesse em Wakefield. Caroline Collingwood era uma amiga boa e leal, mas estava a quilómetros de distância, e Victoria duvidava que conseguisse compreender Jason mesmo que tentasse falar-lhe dele.

Decidiu que não havia outra coisa a fazer senão continuar a guardar tudo dentro de si mesma, fingir que era feliz e confiante até que – um dia – pudesse voltar na verdade a sentir-se feliz e confiante. Havia de chegar uma altura, prometeu a si mesma, em que poderia enfrentar a noite sem o medo de ver Jason entrar-lhe no quarto. Havia de chegar uma altura em que seria capaz de olhar para ele e não sentir coisa alguma – nem medo nem dor nem humilhação nem solidão. Esse dia havia de chegar, fosse como fosse! E logo que ela concebesse um filho, ele deixá-la-ia em paz. Por isso rezava para que acontecesse em breve.

– Ruth – disse, numa voz tensa, quando a criada apareceu –, faz-me o favor de pedir a alguém que atele um dos cavalos à carruagem mais pequena que tivermos... uma que eu possa conduzir com facilidade. E, por favor, pede a quem for que escolha o cavalo mais manso que tivermos... não estou muito habituada a conduzir carruagens. Depois disso, pede a Mrs. Craddock que prepare várias cestas com a comida que sobrou da festa de ontem à noite, para eu levar comigo.

– Mas, senhora – disse Ruth, hesitante –, olhe pela janela. O tempo pôs-se muito frio e vem aí uma trovoadas. Veja como o céu está escuro.

Victoria olhou pela janela para a céu cor de chumbo.

– Não parece que vá chover nas próximas horas, se chover – decidiu, um pouco desesperadamente. – Gostaria de sair dentro de meia hora. Lord Fielding saiu ou está lá em baixo?

– Sua senhoria saiu, minha senhoria.

– Sabes por acaso se ele saiu da propriedade ou se está apenas algures lá fora? – perguntou Victoria, incapaz de disfarçar a desesperada ansiedade que lhe vibrava na voz. Não obstante a sua determinação em pensar em Jason como um perfeito desconhecido e tratá-lo como tal, não lhe agradava a ideia de voltar a confrontá-lo naquele instante, quando as suas emoções estavam ainda tão a nu. Além disso, tinha a certeza de que ele lhe ordenaria que ficasse em casa, numa altura em que o tempo ameaçava tempestade. E a verdade era que ela tinha de sair dali durante algum tempo. Precisava de sair dali!

– Lord Fielding mandou atrelar os cavalos ao faetonte e saiu. Disse que precisava de fazer umas visitas. Vi-o ir com estes olhos que a terra há de comer – garantiu-lhe Ruth.

A carruagem, carregada com as cestas de comida, estava à espera no caminho quando Victoria desceu.

– Que devo dizer a sua senhoria? – perguntou Northrup, perturbadíssimo, quando Victoria insistiu em sair a despeito das previsões de tempestade.

Victoria voltou-se, deixando-o colocar-lhe sobre os ombros uma leve capa malva.

– Diga-lhe que eu disse adeus – respondeu, evasiva.

Saiu, contornou a casa até às traseiras, soltou *Wolf* da corrente que o prendia e voltou à parte da frente. O chefe dos lacaios ajudou-a a subir para a carruagem e *Wolf* saltou para o banco a seu lado. Parecia tão feliz por estar livre que Victoria sorriu e fez-lhe uma festa na majestosa cabeça.

– Finalmente livre – disse, e abraçou o animal. – E eu também.

CAPÍTULO 23

Victoria sacudiu as rédeas com muito mais segurança do que na verdade sentia, e o cavalo saltou para a frente, com a pelagem acetinada a brilhar à luz cinzenta da manhã.

– Calma – murmurou Victoria, assustada. Jason não acreditava obviamente em ter cavalos mansos nas suas cavalariaças: a bonita égua atrelada à carruagem era incrivelmente difícil de dominar. Encabritou-se e piaçou até as mãos de Victoria ficarem cobertas de bolhas e vermelhas do esforço de tentar obrigá-la a um trote tranquilo.

Estavam a chegar à aldeia quando o vento enrijou e um relâmpago faiscou num ziguezague azulado, rasgando a atmosfera enquanto o trovão ribombava um aviso ameaçador e o céu se tornava quase tão escuro como se fosse noite. Passados minutos, as nuvens abriram-se e a chuva caiu em espessos lençóis de água que lhe batiam na cara, lhe obscureciam a visão e transformavam a capa numa massa empapada.

Esforçando-se por ver a estrada, Victoria afastou da cara o cabelo encharcado e estremeceu. Nunca tinha visto o orfanato, mas o comandante Farrell dissera-lhe onde ficava a estrada que levava até lá, bem como a que levava à sua própria casa. Então, de repente, viu o que lhe pareceu ser uma das duas estradas que ele descrevera. Bifurcava para a direita, e meteu por ela, sem saber muito bem se era a que conduzia ao orfanato ou a casa do comandante Farrell. Naquele momento, não queria saber, desde que fosse para um lugar seco e quente onde pudesse fugir ao dilúvio. A estrada descreveu uma curva e começou a subir uma encosta por entre bosques cada vez mais densos, passou por duas casas abandonadas, e então estreitou até se tornar pouco mais do que um caminho de terra que estava a transformar-se rapidamente num lamaçal sob a chuvada torrencial.

A lama sugava as rodas e a égua começou a resfolegar no esforço de arrancar os cascos à terra ensopada a cada passo que dava. Victoria viu, à sua frente, uma débil luz a brilhar por entre as árvores. A tiritar de alívio e de frio, virou para um pequeno trilho abrigado por um apertado grupo de velhos carvalhos cujos ramos se entrelaçavam num gotejante guarda-chuva. De súbito, um relâmpago rasgou o céu, mostrando uma casa suficientemente grande para uma família numerosa mas não, de certeza, para abrigar vinte órfãos. O trovão ribombou com estrépito e a égua, empinou-se e recuou. Victoria saltou da carruagem.

– Calma – disse ao assustado animal, estendendo a mão para agarrar o bridão. Avançou, enterrando os pés na lama, e amarrou a égua ao poste colocado em frente da casa.

Com *Wolf* a seu lado, levantou as saias, caminhou os poucos passos que a separavam da casa e bateu.

Instantes mais tarde, a porta abriu-se e o rosto enrugado do comandante Farrell recortou-se em silhueta contra o clarão do alegre fogo que ardia na lareira atrás dele.

– Lady Fielding! – exclamou, e estendeu a mão para a puxar para dentro. Um rosnido baixo e ameaçador de *Wolf* interrompeu-lhe o gesto a meio. Abriu muito os olhos ao ver o grande animal

cinzento e encharcado que lhe rosnava, de beíças arreganhadas a mostrar os enormes dentes brancos.

– *Wolf*, para com isso! – ordenou Victoria, cansada, e *Wolf* obedeceu.

Farrell convidou Victoria a entrar enquanto mantinha um olhar desconfiado no feroz e estranho cão. *Wolf* seguiu-a de perto, com os olhos castanhos fixos no comandante num claro aviso.

– Que diabo anda a fazer cá fora com um tempo destes? – perguntou Mike Farrell, preocupado.

– A tomar banho – respondeu Victoria, tentando brincar, mas tinha os dentes a bater e o corpo a tremer de frio enquanto se despojava da capa e a atirava para as costas de uma cadeira diante da lareira.

– Tem de despir essa roupa molhada, ou ainda apanha uma pneumonia. Acha que esse enorme animal consentirá em perdê-la de vista durante o tempo suficiente para vestir roupas secas?

Victoria embrulhou-se nos seus próprios braços e assentiu, olhando para o seu feroz guardião canino.

– F-fica aqui, *Wolf*.

O cão deixou-se cair em frente da lareira e pousou a cabeça nas grandes patas, com os olhos postos na porta aberta do quarto onde os dois tinham desaparecido.

– Vou avivar o lume – disse o comandante Farrell no quarto, entregando a Victoria umas calças e uma camisa suas. – Estas roupas são o melhor que tenho para oferecer. – Victoria abriu a boca para falar, mas ele adiantou-se-lhe. – Não quero ouvir argumentos patetas a respeito da impropriedade de usar roupas de homem, minha menina – disse, autoritário. – Use a água da jarra para se lavar e depois vista estas roupas e embrulhe-se naquela manta. Quando estiver pronta, vá para perto do lume aquecer-se. Se está com receio de que o Jason fique aborrecido por vê-la vestida com roupas minhas, pode deixar de se preocupar... Conheço-o desde que ele era um garotinho.

Victoria ergueu vivamente a cabeça.

– Não estou nem um bocadinho preocupada com o que o Jason possa pensar – disse, incapaz de disfarçar a nota de rebeldia da voz. – Não faço tenção de morrer gelada para lhe agradar. Ou seja a quem for – apressou-se a emendar, ao aperceber-se de que estava a revelar demasiado no seu acossado desconforto.

O comandante Farrell lançou-lhe um olhar estranho, de olhos semicerrados, mas limitou-se a assentir com a cabeça.

– Ótimo. É o mais sensato.

– Se eu fosse sensata, teria ficado em casa – respondeu Victoria com um pálido sorriso, a tentar disfarçar a infelicidade da sua gorada tentativa de alegrar o dia.

Quando saiu do quarto, já o comandante Farrell tinha levado a égua para o pequeno celeiro nas traseiras da casa, avivado o lume e preparado uma chávena de chá. Entregou-lhe um grande pano.

– Use isto para secar o cabelo – recomendou, num tom bondoso, indicando-lhe que se sentasse na cadeira que chegara para mais perto do lume. – Importa-se que fume isto? – perguntou, mostrando-lhe o cachimbo enquanto se sentava em frente dela.

– De modo nenhum – respondeu Victoria, delicada.

Farrell encheu de tabaco o forninho do cachimbo, acendeu-o e puxou uma fumaça, com o seu olhar desconcertantemente direto fixo no rosto de Victoria.

– Porque foi que não o fez? – perguntou, por fim.

– Porque foi que não fiz o quê?

– Ficar em casa.

Perguntando a si mesma se pareceria tão infeliz e culpada como se sentia naquele momento, Victoria encolheu ao de leve os ombros, evasiva.

– Queria levar comida ao orfanato. Sobrou tanta da nossa festa de ontem à noite.

– Mas era evidente que ia chover, e podia ter mandado um criado ao orfanato... que, a propósito, fica a mais quilómetro e meio daqui. Em vez disso, decidi desafiar o mau tempo e tentar encontrá-lo sozinha.

– Precisava... queria, quero dizer... sair daquela casa durante algum tempo – disse Victoria, a prestar uma desnecessária atenção ao gesto de mexer o chá.

– Estou surpreendido por o Jason não ter insistido que ficasse em casa – teimou ele, num tom carregado de intenção.

– Não pensei que fosse necessário pedir a autorização dele – replicou Victoria, desconfortavelmente consciente de que o comandante Farrell procurava respostas com o seu olhar atento.

– Por esta altura deve estar preocupadíssimo consigo.

– Duvido muito que ele descubra que eu saí.

«Ou que se importe, se descobrir», pensou Victoria, infeliz.

– Lady Fielding?

Houve qualquer coisa na secura da voz por baixo do tom delicado que convenceu Victoria de que não queria continuar com aquela conversa. Por outro lado, não podia fazer outra coisa.

– Sim, comandante? – respondeu, cansada.

– Estive com o Jason esta manhã.

O desconforto de Victoria agravou-se.

– Ai sim?

Teve o horrível pressentimento de que Jason tinha estado naquela casa para falar dela com o seu velho amigo, e sentiu que o mundo inteiro se voltava contra si.

O comandante Farrell pareceu adivinhar-lhe os receios, porque explicou:

– O Jason é proprietário de uma grande frota de navios. Eu comando um deles, e ele queria discutir comigo o êxito da última viagem.

Victoria aproveitou o comentário para tentar desviar a conversa da sua pessoa.

– Não sabia que Lord Fielding sabia fosse o que fosse a respeito de navios, ou que estivesse envolvido no ramo – disse, num tom animado e inquisitivo.

– É estranho.

– O que é que é estranho?

– Talvez eu seja apenas antiquado, mas parece-me muito estranho uma mulher não saber que o marido passou anos da sua vida a bordo de um navio.

Victoria ficou a olhar para ele de boca aberta. Tanto quanto sabia, Jason era um lorde inglês – um aristocrata arrogante, rico, mundano e mimado. A única coisa que o distinguia do resto dos nobres que conhecera era o facto de passar uma grande parte do seu tempo no escritório, a trabalhar, ao passo que os outros cavalheiros ricos que até então encontrara passavam todo o seu tempo em busca de prazer e diversão.

– Talvez não esteja simplesmente interessada nas realizações dele? – sondou o comandante Farrell, num tom que se tornava gelado. Fumou o seu cachimbo por um instante e então perguntou, com inesperada franqueza: – Porque foi que casou com ele?

Victoria abriu muito os olhos. Sentia-se como um coelho encurralado – uma sensação que estava a experimentar com muita frequência e que começava a irritar-lhe o orgulho. Ergueu a cabeça e olhou para o seu inquisidor com mal disfarçado ressentimento. Com toda a dignidade que conseguiu reunir, respondeu, evasiva:

– Casei com Lord Fielding pelas razões habituais.

– Dinheiro, influência e posição social – resumiu Farrell com cáustico desagrado. – Bem, agora tem tudo isso. Parabéns.

Este ataque não provocado era mais do que Victoria conseguia aguentar. Lágrimas de fúria subiram-lhe aos olhos e ela pôs-se de pé, a apertar a manta contra o peito.

– Comandante Farrell, não estou suficientemente molhada nem suficientemente infeliz nem suficientemente desesperada para estar aqui sentada e sentir que sou obrigada a ouvi-lo acusar-me de ser uma mercenária... e egoísta... e uma parasita social.

– Porque não? – replicou ele. – Parece evidente que é todas essas coisas.

– Não quero saber o que pensa de mim. Vou... – A voz morreu-lhe na garganta e ela avançou para o quarto, com a intenção de ir buscar as suas roupas, mas ele foi mais rápido e barrou-lhe a passagem, sondando-lhe furiosamente o rosto como se estivesse a tentar ver-lhe a alma.

– Porque é que quer o divórcio? – exigiu saber, numa voz dura, mas a expressão suavizou-se-lhe um pouco quando olhou para as belas e frágeis feições. Mesmo embrulhada numa simples manta de lã, Victoria Seaton era uma visão incrivelmente encantadora, com a luz da lareira a brilhar-lhe no cabelo ruivo e os magníficos olhos azuis a refulgir de impotente ressentimento. Tinha força de espírito, mas era evidente pelas lágrimas que lhe marejavam os olhos que essa força estava à beira da rutura. Na realidade, parecia prestes a desfazer-se. – Esta manhã – continuou ele – perguntei ao Jason, a brincar, se já o tinha deixado. Disse-me que não, mas que tinha pedido o divórcio. Presumi que estava a brincar, mas quando há pouco entrou aqui, não parecia uma noiva feliz.

À beira do desespero total, Victoria olhou para o rosto bronzeado e implacável do seu torturador, a lutar para conter as lágrimas e a tentar agarrar-se aos restos da sua dignidade.

– Faça o favor de sair da minha frente – disse, numa voz rouca.

Em vez de se afastar, ele agarrou-a pelos ombros.

– Agora que tem tudo aquilo que a levou a casar com ele... o dinheiro, a influência, a posição social... porque é que quer o divórcio? – perguntou.

– Não tenho nada! – gritou Victoria, perigosamente perto das lágrimas. – Agora largue-me!

– Não sem antes compreender como foi que pude enganar-me tanto a seu respeito. Ontem, quando falou comigo, pensei que era maravilhosa. Vi o riso nos seus olhos quando falava, e vi a maneira como tratava os aldeãos. Pensei para comigo que era uma verdadeira mulher... uma mulher com coração e espírito, não uma cobardezinha mercenária e mimada.

Lágrimas escaldantes encheram os olhos de Victoria face a esta condenação injusta de um desconhecido, e um amigo de Jason, ainda por cima.

– Deixe-me em paz! – exigiu com a voz entrecortada, e tentou empurrá-lo para passar.

Espantosamente, os braços de Farrell envolveram-na, puxaram-na contra o peito largo.

– Chore, Victoria! – ordenou ele, bruscamente. – Pelo amor de Deus, chore! – Victoria estremeceu quando ele continuou: – Deixe as lágrimas correr, criança. – Acariciou-lhe as costas com a grande mão. – Se tentar reter tudo dentro de si, vai rebentar.

Victoria tinha aprendido a lidar com a tragédia e a adversidade; não sabia, no entanto, lidar com a

bondade e a compreensão. As lágrimas afloraram-lhe aos olhos e jorraram em soluços que lhe sacudiram o corpo. Nunca soube quando foi que o comandante Farrell a convenceu a sentar-se a seu lado no simples sofá em frente da lareira, ou quando começou a falar-lhe da morte dos pais e dos acontecimentos que tinham levado à fria proposta de casamento de Jason. Com a cara enterrada no rosto dele, respondeu às suas perguntas a respeito de Jason e das razões por que tinha casado com ele. E quando acabou, sentiu-se melhor do que em qualquer outra altura nas últimas semanas.

– Portanto – disse Farrell, com um pequeno sorriso de admiração –, apesar da maneira como o Jason fez a sua proposta, apesar de na verdade não saber nada a respeito dele, continuou a acreditar que ele precisava de si?

Victoria limpou os olhos com a mão, envergonhada, e assentiu.

– Claro que fui tola e fantasista, mas houve momentos em que ele parecia tão só... momentos em que eu olhava para ele num salão de baile cheio de gente, rodeado por pessoas... quase sempre mulheres... e tinha a estranha impressão de que se sentia tão sozinho como eu. E o tio Charles dizia que o Jason precisava de mim. Mas estávamos ambos enganados. O Jason quer um filho, é tão simples como isso. Não precisa de mim nem me quer.

– Engana-se – disse Farrell, num tom de enorme certeza. – O Jason precisa de uma mulher como a Victoria desde o dia em que nasceu. Precisa de si para sarar feridas que são profundas, para aprender a amar e a ser amado. Se soubesse mais a respeito dele, compreenderia porque é que digo isto.

Pôs-se de pé, dirigiu-se a uma pequena mesa e pegou numa garrafa. Deitou um pouco do respetivo conteúdo em dois copos e estendeu-lhe um.

– Fala-me dele? – pediu Victoria, enquanto ele voltava para junto da lareira e ficava de pé a olhar para ela.

– Sim.

Victoria olhou para o *whisky* de aroma intenso que ele lhe tinha servido e começou a pousar o copo em cima da mesa.

– Se quer que lhe fale do Jason, é melhor beber isso primeiro – disse o comandante Farrell, num tom sombrio. – Vai precisar.

Victoria bebeu um pequeno gole do líquido ardente, mas o robusto irlandês ergueu o seu copo e despejou metade de um só trago, como se também ele precisasse.

– Vou contar-lhe coisas a respeito do Jason que só eu sei, coisas que ele obviamente não quer que saiba, ou já lhas teria contado. Ao contar-lhe estas coisas, estarei a trair a confiança do Jason, e, até este momento, fui uma das poucas pessoas que lhe são próximas que nunca o traiu de uma ou outra maneira. Ele é como um filho para mim, Victoria, e custa-me muito fazer isto; no entanto, sinto que é imperativo que o compreenda.

Victoria abanou lentamente a cabeça.

– Talvez não deva contar-me nada, comandante. Eu e Lord Fielding passamos a maior parte do tempo zangados, mas não gostaria de ver nenhum dos dois magoados pelas coisas que me contar.

Um sorriso perpassou, fugaz, pelas duras feições de Farrell.

– Se eu pensasse que iria usar o que lhe disser como arma contra ele, guardaria silêncio. Mas não o fará. Há em si uma força suave, uma paixão e uma compreensão que testemunhei em primeira mão ontem à noite quando a vi entre os aldeãos. Vi-a rir com eles e pô-los à vontade, e na altura pensei que era uma jovem maravilhosa... e a esposa perfeita para o Jason. Continuo a pensar o

mesmo.

Inspirou fundo e começou:

– A primeira vez que vi o seu marido, estava em Deli. Foi há muitos anos, e eu trabalhava para um rico comerciante da cidade chamado Napal que enviava produtos e bens da Índia para todo o mundo. Napal não só era dono dos produtos que comerciava, como tinha quatro navios que os transportavam. Eu era o imediato de um desses navios.

«Tinha estado fora seis meses, numa viagem extremamente lucrativa, e quando voltámos ao porto o Napal convidou-nos, ao comandante e a mim, para uma pequena festa privada em sua casa.

«A Índia é quente, mas parecia estar ainda mais calor naquele dia, sobretudo porque me perdi a tentar encontrar a casa do Napal. Nem sei como, acabei num labirinto de vielas, e quando finalmente de lá saí dei por mim numa pequena e esquálida praça cheia de indianos sujos e esfarrapados... a miséria daquela gente é inimaginável. Seja como for, olhei em redor, na esperança mais do que improvável de encontrar alguém que falasse francês ou inglês para pedir que me indicasse o caminho.

«Vi uma pequena multidão reunida num dos extremos da praça a olhar para qualquer coisa... não conseguia ver o quê... e aproximei-me. Estavam diante de uma casa, a observar o que se passava lá dentro. Comecei a fazer meia-volta, com a ideia de tentar refazer em sentido inverso o caminho que me tinha levado até ali, quando vi uma tosca cruz de madeira pregada na parede exterior da casa. Pensando que era uma igreja onde talvez encontrasse alguém com quem falar na minha língua, abri caminho pelo meio da multidão e entrei. Forcei a passagem por entre uma centena de indianos em direção à primeira fila, e ouvi uma mulher a gritar como uma fanática, em inglês, a respeito de luxúria e da vingança do Todo-Poderoso.

«Cheguei por fim a um sítio de onde podia ver e lá estava ela, de pé em cima de um estrado de madeira e com um rapazinho a seu lado. Apontava para a criança e gritava que era o Diabo. Dizia que era a ‘semente da luxúria’ e o ‘produto do mal’, e então agarrou o rapaz pelos cabelos e levantou-lhe a cabeça e eu vi-lhe a cara.

«Fiquei aturdido quando percebi que o rapaz era branco, não indiano. A mulher gritava às pessoas: ‘Olhai para o Diabo e vede a vingança do Senhor’, e obrigou o rapaz a voltar-se para mostrar ‘a vingança do Senhor’. Quando vi as costas dele, pensei que ia vomitar.»

O comandante Farrell engoliu em seco antes de continuar.

– Victoria, as costas do rapazinho estavam negras e azuis da última sova e marcadas por sabe Deus quantas outras sovas. Pelo aspeto, a mulher acabara de espancá-lo diante da «congregação»... os Indianos não objetam a esse género de bárbara crueldade.

Farrell fez uma nova pausa, com o rosto contorcido pela repulsa.

– Enquanto eu ali estava, a bruxa louca gritou à criança que se pusesse de joelhos para suplicar o perdão do Senhor. Ele olhou-a nos olhos, sem dizer uma palavra, mas não se mexeu, e ela bateu-lhe com o chicote nos ombros com força suficiente para fazer ajoelhar um adulto. A criança caiu. «*Reza, diabo*», gritava ela à criança ajoelhada, e voltou a bater-lhe. O rapazinho não disse nada, limitou-se a continuar a olhar em frente. E foi então que lhe vi os olhos... Estavam secos. Não vi uma única lágrima. Mas vi dor... Meu Deus, estavam cheios de tanta dor!

Victoria estremeceu de piedade pela criança desconhecida, perguntando a si mesma porque estaria o comandante Farrell a contar-lhe aquela história horrível antes de lhe falar de Jason.

O rosto de Farrell voltou a contorcer-se.

– Nunca esquecerei o tormento que vi naqueles olhos – disse, numa voz rouca –, nem como eram verdes naquele momento.

O copo que Victoria tinha na mão caiu no chão e estilhaçou-se, e ela abanou a cabeça, a tentar negar o que ele estava a contar-lhe.

– Não! – gritou, angustiada. – Oh, por favor, não...

Aparentemente alheio ao horror dela, Farrell continuou, a olhar em frente, perdido nas suas recordações.

– Então o rapazinho rezou. Juntou as mãos e recitou: «Ajoelho diante de Deus e rogo o Seu perdão.» A mulher obrigou-o a repetir aquilo mais alto, uma e outra vez, e quando se deu por satisfeita, obrigou-o a pôr-se de pé. Apontou para os indianos esfarrapados e ordenou-lhe que pedisse aos justos que lhe perdoassem. Entregou-lhe uma pequena gamela. Fiquei a ver o rapazinho avançar para a multidão, ajoelhar aos pés da «congregação» dela, beijar as orlas das vestes imundas e pedir-lhes que lhe perdoassem.

– Não – gemeu Victoria e, envolvendo-se nos seus próprios braços, fechou os olhos e tentou apagar a imagem de um rapazinho de cabelos encaracolados e olhos verdes a ser sujeito a tão demente crueldade.

– Houve qualquer coisa dentro de mim que enlouqueceu – continuou Farrell. – Os Indianos são uma gente fanática e nunca me interessei pelos seus costumes. Mas ver uma criança da minha raça ser tão maltratada fez-me qualquer coisa. Mas foi mais do que isso. Havia qualquer coisa naquele rapazinho que me tocou... estava sujo e esfarrapado e meio morto de fome, mas havia uma expressão de orgulho e desafio naqueles olhos acoissados que me partiu o coração. Esperei enquanto ele ajoelhava diante dos indianos à minha volta e lhes beijava as orlas das túnicas e lhes pedia perdão e eles deixavam cair algumas moedas na gamela de madeira. Então ele levou a gamela à mulher, que sorriu. Pegou na gamela e sorriu-lhe; disse-lhe que agora era «bom», com aquele seu sorriso de louca.

«Olhei para aquela mulher obscena, de pé em cima de um altar improvisado e a empunhar uma cruz, e quis matá-la. Por outro lado, não sabia até que ponto a congregação lhe era leal e, uma vez que não podia lutar contra todos eles sozinho, perguntei-lhe se me queria vender o rapaz. Disse-lhe que achava que ele precisava de um homem para o castigar devidamente.»

Farrell desviou os olhos do ponto invisível no infinito para onde estivera a olhar e pousou-os em Victoria, com um triste sorriso na cara.

– Ela vendeu-mo pelos seis meses de salário que eu tinha no bolso. O marido morrera um ano antes e precisava de dinheiro tanto como precisava de um rapaz para chicotear. Mas antes que eu saísse dali para fora, ela estava a atirar punhados do meu dinheiro à congregação e a gritar que Deus lhes enviava as Suas dádivas através dela. Era louca. Completamente louca.

A voz de Victoria foi um gemido de súplica.

– Acha que as coisas foram melhores para o Jason antes de o pai morrer?

– O pai do Jason está vivo – respondeu Farrell, secamente. – O Jason é filho ilegítimo do Charles.

A sala começou a rodopiar e Victoria levou as mãos à boca, a lutar contra as náuseas e as tonturas que se apoderavam dela.

– Repugna-lhe assim tanto descobrir que casou com um bastardo? – perguntou Farrell, ao ver a reação dela.

– Como é que pode pensar uma coisa tão estúpida? – replicou Victoria, indignada.

Ele sorriu.

– Ótimo. Não me pareceu que se importasse, mas os Ingleses são muito picuinhas com essas coisas.

– O que – declarou Victoria, acalorada – é extremamente hipócrita da parte deles, uma vez que poderia nomear três duques que são descendentes diretos de filhos bastardos do rei Carlos. Além disso, não sou inglesa, sou americana.

– É encantadora – disse ele, docemente.

– Vai contar-me o resto do que sabe a respeito do Jason? – perguntou ela, já com o coração a transbordar de compaixão.

– O resto não é tão importante. Levei o Jason para casa do Napal naquela mesma noite. Um dos criados do Napal lavou-o e mandou-o ter connosco. Ao princípio não quis falar, mas quando falou, tornou-se evidente que era brilhante. Conteí a história ao Napal, que teve pena dele e lhe deu emprego como uma espécie de moço de recados. Não lhe pagava em dinheiro, mas deu-lhe uma cama nas traseiras do escritório, comida e roupas decentes. O Jason aprendeu sozinho a ler e escrever... tinha um desejo insaciável de aprender.

«Com dezasseis anos, já tinha aprendido com Napal tudo o que podia aprender a respeito de ser comerciante. Além de inteligente e vivo, era animado por uma incrível vontade de ser bem-sucedido... imagino que por ter sido obrigado a mendigar com uma gamela de madeira quando era criança.

«Seja como for, o Napal foi amolecendo com a idade, e uma vez que não tinha filhos, começou a ver o Jason mais como um filho do que como um empregado mal pago e sobrecarregado de trabalho. Jason convenceu-o a deixá-lo embarcar num dos seus navios, para poder aprender o negócio diretamente. Por essa altura eu já era comandante, e o Jason viajou comigo durante cinco anos.»

– Era um bom marinheiro? – perguntou Victoria docemente, sentindo-se muito orgulhosa do rapazinho que se transformara num homem de sucesso.

– O melhor. Começou como simples marujo, mas nos tempos livres aprendia comigo navegação e tudo o mais. O Napal morreu dois dias depois de voltarmos de uma das nossas viagens. Estava sentado no seu escritório quando o coração parou de bater. O Jason tentou tudo para o reanimar, chegou até a inclinar-se para ele e tentar insuflar-lhe nos pulmões o seu próprio fôlego. Os outros que estavam no escritório julgaram que ele tinha enlouquecido, mas, sabe, ele adorava o velho malandro. Mas não derramou uma lágrima – disse Mike Farrell em voz baixa. – O Jason não é capaz de chorar. A bruxa que o criou estava convencida de que os «demónios» não choram, e batia-lhe ainda mais se ele o fizesse. O Jason só me contou isto quando já tinha nove anos.

«Seja como for, quando morreu, o Napal deixou-lhe tudo. Durante os seis anos seguintes, o Jason fez o que tentara convencer o Napal a fazer: comprou toda uma frota de navios e acabou por multiplicar por dez a riqueza que recebera.»

Quando o comandante Farrell ficou a olhar em silêncio para a lareira, Victoria perguntou:

– O Jason já foi casado, não foi? Só soube disto há poucos dias.

– Ah, sim, foi casado – disse Mike com uma careta enquanto se dirigia à pequena mesa para se servir de mais uma dose de *whisky*. – Dois anos depois da morte do Napal, o Jason tinha-se tornado um dos homens mais ricos de Deli. A distinção valeu-lhe o interesse mercenário de uma mulher muito bonita e amoral chamada Melissa. O pai era inglês, vivia em Deli e trabalhava para o governo. A Melissa tinha beleza e berço e estilo, tinha tudo menos aquilo de que mais precisava: dinheiro. Casou com o Jason por aquilo que ele podia dar-lhe.

– E o Jason, porque casou com *ela*? – Quis saber Victoria.

Mike Farrell encolheu os ombros.

– Era mais novo do que ela e suponho que ficou *ofuscado* pela sua beleza. Além disso, a senhora... e uso esta palavra bastante livremente... tinha um... hã... um ar que fazia com que qualquer homem esperasse encontrar calor nos seus braços. Vendeu esse calor ao Jason a troco de tudo o que conseguiu sacar-lhe. E foi muito... joias que satisfariam uma rainha. Ela recebia-as e sorria-lhe. Tinha uma cara bonita, mas por qualquer razão, quando sorria daquela maneira, fazia-me lembrar a velha bruxa louca com a sua gamela de madeira.

Victoria teve uma nítida e dolorosa visão de Jason a dar-lhe as pérolas e as safiras e a pedir-lhe que lhe agradecesse com um beijo. Perguntou-se, entristecida, se ele pensaria que tinha de subornar as mulheres para que gostassem dele.

Mike Farrell ergueu o copo e bebeu um longo trago.

– A Melissa era uma pega... uma pega que passou a vida a ir de cama em cama depois de ter casado. O mais engraçado é que teve um ataque de fúria quando soube que o Jason era bastardo. Eu estava em casa deles, em Deli, quando o duque de Atherton apareceu e exigiu falar com o filho. A Melissa ficou louca de raiva quando percebeu que o Jason era um filho *ilegítimo* do Charles. Como se ofendesse os seus princípios misturar a sua linhagem com a de um bastardo. Mas não lhe ofendia os princípios entregar o corpo a qualquer homem da sua classe que a convidasse para a cama. Um estranho código de ética, não acha?

– Muito! – concordou Victoria, veemente.

O comandante Farrell sorriu, e então disse:

– Qualquer ternura que o Jason sentisse por ela quando casaram depressa foi destruída pela vida em comum. Mas ela deu-lhe um filho, e só por isso ele mantinha-a vestida à última moda e ignorava os seus *affaires*. Para ser franco, penso que não queria saber o que ela fazia.

Victoria, que não sabia que Jason tinha um filho, sentou-se muito direita, a olhar, aturdida e chocada, para Farrell, que continuou:

– O Jason adorava aquele filho. Levava-o consigo para quase todo o lado. Até concordou em regressar a Inglaterra e gastar o seu dinheiro a restaurar as degradadas propriedades do Charles Fielding, para que o Jamie pudesse herdar um reino. E no fim, foi tudo para nada. A Melissa tentou fugir com o seu último amante, e levou o Jamie consigo, com a intenção de o devolver ao Jason a troco de dinheiro. O navio em que viajavam afundou-se numa tempestade.

A mão do comandante Farrell cerrou-se com força à volta do copo e os músculos do pescoço contraíram-se violentamente.

– Fui o primeiro a descobrir que a Melissa tinha levado o Jamie. Fui eu que tive de dizer ao Jason que o filho estava morto. Chorei – disse numa voz rouca. – Mas o Jason não. Nem sequer então. Não sabe chorar.

– Comandante Farrell – disse Victoria, com a voz estrangulada –, gostaria de ir para casa agora. Está a fazer-se tarde e o Jason pode estar preocupado comigo.

A dor desapareceu do rosto de Farrell e um grande sorriso espalhou-se-lhe pelas feições enrugadas.

– Uma excelente ideia – concordou. – Mas antes de ir, quero dizer-lhe mais uma coisa.

– O que é?

– Não deixe o Jason convencê-la ou convencer-se a si mesmo de que tudo o que quer de si é um

filho. Conheço-o melhor do que ninguém, e vi a maneira como ele olhava para si ontem à noite. Já está mais do que meio apaixonado por si, embora duvide que queira estar.

– Não posso censurá-lo por não querer amar uma mulher, seja ela quem for – disse Victoria tristemente. – Não consigo imaginar como sobreviveu a tudo o que lhe aconteceu sem enlouquecer.

– É forte – respondeu o comandante Farrell. – O Jason é o ser humano mais forte que alguma vez conheci. E o melhor. Deixe-se amá-lo, Victoria. Eu sei que quer. E ensine-o a amá-la a si. Ele tem muito amor para dar, mas primeiro vai ter de aprender a confiar em si. A partir do momento em que isso acontecer, porá o mundo aos seus pés.

Victoria pôs-se de pé, mas os seus olhos estavam enevoados pela excitação.

– O que é que lhe dá tanto a certeza de que tudo isto vai resultar da maneira que pensa?

O irlandês respondeu com uma voz suave e uma expressão distante nos olhos.

– Porque conheci outra rapariga igual a si, há muitos anos. Tinha o seu calor e a sua coragem. Ensinou-me o que é confiar, amar e ser amado. Não tenho medo de morrer porque sei que ela está lá, à minha espera. A maior parte dos homens ama com facilidade e muitas vezes, mas o Jason é mais parecido comigo. Amá-la-á só uma vez... mas será para sempre.

CAPÍTULO 24

Enquanto Victoria vestia as roupas ainda húmidas, o comandante Farrell foi ao pequeno celeiro buscar a carruagem. Ajudou-a a subir, e então montou o seu próprio cavalo. Cavalgou ao lado dela em direção a Wakefield, sob o triste e persistente chuvisco em que o dilúvio se transformara, na escuridão crescente de um crepúsculo prematuro.

– Não há qualquer razão para me acompanhar até casa – disse Victoria. – Sei o caminho.

– Há todas as razões – avisou Farrell. – As estradas não são seguras para uma senhora sozinha depois do escurecer. Ainda a semana passada um coche foi assaltado em plena estrada, do outro lado da aldeia. Os ocupantes foram roubados e um deles foi ferido a tiro. E quinze dias antes disso, uma das raparigas mais velhas do orfanato afastou-se demasiado à noite e foi encontrada morta no rio. Era uma pobre de espírito, de modo que é impossível saber se houve crime ou apenas acidente, mas não posso deixá-la correr o risco.

Victoria ouvia-o, mas a sua mente estava com Jason. Tinha o coração cheio de ternura pelo homem que a acolheu quando chegou a Inglaterra, lhe deu coisas bonitas, a fez rir quando estava triste e acabou por casar com ela. Sim, era muitas vezes distante e inacessível, mas quanto mais pensava no assunto, mais se convenciu de que o comandante Farrell tinha razão: Jason devia gostar dela, ou nunca teria arriscado um segundo casamento.

Recordou a paixão faminta dos beijos dele antes de estarem casados e ficou ainda mais convencida. Não obstante os tormentos que sofreu quando criança em nome da «religião», aceitou casar numa igreja, porque ela lho pediu.

– Penso que é melhor não ir mais longe – disse Victoria quando se aproximavam dos portões de ferro de Wakefield.

– Porquê?

– Porque se o Jason souber que passei a tarde consigo, suspeitará de que me falou dele logo que o meu comportamento começar a ser diferente.

O comandante Farrell arqueou as sobrancelhas.

– E o seu comportamento *vai* começar a ser diferente?

Victoria assentiu, no escuro.

– Acho que sim – disse, quase num murmúrio. – Vou tentar domar a pantera.

– Nesse caso, tem razão. É melhor não dizer ao Jason que esteve comigo. Há duas casas abandonadas antes de chegar à minha. Suponho que pode dizer que se abrigou numa delas... mas aviso-a, o Jason detesta mentiras. Não se deixe apanhar.

– Também eu detesto mentiras – respondeu Victoria, com um ligeiro estremecimento. – E detestaria ainda mais ser apanhada a mentir pelo Jason.

– Receio que ele esteja preocupado e zangado se já voltou e descobriu que saiu sozinha, com este tempo.

Jason já tinha voltado, e estava preocupado. Etambém estava furioso. Victoria ouviu-lhe a voz alterada na parte da frente da casa mal entrou pelas traseiras, depois de ter prendido *Wolf*. Com uma mistura de medo e desejo de o ver, meteu pelo corredor em direção ao escritório. Jason andava para trás e para a frente, de costas para ela, dirigindo-se a um grupo de seis aterrorizados criados. Tinha a camisa branca encharcada, colada aos ombros largos e às costas, e as botas de montar castanhas cobertas de lama.

– Diga-me outra vez o que foi que Lady Fielding disse – ordenou à chorosa Ruth. – E pare com o raio dessa choradeira! Comece pelo princípio e diga-me *exatamente* o que ela disse.

A criada torcia as mãos.

– Disse para mandar atrelar o cavalo mais manso que houvesse nas cavaliças à carruagem mais pequena, porque não era... não sabia muito bem conduzir carruagens. Depois disse-me para mandar Mrs. Craddock... a cozinheira... preparar cestas com a comida que sobrou da festa de ontem à noite e que pusesse as cestas na carruagem. Eu a-avisei-a de que ia chover, mas Lady Victoria respondeu que não seria nas próximas horas. Perguntou-me se tinha a certeza absoluta de que vossa senhoria tinha saído de casa, e eu respondi que sim. E depois saiu.

– E vocês deixaram-na sair? – explodiu Jason, lançando um olhar de desprezo aos seis criados. – Deixaram uma mulher demasiado emocional, completamente incapaz de conduzir uma carruagem, sair de casa no meio de uma tempestade com comida suficiente para um mês, e ninguém teve cabeça suficiente para a impedir! – Os seus olhos fulminaram o chefe dos cavaleiros. – Ouviu-a dizer ao cão que estavam «finalmente livres» e não achou estranho?

Sem esperar por uma resposta, voltou a fúria do seu olhar para Northrup, que se mantinha ereto como um homem orgulhoso diante de um pelotão de fuzilamento, preparado para sofrer uma sorte terrível e injusta.

– Diga-me outra vez, *exatamente*, o que foi que ela disse – bradou.

– Perguntei a Lady Victoria o que devia dizer quando vossa senhoria voltasse – respondeu Northrup, rígido. – E Lady Victoria respondeu: «Diga-lhe que eu disse adeus.»

– E isso não lhe pareceu um pouco estranho? – cuspiu Jason. – Uma recém-casada sai de casa e manda dizer ao marido que disse adeus?

Northrup corou até à raiz dos cabelos brancos.

– Considerando outras coisas, senhor, não me pareceu «estranho».

Jason deteve o seu passeio furioso e olhou para o mordomo.

– Considerando que «outras coisas»?

– Considerando o que vossa senhoria me disse quando saiu de casa uma hora antes de Lady Victoria sair, presumi naturalmente que houvera um desacordo entre os dois e que Lady Victoria estava perturbada.

– Considerando o que *eu* disse quando saí? – repetiu Jason, num tom assassino. – Que diabo foi que *eu* disse?

Os lábios de Northrup estremeceram de ressentimento.

– Quando vossa senhoria saiu de casa esta manhã, eu desejei-lhe um bom dia.

– E? – rosnou Jason.

– E vossa senhoria respondeu que já tinha feito *outros planos*. Naturalmente, presumi que não tencionava ter um bom dia, e por isso, quando Lady Victoria desceu, presumi que tinha havido um desacordo.

– É uma pena não ter «presumido» que ela ia deixar-me e ter tentado impedi-la.

O remorso doeu no peito de Victoria. Jason pensava que ela o tinha deixado, e para que um homem orgulhoso como ele admitisse semelhante coisa diante dos criados, tinha de estar fora de si. Nunca lhe passou pela cabeça que ele pudesse chegar àquela conclusão, mas agora que sabia a história de Melissa, compreendia a razão que o levou a fazê-lo. Determinada a salvar-lhe o orgulho, forçou um sorriso radioso e conciliador e atravessou o espesso tapete *Aubusson* até chegar junto dele.

– Nunca o Northrup seria suficientemente tolo para pensar que eu ia deixá-lo, senhor – disse, enquanto enfiava a mão por baixo do braço de Jason.

Jason voltou-se tão violentamente que quase a fez cair. Victoria recuperou o equilíbrio e disse, numa voz suave:

– Posso ser «demasiado emocional», mas espero não ser completamente pateta.

Os olhos de Jason brilharam de alívio... logo substituído pela fúria.

– Onde diabo estiveste? – sibilou.

Victoria teve pena dos constrangidos criados e respondeu, contrita:

– Tem todo o direito de ralhar comigo, e estou a ver que tenciona fazê-lo, mas espero que não o faça em frente dos criados.

Jason cerrou os dentes com tanta força que lhe tremeu um nervo da face. Engoliu a ira que o dominava, e mandou os criados embora com um gesto seco de cabeça. No silêncio carregado de tensão que se seguiu, os seis saíram apressadamente, e o último fechou a porta. No mesmo instante, a fúria de Jason explodiu.

– Sua idiota! – rosnou por entre os dentes cerrados. – Virei os arredores de pernas para o ar à tua procura.

Victoria olhou para o belo e duro rosto que parecia ter sido talhado a cinzel, para a boca severa e sensual e para o queixo determinado, mas o que viu foi um rapazinho sujo, andrajoso e impotente a ser chicoteado por ser «maléfico». Um nó de pungente ternura formou-se-lhe na garganta e, sem pensar, ergueu a mão e pousou-a na face dele.

– Peço desculpa – murmurou.

Jason fugiu ao contacto dos dedos dela, com as sobrancelhas a juntarem-se por cima dos duros olhos verdes.

– Pedes desculpa? – repetiu, com cáustica troça. – Desculpa porquê? Pelos homens que continuam lá fora a tentar encontrar-te? – Voltou-lhe as costas, como se não pudesse tolerar a sua proximidade, e foi até à janela. – Pelo cavalo que quase rebentei à tua procura...

– Peço desculpa por tê-lo levado a pensar que o tinha deixado – interrompeu-o Victoria, com uma voz trémula. – Nunca faria uma coisa dessas.

Ele voltou-se e lançou-lhe um olhar carregado de ironia.

– Considerando que ontem tentaste abandonar-me diante do altar, e que esta manhã pediste o divórcio, acho essa tua última afirmação um tudo-nada surpreendente. A que devo atribuir a súbita fidelidade desta tarde?

A despeito da atitude sarcástica e indiferente, Victoria detetou a tensão na voz dele quando se referiu ao facto de ela ter tentado deixá-lo diante do altar, e o coração afundou-se-lhe no peito. Era evidente que aquilo o tinha perturbado muito.

– Senhor... – começou, em voz baixa.

– Oh, pelo amor de Deus! – gritou ele. – Para de me chamar senhor e não me bajules. Detesto

bajuladores!

– Não estava a bajulá-lo! – disse Victoria, e imaginou-o a ajoelhar sob um chicote negro. Teve de engolir as lágrimas que se lhe acumulavam na garganta antes de continuar. – O que ia dizer era que só tentei levar a comida que sobrou ao orfanato. Lamento que tenha ficado preocupado e não voltarei a fazê-lo.

Jason olhou para ela, com a fúria a esvair-se.

– És livre de fazeres o que quiseses – disse, num tom cansado. – Este casamento foi o maior erro da minha vida.

Victoria hesitou, sabendo que nada que pudesse dizer ou fazer o faria mudar de ideias no estado de espírito em que estava, e finalmente pediu licença e disse que ia mudar de roupa. Jason não jantou com ela, e Victoria foi para a cama a pensar que ele iria de certeza juntar-se-lhe lá... quanto mais não fosse, para a obrigar a cumprir a sua parte do acordo.

Mas Jason não a procurou naquela noite, nem nas três que se seguiram. Na realidade, fez todos os possíveis por evitá-la completamente. Passava o dia a trabalhar no escritório, a ditar cartas ao seu secretário, Mr. Benjamin, e a reunir com homens que vinham de Londres para falar com ele a respeito de investimentos e transportes marítimos e todo o género de incompreensíveis negócios e transações. Se acaso se encontrava com ela às refeições, ou se os dois se cruzavam nos corredores, cumprimentava-a com delicadeza mas sem familiaridade, como se ela fosse uma desconhecida.

Quando acabava de trabalhar, subia ao quarto, mudava de roupa e saía para Londres.

Uma vez que Caroline estava no Sul de Inglaterra a visitar um dos irmãos, cuja mulher iria em breve dar à luz, Victoria passava a maior parte do seu tempo no orfanato, a organizar jogos com as crianças, e a visitar os aldeãos, para que continuassem a sentir-se à vontade na sua companhia. Mas por muito ocupada que estivesse, continuava a ter saudades de Jason. Em Londres, tinham passado muito tempo juntos. Ele acompanhava-a a quase todo o lado, a bailes e a festas e ao teatro, e embora não ficasse a seu lado, sabia que estava presente – vigilante, protetor. Tinha saudades dos seus comentários provocadores. Até tinha saudades do seu sobrolho franzido. Nas semanas que se tinham seguido à chegada da carta da mãe de Andrew, Jason tornara-se seu amigo, e um amigo muito especial.

Agora era um desconhecido bem-educado, que talvez precisasse dela mas que estava deliberada e eficazmente a mantê-la à distância. Sabia que já não estava zangado; limitava-se a mantê-la fora do seu coração e do seu espírito, como se ela não existisse.

Na quarta noite, Jason saiu mais uma vez para Londres e Victoria ficou acordada, a olhar para o dossel de seda cor-de-rosa por cima da sua cabeça, desejando estupidamente voltar a dançar com ele, como tinha feito tantas vezes. Jason era um dançarino maravilhoso; movia-se com uma graça tão natural...

Perguntou-se o que faria ele durante aquelas longas noites em Londres, antes de voltar para casa. Decidiu que provavelmente passava o tempo a jogar num dos clubes reservados a homens a que pertencia.

Na quinta noite, Jason não se deu ao incómodo de voltar sequer a casa. Na manhã seguinte, ao pequeno-almoço, Victoria deu uma vista de olhos à coluna de mexericos do *Gazette*, onde se dava conta do que acontecia na alta sociedade, e descobriu o que o marido estivera a fazer em Londres. Não estivera a jogar nem a reunir-se com outros homens de negócios. Estivera no baile oferecido por Lord Muirfield, a dançar com a bonita e voluptuosa esposa do velho cavalheiro. Era também referido

que, na noite anterior, Lord Fielding fora ao teatro e tinha sido visto na companhia de uma bailarina da ópera, uma jovem morena cujo nome não era mencionado. Victoria sabia três coisas a respeito da amante de Jason: que se chamava Sybil, que era bailarina da ópera e que era morena.

O ciúme nasceu-lhe no peito – um ciúme avassalador, frustrado, doentio. Apanhou-a completamente desprevenida, porque nunca antes conhecera aquela amarga agonia.

Jason escolheu aquele preciso e inoportuno momento para entrar na sala de jantar vestindo as mesmas roupas com que saíra para Londres na noite anterior. Com a diferença de que trazia a elegante casaca negra negligentemente suspensa do ombro esquerdo, o lenço de pescoço desatado e pendente e a camisa branca aberta no pescoço. Era mais do que evidente que não passara a noite na sua casa em Londres, onde mantinha um guarda-roupa completo.

Fez-lhe um distraído aceno de cabeça enquanto se dirigia ao aparador para se servir de uma chávena de café a esquentar.

Victoria levantou-se lentamente da cadeira, a tremer de ofendida fúria.

– Jason – disse, numa voz fria e seca.

Ele olhou por cima do ombro, viu a expressão pétrea dela e voltou-se.

– Sim? – disse, levando a chávena aos lábios e olhando-a por cima da beira.

– Lembra-se de como se sentia quando a sua primeira mulher estava em Londres envolvida em todo o género de atividades duvidosas?

A chávena de café desceu dois centímetros, mas a expressão dele manteve-se impassível.

– Perfeitamente – disse.

Espantada e um pouco impressionada com a sua própria coragem, Victoria lançou um olhar carregado de intenção ao jornal e ergueu o queixo.

– Nesse caso, espero que não volte a fazer-me sentir assim.

Jason olhou para o jornal e de novo para ela.

– Se bem me lembro, não me interessava particularmente pelo que ela fazia.

– Mas eu interessei-me! – explodiu Victoria, incapaz de conter-se. – Compreendo que os maridos atenciosos têm... têm as suas amantes, mas espera-se que sejam discretos. Você, os Ingleses, têm regras para tudo, e a discrição é uma delas. Quando ostenta as suas... amigas, é humilhante e magoa-me.

E saiu da sala, sentindo-se como um sapato indesejado e posto de lado.

Parecia uma bela e jovem rainha, com os longos cabelos a balouçar em ondas e caracóis de ouro derretido sobre as costas, o corpo a mover-se com uma graça inconsciente. Jason observou-a em silêncio, com a chávena de café esquecida na mão. Sentiu o familiar desejo escaldante subir-lhe no baixo-ventre, a vontade que sentia havia meses de a tomar nos braços e perder-se nela. Mas não saiu de onde estava. Fosse o que fosse que ela sentisse por ele, não era amor, e nem sequer desejo. Achava que era «atencioso» da parte dele manter uma amante escondida algures para poder satisfazer com ela a sua repelente luxúria, percebeu, amargamente. Mas o seu orgulho revoltava-se perante a ideia de ele ser visto em público com essa mesma mulher.

Era orgulho ferido, nada mais. No entanto, ao recordar o violentíssimo golpe que o orgulho dela já tinha sofrido às mãos do «adorado» Andrew, descobriu que não tinha coragem para magoá-la mais. Orgulho era uma coisa que compreendia; lembrou-se de como ficara destroçado e furioso quando descobrira a perfídia de Melissa.

Passou pelo escritório para ir buscar uns documentos e subiu a escada, a lê-los, com a casaca

suspensa do ombro.

– Bom dia, senhor – disse o criado de quarto, lançando um olhar de reprovação à maltratada casaca pendurada do polegar do amo.

– Bom dia Franklin – respondeu Jason, entregando-lhe a casaca sem tirar os olhos do papel que estava a ler.

Franklin preparou a tigela, a navalha e o pincel de barbear e levou a casaca para o guarda-fatos, onde começou a escová-la.

– A roupa para esta noite vai ser formal ou informal, senhor? – perguntou, delicadamente.

Jason passou para a segunda página do documento.

– Informal – respondeu, distraído. – Lady Fielding acha que tenho passado demasiado tempo fora de casa.

Entrou na casa de banho de mármore contígua ao quarto sem reparar no sorriso de satisfação que se espalhou pelo rosto do criado. Franklin esperou até vê-lo desaparecer na casa de banho, pôs a casaca de lado e desceu a correr para partilhar a boa notícia com Northrup.

Até Lady Victoria ter irrompido naquela casa, meses antes, e revolucionado o ordeiro e disciplinado tédio da vida de todos eles, Mr. Franklin e Mr. Northrup tinham-se mantido ciosamente entrincheirados nas respetivas posições de confiança. Na realidade, tinham-se evitado com escrupuloso cuidado durante quatro longos anos. Agora, no entanto, os dois antigos adversários eram aliados na preocupação e no interesse mútuo pelo bem-estar do senhor e da senhora da casa.

Mr. Northrup estava no vestíbulo, perto do salão, a puxar o lustro a uma mesa. Olhando em redor para se certificar de que não havia por perto criados de condição inferior que pudessem ouvi-lo, Mr. Franklin aproximou-se, desejoso de dar conta deste último desenvolvimento no tumultuoso romance de sua senhoria – ou, para ser mais exato, a *falta* de romance – e de ouvir, em troca, quaisquer novidades que Mr. Northrup pudesse desejar confidenciar-lhe. Inclinou-se para o mordomo, ignorante da presença de O'Malley, que, no salão, encostava o ouvido à parede para escutar a conversa.

– Sua senhoria tenciona jantar em casa, Mr. Northrup – informou o criado de quarto num murmúrio conspirativo. – Julgo que é um bom sinal. Um excelente sinal, sem dúvida.

Northrup endireitou-se, sem parecer impressionado.

– Um acontecimento invulgar, considerando a ausência de sua senhoria nas últimas cinco noites, mas não me parece particularmente encorajador.

– Não está a compreender... Sua senhoria disse especificamente que ia ficar em casa porque Lady Victoria desejava que o fizesse!

– Isso sim, *é* encorajador, Mr. Franklin! – Northrup inclinou-se para ele, olhando em redor para se certificar de que mais ninguém o ouvia, e disse: – Julgo que a razão para o pedido de Lady Victoria terá alguma coisa a ver com um determinado artigo que leu no *Gazette* esta manhã e que a levou a pensar que sua senhoria talvez ande a dar-se com uma certa senhora de uma certa classe... uma bailarina da ópera, ao que creio.

O'Malley descolou o ouvido da parede, dirigiu-se com passos apressados à porta lateral do salão e correu pelo corredor das traseiras normalmente usado pelos criados para levar da cozinha ao salão o que fosse necessário.

– Ela fê-lo! – anunciou, triunfante, ao pessoal da cozinha ao entrar de rompante.

Mrs. Craddock endireitou-se, interrompeu a tarefa de amassar massa de tarte, e estava tão desejosa

de ouvir o que ele tinha para dizer que ignorou o facto de O'Malley ter deitado a mão a uma maçã.

– Fez o quê?

O'Malley encostou-se à parede e deu uma dentada na succulenta maçã, gesticulando com a parte restante para dar ênfase ao seu discurso.

– Deu uma boa descompustura a sua senhoria, foi o que fez! Fiquei a saber pelo Franklin e pelo Northrup. Lady Victoria soube pelo jornal que sua senhoria tinha estado com Miss Sybil e disse a sua senhoria que ficasse em casa, onde é o seu lugar. E ele vai ficar. Eu bem lhes disse que aquela garota era capaz de lidar com sua senhoria. Soube-o logo que ela me disse que era irlandesa! Mas é uma verdadeira senhora, também – acrescentou lealmente. – Toda gentil e sorridente.

– Tem sido uma senhora bem triste nestes últimos dias, pobrezinha – disse Mrs. Craddock, ainda um pouco preocupada. – Mal come quando ele não está em casa, e eu tenho feito todas as coisas de que mais gosta. E agradece-me sempre com toda a delicadeza. Dá vontade de chorar. Não consigo perceber porque é que ele não está na cama dela, à noite, onde é o seu lugar.

O'Malley abanou sombriamente a cabeça.

– Já lá não vai desde a noite de núpcias. A Ruth diz que tem a certeza disso. E Lady Victoria também não está a dormir no quarto dele, porque as criadas de cima andam de olho na cama, e só tem havido uma almofada marcada.

Acabou de comer a maçã num silêncio pesado e estendeu a mão para outra, mas desta vez Mrs. Craddock sacudiu-a com o pano que segurava.

– Para de roubar as minhas maçãs, Daniel, são para a tarte que vou fazer para a sobremesa. – E então um súbito sorriso iluminou-lhe as feições bondosas. – Pensando melhor, podes comer as maçãs. Decidi fazer outra coisa esta noite. Algo mais festivo do que uma tarte.

A mais jovem das criadas de copa, uma rapariga com cerca de dezasseis anos e seios fartos, atreveu-se a intervir na conversa:

– Uma das criadas da lavandaria falou-me de um certo pó que se pode deitar no vinho de um homem e lhe dá a vontade de ter uma mulher, se é esse o problema. Todas as criadas da lavandaria acham que talvez sua senhoria esteja a precisar de uma pitada do tal pó... só para dar uma ajudinha.

As criadas da cozinha concordaram num murmúrio, mas O'Malley exclamou, depreciativo:

– Meu Deus, rapariga! Onde foste tu buscar essa ideia? Sua senhoria não precisa de pós para coisa nenhuma, e podes dizer às da lavandaria que fui eu que o disse! O John, um dos cocheiros, ficou com o nariz a pingar durante o ano inteiro por causa de uma constipação permanente que apanhou o inverno passado por passar quase todas as noites empoleirado na boleia, à chuva e ao frio, à espera que sua senhoria deixasse a cama de Miss Hawthorne. Miss Hawthorne – informou –, foi o encosto dele antes de Miss Sybil.

– E ele esteve com Miss Sybil a noite passada? – perguntou Mrs. Craddock, enquanto pesava a farinha para a sua sobremesa «festiva». – Ou foi só conversa de jornal?

A expressão alegre de O'Malley ensombreceu.

– Esteve lá, sim. Soube por um dos cavaleiros. Claro que não sabemos de certeza se aconteceu alguma coisa enquanto lá esteve. Talvez estivesse só a despedir-se.

Mrs. Craddock dirigiu-lhe um débil e muito pouco convencido sorriso.

– Bem, pelo menos fica em casa a jantar com a mulher esta noite. É um bom começo.

O'Malley acenou em concordância e saiu para ir partilhar as últimas notícias com o cavaleiro que o informara do paradeiro exato do amo na noite anterior.

Foi esta a razão pela qual, das cento e quarenta pessoas que viviam em Wakefield Park, só Victoria ficou surpreendida quando, nessa noite, Jason entrou no salão de jantar para jantar com ela.

– Fica em casa esta noite? – exclamou admirada e aliviada quando ele ocupou o seu lugar à cabeceira da mesa.

Jason lançou-lhe um olhar avaliador.

– Fiquei com a nítida impressão de que era isso que querias que fizesse.

– Bem, é verdade – admitiu Victoria, interrogando-se se estaria no seu melhor com o vestido verde-esmeralda que escolhera e a desejar que ele não estivesse tão longe dela, no extremo oposto da mesa comprida. – Só que não estava verdadeiramente à espera que ficasse. Quero dizer... – Interrompeu-se quando O'Malley se voltou do aparador transportando uma bandeja com dois refulgentes copos de cristal cheios de vinho. Era quase impossível manter uma conversa com Jason tão distante, tanto física como emocionalmente.

Suspirou enquanto O'Malley se aproximava dela, com um estranho brilho de determinação nos olhos.

– O seu vinho, senhora – disse o lacaio, tirando um dos copos da bandeja com um floreado tão exagerado que inevitavelmente entornou uma parte do líquido na toalha de linho à frente do lugar dela.

– O'Malley! – repreendeu Northrup do seu posto junto ao aparador, de onde costumava supervisionar o serviço das refeições.

O'Malley lançou-lhe um olhar de angelical inocência e, com espalhafato, puxou para trás a cadeira de Lady Victoria, ajudou-a a pôr-se de pé e guiou-a até ao extremo da mesa ocupado por Jason.

– Peço perdão, senhora – disse, irradiando ansiedade e arrependimento enquanto puxava a cadeira à direita do amo. – Já lhe trago outro copo de vinho, e depois limpo aquela ponta da mesa. O vinho entornado cheira sempre muito mal. Quanto mais longe ficar melhor. Não consigo perceber como foi que entornei o vinho daquela maneira – continuou, pegando num guardanapo de linho e pousando-lho no regaço. – Tenho andado com dores no braço, deve ter sido por causa disso. Nada de grave... só um velho osso que parti aqui há uns anos.

Victoria endireitou as saias e olhou para ele com um sorriso de compaixão.

– Lamento que lhe doa o braço, Mr. O'Malley.

O'Malley voltou-se então para Jason, com a intenção de continuar a apresentar falsas desculpas, mas a boca secou-se-lhe quando encontrou o seu olhar duro e implacável e o viu passar o dedo pela face, como que a testar-lhe o gume.

Enfiou o indicador entre o colarinho e o pescoço, tossiu para aclarar a garganta e disse apressadamente a Victoria.

– Vou buscar outro copo de vinho para a senhora.

– Lady Victoria não bebe vinho ao jantar – disse, Jason, fazendo-o deter-se. Mas então olhou para ela e perguntou: – Ou mudaste de hábitos entretanto, Victoria?

Victoria abanou a cabeça, intrigada pela muda comunicação que parecia ter-se estabelecido entre Jason e o pobre O'Malley.

– Mas acho que esta noite me apetece um pouco – disse, a tentar apaziguar uma situação que não compreendia.

Os criados retiraram-se, deixando-os sozinhos no opressivo esplendor da sala de jantar com trinta metros de comprimento. Um silêncio pesado pairou durante toda a refeição, pontuado apenas pelo

ocasional tilintar de um talher de ouro num prato de porcelana de Limoges – um silêncio ainda mais horrível para Victoria, pois ela sabia que se Jason tivesse optado por ir para Londres em vez de ter ficado com ela, naquele momento estaria rodeado de uma alegria estonteante.

Quando os pratos foram levantados e a sobremesa servida, a infelicidade dela tinha-se transformado em desespero. Tentara por duas vezes furar a impenetrável barreira que se erguera entre os dois comentando temas tão inócuos como o tempo ou a excelência da refeição de dez pratos. As respostas de Jason a estas tentativas tinham sido delicadas mas desencorajadoramente breves.

Victoria brincava com a colher, consciente de que tinha de fazer qualquer coisa, e depressa, porque o abismo que se cavara entre eles ia-se tornando mais fundo a cada momento, a cada dia, até que em breve não haveria maneira de o transpor.

A sua terrível ansiedade foi por momentos esquecida quando O'Malley entrou com a sobremesa e, com um mal disfarçado sorriso, pousou diante dos dois um pequeno e bonito bolo decorado com duas coloridas bandeiras entrelaçadas: uma era a britânica, a outra ostentava as faixas e as estrelas dos Estados Unidos.

Jason olhou para o bolo e ergueu o olhar sardónico para o intrometido lacaio.

– Devo deduzir que Mrs. Craddock sentiu hoje despertar em si a veia patriótica? – O'Malley perdeu o sorriso e o seu rosto adquiriu uma expressão receosa enquanto o amo o olhava com frio desagrado. – Ou isto é para me recordar, simbolicamente, que estou casado?

O lacaio empalideceu.

– Nunca, senhor.

Esperou, trespassado pelo olhar de Jason, até que, por fim, o amo o dispensou com um seco gesto de cabeça.

– Se a intenção era representar o nosso casamento – disse Victoria, com involuntário humor –, Mrs. Craddock devia ter enfeitado o bolo com duas espadas cruzadas, em vez de duas bandeiras.

– Tens razão – concordou Jason, num tom calmo, e, ignorando o bolo, estendeu a mão para o copo de vinho.

Parecia tão irritantemente desinteressado do terrível estado a que chegara o seu casamento que Victoria entrou em pânico e mergulhou de cabeça no tema que estivera a tentar abordar toda a noite.

– Não quero ter razão! – Ergueu o olhar para o imperscrutável rosto do marido. – Jason, por favor... quero que as coisas sejam diferentes entre nós.

Jason que pareceu moderadamente surpreendido, recostou-se na cadeira e estudou-a, impassível.

– Que espécie de arranjo tens, ao certo, em mente?

Os modos dele eram tão desinteressados e desligados que o nervoso de Victoria duplicou.

– Bem, gostava que fôssemos amigos, para começar. Costumávamos rir juntos, e falar das coisas.

– Fala – convidou ele.

– Há alguma coisa em especial de que gostasse de falar? – perguntou ela, ansiosa.

Jason contemplou a inebriante beleza do rosto dela. *Quero falar da razão por que tens necessidade de beber até ficares aturdida antes de enfrentares a ideia de ir para a cama comigo. Quero saber porque é que o meu toque te causa náuseas*, pensou. Mas o que disse foi:

– Nada em especial.

– Muito bem, nesse caso começo eu. – Victoria hesitou, e então disse: – Gosta do meu vestido? É um dos que mandou Madame Dumosse fazer para mim.

O olhar de Jason baixou para a pele leitosa convidativamente exposta acima do pronunciado

decote do vestido verde. Ela ficava deslumbrante de verde, pensou, mas deveria ter esmeraldas para usar à volta do grácil pescoço, para complementar o vestido. Se as coisas fossem diferentes, mandaria sair os criados e puxá-la-ia para o colo, desabotoaria as costas do vestido, expondo os magníficos seios aos seus lábios e às suas mãos. Beijá-los-ia, e depois levá-la-ia ao colo para o quarto e fariam amor até estarem os dois demasiado cansados para se mexerem.

– O vestido é bonito. Precisa de esmeraldas – disse.

Victoria, embaraçada, levou a mão ao pescoço nu. Não tinha esmeraldas.

– Acho que também está muito bem – disse, admirando a maneira como a rica e elegante casaca azul-escura lhe moldava os esplêndidos ombros. O rosto dele era tão bronzeado, os cabelos tão negros, que a camisa e o lenço de pescoço brancos se destacavam num ofuscante contraste. – É muito atraente – disse, pensativa.

O lampejo de um sorriso espantado perpassou pelos lábios de Jason.

– Obrigado – disse, visivelmente apanhado de surpresa.

– Não tem de quê – respondeu Victoria e, por pensar que ele parecia agradado com o elogio, encarou aquilo como um tema aceitável de conversa. – A primeira vez que o vi achei-o assustador, sabia? Claro que era quase noite e eu estava nervosa, mas... bem, é tão grande que me assustou.

Jason quase se engasgou com o vinho.

– De que é que estás a falar?

– Do nosso primeiro encontro – esclareceu Victoria, inocentemente. – Lembra-se... eu estava lá fora à luz do sol, a segurar o leitão, que dei ao agricultor, e então arrastou-me para dentro de casa e era muito escuro comparado com o exterior...

Jason pôs-se abruptamente de pé.

– Peço desculpa por te ter tratado com tanta indelicadeza. Agora, se não te importas, acho que vou passar o resto da noite a trabalhar um pouco.

– Não – disse Victoria, apressada, pondo-se também de pé –, por favor, não vá trabalhar. Façamos outra coisa... qualquer coisa que possamos fazer juntos. Qualquer coisa de que goste.

O coração de Jason martelou-lhe as costelas. Olhou para as faces ruborizadas dela e viu o convite nos suplicantes olhos azuis. A esperança e a incredulidade colidiram no seu peito e explodiram enquanto ele pousava a mão na face corada dela e a fazia deslizar devagar para trás, alisando-lhe o cabelo pesado e sedoso.

Victoria tremeu de prazer porque ele estava finalmente a tratá-la com ternura. Devia ter tentado aquilo dias antes, em vez de sofrer em silêncio.

– Podemos jogar xadrez, se quiser – disse, feliz. – Não sou grande jogadora, mas se tiver cartas...

Jason retirou a mão e o seu rosto tornou-se uma máscara fechada.

– Desculpa, Victoria, mas tenho trabalho para fazer.

Passou por ela e desapareceu no escritório, onde permaneceu até ao fim da noite.

Victoria, confusa e desapontada, passou o resto da noite a tentar ler. Quando se foi deitar, estava absolutamente decidida, custasse o que custasse, a mudar aquele estado de coisas, e a não permitir que voltassem a cair no antigo padrão de agirem como dois desconhecidos bem-educados. Recordou a maneira como ele a olhara antes de ela ter sugerido que jogassem xadrez. Era a mesma maneira como costumava olhá-la antes de a beijar. O seu corpo reconheceu-a no mesmo instante, e ficara quente e trémulo como inexplicavelmente ficava sempre que ele lhe tocava. Talvez ele quisesse beijá-la, em vez de jogar xadrez. Santo Deus, talvez quisesse voltar a fazer-lhe aquela coisa

horrível...

O pensamento fê-la estremecer, mas estava disposta até a isso se pudesse restabelecer a harmonia. O estômago revoltou-se-lhe perante a ideia de Jason a acariciar estando ela nua, examinar-lhe o corpo daquela maneira horrível, desligada, da noite do casamento. Talvez não tivesse sido tão terrível se ele tivesse sido gentil para com ela enquanto fazia aquilo... gentil como era quando a beijava.

Esperou no seu quarto até ouvir Jason movimentar-se no dele e vestiu um robe de cetim turquesa debruado com faixas largas de renda bege na bainha e mangas compridas. Abriu a porta de ligação, que tinha sido consertada – menos a fechadura – e entrou.

– Senh... Jason – disse.

Ele estava a despir a camisa, já com o peito quase completamente exposto, e ergueu a cabeça num gesto vivo.

– Gostaria de falar consigo – começou ela, num tom firme.

– Sai daqui, Victoria – respondeu ele, com gélida irritação.

– Mas...

– Não quero falar – continuou ele, sarcástico. – Não quero jogar xadrez. Não quero jogar cartas.

– Então o que *é* que quer?

– Quero-te daqui para fora. Fui suficientemente claro?

– Diria que claríssimo – respondeu ela, com inquebrantável dignidade. – Não voltarei a incomodá-lo.

Regressou ao seu próprio quarto e fechou a porta, mas continuava furiosamente determinada a tornar o seu casamento feliz e sólido. Não percebia o que esperava ele dela. Sobretudo, não o percebia a *ele*. Mas conhecia alguém que percebia. Jason tinha trinta anos, era muito mais velho e experiente do que ela, mas o comandante Farrell era mais velho do que Jason, e saberia aconselhá-la sobre o que fazer a seguir.

CAPÍTULO 25

Na manhã seguinte, Victoria dirigiu-se com passos decididos às cavalariças e esperou enquanto lhe selavam um cavalo. O seu novo traje de montar, preto, era muito elegante, com um casaco justo que lhe realçava os seios fartos e a cintura estreita. O tecido muito branco da saia contrastava com as cores do rosto de pómulos altos, e Ruth prendera-lhe o cabelo ruivo num cuidado rolo sobre a nuca. O penteado fazia-a sentir-se mais velha e sofisticada, o que lhe alentava a depauperada autoconfiança.

Esperou na cavalariça, a bater com o pingalim na perna, distraída; sorriu alegremente ao moço de estrebaria que lhe levou um garboso cavalo preto cuja pelagem lustrosa brilhava como cetim. Olhou com admiração para o magnífico animal.

– É muito bonito, John. Como se chama?

– *Matador* – respondeu o homem. – Veio de Espanha. Sua senhoria escolheu-o para a senhora montar até que o seu novo cavalo chegue, dentro de algumas semanas.

Jason tinha-lhe comprado um cavalo, apercebeu-se Victoria enquanto o moço de estrebaria a ajudava a subir para a sela. Não imaginava porque teria Jason sentido a necessidade de lhe comprar outro cavalo quando se dizia que as suas cavalariças albergavam os melhores de Inglaterra; mesmo assim, era um gesto generoso da parte dele, e também muito típico não se ter dado ao incómodo de falar do assunto.

Obrigou *Matador* a um passo tranquilo quando meteram pelo íngreme e sinuoso trilho que levava a casa do comandante Farrell, e suspirou de alívio quando o viu descer do pórtico para a ajudar a desmontar da sela de amazona.

– Obrigada – disse, quando pisou terra. – Vim na esperança de o encontrar em casa.

Mike Farrell sorriu-lhe.

– Tencionava ir hoje a Wakefield, para ver por mim mesmo como vão as coisas entre vocês os dois.

– Nesse caso – disse Victoria, com um sorriso triste–, ainda bem que lhe poupei o incómodo.

– Não houve melhoras? – perguntou ele, surpreendido, convidando-a a entrar. Encheu uma chaleira de água e pô-la ao lume.

Victoria sentou-se e abanou a cabeça.

– Se houve alguma mudança, foi para pior. Bem, não exatamente para pior. Pelo menos o Jason ficou em casa ontem à noite em vez de ir para Londres visitar a sua... hã... sabe o que quero dizer.

Não tinha planeado abordar um tema tão íntimo. Só queria falar do estado de espírito de Jason, não das relações mais pessoais entre os dois.

O comandante Farrell tirou duas chávenas do armário e olhou por cima do ombro, com uma expressão perplexa.

– Não, não sei. O que é que quer dizer?

Victoria lançou-lhe um olhar de extremo embaraço.

– Desembuche, criança. Eu confiei em si. Deve saber que pode confiar em mim. Com quem mais pode falar?

– Com ninguém – admitiu Victoria, muito infeliz.

– Se o que quer dizer é assim tão difícil, faça de conta que sou seu pai... ou o pai do Jason.

– Mas não é uma coisa nem outra. E não sei se seria capaz de dizer ao meu pai o que me está a pedir que lhe diga.

O comandante Farrell pousou as duas chávenas e voltou-se devagar, a olhar para ela do outro lado da cozinha.

– Sabe qual é a única coisa de que não gosto no mar? – Quando ela abanou a cabeça, continuou. – A solidão do meu camarote. Por vezes sabe-me bem. Mas quando estou preocupado com qualquer coisa, como uma tempestade que sinto preparar-se, não tenho ninguém com quem possa falar dos meus medos. Se deixasse os meus homens aperceberem-se de que tenho medo, entrariam em pânico. Por isso tenho de conservar tudo cá dentro, e o medo cresce desmesuradamente. Por vezes, durante uma viagem, tinha o pressentimento de que a minha mulher estava doente ou em perigo, e essa sensação atormentava-me porque não tinha quem me dissesse que estava a ser tolo. Se não pode falar com o Jason e não quer falar comigo, nunca encontrará as respostas que procura.

Victoria olhou para ele com afeto.

– É um dos homens mais bondosos que alguma vez conheci, comandante.

– Então porque é que não imagina que sou o seu pai e me fala como se fosse?

Victoria sabia que muitas pessoas, incluindo mulheres, tinham confidenciado todo o género de coisas ao Dr. Seaton com pouco embaraço e nenhuma vergonha. E se queria compreender Jason, ia ter de falar com o comandante Farrell.

– Muito bem – disse, e ficou aliviada quando ele lhe voltou as costas e fingiu estar atarefado a fazer o chá. Era mais fácil falar assim. – A verdade é que vim até cá para lhe perguntar se tinha a certeza de me ter contado tudo o que sabe a respeito do Jason. Mas para responder à sua pergunta, ontem à noite o Jason ficou em casa pela primeira vez desde a nossa última conversa. Tem ido todas as noites a Londres para estar com... hã... – Inspirou fundo e disse, numa voz firme: – Com a amante.

As costas do comandante Farrell ficaram rígidas, mas ele não se voltou.

– O que a leva a pensar uma coisa dessas? – perguntou, enquanto tirava o açucareiro do armário.

– Oh, tenho a certeza. Os jornais falaram disso ontem de manhã. O Jason tinha passado a noite toda fora, e quando chegou eu estava a tomar o pequeno-almoço e acabara de ler o jornal. Fiquei muito perturbada...

– Imagino.

– E quase perdi a cabeça, mas tentei ser razoável. Disse-lhe que sabia que os maridos atenciosos têm amantes, mas que achava que ele devia ser discreto, e...

O comandante Farrell rodou sobre os calcanhares e ficou a olhar para ela de boca aberta, com o açucareiro numa mão e a leiteira na outra.

– Disse-lhe que achava *atencioso* da parte dele ter uma amante mas que devia ser *discreto*?

– Sim. Não devia ter dito?

– O mais importante é saber *porque* foi que o disse. Ou porque foi que sequer o *pensou*.

Victoria detetou a nota de censura na voz dele e endireitou as costas.

– Miss Wilson... a Flossie Wilson explicou-me que em Inglaterra é costume os maridos atenciosos

terem uma...

– A Flossie Wilson? – explodiu ele, cheio de estupefacta incredulidade. – A Flossie Wilson? – repetiu, como se não pudesse acreditar no que ouvia. – A Flossie Wilson é uma velha solteirona, para além de ter um cérebro de galinha! Uma perfeita pateta! O Jason costumava tê-la em Wakefield para ajudar a tomar conta do Jamie e para que o rapaz tivesse a seu lado alguém que o amasse quando ele se ausentava. A Flossie amava-o, sem dúvida, mas era tão atarantada que um dia conseguiu perder a criança. Pediu a uma mulher como *ela* conselhos sobre a melhor maneira de conservar um marido?

– Não lhe *pedi*, foi ela que se ofereceu para me informar – respondeu Victoria, na defensiva, muito corada.

– Desculpe ter gritado consigo, minha filha – disse Farrell, esfregando a parte de trás do pescoço. – Na Irlanda, uma mulher bate com uma frigideira na cabeça do marido se descobre que ele anda com outra! É muito mais simples, mais direto e mais eficaz. Por favor, continue com o que estava a tentar contar-me. Confrontou o Jason...

– Prefiro não continuar – disse Victoria, cansada. – Acho que não devia ter vindo. Na realidade, foi uma péssima ideia. Só esperava que soubesse dizer-me porque foi que o Jason se tornou tão distante desde que casámos...

– O que é que quer dizer com «distante»? – perguntou Farrell, tenso.

– Não sei como explicar.

Farrell deitou chá em duas chávenas e pegou-lhes.

– Victoria – disse, de testa franzida, quando se voltou –, está a tentar dizer-me que ele não visita a sua cama com muita frequência?

Victoria corou violentamente e olhou para as mãos.

– Para ser exata, não voltou lá desde a nossa noite de núpcias, apesar de eu reçar muito que o fizesse, depois de ele ter arrombado a porta na manhã seguinte, quando eu a tranquei...

Sem uma palavra, o comandante Farrell voltou-se novamente para o aparador, pousou as chávenas de chá e deitou *whisky* em dois copos.

Aproximou-se dela e estendeu-lhe um.

– Beba isto – ordenou, perentório. – Vai tornar-lhe mais fácil falar, e eu tenciono ouvir o resto dessa história.

– Sabe uma coisa, antes de vir para Inglaterra nunca tinha provado qualquer espécie de bebida alcoólica, exceto um pouco de vinho quando os meus pais morreram – disse ela, a olhar com receio para o conteúdo do copo enquanto ele se sentava. – Mas desde que cheguei, as pessoas dão-me vinho e *brandy* e champanhe e dizem-me que beba porque me vai fazer sentir melhor. Mas não me faz sentir nem um bocadinho melhor.

– Experimente – ordenou ele.

– Já experimentei. Estava tão nervosa no dia em que casámos que tentei fugir do Jason no altar. Por isso, quando chegámos a Wakefield, pensei que um pouco de vinho ia ajudar-me a aguentar o resto da noite. Bebi cinco copos na festa do casamento, mas a única coisa que consegui foi sentir-me agoniada quando fomos... quando fui para a cama.

– Entendi bem? Esteve à beira de deixar o Jason especado diante do altar numa igreja cheia de conhecidos dele?

– Sim, mas ninguém deu por nada. Só o Jason.

– Santo Deus – murmurou Farrell.

– E na nossa noite de núpcias quase vomitei.

– Santo Deus – voltou ele a murmurar. – E na manhã seguinte trancou a porta do seu quarto?

Victoria assentiu, sentindo-se profundamente infeliz.

– E então ontem disse-lhe que achava *atencioso* da parte dele ir ter com a amante?

Quando Victoria voltou a assentir, o comandante Farrell ficou a olhar para ela num fascínio mudo.

– Tentei remediar as coisas ontem à noite – informou ela, cada vez mais na defensiva.

– Fico aliviado por sabê-lo.

– Sim, ofereci-me para fazer o que ele quisesse.

– O que lhe deve ter melhorado muito a disposição – observou o comandante Farrell, com um pequeno sorriso.

– Bem, por um instante assim pareceu. Mas quando eu disse que podíamos jogar xadrez ou cartas, ficou...

– Sugeriu que jogassem *xadrez*? Pelo amor de Deus, porquê xadrez?

Victoria olhou para ele com uma expressão de mudo ultraje.

– Tentei pensar nas coisas que a minha mãe e o meu pai faziam juntos. Teria sugerido um passeio, mas o tempo estava um pouco frio.

Visivelmente dividido entre o riso e o desespero, Farrell abanou a cabeça.

– Pobre Jason – disse, num risonho murmúrio. Quando voltou a olhar para ela, no entanto, estava muito sério. – Posso garantir-lhe que os seus pais faziam... hã... outras coisas.

– Tais como? – perguntou Victoria, a pensar nas noites que os pais passavam sentados em frente um do outro junto à lareira a ler um livro. E a mãe também cozinhava os pratos preferidos do pai, e mantinha a casa impecável e as roupas lavadas e remendadas, mas Jason tinha um exército de criados para desempenhar essas obrigações conjugais, e que o fazia na perfeição. Olhou para o comandante Farrell, que se tinha remetido a um silêncio constrangido. – A que género de coisas se está a referir?

– Estou a referir-me ao género de coisas íntimas que os seus pais faziam quando a Victoria estava na sua cama – disse abruptamente –, e eles na deles.

Uma recordação antiga atravessou o espírito de Victoria, a recordação dos pais à porta do quarto da mãe, e da voz suplicante do pai enquanto tentava abraçar a mulher: «*Não mo negues, Katherine. Pelo amor de Deus, não!*»

A mãe recusava receber o pai na sua cama, compreendeu com um baque do coração. E então recordou como o pai ficara magoado e desesperado naquela noite e como ela ficara furiosa com a mãe por tê-lo magoado. Os pais eram amigos, sem dúvida, mas a mãe não amava o marido. Katherine amava Charles Fielding, e porque o amava, banira o pai da sua cama depois de Dorothy ter nascido.

Mordeu o lábio, ao recordar como o pai tantas vezes parecia triste e abandonado. Perguntou-se se todos os homens se sentiram abandonados – ou talvez se sentissem rejeitados – quando as esposas lhes negavam o seu leito.

A mãe não amara o pai, sabia disso, mas tinham sido amigos. Amigos... Estava a tentar fazer de Jason um amigo, apercebeu-se de repente, exatamente como vira a mãe fazer ao pai.

– É uma mulher cheia de ternura, Victoria, cheia de vida e de coragem. Esqueça o género de casamentos que viu na elite... são vazios e insatisfatórios e superficiais. Pense antes no casamento dos seus pais. Eram felizes, não eram?

O silêncio prolongado dela fez o comandante Farrell franzir o sobrolho e mudar repentinamente de abordagem.

– Esqueça o casamento dos seus pais. Eu conheço os homens, e conheço o Jason, e quero que se lembre de uma coisa. Se uma mulher fecha a porta do seu quarto ao marido, ele fecha-lhe a porta do seu coração. Pelo menos, fá-lo-á se tiver uma ponta de orgulho. E o Jason tem muito. Não rastejará a seus pés nem suplicará os seus favores. Foi a Victoria que se afastou dele; e cabe-lhe a si certificarse de que ele compreende que não quer continuar a fazê-lo.

– E como é que vou fazer uma coisa dessas?

– Não é, de certeza, a sugerir que joguem xadrez – respondeu ele, sem rodeios. – E também não pensando que é atencioso da parte dele ter uma amante. – Farrel massajou os músculos da parte de trás do pescoço. – Nunca me tinha apercebido de como deve ser difícil para um homem criar uma filha. Há coisas que é muito difícil discutir com o sexo oposto.

Victoria pôs-se de pé, irrequieta.

– Vou pensar em tudo o que disse – prometeu, tentando disfarçar o seu embaraço.

– Posso perguntar-lhe uma coisa? – disse ele, hesitante.

– Suponho que é justo – respondeu Victoria, com um sorriso encantador a esconder o medo. – Ao fim e ao cabo, eu perguntei-lhe uma porção delas.

– Nunca ninguém falou consigo a respeito de amor conjugal?

– É o género de assunto que não se discute seja com quem for exceto a nossa mãe – respondeu Victoria, novamente corada. – Uma pessoa ouve isto e aquilo a respeito dos deveres conjugais, claro, mas não chega verdadeiramente a compreender...

– Deveres! – exclamou ele, irritado. – Na minha terra, as raparigas aguardam ansiosamente a sua noite de núpcias. Vá para casa e seduza o seu marido, minha filha, e ele tratará do resto. Depois disso, deixará de vê-lo como um dever. Conheço suficientemente bem o Jason para lho garantir!

– E se eu... se eu fizer o que diz, ele será feliz comigo?

– Sim – respondeu o comandante Farrell, com um sorriso doce. – E em troca ele fá-la-á feliz a *si*.

Victoria pousou o copo de *whisky* em que não tinha tocado.

– Sei muito pouco a respeito do casamento, menos ainda a respeito de ser uma esposa e absolutamente nada a respeito de sedução.

O comandante Farrell olhou para a exótica beldade que tinha à sua frente e um riso silencioso sacudiu-lhe os ombros.

– Não me parece que precise de se esforçar muito para seduzir o Jason, minha filha. Mal ele perceba que o quer na sua cama, estou certo de que ficará mais do que feliz por fazer-lhe a vontade.

Victoria ficou cor-de-rosa, esboçou um débil sorriso e encaminhou-se para a porta.

Cavalgou *Matador* de regresso a casa, tão absorta nos seus pensamentos que mal reparou no galopar do magnífico cavalo. Quando se deteve diante das cavalariças de Wakefield Park, tinha a certeza de pelo menos uma coisa: não queria que Jason tivesse um casamento que o deixasse tão triste e sozinho como o pai dela fora.

Submeter-se a Jason na cama não seria uma coisa assim tão terrível, sobretudo se – como noutras ocasiões – ele voltasse a beijá-la daquela sua maneira ousada e íntima, apertando os lábios contra os dela ou fazendo aquelas coisas chocantes com a língua que lhe toldavam os sentidos e a faziam sentir-se fraca e cheia de calor. Em vez de pensar em vestidos novos, como Miss Flossie sugeriu, quando Jason estivesse na sua cama pensaria na maneira como ele costumava beijá-la. Tendo chegado a este ponto, admitiu inclusivamente para si mesma que gostara dos beijos dele. Era uma pena os homens não fazerem esse género de coisa quando estavam na cama, pensou. Tornaria tudo tão

mais agradável. Claro que os beijos eram uma coisa para se fazer fora da cama, e, na cama, os homens faziam aquilo em que tinham estado a pensar desde o início.

– Não me importo! – disse com grande determinação enquanto um moço de estrebaria saía a correr para a ajudar a desmontar. Estava decidida a suportar fosse o que fosse para fazer Jason feliz e restaurar a antiga proximidade entre os dois. Segundo o comandante Farrell, tudo o que tinha a fazer era sugerir a Jason que queria partilhar a cama com ele.

Entrou em casa.

– Lord Fielding está? – perguntou a Northrup.

– Sim, senhora – respondeu o mordomo, com uma vénia. – Está no escritório.

– Sozinho?

– Sim, senhora – disse Northrup, com nova vénia.

Victoria agradeceu-lhe e meteu pelo corredor. Abriu a porta do escritório e entrou sem fazer ruído. Jason estava sentado à secretária no extremo oposto da comprida divisão, voltado de perfil para ela, com um maço de papéis junto ao cotovelo e outro na mão. Olhou para ele, para o rapazinho que se erguera acima da sua esquálida infância para se tornar um homem belo, rico e poderoso. Acumulara uma fortuna e comprara propriedades, perdoara ao pai e recebera uma órfã vinda da América. E mesmo assim continuava sozinho. Ainda a trabalhar, e ainda a tentar.

«*Amo-te*», pensou, e o inesperado pensamento quase a fez cair de joelhos. Tinha amado Andrew para sempre. Mas se isso era verdade, porque fora que nunca sentira aquela desesperada necessidade de fazê-lo feliz? Amava Jason, apesar do aviso do pai, apesar do aviso do próprio Jason de que não queria o seu amor, apenas o seu corpo. Como era estranho Jason ter aquilo que não queria, e não o que queria. Ela estava determinada a fazê-lo querer ambas as coisas.

Atravessou a sala, com o som dos seus passos abafado pela espessa alcatifa, e deteve-se atrás da cadeira dele.

– Porque é que trabalhas tanto? – perguntou em voz baixa.

Ele sobressaltou-se ao ouvir o som da sua voz, mas não se voltou.

– Gosto de trabalhar – foi a resposta seca. – Precisas de alguma coisa? Estou muito ocupado.

Não era um começo muito encorajador e, por uma fração de segundo, Victoria considerou a hipótese de lhe dizer sem mais rodeios que queria que ele a levasse para a cama. Mas a verdade era que não era assim tão ousada, e também não estava assim tão desejosa de ir para o quarto... sobretudo estando ele com um humor ainda mais frio do que no dia do casamento. Na esperança de o animar, continuou no mesmo tom de voz:

– Deves ter dores horríveis nas costas, aqui sentado o dia inteiro.

E, fazendo apelo a toda a sua coragem, pousou as mãos nos largos ombros dele, com a intenção de lhes massajar com os dedos.

O corpo de Jason ficou rígido no instante em que ela lhe tocou.

– Que estás a fazer? – perguntou.

– Lembrei-me de te massajar os ombros.

– Os meus ombros não precisam dos teus ternos cuidados, Victoria.

– Porque é que estás a falar assim comigo? – perguntou ela, e deu a volta até ficar à frente da secretária, vendo a mão dele deslizar sobre a página, numa caligrafia ousada e firme. Quando ele a ignorou, empoleirou-se na esquina do móvel.

Jason largou apenas, irritado, e recostou-se na cadeira, a estudá-la. A perna dela estava ao lado da

sua mão, a balouçar ao de leve enquanto Victoria lia o que ele tinha escrito. Como que dotados de uma vontade própria, os olhos dele subiram, passaram pelos seus seios e detiveram-se na convidativa curva dos lábios. Victoria tinha uma boca que pedia para ser beijada, e as pestanas eram tão compridas que projetavam sombras sobre as faces.

– Sai de cima da minha secretária e sai do meu escritório – disse, zangado.

– Como queiras – disse Victoria alegremente, e pôs-se de pé. – Só entrei para dizer bom dia. O que é que queres para o jantar?

«*Tu*», pensou ele.

– Qualquer coisa, não interessa – disse.

– Nesse caso, há alguma coisa especial que queiras para a sobremesa?

«*A mesma coisa que quero para o jantar*», pensou Jason.

– Não – respondeu, a lutar contra as instantâneas e clamorosas exigências do seu corpo.

– És muito fácil de contentar – disse ela, provocadora, e estendeu a mão para traçar a linha reta das sobancelhas dele.

Jason agarrou-lhe a mão no ar e manteve-a afastada, apertando-a com dedos de ferro.

– Que raio julgas tu que estás a fazer? – perguntou.

Victoria estremeceu por dentro, mas conseguiu encolher ligeiramente os ombros.

– Há sempre portas entre nós. Lembrei-me de abrir a do teu escritório para ver o que estavas a fazer.

– Há mais do que portas a separar-nos – retorquiu ele, largando-lhe a mão.

– Eu sei – concordou ela tristemente, a olhá-lo com uns olhos azuis que pareciam derreter-se.

Jason desviou o olhar do dela.

– Estou muito ocupado – disse num tom seco, e pegou nos papéis.

– Estou a ver que sim – respondeu ela, com uma estranha doçura na voz. – Demasiado ocupado para mim, neste momento.

E saiu em silêncio.

À hora do jantar, entrou na sala de estar com um vestido de *chiffon* cor de pêssego que se colava a cada curva e concavidade do seu corpo voluptuoso e era quase transparente. Os olhos de Jason semicerraram-se até ficarem reduzidos a duas estreitas fendas.

– Fui eu que paguei isso? – perguntou.

Victoria viu os olhos dele presos ao ousado decote, e sorriu.

– Claro que foste. Eu não tenho dinheiro.

– Não o uses fora de casa. É indecente.

– Eu sabia que ias gostar! – respondeu ela, com uma gargalhada, sentindo instintivamente que ele gostava mesmo muito, ou os seus olhos não estariam a cintilar daquela maneira.

Jason olhou para ela como se não acreditasse no que ouvia e então virou-se para os frascos de cristal em cima da mesa.

– Queres um pouco de *sherry*?

– Céus, não! – exclamou ela, e riu. – Já deves ter percebido que não me dou muito bem com o álcool. Põe-me doente. Sempre pôs. Vê o que aconteceu quando bebi no dia do nosso casamento. – Inconsciente da importância do que acabava de dizer, voltou-se para o jarrão Ming pousado em cima de uma mesa de talha dourada com tampo de mármore, a dar voltas a uma ideia. Decidiu fazê-lo. – Amanhã gostava de ir a Londres – disse, avançando para ele.

– Fazer o quê?

Ela empoleirou-se no braço do cadeirão onde ele se tinha sentado.

– Gastar o teu dinheiro, claro.

– Não sabia que te tinha dado dinheiro – murmurou ele, distraído pela visão daquela coxa pousada à altura do seu peito. À luz romântica das velas, o fino *chiffon* parecia translúcido e cor de pele.

– Tenho quase todo o dinheiro que me deste ao longo destas semanas. Vais a Londres comigo?

Depois de eu fazer compras, podíamos ir ao teatro e dormir na tua casa na cidade.

– Tenho uma reunião aqui, depois de amanhã, muito cedo.

– Ainda melhor – exclamou ela, sem pensar. Os dois sozinhos na carruagem durante várias horas.

Haveria muito tempo para conversar descansadamente. – Voltamos os dois amanhã à noite.

– Não tenho tempo – disse ele, seco.

– Jason... – disse ela docemente, estendendo a mão para lhe tocar nos encaracolados cabelos negros.

Jason saltou do cadeirão e ficou de pé diante dela. Quando falou, a sua voz estava carregada de desdém.

– Se precisas de dinheiro para gastar em Londres, di-lo de uma vez. Mas para de te comportar como uma pega barata, ou eu trato-te como tal e tu acabas naquele sofá com as saias por cima da cabeça.

Victoria olhou para ele, a transbordar de humilhação e fúria.

– Para tua informação, preferia ser uma pega barata a ser um parvo completamente cego como tu, que confunde todos os gestos que as pessoas fazem e tira todas as conclusões erradas!

Jason lançou-lhe um olhar furioso.

– O que é que isso quer dizer?

Victoria quase bateu o pé de raiva e frustração.

– Descobre sozinho! És tão bom a perceber-me, só que com um senão, estás sempre *errado*! Mas deixa-me dizer-te uma coisa: se eu fosse uma pega, morria de fome se deixasse as coisas a teu cargo! Além disso, podes jantar sozinho esta noite e infernizar a vida dos pobres criados em vez da minha. Amanhã, vou a Londres sozinha.

E com esta saiu da sala, deixando Jason a olhar para a porta com as sobrancelhas unidas numa expressão de total confusão.

Victoria subiu furiosa até ao seu quarto, despiu o vestido de *chiffon* e enfiou um robe de cetim. Sentou-se diante do toucador e, à medida que a sua fúria se dissipava, um sorriso torcido tocou-lhe a generosa curva dos lábios. O ar de espanto de Jason quando ela lhe dissera que morreria de fome se fosse uma pega e deixasse as coisas a cargo dele tinha sido quase cómico.

CAPÍTULO 26

Victoria partiu para Londres muito cedo na manhã seguinte e iniciou o regresso a Wakefield ao fim da tarde. Levava aninhado nas mãos o objeto que viu numa loja quando foi à cidade, semanas antes. Já então lhe fizera lembrar Jason, mas parecia terrivelmente caro e, de qualquer modo na altura não teria sido apropriado comprar-lhe uma prenda. A recordação ficara-lhe na memória todas aquelas semanas, até que receou esperar mais e correr o risco de ter sido vendido a outra pessoa.

Não fazia a mais pequena ideia de quando lho daria; com certeza não naquele momento, quando a hostilidade entre os dois era tão grande – mas em breve. Estremeceu ao lembrar-se do preço. Jason atribuíra-lhe uma renda semanal extravagantemente alta, em que ela quase não tocara, mas gastou tudo naquela prenda, até ao último xelim, e muito mais, que o proprietário da pequena e seleta loja lançara entusiasmado na conta aberta em nome da marquesa de Wakefield.

– Sua senhoria está no escritório – informou-a Northrup, mal abriu a porta da frente.

– Deseja falar comigo? – perguntou Victoria, intrigada pela informação imediata e não solicitada a respeito do paradeiro de Jason.

– Não sei, senhora – respondeu Northrup, pouco à vontade. – Mas tem... hã... perguntado se a senhora já chegou a casa.

Victoria olhou para a expressão atrapalhada de Northrup e recordou a ansiedade de Jason quando ela desaparecera durante uma tarde em casa do comandante Farrell. Uma vez que a sua viagem a Londres demorara o dobro do tempo que teria demorado se ela se lembrasse da localização exata da loja, presumiu que Northrup voltara a sofrer o fogo cerrado de Jason.

– Quantas vezes perguntou?

– Três – respondeu Northrup. – Na última hora.

– Estou a ver – disse Victoria, com um sorriso entendido, mas sentia-se absurdamente agradada por saber que Jason tinha pensado nela.

Depois de deixar Northrup desembaraçá-la da peliça, dirigiu-se ao escritório. Impossibilitada de bater à porta pela prenda que segurava com ambas as mãos, baixou a maçaneta com o cotovelo, encostou o ombro à porta e empurrou. Em vez de estar a trabalhar sentado à secretária, onde ela esperava vê-lo, Jason estava de pé junto de uma das janelas, apoiado à parede, com uma expressão sombria enquanto olhava para o relvado que se estendia em socalcos ao lado da casa. Voltou a cabeça ao ouvi-la aproximar-se e endireitou-se no mesmo instante.

– Voltaste – disse, enfiando as mãos nos bolsos.

– Pensaste que não voltava? – perguntou Victoria, examinando-lhe as feições.

Ele encolheu os ombros, num gesto de cansaço.

– Para ser franco, não faço a mínima ideia do que vais fazer no momento seguinte.

Consideradas as suas ações mais recentes, Victoria não tinha dificuldade em compreender que

Jason a visse como a mais impulsiva e imprevisível das mulheres. Ainda no dia anterior o tratara com coquetaria, depois com ternura, para rematar com uma intempestiva e furiosa saída da sala de estar. E agora sentia um louco impulso de lhe passar os braços pelo pescoço e pedir que lhe perdoasse. Mas em vez de o fazer e correr o risco de mais uma rejeição, igual à que já sofrera, dominou o impulso e recuou na sua anterior decisão de não lhe dar a prenda de imediato.

– Havia uma coisa que tinha de comprar em Londres – disse alegremente, mostrando o embrulho que tinha nas mãos. – Vi-a há já algumas semanas, mas não tinha dinheiro que chegasse.

– Devias ter-mo pedido – disse ele, já a dirigir-se para a secretária com a óbvia intenção de voltar a embrenhar-se no trabalho.

Victoria abanou a cabeça.

– Não podia pedir-te dinheiro quando aquilo que queria comprar era para ti. Toma – disse, estendendo as mãos. – É para ti.

Jason deteve-se e olhou para o objeto oblongo embrulhado em papel prateado.

– O quê? – perguntou com uma expressão vazia, como se não tivesse percebido o que ela dissera.

– Fui a Londres comprar isto para ti – explicou Victoria, com um sorriso misterioso enquanto chegava o pesado embrulho para mais perto dele.

Jason olhou para a prenda com um ar confuso, ainda de mãos nos bolsos. Com um súbito aperto no coração, Victoria perguntou a si mesma se alguma vez alguém lhe teria oferecido qualquer coisa. Não era muito provável que a primeira mulher ou a amante o tivessem feito. E na cruel mulher que o criara nem valia a pena pensar.

A vontade de abraçá-lo estava a tornar-se quase incontável quando Jason tirou finalmente as mãos dos bolsos. Pegou no embrulho e deu-lhe voltas, como se não soubesse muito bem o que fazer a seguir. Escondendo a ternura que a invadia sob um alegre sorriso, Victoria empoleirou-se na beira da secretária e perguntou:

– Não vais abri-lo?

– O quê? – disse ele, confuso. E então, recuperando a compostura, acrescentou: – Queres que o abra agora?

– Que melhor altura poderia haver? – perguntou Victoria alegremente, e bateu no tampo da secretária a seu lado. – Podes sentar-te aqui enquanto o abres, mas tem cuidado... é frágil.

– É pesado – concordou ele, fazendo-lhe um breve e hesitante sorriso enquanto desfazia com cuidado o nó do fino cordão dourado e removia o papel prateado. Levantou a tampa da grande caixa de couro e enfiou a mão no interior forrado a veludo.

– É parecida contigo – disse ela, a sorrir, quando Jason tirou da caixa uma pantera magnificamente esculpida numa única peça de ónix. Os olhos eram um par de refulgentes esmeraldas. Como se um felino vivo tivesse sido capturado por um mago em plena corrida e transformado em ónix, havia movimento fluido e vibrante em cada linha do corpo esbelto, força e graça nos flancos, perigo e inteligência nos insondáveis olhos verdes.

Jason, cuja coleção de quadros e artefactos raros era considerada uma das melhores da Europa, examinou a pantera com uma reverência que quase pôs lágrimas nos olhos de Victoria, que o observava. Era na verdade uma peça magnífica, mas ele estava a tratá-la como se fosse um tesouro sem preço.

– É muito bonita – disse Jason em voz baixa, passando o polegar pelo dorso da pantera. Com infinito cuidado, pousou a escultura em cima da mesa e olhou para Victoria. – Não sei o que dizer –

admitiu, com um sorriso torcido.

Victoria olhou para o rosto duramente cinzelado com o seu sorriso de rapazinho e pensou que nunca ele lhe parecera tão encantador e atraente. Incrivelmente feliz, respondeu:

– Não precisas de dizer nada... exceto «obrigado», se quiseres.

– Obrigado – disse ele, com uma estranha rouquidão na voz.

Agradece-me com um beijo. O pensamento surgiu do nada na cabeça de Victoria e as palavras saíram-lhe da boca antes que pudesse travá-las.

– Agradece-me com um beijo – recordou-lhe, com um alegre sorriso.

Jason inspirou fundo, como se estivesse a preparar-se para fazer uma coisa difícil; então, pousou as mãos na secretária de ambos os lados dela e inclinou-se para a frente. Tocou os lábios dela com os seus, e a doçura daquele toque foi quase dolorosa. A cabeça de Victoria inclinou-se para trás sob a breve pressão da boca dele, desequilibrando-a, e quando Jason se endireitou, afastando-se, ela agarrou-lhe os braços para se apoiar. Para Jason, ter as mãos dela nos seus braços, a mantê-lo naquela posição inclinada, foi como convidar um homem faminto para um banquete. A sua boca desceu sobre a dela, movendo-se com terna veemência, e quando ela começou a retribuir o beijo, tornou-se ainda mais insistente. Entreabriu-lhe os lábios com a ponta da língua, a provocá-la, a exortá-la a responder.

Timidamente, a língua dela tocou na dele, e Jason perdeu o controlo. Gemeu e enlaçou-a com os braços, levantou-a da secretária e apertou-a contra si. Sentiu as mãos de Victoria subirem-lhe pelo peito e os braços dela fecharem-se, ansiosos, à volta do seu pescoço, puxando-lhe a cabeça para baixo, e o incitamento que adivinhou neste gesto incendiou uma fogueira de paixão que quase lhe obliterou a razão. Como que dotadas de uma vontade própria, as suas mãos desceram das costas dela para a cintura, e então subiram, fechando-se sobre a inebriante suavidade dos seios. Victoria estremeceu sob a intimidade do toque, mas em vez de se afastar, como Jason esperava que fizesse, apertou-se com força contra a rígida excitação que lhe pressionava o ventre, tão perdida naquele beijo apaixonado como ele próprio estava.

A voz jovial do comandante Farrell soou no corredor, mesmo à porta do escritório.

– Não se incomode, Northrup, eu sei o caminho. – A porta do escritório abriu-se e Victoria libertou-se do abraço de Jason. – Jason... – começou o comandante Farrell, ao entrar, mas calou-se no mesmo instante, e um sorriso embaraçado espalhou-se-lhe pelo rosto ao ver as faces coradas de Victoria e o sobrolho carregado de Jason. – Devia ter batido.

– Já acabámos – disse Jason, num tom seco.

Incapaz de enfrentar o olhar do amigo, Victoria fez um sorriso fugitivo na direção de Jason e murmurou qualquer coisa a respeito de ir vestir-se para o jantar.

Farrell estendeu a mão.

– Como estás, Jason?

– Não sei muito bem – respondeu Jason, com um ar ausente, a ver Victoria sair.

Os lábios de Mike Farrell tremeram de riso, mas a sua expressão divertida deu lugar à preocupação quando Jason lhe voltou costas e se dirigiu com passos lentos para uma das janelas. Como se estivesse incrivelmente cansado, Jason passou a mão pela parte de trás do pescoço, massajando os músculos tensos enquanto olhava para lá dos relvados.

– Passa-se alguma coisa?

A resposta de Jason foi uma gargalhada amarga.

– Não se passa nada, Mike. Nada que eu não mereça. E nada que eu não possa resolver.

Quando Farrell saiu, uma hora mais tarde, Jason recostou-se na sua cadeira e fechou os olhos. O desejo que Victoria acendera nele continuava a consumi-lo como as chamas de uma fogueira a lamberem-lhe o ventre. Queria-a tanto que doía. Queria-a tanto que tinha de cerrar os dentes e lutar contra o impulso de correr escada acima e possuí-la naquele mesmo instante. Apetecia-lhe estrangulá-la por lhe ter dito que fosse um marido «atencioso» e tivesse uma amante.

A sua noiva-criança estava a atá-lo em nós. Quisera jogar xadrez e cartas com ele; agora estava a tentar um jogo mais perigoso: provocá-lo. Victoria tornara-se uma provocadora, e era soberba e instintivamente eficaz. Sentara-se na secretária dele, sentara-se no braço do cadeirão dele, levara-lhe uma prenda, pedira um beijo. Com brutal ferocidade, perguntou a si mesmo se ela teria fingido que ele era Andrew quando o beijara uma hora antes, como fingira que ele era Andrew quando tinham casado.

Furioso com o desejo obstinado que o seu corpo tinha dela, pôs-se de pé e subiu com passos rápidos a escadaria larga. Soubera que estava a casar com a mulher de outro homem – só não esperara que aquilo o incomodasse tanto. Apenas o orgulho o impedia de obrigá-la a ir para a cama com ele outra vez. O orgulho e o conhecimento de que, quando acabasse, não sentiria mais satisfação do que sentira na noite de núpcias.

Victoria ouviu-o passar no corredor e bateu com os nós dos dedos na porta de ligação. Ele disse-lhe para entrar, mas o sorriso dela desvaneceu-se de repente quando entrou e viu Franklin, o criado de quarto, a preparar uma mala, enquanto Jason enfiava numa pasta de couro papéis que tirava de um monte em cima da mesa colocada diante da lareira.

– Aonde vais? – arquejou, perplexa.

– A Londres.

– Mas... porquê? – insistiu ela, tão desapontada que mal conseguia pensar.

Jason olhou para o criado.

– Eu acabo de fazer a mala, Franklin. – Esperou que o criado saísse e disse, num tom seco: – Porque lá trabalho melhor.

– Mas ontem disseste que não podias ir a Londres comigo e passar lá a noite porque amanhã tinhas de estar *cá* muito cedo para te encontrares com umas pessoas.

Jason parou de enfiar papéis na pasta e endireitou-se. Com deliberada crueza, disse:

– Victoria, sabes o que acontece a um homem quando é mantido num estado de excitação sexual insatisfeita durante dias seguidos?

– Não – respondeu ela num fio de voz, e abanou a cabeça para dar ênfase.

– Nesse caso, eu explico-te.

Victoria abanou a cabeça, apreensiva.

– A-acho que é melhor não... estando tu com um dos teus humores.

– Não tinha «maus humores» antes de te conhecer – cuspiu Jason. Voltando-lhe as costas, apoiou as mãos na consola da lareira e olhou para o chão. – Estou a avisar-te, volta para o teu quarto antes que eu esqueça que devo ser um marido «atencioso» e não me dê ao incómodo de ir a Londres.

Victoria sentiu-se doente.

– Vais ter com a tua amante, não vais? – perguntou, com a voz estrangulada, a recordar, incrivelmente, como ele fora terno quando ela lhe dera a sua prenda.

– Estás a começar a ficar desagradavelmente parecida com uma esposa ciumenta – disse ele entre

dentes.

– Não posso evitá-lo, eu *sou* uma esposa.

– Tens uma ideia muito peculiar do que significa ser uma esposa – troçou ele, implacável. – Agora sai daqui.

– Maldito sejas! – explodiu Victoria. – Será que não vês que não *sei* ser uma esposa? Sei cozinhar e costurar e cuidar de um marido, mas tu não precisas de mim para isso, porque tens outras pessoas para te fazerem essas coisas. E digo-te mais uma coisa, Lord Fielding – continuou ela, a encher-se de uma raiva aguçada. – Posso não ser grande coisa como esposa, mas tu és *insuportável* como marido! Quando me ofereço para jogar xadrez contigo, zangas-te. Quando tento seduzir-te, tornas-te mau... – Viu Jason erguer a cabeça, mas estava tão furiosa que não reparou na expressão aturdida da cara dele. – E quando te trago uma prenda, vais para Londres ter com a tua amante.

– Tory – disse ele, numa voz dorida. – Chega aqui.

– Não, ainda não acabei! – continuou Victoria, humilhada e furiosa. – Vai ter com a tua amante, se é isso que queres, mas não me culpes a *mim* quando nunca tiveres um filho. Posso ser ingénua, mas não sou estúpida ao ponto de acreditar que devo produzir um bebé sem... sem alguma cooperação da tua parte!

– Tory, por favor, chega aqui – repetiu ele, roucamente.

Victoria registou por fim a emoção nua e crua na voz dele e a sua fúria dissipou-se no mesmo instante, mas continuava com medo de uma nova rejeição se obedecesse.

– Jason, acho que tu não *sabes* o que queres. Disseste que querias um filho, mas...

– Sei exatamente o que quero – contradisse-a ele, abrindo-lhe os braços. – Se chegares aqui, eu mostro-te...

Hipnotizada pelo convite sedutor daqueles olhos verdes e pela aveludada aspereza da sua voz profunda, Victoria avançou com passos lentos e viu-se envolvida numa abraço esmagador. A boca dele abriu-se sobre a dela, movendo-se de um lado para o outro num beijo louco e excitante que lhe pôs fogo a correr pelas veias. Sentiu a pressão crescente do corpo de Jason contra o seu enquanto as mãos dele, possessivas, lhe acariciavam as costas e os seios, acalmando-lhe os medos, acendendo chammas de necessidade onde quer que tocassem.

– Tory – murmurou ele, num arquejo rouco, fazendo deslizar os lábios pelo pescoço dela, provocando frémitos de prazer que lhe desceram pela espinha. – Tory – repetiu, e voltou a apoderar-se da boca dela.

Beijou-a lenta e profundamente, e então, com uma fome urgente, fez deslizar as mãos ao longo do corpo dela, agarrou-lhe as nádegas e puxou-a com força contra a sua rígida ereção, arrancando-lhe um gemido de puro e primitivo desejo.

Com os lábios ainda colados aos dela, passou-lhe o braço pela parte de trás dos joelhos e levantou-a do chão. Perdida na vibrante e quente magia das mãos e da boca dele, Victoria sentiu o mundo inclinar-se quando, com suave cuidado, Jason a deitou em cima da cama. Desesperadamente agarrada àquele universo belo e especial onde nada existia exceto o marido, fechou os olhos com força para não o ver despir-se. Sentiu o peso de um corpo a deitar-se a seu lado e lutou contra o pânico enquanto esperava que ele lhe desapertasse o robe.

Em vez disso, Jason beijou-lhe ternamente os olhos fechados e abraçou-a, puxando-a com doçura para si.

– Princesa – sussurrou, e o som velado da sua voz foi tão doce aos ouvidos dela como a meiguice

que refletia –, por favor, abre os olhos. Não vou atacar-te, prometo.

Victoria engoliu em seco e abriu os olhos, aliviada para lá de qualquer descrição quando se apercebeu de que ele apagara todas as luzes exceto as velas que ardiam na consola da lareira, do outro lado do quarto.

Jason viu o medo nos grandes olhos azuis e apoiou-se num cotovelo, usando a mão livre para alisar a massa de caracóis ruivos que se derramava, luxuriante, pela almofada. Nunca nenhum homem senão ele a tinha tocado, pensou, cheio de reverência. E o pensamento encheu-o de orgulho. Aquela bela jovem, corajosa e intocada, entregara-se a ele, e só a ele. Queria compensá-la pelo que acontecera na noite do casamento, fazê-la gemer em êxtase e agarrar-se a ele.

Ignorando o latejar urgente do baixo-ventre, aproximou os lábios da orelha dela.

– Não sei em que estás a pensar – disse em voz baixa –, mas pareces mortalmente assustada. Nada é diferente do que era há minutos, quando nos beijámos.

– Exceto que tu não tens roupas – recordou-lhe ela, com a voz a tremer.

Jason reprimiu um sorriso.

– É verdade. Mas tu tens.

«*Não por muito mais tempo*», pensou ela, e ouviu o riso fundo e sensual dele, como se lhe tivesse lido os pensamentos. Jason beijou-lhe o canto do olho.

– Queres conservar o robe?

A esposa cuja virgindade arrebatara com tão brutal e descuidada rapidez olhou-o nos olhos, pousou-lhe a mão na face e murmurou docemente:

– Quero agradar-te. E não me parece que tu queiras que eu o conserve.

Com um gemido baixo, Jason inclinou a cabeça e beijou-a com veemente ternura, e tremeu de uma forma descontrolada quando ela retribuiu o beijo com um ardor inocente que fez um desejo escaldante correr-lhe pelas veias como fogo líquido. Afastou a boca da dela.

– Tory – disse –, se me agradasses mais do que me agradas quando me beijas, matar-me-ias de prazer.

Fez uma inspiração funda, trémula, e desapertou o cinto do robe de veludo, mas quando começou a abri-lo, a mão dela fechou-se, convulsiva, sobre a dele.

– Não o abrirei se tu não quiseses – prometeu ele, com a mão a mover-se por baixo da dela. – Só esperava que não houvesse mais coisas a separar-nos... nem mal-entendidos, nem portas, nem sequer roupas. Despi as minhas para me mostrar a ti, não para te assustar.

Victoria estremeceu ao ouvir esta terna explicação, e retirou a mão de cima da dele; então, para indizível alegria de Jason, ergueu-a até ao pescoço dele e ofereceu-se-lhe.

O robe abriu-se e Jason inclinou a cabeça e beijou-a, com os dedos a acariciarem o mamilo, a língua a deslizar pelos lábios dela, a pedir-lhes que se afastassem. Em vez de se limitar a submeter-se ao beijo, Victoria enfiou a língua na boca dele, passou-lhe os braços à volta do pescoço e respondeu com a mesma veemência. O mamilo ergueu-se, orgulhoso, sob a palma da mão dele, e Jason afastou a boca da dela e inclinou-se para lhe beijar o seio.

Victoria estremeceu em sobressaltada resistência, e Jason olhou-a maravilhado ao aperceber-se mais uma vez de que nunca nenhum homem a tocara ou beijara como ele estava a fazer.

– Não vou magoar-te, querida – disse num murmúrio tranquilizante, e comprimiu os lábios contra o mamilo endurecido, beijando, acariciando-o até a sentir relaxar, e então, devagar, abriu os lábios e puxou-o para dentro da boca. O confuso espanto de Victoria por ele querer chupar-lhe o seio deu

lugar a um sobressaltado gemido de intenso prazer à medida que Jason lhe sugava o mamilo e a pressão dos lábios que o rodeavam começava a aumentar, apertando-o até que pontadas de desejo, vivas e ritmadas, lhe percorreram todo o corpo. Enfiou-lhe os dedos no cabelo, segurando-lhe a cabeça como se quisesse que nunca a tirasse dali – até que, de repente, sentiu a mão dele deslizar para o meio das suas pernas.

– Não! – O murmúrio aterrorizado escapou-se-lhe dos lábios e Victoria fechou as pernas com força. Em vez de o enfurecer, como temia, esta resistência arrancou-lhe um riso rouco e abafado.

Num rápido movimento, Jason levantou a cabeça e beijou-a na boca com uma fome crua e estonteante.

– Sim – murmurou, a esfregar os lábios contra os dela. – Oh, sim...

Voltou a baixar a mão e tocou ao de leve no triângulo entre as pernas dela. Os dedos dele acariciaram-na até que a rigidez desapareceu e as coxas relaxaram, rendendo-se à insistente e gentil persuasão. Jason tentou com os dedos, e o calor húmido que encontrou quase o fez perder o controlo. Não queria acreditar no ardor que havia nela, nem na facilidade natural com que ela o enlouquecia – pois à medida que lhe rendia cada parte do seu corpo, Victoria entregava-a plenamente, sem nada reter. Introduziu os dedos nela e Victoria levantou as ancas, arqueando as costas ao mesmo tempo que lhe agarrava os ombros, com as unhas a cravarem-se-lhe na carne. Pondo uma mão de cada lado, Jason rolou parcialmente para cima dela.

O coração de Victoria estremeceu com uma mistura de pulsante prazer e puro terror quando sentiu a quente exigência da virilidade dele a fazer pressão entre as suas pernas, mas, em vez de a penetrar, Jason rodou as ancas contra as dela, num ritmo lento que, pouco a pouco, a deixou louca de latejante prazer, até que o medo desapareceu e ficou apenas uma deliciosa necessidade de tê-lo dentro de si.

Jason enfiou um joelho, como uma cunha, entre as pernas dela.

– Não tenhas medo – disse, com uma voz rouca. – Não tenhas medo de mim.

Victoria abriu os olhos devagar e olhou para o homem que estava por cima dela. Tinha o rosto duro e contraído pela paixão, os ombros e os braços retesados pelo esforço de se reter, a respiração acelerada e forte. Como que em transe, tocou com as pontas dos dedos os lábios sensuais, apercebendo-se instintivamente do desespero com que a queria e do controlo que estava a exercer para se impedir de a possuir.

– És tão gentil – disse, com a voz entrecortada –, tão gentil...

Um gemido baixo brotou do peito de Jason e a contenção dele estilhaçou-se. Mergulhou parcialmente nela e retirou-se devagar, indo mais fundo na vez seguinte, e na seguinte, até que ela ergueu as ancas ao seu encontro e ele penetrou até ao fundo do seu inacreditável calor. Com a testa húmida de suor, combateu as clamorosas exigências do seu próprio corpo enquanto se movia devagar dentro dela, a observar-lhe o rosto. Victoria inclinou a cabeça para trás e fez força na direção dele com uma trémula ânsia, a empurrar as ancas contra as dele, a procurar a explosão de plenitude que ele estava determinado a dar-lhe. Jason ouviu o arquejar baixo, frenético, dela e começou, pouco a pouco, a aumentar o ritmo das suas fundas arremetidas.

– Aceita-o, Tory – rouquejou. – Vou dar-to. Prometo.

Um trémulo êxtase trespassou todo o corpo de Victoria, provocando-lhe vagas de prazer que se tornaram cada vez mais rápidas até que explodiram numa erupção que lhe arrancou um grito do fundo da garganta. Jason inclinou a cabeça e beijou-a uma última e desesperada vez, e então mergulhou nela e juntou-se-lhe num doce olvido.

Com receio de que o seu peso a esmagasse, rolou para o lado, puxando-a consigo, os dois corpos intimamente unidos. Quando a sua respiração agitada por fim acalmou, beijou-lhe a testa e afastou-lhe da cara o cabelo acetinado.

– Como te sentes? – perguntou em voz baixa.

As longas e encurvadas pestanas de Victoria ergueram-se, trémulas como as asas de uma borboleta, e uns olhos azul-escuros como lagos de lânguido espanto fixaram-se nos dele.

– Sinto-me uma esposa – murmurou.

A resposta arrancou-lhe uma gargalhada e, traçando com o dedo o contorno da face dela, Jason aninhou-a contra si.

– Jason – continuou ela, numa voz que vibrava de emoção enquanto erguia os olhos para os dele. – Há uma coisa que quero dizer-te.

– O que é? – perguntou ele, com um terno sorriso.

Com toda a simplicidade e sem qualquer embaraço, ela disse:

– Amo-te.

O sorriso dele desapareceu.

– A sério. A...

Jason pousou-lhe um dedo nos lábios, silenciando-a, e abanou a cabeça.

– Não, não me amas – disse, com calma e implacável firmeza. – Nem deves. Não me dêes mais do que já me deste, Tory.

Victoria desviou os olhos e não disse nada, mas a rejeição magoou-a mais do que julgara possível. Aconchegada nos braços de Jason, as palavras dele voltaram para a assombrar... *Não preciso do teu amor. Não o quero.*

Lá fora no corredor, Franklin bateu à porta, com a intenção de ver se Lord Fielding precisava de ajuda para fazer a mala. Ao não obter resposta, presumiu que sua senhoria devia estar noutra parte dos seus aposentos e, como era seu costume, abriu a porta sem ser convidado.

Avançou um passo no quarto quase às escuras e pestanejou com os olhos fixos no casal deitado em cima da enorme cama, para logo a seguir fitarem horrorizados o monte de roupas que Jason estivera a tirar do guarda-roupa e que jaziam agora numa ignominiosa confusão ao lado da cama. O diligente criado de quarto teve de morder o lábio para combater o instinto avassalador de avançar em bicos de pés e desembaraçar a magnífica casaca de sua senhoria das pernas das calças de camurça. Em vez disso, e muito sensatamente, saiu do quarto a recuar e fechou a porta com um ligeiro estalido.

Uma vez no corredor, a sua preocupação com as maltratadas roupas de Lord Fielding deu lugar a uma havia muito adiada alegria por causa do que acabava de testemunhar. Rodou sobre os calcanhares e correu pelo corredor até ao patamar sobranceiro ao vestíbulo.

– Mr. Northrup! – disse num murmúrio mas de forma audível, precariamente debruçado da balaustrada e a fazer gestos frenéticos a Northrup, que estava junto da porta principal. – Mr. Northrup, tenho notícias da maior importância! Aproxime-se um pouco para que ninguém mais me ouça...

Ao fundo do corredor, à esquerda de Franklin, duas criadas saíram a correr dos quartos que estavam a arrumar, chocaram uma com a outra e empurraram-se mutuamente na ânsia de ouvir as anunciadas notícias. Do lado direito, um lacaios surgiu do nada e pôs-se a polir um espelho com entusiástico denodo e um pouco de cera e óleo de limão.

– Aconteceu! – sibilou Franklin a Northrup, disfarçando com astuta habilidade as suas notícias em

termos tão vagos que tinha a certeza de que ninguém as compreenderia mesmo que fosse ouvido.

– Tem a certeza?

– Claro que tenho! – respondeu Franklin, ofendido.

Um sorriso fugaz perpassou pelas rígidas feições de Northrup, mas recuperou no mesmo instante, entrincheirando-se na sua habitual máscara de remota formalidade.

– Obrigado, Mr. Franklin. Nesse caso, vou dar ordens para que o coche volte às cavaliças.

E com estas palavras, Northrup voltou-se e avançou para a porta da frente. Abriu-a e saiu para a noite, onde uma luxuosa carruagem lacada de castanho, com o brasão dourado dos Wakefield gravado na porta, aguardava, com a candeia a brilhar na escuridão. Quatro belos cavalos castanhos, perfeitamente iguais, piafavam impacientes, a agitar as crinas e a sacudir os arreios no irrequieten desejo de trotar. Incapaz de atrair a atenção dos dois cocheiros de libré sentados muito direitos na boleia do coche, Northrup desceu os degraus em socacos até ao caminho.

– Sua senhoria – disse, no seu tom mais frio e autoritário – não vai necessitar dos vossos serviços esta noite. Podem recolher os cavalos.

– Não vai precisar do coche? – exclamou John, um dos cocheiros, surpreendido. – Mas se ele próprio me mandou dizer, há uma hora, que queria os cavalos atrelados, e depressa!

– Mudou de ideias – declarou Northrup, gélido.

John deixou escapar um suspiro de irritada frustração e lançou um olhar furioso ao pouco comunicativo mordomo.

– Digo-lhe que alguém se enganou. Ele quer ir a Londres...

– Idiota! Ele *queria* ir a Londres. Em vez disso, já se retirou para os seus aposentos!

– Às sete e meia...

Enquanto Northrup fazia meia-volta para regressar a casa, um sorriso de súbita compreensão espalhou-se pelo rosto do cocheiro. Com uma cotovelada nas costelas do colega, lançou-lhe um olhar carregado de risonha malícia e disse:

– Penso que Lady Fielding decidiu que as morenas estão fora de moda.

E fez rodar os cavalos na direção das cavaliças, para poder partilhar as notícias com os outros criados.

Northrup foi direito à sala de jantar, onde O'Malley, a assobiar alegremente entre dentes, estava a levantar o frágil prato de porcelana que preparara para a solitária refeição de Lady Victoria quando soubera da súbita intenção do amo de se deslocar a Londres.

– Houve uma alteração – anunciou Northrup.

– É verdade, Mr. Northrup – concordou com um rasgado sorriso o insolente laçao. – Sem dúvida que houve.

– Pode levantar os talheres da mesa.

– Sim, já levantei.

– No entanto, é possível que Lord e Lady Fielding desejem jantar mais tarde.

– Lá em cima – previu O'Malley, com um sorriso maroto.

Northrup endireitou-se, rodou sobre os calcanhares e saiu.

– Maldito irlandês insolente! – rosnou, furioso.

– Cretino emproado! – atirou-lhe O'Malley nas suas costas.

CAPÍTULO 27

— Bom dia, senhora — disse Ruth, com um sorriso radioso.

Victoria rolou para o lado na gigantesca cama de Jason, com um brilho sonhador e iluminar-lhe os olhos.

— Bom dia. Que horas são?

— Dez. Deseja que lhe traga um dos seus robes? — perguntou Ruth, a olhar para o revelador emaranhado de roupas e colchas caído no chão.

Victoria corou, mas estava demasiado lânguida e deliciosamente exausta para sentir mais do que um moderado embaraço por ser encontrada na cama de Jason com roupas espalhadas por todo o lado. Tinham feito amor mais duas vezes antes de adormecerem, e novamente naquela manhã.

— Não é preciso, Ruth — murmurou. — Acho que vou dormir um pouco mais.

Quando a criada saiu, Victoria rolou na cama até ficar deitada de bruços e voltou a aninhar-se nas almofadas, com um suave sorriso nos lábios. Os membros da elite achavam que Jason Fielding era frio, cínico e inacessível, recordou. Como ficariam espantados se soubessem como era, na cama, um amante terno, apaixonado e fogoso. Ou talvez não fosse assim um segredo tão grande, pensou, e o sorriso vacilou um pouco. Tinha visto os olhares cobiçosos que tantas mulheres casadas lançavam a Jason, e uma vez que não podiam querer casar com ele, a cobiça devia ter a ver com outras coisas.

Enquanto pensava naquilo, recordou quantas vezes ouvira o nome dele ligado a certas belas mulheres casadas cujos maridos eram velhos e feios. Teve sem dúvida muitas mulheres na sua vida antes dela, pois soube exatamente como beijá-la e onde tocar-lhe para excitar a paixão.

Expulsou do espírito estes pensamentos que a perturbavam. Não importava quantas mulheres tinham conhecido a beleza selvagem e pagã da maneira como fazia amor porque, a partir daquele dia, ele era dela e só dela. Tinha os olhos a fecharem-se quando finalmente reparou no fino estojo negro pousado em cima da mesa ao lado da cama. Sem grande interesse, tirou uma mão de baixo dos lençóis de seda, estendeu-a e abriu o fecho. Continha um magnífico colar de esmeraldas, juntamente com um bilhete de Jason, que dizia: «Obrigado por uma noite inesquecível.»

Cavou-se-lhe uma ruga na testa. Desejava que ele não tivesse discutido quando ela tentou dizer-lhe que o amava. Desejava que ele lhe tivesse dito que também a amava. E, acima de tudo, desejava que ele deixasse de oferecer-lhe joias sempre que ela lhe agradava. Aquela bugiganga, em particular, parecia-se muito com um pagamento por serviços prestados...

Acordou sobressaltada. Era quase meio-dia, e Jason dissera-lhe que a sua reunião daquela manhã já teria terminado a essa hora. Desejosa de o ver e de se comprazer no calor do seu sorriso, vestiu um bonito vestido cor de alfazema, de mangas compridas fechadas nos pulsos por grandes punhos de renda. Não parou quieta, impaciente, enquanto Ruth lhe tratava do cabelo, escovando-o até brilhar e enrolando-o depois em grossos caracóis presos por fitas de cetim alfazema.

Mal Ruth acabou, Victoria correu pelo corredor, e então forçou-se a adotar um passo mais

decoroso enquanto descia a grande escadaria. Northrup chegou ao ponto de lhe sorrir quando ela lhe perguntou onde estava Jason, e quando passou por O'Malley no corredor, a caminho do escritório, seria capaz de jurar que o laçao irlandês lhe tinha piscado um olho. Ainda estava a pensar nisso quando bateu à porta do escritório e entrou.

– Bom dia – disse, alegremente. – Pensei que talvez pudesses jantar comigo.

Jason mal olhou para ela.

– Lamento, Victoria. Estou ocupado.

Sentindo-se como uma criança incómoda que tivesse sido delicada mas firmemente posta no seu lugar, Victoria perguntou, hesitante:

– Jason, porque é que trabalhas tanto?

– Gosto de trabalhar – respondeu ele, num tom frio.

Era óbvio que gostava mais de trabalhar do que da companhia dela, percebeu Victoria, uma vez que não era de certeza pelo dinheiro.

– Desculpa ter-te interrompido – disse em voz baixa. – Não voltará a acontecer.

Quando ela saiu, Jason começou a chamá-la para lhe dizer que tinha mudado de ideias, mas conteve o impulso e recostou-se na cadeira. Queria jantar com ela, mas achava que não seria sensato passarem demasiado tempo juntos. Permitiria que Victoria se tornasse uma parte agradável da sua vida, mas não o centro. Nunca daria a uma mulher, fosse ela quem fosse, esse género de poder sobre si.

Victoria riu quando o pequeno Billy brandiu o seu sabre de madeira no campo por detrás do orfanato e ordenou a uma das outras crianças que «caminhasse pela prancha». Com uma pala negra a tapar-lhe o olho bom, o robusto rapazinho ficava um pirata adorável.

– Acha que a pala vai resolver o problema? – perguntou o vigário, de pé junto dela.

– Não tenho a certeza. O meu pai ficou tão surpreendido como todas as outras pessoas quando resultou com o rapazinho da nossa povoação. Pôs a possibilidade de, nestes casos, a raiz do problema não estar no olho em si, e sim nos músculos que lhe controlam os movimentos. Assim, tapando o olho bom, esses músculos seriam forçados a trabalhar, endireitando-o.

– A minha mulher e eu estávamos na esperança de que talvez aceitasse jantar connosco esta noite, depois de as crianças terem feito o seu teatro de fantoches. Se me permite que o diga, senhora, as crianças deste orfanato são muito afortunadas por terem uma protetora tão generosa e dedicada. Ouso dizer que não há outro orfanato em Inglaterra cujas crianças estejam mais bem vestidas e alimentadas do que estas, graças à sua generosidade.

Victoria sorriu e preparou-se para declinar o amável convite para jantar, mas então, de repente, mudou de ideias e aceitou. Mandou uma das crianças mais velhas a Wakefield com uma mensagem para Jason a dizer-lhe que naquela noite jantaria em casa do vigário, e em seguida encostou-se a uma árvore, a ver as crianças brincarem aos piratas e a perguntar a si mesma como iria Jason reagir à sua inédita ausência à mesa do jantar.

Na realidade, não tinha maneira de saber se ele se importava. A vida tornara-se muito estranha, muito confusa. Além das joias que ele já lhe tinha dado, tinha agora um par de brincos e uma pulseira de esmeraldas para fazer conjunto com o colar, brincos de diamantes, um alfinete de rubis e um conjunto de ganchos para o cabelo com diamantes incrustados – uma prenda por cada uma das cinco

noites consecutivas em que tinham feito amor desde que ela admitira que tentara seduzi-lo.

Na cama, todas as noites, Jason amava-a apaixonadamente. De manhã, deixava-lhe uma joia e então afastava-a do seu espírito e da sua vida até voltarem a encontrar-se para o jantar e para a cama. Em consequência deste estranho tratamento, Victoria estava a adquirir muito depressa um vivo ressentimento contra Jason e uma aversão ainda mais viva a joias.

Talvez conseguisse suportar melhor esta atitude se ele na realidade estivesse sempre a trabalhar, mas não estava. Arranjava tempo para passear a cavalo com Robert Collingwood, para visitar o magistrado local e para fazer todo o género de outras coisas. Quanto a ela, só tinha direito à sua companhia durante o jantar e depois mais tarde, quando iam para a cama. A compreensão de que era assim que a sua vida ia ser começou por entristecê-la, e depois fazê-la ficar zangada. Naquela tarde, estava suficientemente zangada para faltar ao jantar.

Era óbvio que Jason queria o género de casamento típico da elite. Esperava-se que ela tratasse da sua vida e ele da dele. As pessoas sofisticadas não andavam sempre juntas, bem o sabia; fazê-lo era considerado vulgar e plebeu. Também não professavam amarem-se umas às outras, mas, neste aspeto, Jason estava a ter um comportamento muito estranho. Dissera-lhe que não o amasse, e no entanto fazia amor com ela todas as noites, durante horas seguidas, afogando-lhe os sentidos em prazer até que ela acabava por gritar o seu amor por ele. Quanto mais se esforçava por conter a palavra «amote», mais tórrida se tornava a maneira como ele a amava até lhe arrancar a confissão com as mãos, com a boca, com todo o corpo. Então, e só então, a deixava encontrar o explosivo êxtase que podia dar-lhe ou negar-lhe.

Era como se quisesse, precisasse de ouvir aquela palavra; mas nunca, nem sequer nos píncaros do seu próprio clímax, lhe dizia a ela. Tinha-lhe escravizado o corpo e o coração; tinha-a acorrentado a si – com astuta deliberação, e com êxito, mantendo-a numa sujeição de louco e escaldante prazer –, mas continuava emocionalmente desligado dela.

Ao cabo de uma semana disto, Victoria estava determinada a, fosse como fosse, obrigá-lo a partilhar aquilo que ela sentia e admiti-lo. Não podia, não queria, acreditar que ele não a amasse – sentia-o na ternura das mãos dele e na fome ansiosa dos seus lábios. Além disso, se não quisesse que ela o amasse, porque a obrigaria a dizê-lo?

Com base no que o comandante Farrell lhe tinha contado, quase conseguia compreender que Jason não quisesse confiar-lhe o seu coração. Conseguia compreender, mas estava decidida a mudar aquele estado de coisas. O comandante Farrell dissera que Jason amaria só uma vez... Uma vez e para sempre. Queria desesperadamente ser amada dessa maneira por ele. Talvez se não estivesse sempre tão acessível ele se apercebesse de que tinha saudades dela, e até o admitisse. Pelo menos, era essa a sua esperança quando lhe enviou um delicado recado a explicar que não estaria em casa para o jantar.

Esteve como que sobre brasas durante o espetáculo de fantoches e mais tarde, durante o jantar em casa do vigário, enquanto esperava o momento de poder regressar a Wakefield e ver por si mesma como reagira Jason à sua ausência. A despeito dos seus protestos de que não era necessário, o vigário insistiu em acompanhá-la até casa naquela noite, sem parar de alertá-la durante todo o caminho para os perigos que ameaçavam uma mulher suficientemente tola para se aventurar sozinha depois do escurecer.

Cheia de maravilhosas, ainda que pouco prováveis, visões de Jason a cair de joelhos mal ela entrasse e a declarar o seu amor por ter sentido tanto a sua falta durante a refeição da noite, Victoria

entrou em casa quase a correr.

Northrup informou-a de que Lord Fielding, ao saber da sua intenção de jantar fora, decidira ir jantar com uns vizinhos e ainda não voltara.

Completamente frustrada, Victoria subiu aos seus aposentos, tomou um demorado banho e lavou o cabelo. Jason ainda não tinha regressado quando acabou, de modo que se enfiou na cama a folhear, desinteressada, um jornal. Se a intenção de Jason fora voltar o feitiço contra o feiticeiro, pensou, desanimada, não poderia ter encontrado melhor maneira de o fazer – se bem que não acreditasse que ele se tinha dado a todo aquele trabalho só para lhe dar uma lição.

Já passava das onze quando, por fim, o ouviu entrar no quarto ao lado, e pegou no mesmo instante no jornal, pondo-se a olhar para ele como se fosse a leitura mais interessante do mundo. Minutos mais tarde, Jason entrou no quarto dela, já sem o lenço de pescoço e com a camisa branca aberta quase até à cintura, revelando os pelos pretos encaracolados que lhe cobriam o peito bronzeado e musculoso. Tinha um ar tão viril e atraente que a boca de Victoria ficou seca. Ele, pelo seu lado, manteve uma compostura perfeita.

- Não vieste jantar a casa – observou, de pé ao lado da cama.
- Não – concordou Victoria, a tentar imitar-lhe o tom desligado.
- Porque não?

Ela lançou-lhe um olhar inocente e repetiu a explicação que ele próprio costumava usar para a ignorar:

– Gosto da companhia de outras pessoas, tal como tu gostas de trabalhar. – Infelizmente, a falsa compostura vacilou um pouco e ela acrescentou, com uma nota de nervosismo na voz: – Não pensei que te importasses por eu não estar.

– Não me importe nada – respondeu ele, para profundo e desiludido desgosto dela, e, depois de lhe ter depositado um casto beijo na testa, voltou aos seus aposentos.

Victoria ficou a olhar, com um ar desolado, para a almofada vazia a seu lado. O coração recusava acreditar que lhe fosse indiferente que ela tivesse ou não estado em casa para o jantar. Também não queria acreditar que ele tencionasse dormir sozinho naquela noite, e passou horas acordada à espera, mas Jason não apareceu.

Quando acordou, na manhã seguinte, sentia-se pessimamente. E isso foi antes de Jason entrar no seu quarto, recém-barbeado e a ressumar vitalidade, para sugerir, num tom despreocupado:

– Se te sentes só e precisas de companhia, Victoria, talvez devesse ir passar um ou dois dias a Londres.

O desespero trespassou-a e a escova do cabelo escapou-se-lhe de entre os dedos flácidos, mas um orgulho teimoso ocorreu a socorrê-la e conseguiu pôr-lhe no rosto um sorriso alegre. Ou ele estava a desafiar-lhe o *bluff*, ou queria ver-se livre dela, mas fosse qual fosse a razão, ia fazer como lhe era recomendado.

- Que ideia encantadora, Jason. Acho que é o que vou fazer. Obrigada pela sugestão.

CAPÍTULO 28

Victoria foi para Londres e ficou lá quatro dias, sempre na desesperada esperança de que Jason fosse atrás dela e sentindo-se cada vez mais sozinha e frustrada a cada hora que passava sem que ele aparecesse. Foi a três espetáculos musicais e à ópera, e visitou algumas amigas. À noite ficava acordada, a tentar compreender como podia um homem ser tão quente de noite e tão frio durante o dia. Não queria acreditar que ele a visse apenas como um conveniente recetáculo do seu desejo. Não podia ser verdade – sobretudo quando parecia apreciar tanto a sua companhia ao jantar. Prolongava sempre a refeição, brincando com ela e incitando-a a falar de todo o género de coisas. Certa vez, até lhe elogiara a inteligência e a percepção. Noutras ocasiões, pedira-lhe opinião sobre temas tão diversos como a disposição do mobiliário na sala de estar ou se devia ou não reformar o encarregado da propriedade e contratar um homem mais novo.

Na quarta noite, Charles acompanhou-a ao teatro, e depois ela regressou à casa de Jason em Upper Brook Street para mudar de roupa para o baile a que prometera ir. Voltaria para casa na manhã seguinte, decidiu com uma mistura de desespero e resignação; estava disposta a ceder naquele confronto de vontades com Jason e retomar a batalha pelo afeto dele na frente interna.

Envolta num espetacular vestido de baile de rodopiante musselina salpicada de lentejoulas prateadas, entrou no salão de baile com o marquês de Salle de um lado e o barão Arnoff do outro.

Voltaram-se cabeças quando ela entrou, e Victoria reparou mais uma vez na maneira muito peculiar como as pessoas olhavam para ela. Já na noite anterior tivera a mesma desconfortável sensação. Não podia acreditar que a elite encontrasse motivos para a criticar apenas por estar em Londres sem o marido. Além disso, os olhares que estava a receber de damas e cavalheiros não eram de censura. Olhavam-na com expressões que quase pareciam de solidariedade, ou talvez de pena.

Caroline Collingwood chegou já tarde, e Victoria chamou-a à parte com a intenção de lhe perguntar se sabia por que razão estavam as pessoas a comportar-se de uma maneira tão estranha. Mas antes que tivesse oportunidade de falar, Caroline forneceu a resposta.

– Victoria – disse, num tom carregado de ansiedade –, está tudo bem... quero dizer, entre ti e Lord Fielding? Não estão já separados, pois não?

– Separados? – repetiu Victoria, sem compreender. – É isso que as pessoas pensam? É por isso que olham para mim de uma maneira tão estranha?

– Não estás a fazer nada de errado – apressou-se Caroline a tranquilizá-la, lançando um apreensivo olhar em redor para se certificar de que os dois dedicados acompanhantes da amiga não a ouviam. – É que, dadas as circunstâncias, as pessoas estão a chegar a certas conclusões... a conclusão de que tu e Lord Fielding não estão bem e que tu, bem, o deixaste.

– Eu fiz o quê? – explodiu Victoria, num irritado murmúrio. – O que é que leva as pessoas a pensar semelhante coisa? Lady Calliper não está com o marido, e a condessa de Graverton também não, e...

– E eu também não estou com o meu – interrompeu-a Caroline, exasperada. – Mas é que, bem vês,

nenhum dos nossos maridos tinha já sido casado. O teu sim.

– E isso faz alguma diferença? – disse Victoria, a perguntar-se que ridícula convenção teria infringido daquela vez. A elite tinha regras para governar o comportamento em todas as circunstâncias, com uma longa lista de exceções que tornava tudo absurdamente confuso. Mesmo assim, custava-lhe acreditar que fosse permitido às primeiras esposas mostrarem-se sozinhas na sociedade, e às segundas não.

– Faz diferença – suspirou Caroline – porque a primeira Lady Fielding disse algumas coisas horríveis a respeito das crueldades de Lord Fielding para com ela, e houve quem acreditasse. Estás casada há menos de duas semanas, e agora estás aqui, e não tens um ar feliz, Victoria, palavra que não. As pessoas que acreditaram nas coisas que a primeira Lady Fielding dizia lembraram-se delas, e agora andam a repeti-las e a apontar para ti como confirmação.

Victoria olhou para ela, sentindo-se encurralada.

– Nunca pensei, nunca imaginei, que fizessem uma coisa dessas. Já tencionava voltar para casa amanhã, de qualquer modo. Se não fosse tão tarde, ia já esta noite.

Caroline pousou-lhe uma mão no braço.

– Se há alguma coisa que te incomoda, uma coisa que não queiras discutir, sabes que podes ficar connosco. Não te pressionarei.

Victoria abanou a cabeça e apressou-se a confirmar:

– Quero ir para casa amanhã. Quanto a esta noite, não há nada que possa fazer.

– Exceto tentar parecer feliz – disse a amiga, com um sorriso desprovido de humor.

Victoria achou que *aquela* era um excelente conselho e tratou de pô-lo em prática, com uma pequena modificação da sua própria autoria. Ao longo das duas horas que se seguiram, esforçou-se por falar com o maior número de pessoas possível, conseguindo sempre, com maravilhosa habilidade, introduzir o nome de Jason na conversa e falando dele nos termos mais elogiosos. Quando, num grupo, Lord Armstrong comentou que estava a tornar-se impossível satisfazer os seus rendeiros, Victoria declarou de imediato que o marido mantinha excelentes relações com os dele.

– O meu Lord Fielding é tão sensato na gestão das suas propriedades – concluiu, no tom ofegante de uma noiva deslumbrada – que é adorado pelos rendeiros e absolutamente venerado pelos criados.

– A sério? – disse Lord Armstrong, espantado. – Vou ter de ter uma conversa com ele. Pensava que o Wakefield não queria saber dos rendeiros para nada, mas parece que estava enganado.

A Lady Brimworthy, que lhe elogiou o colar de safiras, Victoria respondeu:

– Lord Fielding está constantemente a oferecer-me coisas. É *tão* generoso, tão bom e cheio de consideração. E tem muito bom gosto, não acha?

– Sem dúvida – concordou Lady Brimworthy, a admirar a fortuna em diamantes e esmeraldas que Victoria usava ao pescoço. – O Brimworthy farta-se de protestar quando eu compro joias – acrescentou, triste. – Da próxima vez que me acusar de ser extravagante, não deixarei de mencionar a generosidade do Wakefield!

Quando a velha condessa de Draymore lhe recordou o pequeno-almoço veneziano que organizara para a manhã seguinte, Victoria declarou:

– Receio não poder, senhora. Já estou longe do meu marido há quatro dias e, para dizer a verdade, sinto falta da companhia dele. Ele é a imagem viva da amabilidade e da gentileza!

A condessa de Draymore quase deixou cair o queixo. Quando Victoria se afastou, voltou-se para as amigas e piscou os olhos.

– A imagem viva da amabilidade e da gentileza? – repetiu, intrigada. – Aonde fui eu buscar a ideia de que ela estava casada com o Wakefield?

Na sua casa em Upper Brook Street, Jason Fielding andava de um lado para o outro como uma fera enjaulada, a amaldiçoar em silêncio o seu mordomo londrino por lhe ter dado informações incorretas sobre o paradeiro de Victoria naquela noite, e a amaldiçoar-se a si mesmo por ter corrido para Londres atrás dela como um ciumento jovem apaixonado. Foi a casa dos Bedford, onde o mordomo lhe dissera que Victoria se encontrava, mas não a viu no meio da multidão que enchia o salão de baile. Tal como não a encontrou em qualquer dos outros três lugares onde o mordomo pensava que poderia estar.

Victoria foi tão bem sucedida na sua tentativa de parecer dedicada ao marido que, ao fim da noite, os convidados a olhavam com mais divertimento do que preocupação. Ainda estava a sorrir por causa disto quando entrou em casa, pouco antes do alvorecer.

Acendeu a vela que os criados lhe tinham deixado na mesa do vestíbulo e subiu a escada alcatifada. Estava a acender as do quarto quando um som furtivo vindo dos aposentos contíguos lhe chamou a atenção. A rezar para que a pessoa que ali estava fosse um dos criados e não um assaltante, avançou sem fazer ruído para a porta de ligação. Erguendo bem alto a vela, estendia uma mão trémula para a maçaneta quando, de repente, a porta se abriu, arrancando-lhe um grito.

– Jason! – exclamou, assustada, levando a mão ao pescoço. – Graças a Deus és tu! P-pensei que era um ladrão e vim ver.

– Muito corajosa – disse ele e, olhando para a vela que ela mantinha erguida, acrescentou: – E se fosse, o que é que tencionavas fazer? Ameaçar pegar-me fogo às pestanas?

A gargalhada de Victoria morreu-lhe na garganta quando ela reparou no brilho ameaçador dos olhos verdes e no músculo que tremia na mandíbula cerrada dele. Compreendeu que, por detrás da sardónica fachada, havia uma fúria terrível. Numa reação automática, começou a recuar à medida que Jason avançava, dominando-a com a sua estatura. Apesar da elegância civilizada do soberbo traje de cerimónia, nunca lhe parecera mais perigoso, mais dominador do que naquele momento em que avançava para ela com passos enganadoramente preguiçosos.

Sempre a recuar, Victoria começou a contornar a cama, e então deteve-se e controlou o medo desenfreado e irracional que se apoderara dela! Não fizera nada de errado, e ali estava a comportar-se como uma criança acobardada! Ia discutir tudo aquilo de uma maneira razoável e racional, decidiu.

– Jason – disse, apenas com um muito ligeiro tremor na voz –, estás zangado?

Jason deteve-se a centímetros dela. Empurrando para trás as abas da casaca de veludo preto, pôs as mãos nas ancas, com os pés afastados bem assentes no chão, numa pose decididamente agressiva.

– Pode-se dizer que sim – disse, num terrível e arrastado tom de voz. – Onde diabo estiveste?

– No... no baile de Lady Dunworthy.

– Até de madrugada? – rosnou ele.

– Sim. Não tem nada de invulgar. Sabes que estas coisas dão sempre para o tarde.

– Não, não sei – disse ele, tenso. – Talvez me possas explicar porque é que mal saís da minha vista deixas de saber contar!

– Contar? – repetiu Victoria, cada vez mais assustada. – Contar o quê?

– Contar os dias! – esclareceu ele, cáustico. – Dei-te autorização para estar aqui dois dias, não quatro!

– Não preciso da tua autorização! – explodiu Victoria, com insensatez. – E não venhas fingir que queres saber se eu estou aqui ou em Wakefield!

– Oh, mas *quero* – disse ele numa voz sedosa, despindo a casaca com deliberada lentidão e começando a desabotoar a camisa de folhos. – E tu *precisas* da minha autorização. Andas muito esquecida, minha querida... Sou o teu marido, lembras-te? Despe essas roupas.

Victoria abanou furiosamente a cabeça.

– Não me faças zangar o suficiente para te obrigar – avisou ele. – Não ias gostar do que aconteceria se o fizesses, acredita.

Victoria acreditou sem a mais pequena dúvida. Levou as mãos que tremiam às costas do vestido e começou a tentar soltar, atabalhoada, os minúsculos colchetes.

– Jason, pelo amor de Deus, o que é que se passa? – perguntou, suplicante.

– O que é que se passa? – repetiu ele, trocista, ao mesmo tempo que atirava a camisa para o chão. – O que se passa é que estou com ciúmes, minha cara. – Levou as mãos ao cós das calças. – Estou com ciúmes, e acho a sensação não só nova mas também singularmente desagradável.

Noutras circunstâncias, Victoria teria ficado delirante de alegria com esta confissão. Naquele momento, deixou-a ainda mais assustada, mais tensa, e tornou-lhe os dedos ainda mais desajeitados.

Ao ver a ausência de progressos da parte dela, Jason estendeu as mãos, agarrou-a pelos ombros, fê-la rodar e soltou os pequenos ganchos das costas do vestido com uma facilidade que só uma longa experiência a despir mulheres poderia explicar.

– Para a cama – ordenou, empurrando-a nessa direção.

Victoria era uma massa de trémula rebelião e medo petrificado quando Jason se lhe juntou e a puxou rudemente para si. A boca dele desceu sobre a dela num beijo duro, punitivo, e Victoria cerrou os dentes, a arquejar sob a pressão.

– Abre a boca!

Victoria apoiou as mãos no peito dele e desviou a cara.

– Não! Assim não! Não vou deixar!

Ele sorriu-lhe. Um sorriso duro, cruel, que lhe gelou o sangue.

– Ah, vais deixar, sim, minha querida – murmurou, numa voz sedosa. – Antes que eu acabe contigo, vais *pedir-me*!

Furiosa, Victoria empurrou-o com uma força inesperada, nascida do medo, e rolou de baixo dele.

Tinha quase conseguido pousar os pés no chão quando Jason a agarrou por um braço e a puxou de novo para cima da cama. Levantou-lhe as mãos, prendeu-lhas acima da cabeça e atravessou uma perna sobre as dela.

– Isso foi uma grande tolice – sussurrou e, muito devagar, inclinou a cabeça.

Lágrimas de medo saltaram dos olhos de Victoria, estendida de costas e presa à cama enquanto via a boca de Jason descer com deliberada lentidão para a sua. Mas em vez de repetir o doloroso assalto de momentos antes, os lábios dele apoderaram-se dos dela num longo e insolente beijo, enquanto a mão livre lhe percorria o corpo para cima e para baixo, com os dedos a fecharem-se sobre um róseo seio, a apertarem ao de leve o mamilo endurecido, e depois a deslizarem mais para baixo, passando pelo ventre liso, tocando e acariciando o monte triangular de pelos louros, até que o corpo dela, vil traidor, começou a reagir à perícia daquelas carícias. Victoria contorceu-se ainda mais

freneticamente quando os dedos dele deslizaram ainda mais para baixo, mas era inútil: Jason enfiou a perna entre os joelhos dela e os seus dedos ganharam acesso ao lugar que procuravam.

Um fogo líquido começou a correr pelas veias de Victoria, minando-lhe as forças, derretendo-lhe a resistência, e os seus lábios entreabriram-se debaixo dos dele. A língua de Jason entrou-lhe na boca, enchendo-a, e voltou a retirar-se, e voltou a entrar, enquanto os dedos dele, dentro dela, começaram a imitar-lhe os movimentos lentos, insistentes. Este ataque incrivelmente erótico aos seus sentidos era mais do que Victoria conseguia aguentar. Com um silencioso gemido de rendição, entregou-se-lhe, voltando a cara para ele e retribuindo o beijo, com o corpo a moldar-se ao dele. No mesmo instante, Jason libertou-lhe as mãos.

Baixou ainda mais a cabeça e esfregou-lhe o nariz no pescoço enquanto procurava a rosada rotundidade dos seios. Desenhou com a língua pequenos círculos na pele escaldante dela e então fechou a boca sobre o mamilo. Com um gemido de puro prazer, Victoria agarrou-lhe com as mãos a cabeça encaracolada e puxou-a para si. Jason deixou escapar uma estranha gargalhada e continuou a descer, com a língua a traçar um caminho de fogo ao longo do ventre tenso de Victoria até que ela percebeu o que ele tencionava fazer e tentou freneticamente libertar-se. Jason agarrou-lhe as ancas e levantou-lhas, e a sua boca fechou-se à volta dela. Quando acabou, sensações escaldantes gritavam por todo o corpo de Victoria e ela estava desesperada por uma culminação.

Jason ergueu-se acima dela, com a sua virilidade túrgida e quente a sondar ao de leve, provocadoramente, o lugar onde as mãos e a boca tinham estado. Com um gemido baixo, Victoria arqueou as costas, com as mãos a puxarem as ancas dele para baixo. Jason entrou na quente humidade dela com atormentadora lentidão, e então moveu-se devagar para trás e para a frente, penetrando um pouco mais fundo de cada vez, retirando-se um pouco, voltando a avançar, até Victoria estar meio louca com a necessidade de ser completamente ocupada por ele. As pernas dela prenderam-no e as ancas subiram ao encontro de cada arremetida, a sua cara estava corada, o peito arfava em haustos curtos e rápidos. De repente, ele penetrou-a até ao fundo com uma força que lhe arrancou um grito de puro prazer – e, quase no mesmo instante, retirou-se.

– Não! – gritou Victoria, de surpresa e privação, e enlaçou-o com os braços.

– Queres-me, Victoria? – sussurrou ele.

Victoria abriu os olhos aturdidos e viu-o, com as mãos pousadas ao lado da sua cabeça enquanto se mantinha afastado dela, de rosto duro.

– Queres-me? – repetiu Jason.

– Nunca te perdorei por isto – disse ela, com a voz a estrangular-se-lhe na garganta.

– Queres-me? – voltou Jason a perguntar, e rodou as ancas contra a sensível suavidade dela. – Diz-me.

A paixão fervilhava no corpo dela, a lutar contra uma vontade enfraquecida, a argumentar a favor dele. Tinha ciúmes. Importava-se. Estava magoado pela longa ausência dela. Os lábios formaram a palavra «sim», mas nem mesmo o furioso desejo conseguia levá-la a pronunciá-la.

Satisfeito com o que conseguira, Jason deu-lhe o que ela queria. Como que para se redimir de a ter humilhado, entregou-se com abnegada determinação, movendo o corpo de modo a proporcionar o máximo de prazer, reprimindo as exigências do seu furioso desejo enquanto ela estremecia debaixo dele a cada funda arremetida. Levou-a a um tumultuoso clímax, mantendo-a empalada na sua pulsante ereção, sacudida por espasmos de êxtase. Então apertou-a contra o peito e deixou-se finalmente ir.

Quando acabou, fez-se um silêncio absoluto entre os dois. Jason ficou imóvel por um longo minuto,

a olhar para o teto; depois levantou-se da cama e foi para o seu próprio quarto. Excetuando a noite de núpcias, era a primeira vez que a deixava depois de terem feito amor.

CAPÍTULO 29

Victoria acordou com o coração pesado e dorido, sentia-se como se não tivesse dormido. Um nó de um enorme desespero apertou-lhe a garganta ao recordar a humilhante e injustificada vingança de Jason naquela madrugada. Afastando da cara o cabelo despenteado, apoiou-se num cotovelo e passou os olhos, numa aturdida abstração, pelo quarto à sua volta. E então viu o estojo de couro ao lado da cama.

Uma raiva como nunca antes conhecera explodiu dentro dela, obliterando todas as outras emoções. Saltou da cama, enfiou um robe e pegou no estojo.

Num furioso turbilhão de cetim verde-claro, abriu a porta de ligação para o quarto de Jason e entrou.

– Nunca mais te atrevas a dar-me uma joia! – sibilou.

Jason estava de pé ao lado da cama, com as pernas compridas metidas numas calças beges, o peito nu. Ergueu os olhos mesmo a tempo de vê-la atirar-lhe o estojo à cabeça, mas nem sequer pestanejou, não moveu um músculo para evitar a pesada caixa que passou por ele, falhando-lhe a orelha por milímetros.

O estojo caiu no chão com um baque surdo e deslizou para debaixo da cama.

– Nunca te perdorei o que fizeste ontem à noite – gritou Victoria, cravando as unhas nas palmas das mãos, com o peito a subir e a descer ao ritmo da respiração. – Nunca!

– Estou certo de que não – disse ele, numa voz átona e inexpressiva, enquanto estendia a mão para a camisa.

– Detesto as tuas joias, detesto a maneira como me tratas e detesto-te a ti! Não sabes amar ninguém, és um... um *filho da mãe* cínico e sem coração!

As palavras saíram-lhe da boca antes que ela se apercebesse do que tinha dito, mas qualquer que fosse a reação que esperava, não foi a que obteve.

– Tens razão – concordou Jason, numa voz tensa. – É *exatamente* o que sou. Lamento destruir quaisquer ilusões que ainda pudesses ter a meu respeito, mas a verdade é que sou um subproduto de uma breve e insignificante ligação que Charles Fielding manteve quando era jovem com uma qualquer bailarina há muito esquecida.

Passou a camisa por cima dos ombros musculosos e enfiou os braços nas mangas, enquanto Victoria começava lentamente a perceber que ele julgava estar a confessar-lhe uma coisa feia e repugnante.

– Cresci na miséria, criado pela cunhada do Charles. Mais tarde, dormi num armazém. Aprendi sozinho a ler e escrever; não frequentei Oxford nem fiz nenhuma das coisas que os teus outros refinados e aristocráticos admiradores fizeram. Em suma, não sou nenhuma das coisas que julgas que sou... nenhuma das coisas boas, ou das coisas bonitas.

Começou a abotoar a camisa, com o olhar velado cuidadosamente posto nas mãos.

– Não sou um marido adequado para ti. Não sou digno de te tocar. Fiz coisas que te deixariam doente.

As palavras do comandante Farrell trespassaram como espadas a mente de Victoria: «*A bruxa obrigou-o a ajoelhar e a pedir perdão àqueles indianos imundos.*» Olhou para o rosto orgulhoso e seco de Jason e sentiu o coração partir-se-lhe no peito. Agora até compreendia por que razão ele não podia, não queria, aceitar o seu amor.

– Sou um filho da mãe, um bastardo – concluiu ele, sombrio –, no sentido mais estrito da palavra.

– Nesse caso estás em excelente companhia – disse ela, com a voz a tremer de emoção. – Três dos filhos do rei Carlos são bastardos, e ele fê-los a todos duques.

Por um momento, Jason pareceu confuso, e então encolheu os ombros.

– A questão é que me disseste que me amavas, e eu não posso permitir que continues convencida disso. Amaste uma miragem, não a mim. Nem sequer me conheces.

– Oh, conheço, sim – respondeu Victoria, sabendo que o que dissesse naquele momento ia determinar todo o futuro dos dois. – Sei tudo a teu respeito... O comandante Farrell contou-me, há mais de uma semana. Sei o que te aconteceu quando eras um rapazinho...

Por um instante, a fúria incendiou os olhos de Jason, mas ele voltou a encolher os ombros, resignado.

– Não tinha o direito de to dizer.

– Devias ter-mo dito *tu* – gritou Victoria, incapaz de controlar a voz ou as lágrimas que lhe corriam pela cara. – Mas não o fizeste porque te envergonhas das coisas de que mais devias orgulhar-te! – Limpou as lágrimas com um gesto furioso e continuou, com a voz entrecortada. – Quem me dera que mo tivesses dito. Antes de ele me contar, só te amava um bocadinho. Depois, quando percebi como és corajoso e... como és forte, amei-te tanto...

– O quê? – disse ele, num rouco murmúrio.

– Nunca te tinha *admirado* antes daquele dia – continuou ela, histérica –, mas agora admiro-te e não suporto o que estás a fazer a...

Viu-o mover-se através do véu de lágrimas que lhe toldava a visão, sentiu-se esmagada contra o peito dele e todas as emoções que acumulara dentro de si irromperam num caudal irreprimível.

– Não quero saber quem são os teus pais – soluçou, nos braços dele.

– Não chores, querida – murmurou ele. – Por favor, não chores.

– Detesto quando me tratas como uma boneca pateta, vestindo-me com vestidos de baile e...

– Nunca mais te compro um vestido – tentou ele brincar, mas a voz saiu-lhe rouca e crua.

– E depois cobres-me de j-joias...

– Acabaram-se as joias – disse ele, e abraçou-a com mais força.

– E quando te cansas de b-brincar comigo, pões-me de lado.

– Sou um cretino – disse ele, acariciando-lhe o cabelo e esfregando o queixo no alto da cabeça dela.

– N-nunca me dizes o que estás a pensar ou o que pensas a respeito das coisas, e eu n-não sei ler o que te vai na cabeça.

– Não tenho cabeça – murmurou ele. – Perdi-a há meses.

Victoria soube que tinha ganhado, mas o alívio era tão dolorosamente delicioso que os soluços continuaram a sacudir-lhe os frágeis ombros.

– Oh, meu Deus, por favor, não chores assim – gemeu Jason, passando-lhe as mãos impotentes

pelos ombros que estremeciam, pelas costas, numa tentativa desesperada de a consolar. – Não aguento ver-te chorar. – Enfiou-lhe as mãos no cabelo, levantou-lhe o rosto marcado pelas lágrimas, acariciou-lhe ternamente as faces com os polegares. – Nunca mais te farei chorar – prometeu. – Juro. – Inclinou a cabeça e beijou-a com suave violência. – Vem para a cama comigo – murmurou, numa voz rouca e urgente. – Vem para a cama comigo e eu far-te-ei esquecer a noite passada...

Em resposta, Victoria passou os braços à volta do pescoço do marido e Jason tomou-a nos braços, desejoso de tentar compensá-la da única maneira que sabia. Pousou um joelho no colchão, baixou-a suavemente e inclinou-se, com os lábios colados aos dela num ininterrupto e ardente beijo.

Quando, por fim, se endireitou para tirar a camisa e desapertar as calças, Victoria observou-o sem vergonha, e admirou aquele corpo magnífico, as pernas compridas e musculosas e as ancas estreitas, os braços fortes e os ombros largos, os poderosos músculos que lhe ondulavam nas costas quando ele se voltou de lado... Um grito estrangulado brotou-lhe do peito.

Jason ouviu-o e todo o seu corpo ficou rígido ao compreender o que ela tinha visto. As cicatrizes! Tinha-se esquecido das malditas cicatrizes. Recordou com toda a nitidez a última vez que se esquecera de as esconder, recordou o horror da mulher que estava na sua cama, o desprezo e a repulsa na cara dela quando vira que ele se tinha deixado chicotear como um cão. Por causa disso, mantivera sempre as costas longe das vistas de Victoria quando faziam amor, e tivera sempre o cuidado de apagar todas as velas antes de adormecerem.

– Oh, meu Deus! – arquejou Victoria atrás dele, a olhar horrorizada para as cicatrizes brancas que lhe riscavam a pele. Havia dúzias delas. Os dedos tremeram-lhe quando estendeu a mão para lhes tocar; no momento em que o fez, a pele dele estremeceu. – Ainda te doem? – perguntou, num murmúrio de angustiada surpresa.

– Não – respondeu Jason, tenso. A vergonha inundou-o em grandes e nauseantes vagas enquanto esperava pela inevitável reação à prova evidente da sua humilhação.

Para seu indizível espanto, sentiu os braços dela envolverem-no por trás e os lábios tocarem-lhe as costas.

– Como deves ter sido corajoso para aguentar isto – sussurrou Victoria, num tom dorido. – Como tiveste de ser forte para sobreviver e seguir em frente.

Quando ela começou a beijar as cicatrizes, uma a uma, Jason rolou para o lado e tomou-a nos braços.

– Amo-te – sussurrou, mergulhando as mãos no cabelo luxuriante e voltando o rosto para o seu. – Amo-te tanto...

Os beijos dele queimaram-lhe a pele como ferros em brasa à medida que a boca descia dos lábios para os seios, as mãos a deslizarem pelas costas e pelos flancos, fazendo-a gemer e contorcer-se sob este terno assalto. Jason apoiou-se nas mãos, com a cara por cima da dela, e a sua voz soou rouca de paixão.

– Por favor, toca-me... deixa-me sentir as tuas mãos no meu corpo.

Nunca ocorrera a Victoria que Jason pudesse querer que ela lhe tocasse como ele lhe tocava, e o conhecimento era excitante. Pousou as mãos no peito dele, abrindo devagar os dedos, surpreendida quando o seu simples toque o fez inspirar por entre os dentes cerrados. Hesitante, fê-las deslizar mais para baixo, e os músculos tensos do abdómen contraíram-se num reflexo automático. Encostou os lábios ao pequeno mamilo e beijou-o como ele beijava o dela, agitando a língua de um lado para o outro, e quando o puxou com força para dentro da boca, Jason gemeu.

Inebriada por este recém-descoberto poder sobre aquele corpo, Victoria fê-lo rolar até ficar deitado de costas e roçou os lábios entreabertos pelos dele, oferecendo-lhe docemente a língua. Jason fez um som estranho, que era em parte gemido e em parte riso, e enfiou-lhe a língua na boca, com uma mão a agarrar-lhe a nuca enquanto comprimia os lábios contra os dela, o outro braço a enlaçá-la pela cintura e a puxá-la para cima da sua ereção.

Sem pensar, Victoria moveu as ancas contra a túrgida virilidade dele, a descrever círculos até se sentir fraca do prazer que estava a dar e a receber. Moveu-se mais para baixo, perdida na desesperada necessidade de lhe agradar, deixando um rasto de beijos ao longo do peito, esfregando-lhe o nariz no ventre, até que, de repente, as mãos de Jason se lhe emaranharam no cabelo e a puxaram para cima. Victoria sentia, debaixo de si, o latejar do membro intumescido e rígido, o calor escaldante da pele, o violento bater do coração contra os seus seios. Mas em vez de a possuir, como ela esperava, Jason olhou-a com o desejo a arder nos olhos e disse humildemente as palavras que tentara forçá-la a dizer na noite anterior.

– Quero-te – murmurou. E como se achasse que não se tinha humilhado o suficiente, acrescentou: – Por favor, querida.

Sentindo que o coração lhe ia rebentar de tanto amor, Victoria respondeu com um beijo escaldante. Foi resposta suficiente. Jason apertou-a com força nos braços, deitou-a de costas e entrou nela com um movimento rápido e seguro. Os braços enlaçavam-na pelos ombros e pelas ancas, chegando-a mais para si, forjando os dois corpos num só enquanto a penetrava uma e outra vez.

Victoria arqueou-se para cima numa febril necessidade de estimular esta incipiente paixão, a pressionar as ancas contra as coxas dele, a comprimir os lábios contra os lábios dele, enquanto as ondas de sensação que a percorriam se transformavam num frenesi e começavam a explodir por todo o seu corpo em penetrantes pontadas de puro e vibrante êxtase.

Um estremecimento sacudiu o poderoso corpo de Jason quando sentiu os espasmos do culminar dela apoderarem-se dele, e mergulhou fundo uma última vez. O seu corpo sacudiu-se convulsivamente, agitado por contrações sucessivas enquanto o dela o drenava de uma vida inteira de amargura e desespero. Victoria esvaziou-o de tudo e substituiu tudo por alegria, uma alegria que lhe encheu o coração e lhe correu pelas veias e o fez gemer de pura felicidade.

Depois de todos os seus êxitos financeiros e proezas sexuais sem objetivo, tinha por fim encontrado aquilo que inconscientemente sempre procurara. Tinha encontrado o seu lugar. Era dono de seis propriedades em Inglaterra, de dois palácios na Índia e de uma frota de navios em cada um dos quais havia um camarote reservado para seu uso exclusivo, mas nunca sentira que tinha uma casa. Agora estava em casa. Aquela bela jovem, deitada nos seus braços, era a sua casa.

Ainda a abraçá-la, rolou para o lado, passou-lhe os dedos pelo cabelo despenteado e roçou-lhe a têmpora com um terno beijo.

As pestanas de Victoria estremeceram e ergueram-se e ele sentiu-se como se fosse afogar-se nos lagos azuis dos seus olhos.

– Como te sentes? – brincou ela, sorrindo ao fazer-lhe a mesma pergunta que ele lhe fizera uma vez.

– Sinto-me um marido – respondeu ele com terna solenidade. Inclinou a cabeça, beijou-a longa e docemente nos lábios, e voltou a olhá-la nos olhos. – E pensar que eu não acreditava que existissem anjos – suspirou, deixando-se cair na almofada, deliciado na simples alegria de tê-la nos braços, com a cabeça apoiada no seu ombro. – Devo ser incrivelmente estúpido...

– És brilhante – declarou Victoria, indignada.

– Não, não sou. – Jason deixou escapar uma pequena gargalhada. – Se fosse minimamente inteligente, tinha-me metido na cama contigo da primeira vez que me apeteceu e depois insistido que casasses comigo.

– E quando foi a primeira vez que te apeteceu? – perguntou ela, a provocá-lo.

– No dia em que chegaste a Wakefield – admitiu Jason, a sorrir ante a recordação. – Acho que me apaixonei por ti no instante em que te vi à minha porta com um leitão nos braços e o cabelo ao vento como uma chama dourada.

Victoria fez um ar sério e abanou a cabeça.

– Por favor... não podemos mentir um ao outro, Jason. Não me amaste naquele dia, e não me amavas quando casaste comigo. Mas não importa, a sério que não. A única coisa que importa é que me amas agora.

Jason levantou-lhe o queixo e obrigou-a a enfrentar-lhe o olhar.

– Não, minha doçura... estava a falar a sério. Casei contigo porque te amava.

– Jason! – exclamou ela, lisonjeada mas mesmo assim decidida a definir um padrão de honestidade para o futuro. – Casaste comigo porque era esse o desejo de um homem moribundo.

– O desejo de um *moribundo*... – Para grande espanto de Victoria, Jason inclinou a cabeça para trás e riu à gargalhada. Apertou-a contra o peito nu. – Oh, querida – disse, ainda a rir e a passar ternamente os nós dos dedos pela face dela –, o homem moribundo que nos chamou à sua cabeceira e se agarrou à tua mão tinha na outra um conjunto de cartas.

Victoria levantou-se, apoiada nos cotovelos.

– Tinha o *quê*? – perguntou, dividida entre o riso e a fúria. – Tens a certeza?

– Absoluta – respondeu Jason. – Vi-as quando a manta se deslocou. Tinha quatro damas.

– Mas porque foi que nos fez aquilo?

Jason encolheu os ombros largos.

– Obviamente, achou que estávamos a demorar demasiado tempo a resolver a questão do casamento.

– Quando penso no que rezei para que ele se pusesse bom, dá-me vontade de o matar!

– Mas que coisa tão feia de se dizer – brincou Jason, a rir. – Não gostaste do resultado final das manigâncias dele?

– Bem, sim, mas porque foi que não me disseste... ou pelo menos não lhe disseste a ele que sabias o que estava a tramar?

Jason mordiscou-lhe a orelha.

– O quê, e estragar-lhe o divertimento? Nunca!

Victoria lançou-lhe um olhar indignado.

– Devias ter-me dito a mim. Não tinhas o direito de mo esconder.

– É verdade.

– Então porque foi que não me disseste?

– Terias casado comigo se não pensasses que era uma necessidade absoluta?

– Não.

– Foi por isso que não te disse.

Victoria deixou-se cair contra o peito dele, sem conseguir deixar de rir da determinação sem escrúpulos dele em conseguir o que queria e da sua total ausência de arrependimento.

– Não tens nenhuma espécie de princípios? – perguntou, com risonha severidade.

Jason sorriu.

– Parece que não.

CAPÍTULO 30

Victoria estava sentada no salão, já perto do fim da tarde, à espera de Jason, que um problema qualquer obrigara a sair, quando o velho mordomo que presidia à casa de Londres apareceu à porta.

– Sua graça, a duquesa de Claremont, deseja vê-la, senhora. Disse-lhe...

– Disse-me que não recebias visitas – disse sua graça irritada, passando pelo horrorizado mordomo e entrando no salão. – O pobre tolo parece não perceber que eu sou «família», e não «visita».

– Avó! – exclamou Victoria, levantando-se de um salto, apanhada de surpresa pelo inesperado aparecimento da velha senhora.

A cabeça, envolta num turbante, da duquesa voltou-se para o chocado servidor.

– Aí tem! – disse, brandindo a bengala na direção do mordomo. – Ouviu bem? Avó! – destacou, num tom de satisfação. A murmurar desculpas abjetas, o mordomo fez uma vénia e saiu, deixando Victoria a confrontar, apreensiva, a sua parente, que se sentou num cadeirão e pousou as mãos no castão da bengala enquanto a examinava com minuciosa atenção. – Pareces feliz – concluiu, como que surpreendida.

– Foi isso que a fez vir do campo? – perguntou Victoria, sentando-se em frente dela. – Saber se sou feliz?

– Vim falar com o Wakefield – declarou sua graça, num tom ameaçador.

– Não está em casa – disse Victoria, intrigada pelo súbito franzir de sobrolho da velha senhora.

A expressão da duquesa tornou-se ainda mais carregada.

– Foi o que ouvi dizer. Londres inteira sabe que ele não está aqui contigo! Tenciono encontrá-lo e descompô-lo como merece nem que tenha de o perseguir por toda a Europa!

– Acho espantoso – disse Jason, divertido, entrando no salão – que praticamente toda a gente que conheço tenha mais ou menos medo de mim... exceto a minha minúscula esposa, a minha jovem cunhada e a senhora, que tem o triplo da minha idade e um terço do meu tamanho. Só posso presumir que a coragem, ou a temeridade, é transmitida pelo sangue, tal como as características físicas. Mas continue – concluiu, com um sorriso. – Dou-lhe autorização para me descompor como mereço aqui no meu próprio salão.

A duquesa pôs-se de pé e fulminou-o com o olhar.

– Ah! Lembrou-se finalmente de onde vive e que tem uma mulher! – ripostou, imperiosa. – Eu avisei-o de que o considerava responsável pela felicidade da Victoria, e o senhor não está a fazê-la feliz. De maneira nenhuma!

O olhar inquisitivo de Jason voltou-se para Victoria, mas ela abanou a cabeça num gesto de impotente confusão e encolheu os ombros. Convencido de que não fora ela a responsável pela opinião da duquesa, Jason passou-lhe o braço pelos ombros e perguntou, num tom muito calmo:

– E de que maneira falhei nos meus deveres de marido?

A duquesa deixou cair o queixo.

– De que maneira? – repetiu, incrédula. – Está aí, com o braço por cima dos ombros dela, mas eu sei de fonte absolutamente segura que, em Wakefield, só a visitou seis vezes no leito!

– Avó! – exclamou Victoria, horrorizada.

– Silêncio, criança – disse a duquesa, mantendo a adaga do seu olhar apontada para Jason enquanto continuava: – Dois dos seus criados são parentes de dois dos meus, e disseram-me que Wakefield em peso ficou em alvoroço quando o senhor recusou deitar-se com a sua noiva durante uma semana inteira após a cerimónia.

Victoria deixou escapar um gemido de mortificação, e Jason apertou-lhe com mais força os ombros, num gesto de apoio.

– Então – continuou a velha duquesa –, o que é que tem a dizer a isto, jovem?

Jason olhou para ela, com uma sobrancelha ironicamente arqueada.

– Diria que tudo indica que estou a precisar de ter uma conversa com os meus criados.

– Não se atreva a brincar com isto! O senhor, mais do que qualquer outro homem, tem a obrigação de saber como conservar uma mulher na sua cama e a seu lado. Deus sabe que metade das mulheres casadas de Londres andaram a suspirar por si durante os últimos quatro anos. Se fosse um desses peralvilhos a quem só os colarinhos da camisa seguram o queixo, compreenderia por que razão parece não saber o que fazer para me dar um herdeiro...

– Prometo fazer do seu herdeiro a minha primeira prioridade – afirmou Jason, com cómica gravidade.

– Não tolerarei mais dilações – avisou a duquesa, um tudo-nada apaziguada.

– Tem sido mais do que paciente – concordou ele, divertido.

A duquesa ignorou a ironia e assentiu com a cabeça.

– Agora que nos entendemos, pode convidar-me para jantar. Mas não poderei ficar muito tempo.

Com um sorriso maroto, Jason ofereceu-lhe o braço.

– Não duvido que tenciona fazer-nos uma visita mais demorada numa data posterior... digamos, daqui a nove meses?

– Nem mais um dia – afirmou ela perentória, mas quando olhou para Victoria, havia riso nos seus olhos. Enquanto se encaminhava para a sala de jantar, inclinou-se para a bisneta e murmurou: – É bonito ele, não é, minha querida?

– Muito – concordou Victoria, e deu-lhe uma palmadinha na mão.

– E apesar das coscuvilhices que ouço, és feliz, não és?

– Mais do que saberia dizer – respondeu Victoria.

– Gostaria que fosses visitar-me em breve. Claremont House fica a menos de vinte e cinco quilómetros de Wakefield, pela estrada do rio.

– Irei em breve – prometeu Victoria.

– E podes levar o teu marido.

– Obrigada.

Nos dias que se seguiram, o marquês e a marquesa de Wakefield estiveram presentes na maior parte dos mais brilhantes eventos da elite. As pessoas deixaram de falar das alegadas crueldades

dele para com a primeira mulher, pois saltava aos olhos de toda a gente que Jason, Lord Fielding, era o mais dedicado e generoso dos maridos.

Bastava olhar para o casal para ver que Lady Victoria brilhava de felicidade e que o seu alto e atraente marido a amava. Na realidade, o facto de o outrora distante e austero Jason Fielding ser visto a sorrir ternamente à esposa e até a rir alto em pleno teatro em resposta a algum comentário murmurado dela foi inclusivé motivo de grande surpresa e considerável divertimento.

Não tardou que se tornasse consensual a opinião de que o marquês tinha sido o homem mais caluniado, injustamente julgado e mal compreendido à face da Terra. As damas e os cavalheiros que no passado o tinham tratado com desconfiada cautela começavam agora a procurar ativamente a sua amizade.

Cinco dias depois de Victoria ter tentado acabar com a maledicência a respeito do seu marido ausente falando dele em termos de grande admiração, Lord Armstrong visitou Jason para lhe pedir conselho sobre a melhor maneira de conseguir a cooperação e a lealdade dos seus próprios criados e rendeiros. Lord Fielding fez um ar espantado, e sugeriu a Lord Armstrong que falasse com Lady Fielding a respeito do assunto. No White's, nessa mesma noite, Lord Brimworthy acusou, com modos risonhos, Jason de ser o culpado da recente compra, por Lady Brimworthy, de um extravagantemente caro conjunto de esmeraldas. Lord Fielding lançou-lhe um olhar divertido, apostou quinhentas libras na jogada seguinte, e instantes depois, tinha-o aliviado dessa quantia.

Na tarde seguinte, em Hyde Park, onde Jason estava a ensinar Victoria a conduzir o esplêndido faetonte de banco sobrelevado que comprara para ela, uma carruagem deteve-se abruptamente e três senhoras de idade examinaram-no com atenção.

– Espantoso! – disse a condessa de Draymore às amigas, enquanto escrutinava as feições de Jason através da luneta. – É mesmo casada com o Wakefield! Quando Lady Victoria disse que o marido era «a imagem viva da amabilidade e da gentileza», pensei que devia estar a falar de outra pessoa!

– Não é só amável, é também corajoso – declarou a mais velha de todas, ao ver o casal avançar precariamente pela alameda. – Já é a segunda vez que ela quase volta o faetonte!

Para Victoria, a vida tornara-se um arco-íris de delícias. À noite, Jason fazia amor com ela e ensinava-a a fazer amor com ele. Banhava-lhe os sentidos em prazer e extraía dela uma tempestuosa paixão de que nunca se imaginara capaz, e partilhava-a com ela. Por sua vez, ela ensinava-o a confiar e a entregar-se-lhe sem reservas: corpo, alma e coração. Jason não retinha nada e dava-lhe tudo: o seu amor, a sua atenção e todas as prendas de que conseguia lembrar-se, do fantasioso ao extravagante.

Rebatizara o seu elegante iate com o nome de *Victoria* e convencera-a a velejar com ele no Tamisa. Quando Victoria comentou que gostava muito mais de navegar no Tamisa do que no oceano, Jason mandou construir outro iate para seu uso exclusivo, todo decorado em azuis-claros e dourados, para conforto dela e das amigas. Este gesto de espetacular extravagância levou Miss Wilber a comentar, ciumenta, a um grupo de amigas, num baile:

– Está toda a gente ansiosa, a ponderar o que poderá o Wakefield comprar-lhe para ultrapassar um iate!

Robert Collingwood arqueou uma sobrancelha e sorriu à jovem invejosa.

– O Tamisa, talvez? – disse.

Para Jason, que nunca conhecera a alegria de ser amado e admirado não por aquilo que possuía ou por aquilo que aparentava ser mas por aquilo que verdadeiramente *era*, a calma paz interior que

sentia era pura felicidade. À noite, não conseguia tê-la suficientemente perto de si nem abraçá-la com força suficiente. Durante o dia, levava-a a fazer piqueniques ou nadavam juntos no ribeiro de Wakefield Park. Quando trabalhava, ela estava sempre presente nas margens do seu espírito, a fazê-lo sorrir. Queria pôr-lhe o mundo aos pés, mas tudo o que Victoria parecia desejar era ele, e esse conhecimento enchia-o de uma profunda ternura. Doou uma fortuna para construir um hospital perto de Wakefield – o Patrick Seaton Hospital – e começou a tratar do necessário para a construção de outro em Portage, Nova Iorque, que também teria o nome do pai de Victoria.

CAPÍTULO 31

No dia em que se completava um mês sobre a data do casamento, chegou uma mensagem a pedir a presença de Jason em Portsmouth, onde um dos seus navios acabava de aportar.

No dia da partida, nos degraus de Wakefield Park, Jason despediu-se de Victoria com um beijo suficientemente ardente para a fazer corar e arrancar ao cocheiro uma gargalhada abafada.

– Quem me dera que não tivesses de ir – disse Victoria, com a cara encostada ao peito dele e os braços à volta da sua cintura. – Seis dias é uma eternidade, e vou sentir-me muito sozinha sem ti.

– O Charles estará cá para te fazer companhia, minha doçura – disse ele, a sorrir e a esconder a sua própria relutância em partir. – O Mike Farrell mora ao fundo da estrada, e podes ir visitá-lo. Ou podes fazer outra visita à tua bisavó. Estarei em casa na terça-feira, a tempo de jantar.

Victoria assentiu e pôs-se em bicos de pés para lhe beijar a face acabada de escanhoar.

Com grande determinação, manteve-se o mais ocupada possível durante aqueles seis dias, a trabalhar no orfanato e a governar a casa, mas mesmo assim o tempo parecia arrastar-se. As noites eram ainda mais compridas. Passava o serão com Charles, que estava de visita, mas quando ia para a cama, era como se o relógio parasse.

Na véspera do esperado regresso de Jason, deambulou pelo quarto, a evitar deitar-se na cama solitária. Entrou nos aposentos de Jason e sorriu ao notar mais uma vez o contraste entre o masculino mobiliário de madeira escura e lavrada e o do seu próprio quarto, decorado ao estilo francês, com cortinados de fina seda e um sobrecéu em rosa e ouro. Tocou amorosamente nas escovas com incrustações de ouro do toucador dele. Por fim, com grande relutância, voltou ao seu quarto e acabou por adormecer.

No dia seguinte acordou ao raiar da aurora, com o coração cheio de excitação, e começou a planear uma refeição especial para o regresso de Jason.

O entardecer tornou-se crepúsculo e o crepúsculo numa fria noite estrelada enquanto ela esperava no salão, atenta ao som da carruagem de Jason no empedrado.

– Chegou, tio Charles! – exclamou, encantada, a espreitar da janela as luzes da carruagem que subia o caminho em direção à casa.

– Deve ser o Mike Farrell. O Jason ainda vai tardar mais uma ou duas horas, pelo menos – disse Charles, a sorrir com ternura, enquanto ela alisava a saia. – Eu sei quanto tempo demora a fazer a viagem, e ele já cortou um dia para poder chegar hoje em vez de amanhã.

– Suponho que tem razão, mas são só sete e meia, e eu pedi ao comandante Farrel para vir às oito, para o jantar. – O sorriso morreu-lhe nos lábios quando a carruagem se deteve diante da casa e viu que não era o luxuoso coche de viagem de Jason. – Acho que vou pedir a Mrs. Craddock que atrase o jantar – dizia quando Northrup apareceu à porta do salão com uma expressão estranha e tensa no rosto austero.

– Um cavalheiro deseja falar-lhe, senhora – anunciou.

– Um cavaleiro? – ecoou Victoria, confusa.

– Mr. Andrew Bainbridge, da América.

Victoria estendeu a mão para o espaldar da cadeira mais próxima e agarrou-o com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos.

– Mando-o entrar?

Assentiu com um gesto sacudido da cabeça, tentando controlar a violenta onda de ressentimento que a percorreu ao recordar a desapiedada rejeição dele e a pedir a Deus forças para o enfrentar sem revelar o que sentia. Tão distraída estava pelas suas próprias e desenfreadas emoções que nem se apercebeu da súbita palidez que invadiu o rosto de Charles nem da maneira como ele se levantou lentamente e se voltou para a porta como que a preparar-se para enfrentar um pelotão de fuzilamento.

Instantes depois, Andrew entrou no salão com passadas largas e decididas. O seu rosto bonito e sorridente era tão familiar que o coração de Victoria gritou em protesto contra a traição dele.

Deteve-se diante dela, a olhar para a elegante beldade que tinha à sua frente, envolta num sedutor vestido de seda que se lhe colava às curvas agora amadurecidas do corpo e com o magnífico cabelo tumultuosamente caído sobre os ombros e as costas elegantes.

– Tory! – ofegou, com os olhos fixos nos dela. E então, sem aviso, estendeu as mãos, agarrou-a pelos braços, puxou-a quase com violência e enterrou a cara no fragrante cabelo dela. – Já me tinha esquecido de como és bonita – sussurrou numa voz entrecortada, apertando-a com mais força.

– Obviamente! – retorquiu Victoria, recuperando da sua estupefacta paralisia e libertando-se do abraço dele. Fulminou-o com o olhar, espantada pelo descaramento com que ousava apresentar-se ali, e ainda por cima a abraçá-la com uma paixão que nunca antes mostrara. – Parece que esqueces as pessoas com muita facilidade – acrescentou, ácida.

Para sua absoluta incredulidade, Andrew soltou uma gargalhada.

– Estás zangada porque demorei mais duas semanas a vir buscar-te do que dizia na carta que te escrevi, é isso? – Sem esperar por uma resposta, continuou: – Uma tempestade desviou-nos do rumo uma semana depois de termos zarpado, e ainda tivemos de aportar para fazer reparações numa das ilhas. – Passando um afetuoso braço pelos ombros de Victoria, voltou-se para Charles e estendeu-lhe a mão, a sorrir. – Deve ser Charles Fielding – disse, com desprezível amabilidade. – Não posso agradecer-lhe o suficiente por ter cuidado da Victoria até eu poder vir buscá-la. Naturalmente, vou querer reembolsá-lo de todas as despesas em que possa ter incorrido para a ajudar... incluindo o vestido encantador que ela está a usar.

Olhou para Victoria e continuou:

– Detesto apressar-te, Tory, mas marquei passagem num navio que parte dentro de dois dias. O comandante já aceitou casar-nos...

– Carta? – interrompeu-o Victoria, a sentir-se dominada por uma violenta tontura. – Que carta? Não me escreveste uma única palavra desde que vim para Inglaterra.

– Escrevi-te várias cartas – disse ele, de sobrolho franzido. – Como te explicava na última, continuei a escrever-te para a América porque a intrometida da minha mãe nunca me enviou as tuas cartas, de modo que não sabia que estavas em Inglaterra. Tory, disse-te tudo isto na minha última carta... a que te enviei para Inglaterra por correio especial.

– Não recebi carta nenhuma! – insistiu ela, com a voz a aproximar-se da histeria.

Os lábios de Andrew contraíram-se de fúria.

– Antes de partirmos, tenciono ter uma conversa com uma certa firma de Londres a quem paguei uma pequena fortuna para ter a certeza de que as minhas cartas eram entregues em mão, a ti e ao teu primo, o duque. Sempre quero ouvir o que têm a dizer a este respeito.

– Dirão que mas entregaram a mim – disse Charles, numa voz átona.

Victoria abanou a cabeça, com o cérebro já a compreender o que o coração recusava acreditar.

– Não, não recebeu nenhuma carta, tio Charles. Está enganado. Está a pensar na que recebi da mãe do Andrew, aquela em que me dizia que ele tinha casado.

Os olhos de Andrew chispavam de fúria quando viu a culpa estampada no rosto do homem mais velho. Agarrou Victoria pelos ombros.

– Tory, ouve-me! Escrevi-te uma dúzia de cartas enquanto estive na Europa, mas enviei-as para a América. Só soube da morte dos teus pais quando voltei a casa, há dois meses. A partir do dia em que os teus pais morreram, a minha mãe deixou de enviar-me as tuas cartas. Quando cheguei, ela disse-me que os teus pais tinham morrido e que tu tinhas sido levada para Inglaterra por um primo rico qualquer que te tinha proposto casamento. Disse que não fazia ideia de como encontrar-te aqui. Eu conhecia-te demasiado bem para acreditar que me tinhas trocado por um velho primo com dinheiro e um título. Demorou algum tempo, mas consegui finalmente localizar o Dr. Morrison, e ele contou-me a verdade a respeito da tua vinda e deu-me a tua morada.

«Quando disse à minha mãe que vinha buscar-te, ela confessou o resto da mentira. Falou-me da carta que te tinha escrito a dizer que eu tinha casado com a Madeline, na Suíça. E então, muito convenientemente, teve um dos seus «ataques». Só que aquele foi verdadeiro. Não podia abandoná-la quando ela estava às portas da morte, de modo que escrevi aqui ao teu primo – lançou um olhar assassino a Charles –, que, por qualquer razão, não te falou das minhas cartas. Nelas explicava tudo e dizia a cada um de vocês que viria buscar-te assim que pudesse.

A expressão dele suavizou-se quando segurou o rosto angustiado de Victoria com as duas mãos.

– Tory – disse, com um terno sorriso –, és o amor da minha vida desde o dia em que te vi galopar pelos campos naquele cavalo índio do Rio Que Corre. Não sou casado, querida.

Victoria engoliu, tentando fazer passar a voz pelo nó que se lhe formara na garganta.

– Mas eu sou.

Andrew afastou as mãos, como se a pele da cara dela queimasse.

– O que foi que disseste? – perguntou, tenso.

– Disse – repetiu Victoria num suspiro de agonia, a olhar para o adorado rosto dele – que eu sou. Casada.

O corpo de Andrew pôs-se rígido, como que a tentar aguentar uma pancada física. Lançou a Charles um olhar carregado de desprezo.

– Com ele? Com este velho? Vendeste-te por meia dúzia de joias e vestidos, foi isso? – cuspiu, furioso.

Charles falou finalmente, com uma voz tão vazia de expressão como o rosto.

– A Victoria está casada com o meu sobrinho.

– Com o seu *filho*! – gritou Victoria, atirando-lhe as palavras à cara. Voltou costas, a odiar Charles pela sua mentira, e a odiar Jason por ter colaborado com ele.

As mãos de Andrew agarraram-lhe os braços e ela sentiu-lhe a angústia como se fosse sua.

– Porquê? – perguntou ele, sacudindo-a. – Porquê?

– A culpa é minha – disse Charles, num tom definitivo. Endireitou as costas e olhou para Victoria,

num mudo pedido de compreensão. – Vivi no pavor deste momento desde o dia em que recebi a carta de Mr. Bainbridge. Agora que ele chegou, é ainda pior do que tinha imaginado.

– Quando foi que recebeu aquelas cartas? – perguntou Victoria, mas no fundo do coração já sabia a resposta, e estava a dilacerá-la.

– Na noite do meu ataque.

– Do seu *falso* ataque! – corrigiu Victoria, com a voz a tremer de amargura e raiva.

– É verdade – confessou Charles, e então voltou-se para Andrew. – Quando li que vinha para nos levar a Victoria, fiz a única coisa que me ocorreu... fingi um ataque de coração e supliquei-lhe que casasse com o meu filho para que tivesse alguém que cuidasse dela.

– Seu filho da mãe! – cuspiu Andrew, por entre os dentes cerrados.

– Não espero que acredite nisto, mas estava sinceramente convencido de que a Victoria e o meu filho seriam muito felizes juntos.

Andrew desviou o olhar enraivecido do rosto do seu inimigo e voltou-se para Victoria.

– Vem para casa comigo – implorou. – Não podem obrigar-te a continuar casada com um homem que não amas. Não pode ser legal... foste coagida a fazê-lo. Tory, por favor! Vem para casa comigo, e eu hei de arranjar uma maneira de resolver isto. O navio parte dentro de dois dias. Casaremos de qualquer maneira. Nunca ninguém saberá...

– Não posso!

As palavras foram-lhe arrancadas num murmúrio atormentado.

– Por favor...

Victoria abanou a cabeça, com os olhos cheios de lágrimas.

– Não posso! – repetiu.

Andrew inspirou fundo, num longo hausto, e voltou-lhe lentamente as costas.

A mão que Victoria estendeu para ele num silencioso e impotente apelo pendeu inerte junto ao corpo enquanto Andrew saía da sala. Da casa. Da sua vida.

Passou um minuto de pesado silêncio, e depois outro. Victoria enclavinhou os dedos nas dobras da saia e torceu-as com força, com a imagem do rosto angustiado de Andrew gravada a fogo na mente. Lembrou-se de como se sentiu quando soube que ele tinha casado, do tormento de se arrastar de um dia para o outro, a tentar sorrir enquanto morria por dentro.

De súbito, a dor dilacerante e a raiva explodiram dentro dela e voltou-se para Charles num frenesi de fúria.

– Como foi capaz! – gritou. – Como pôde fazer isto a duas pessoas que nunca lhe tinham feito mal nenhum! Viu a expressão da cara dele? Sabe até que ponto o magoou? *Sabe?*

– Sei – respondeu Charles, roucamente.

– Sabe o que senti durante todas aquelas semanas quando pensei que ele me tinha traído e que não me restava ninguém? Senti-me como uma mendiga em sua casa! Sabe o que senti ao pensar que ia casar com um homem que não me queria porque não tinha outra alternativa...

A voz morreu-lhe e ela olhou para Charles com os olhos tão cheios de lágrimas que tentava conter que não viu a angústia nos dele.

– Victoria – rouquejou Charles –, não culpes o Jason por isto. Ele não sabia que eu fingi o ataque de coração, não sabia da car...

– Mente! – gritou Victoria, com a voz a tremer.

– Não, juro!

Victoria ergueu a cabeça, com os olhos a faiscar de fúria face a este último insulto à sua inteligência.

– Se pensa que vou acreditar em mais uma palavra que qualquer um dos dois alguma vez me diga...

Calou-se, assustada pela mortal palidez que se apoderara do rosto atormentado de Charles, e saiu a correr da sala. Correu escadas acima, a tropeçar com a sua pressa cega pelas lágrimas, e correu pelo corredor até aos seus aposentos. Uma vez no interior, apoiou as costas contra a porta fechada, com a cabeça atirada para trás e os dentes cerrados com tanta força que lhe doíam os maxilares, tentando controlar as tumultuosas emoções que a dominavam.

O rosto de Andrew, contorcido pela dor, surgiu diante dos seus olhos fechados, e ela gemeu em voz alta, doente de remorso:

– *Amei-te desde o dia em que te vi a galopar pelos campos naquele cavalo índio... Tory, por favor! Vem para casa comigo...*

Não passava de um peão num jogo jogado por dois homens egoístas e sem coração, percebeu, à beira da histeria. Jason sempre soube que Andrew viria buscá-la, tal como sempre soube que Charles estivera a jogar cartas na noite do seu falso «ataque».

Afastou-se da porta, despiu o vestido e vestiu um traje de montar. Se continuasse naquela casa mais uma hora, enlouqueceria. Não podia gritar com Charles e correr o risco de ficar com a morte dele a pesar-lhe na consciência. E Jason... Devia voltar naquela noite. Cravar-lhe-ia de certeza uma adaga no coração se o visse naquele momento, pensou em histeria. Tirou do armário uma capa de lã branca e desceu a escadaria a correr.

– Victoria, espera! – gritou Charles enquanto ela metia pelo corredor em direção às traseiras da casa.

Victoria voltou-se, toda ela a tremer.

– Não se aproxime de mim! – gritou, a recuar. – Vou para Claremont. Já fez o suficiente!

– O'Malley! – gritou Charles, desesperado, ao vê-la sair pela porta das traseiras.

– Sim, vossa graça?

– Tenho a certeza de que «ouviu» o que aconteceu na sala de estar.

O'Malley assentiu sombriamente com a cabeça, sem se dar ao trabalho de o negar.

– Sabe montar?

– Sim, mas...

– Vá atrás dela – disse Charles, com uma pressa frenética. – Não sei se Lady Victoria vai levar uma carruagem ou um cavalo, mas vá atrás dela. Ela gosta de si, há de dar-lhe ouvidos.

– A senhora não vai estar com disposição para ouvir seja quem for, e eu não posso dizer que a censure.

– Deixe isso, raios! Se ela não voltar, ao menos siga-a até Claremont e certifique-se de que chega a salvo. Claremont fica vinte e cinco quilómetros a sul daqui, pela estrada do rio.

– E se ela for para Londres e tentar fugir com o cavalheiro americano?

Charles passou a mão pela cabeleira branca, e abanou enfaticamente a cabeça.

– Não o fará. Se quisesse ir, tê-lo-ia feito quando ele lho pediu.

– Mas eu não sou grande cavaleiro... nada que se compare com Lady Victoria.

– Não poderá ir muito depressa, no escuro. Agora vá buscar um cavalo e corra atrás dela!

Quando O'Malley chegou às cavalariças já Victoria se afastava montada em *Matador*, com *Wolf* a

correr a seu lado.

– Espere, por favor! – gritou ele, mas ela pareceu não o ouvir, inclinada para o pescoço do cavalo, obrigava-o a galopar como se o Diabo a perseguisse. – Sela o cavalo mais rápido que tivermos, e depressa! – ordenou O'Malley ao cavaleiro, com os olhos fixos na capa branca que desaparecia no longo e sinuoso caminho de acesso a Wakefield Park em direção à estrada principal.

Cinco quilómetros passaram a voar por baixo dos cascos do cavalo antes que Victoria tivesse de abrandar o galope por causa de *Wolf*. O valoroso cão corria a seu lado, de cabeça baixa, determinado a segui-la até cair morto de exaustão. Esperou que ele recuperasse o fôlego e preparava-se para continuar a desesperada fuga quando ouviu o bater de cascos atrás de si e o grito ininteligível de um homem.

Sem saber se estava a ser perseguida por um dos bandidos que atacavam os cavaleiros solitários à noite ou por Jason, que talvez tivesse chegado e decidido ir atrás dela, levou *Matador* para o bosque ao lado da estrada numa corrida em ziguezague destinada a despistar quem quer que estivesse a segui-la. Mas o seu perseguidor abria caminho por entre o mato atrás dela, ainda no seu encalço apesar de todos os esforços de Victoria para o despistar.

O pânico e a fúria cresceram-lhe lado a lado no peito quando saiu de entre as árvores que a deviam ter escondido e voltou à estrada. Se era Jason que a perseguia, preferia morrer a deixá-lo apanhá-la como se fosse um coelho. Já a enganara demasiadas vezes. Mas não, não podia ser Jason! Não se cruzara com a carruagem dele no caminho quando se afastara de Wakefield, nem vira quaisquer sinais dela quando metera pela estrada do rio.

A fúria que lhe fervia no peito dissolveu-se em gelado terror. Tinha chegado ao mesmo rio onde outra rapariga aparecera misteriosamente afogada. Recordou as histórias do vigário a respeito de bandidos sedentos de sangue que assaltavam os viajantes à noite, e lançou um olhar aterrorizado por cima do ombro enquanto galopava em direção a uma das pontes que atravessavam o sinuoso rio. Viu que o seu perseguidor tinha desaparecido temporariamente de vista para lá de uma curva da estrada, mas continuava a ouvi-lo, seguindo-a com tanta certeza como se tivesse uma luz a guiá-lo... A capa! A capa branca ondulava atrás dela como um farol na noite.

– Oh, meu Deus! – gemeu, enquanto os cascos do cavalo estrondeavam nas tábuas da ponte.

Do seu lado direito havia um caminho que corria ao longo da margem do rio, enquanto a estrada continuava em frente. Obrigou o cavalo a uma brusca paragem, saltou da sela e desapertou a capa. A pedir aos Céus que o seu truque resultasse, atravessou a capa sobre a sela, apontou o cavalo na direção do caminho paralelo ao rio e bateu-lhe na garupa com o pingalim. *Matador* relinchou e arrancou a galope. Com *Wolf* a seu lado, Victoria correu para o bosque e agachou-se no meio do mato, com o coração a martelar-lhe o peito. Um minuto mais tarde, ouviu o seu perseguidor atravessar a ponte. Espreitou por entre os ramos do arbusto que a escondia e viu-o meter pelo trilho do rio, mas não conseguiu distinguir-lhe o rosto.

Já não viu *Matador* passar do galope para o passo, nem descer até ao rio para beber. Nem viu a corrente arrancar a capa da sela, enquanto o cavalo bebia, e arrastá-la alguns metros para jusante, onde se emaranhou nos ramos de uma árvore caída e parcialmente submersa.

Não viu nada disto porque já ia a correr por entre as árvores, paralela à estrada principal, a sorrir para si mesma porque o bandido se tinha deixado enganar pelo melhor truque que Rio Que Corre lhe ensinara. Para escapar a um perseguidor, bastava enviar o cavalo numa direção e seguir a pé noutra. Atravessar a capa na sela fora uma engenhosa improvisação da sua autoria.

O'Malley obrigou o cavalo a travar em derrapagem junto à montada abandonada de Victoria. Rodou a cabeça de um lado para o outro, frenético, e perscrutou a íngreme ribanceira atrás e por cima dele, à procura de qualquer sinal dela, a pensar que o cavalo devia tê-la atirado ao chão num ponto entre os dois locais.

– Lady Victoria? – gritou, percorrendo com o olhar a ribanceira nas suas costas, o bosque do lado esquerdo e, finalmente, o rio do lado direito... onde uma capa branca flutuava, fantasmagórica, presa aos ramos de uma árvore submersa. – Lady Victoria! – repetiu, dominado pelo terror e saltando da sela. – Maldito cavalo! – ofegou, enquanto, com uma pressa frenética, despia a casaca e descalçava as botas. – O maldito cavalo atirou-a da ribanceira para o rio... – Entrou a correr na água lamacenta e nadou até à árvore. – Lady Victoria! – voltou a gritar, e mergulhou. Veio à superfície, a gritar o nome dela, a arquejar, e tornou a mergulhar.

CAPÍTULO 32

Havia luzes acesas por toda a casa quando a carruagem se deteve no caminho. Desejoso de ver Victoria, Jason subiu a correr os degraus do pórtico.

– Boa noite, Northrup! – Sorriu, dando uma palmada nas costas do robusto mordomo e entregando-lhe a capa. – Onde está a minha mulher? Já toda a gente comeu? Fui atrasado por um raio de uma roda partida.

O rosto de Northrup era uma máscara petrificada, a sua voz um murmúrio rouco.

– O comandante Farrell está à sua espera no salão, senhor.

– Que se passa com a sua voz? – perguntou Jason, bem-humorado. – Se está com problemas de garganta, fale com Lady Victoria. Ela é maravilhosa nesse género de coisas.

Northrup engoliu convulsivamente e não disse nada.

Jason lançou-lhe um olhar de moderada curiosidade, fez meia-volta e meteu com passo vivo pelo corredor em direção ao salão. Abriu a dupla porta com um sorriso entusiasta no rosto.

– Olá, Mike, onde está a minha mulher? – Olhou em redor para o alegre salão, onde um pequeno lume ardia na lareira para combater o fresco da noite, à espera de vê-la materializar-se saída de um canto escuro, mas tudo o que viu foi uma capa, que reconheceu como sendo de Victoria, molemente pousada nas costas de uma cadeira, ainda a pingar água para o chão. – Desculpa as minhas péssimas maneiras, meu amigo – disse a Mike Farrell –, mas há dias que não vejo a Victoria. Deixa-me ir procurá-la, e depois podemos todos sentar-nos e ter uma boa conversa. Ela deve estar...

– Jason – interrompeu-o Mike Farrell, numa voz tensa. – Houve um acidente...

A recordação de outra noite como aquela atravessou, dilacerante, o cérebro de Jason. Uma noite em que chegara a casa à espera de encontrar o filho e Northrup tivera um comportamento estranho; uma noite em que Mike Farrell estivera à espera dele naquele mesmo salão. Como que para banir o terror que já se apoderava de todo o seu ser, abanou a cabeça e recuou.

– Não! – sussurrou, e então a voz subiu-lhe num grito atormentado. – Não, maldito sejas! Não me digas isso...!

– Jason...

– Não te atrevas a dizer-me isso! – gritou Jason, numa terrível agonia.

Mike Farrel falou, mas desviou o olhar do insuportável tormento que devastava a cara do amigo:

– O cavalo derrubou-a da ribanceira para o rio, a seis quilómetros daqui. O O'Malley foi atrás dela, mas não conseguiu encontrá-la. Vol...

– Sai – sussurrou Jason.

– Lamento muito, Jason. Mais do que consigo expressar.

– *Sai!*

Quando Mike Farrell saiu, Jason estendeu a mão para a capa de Victoria, fechou lentamente os dedos sobre a lã molhada e puxou-a para si. Os músculos da base do pescoço agitavam-se em

espasmos convulsivos quando apertou a capa encharcada contra o peito, a acariciando-a amorosamente com a mão, e depois escondeu a cara nela, esfregando-a contra a face. Ondas de uma dor agonizante percorreram-lhe o corpo, e as lágrimas que se julgava incapaz de derramar jorraram-lhe dos olhos.

– Não – soluçou, vencido por uma angústia demencial. E gritou.

CAPÍTULO 33

— Então, minha querida — disse a duquesa de Claremont, dando palmadinhas no ombro da bisneta. — Parte-me o coração ver-te assim.

Victoria mordeu o lábio, a olhar, através das janelas, para os relvados que se estendiam à sua frente, e não disse nada.

— Mal posso acreditar que o teu marido não tenha vindo até cá para pedir desculpa pelo horrível logro que ele e o Atherton armaram contra ti — declarou a duquesa, irritada. — Talvez afinal ele não tenha chegado a casa anteontem à noite. — Andava de um lado para o outro, irrequieta, apoiada à bengala, com os olhos vivos a procurarem as janelas como se também ela esperasse ver Jason Fielding chegar de um momento para o outro. — Quando ele aparecer, dar-me-ás uma grande satisfação se o obrigares a pôr-se de joelhos!

Um sorriso desprovido de alegria tocou os suaves lábios de Victoria.

— Nesse caso está condenada a sofrer um grande desapontamento, avó, porque posso garantir-lhe sem a mais pequena sombra de dúvida que o Jason nunca o fará. É muito mais provável que entre por aí e tente beijar-me e...

— ...seduzir-te para te levar para casa? — terminou a duquesa, sem rodeios.

— Exatamente.

— E seria capaz de o fazer? — perguntou a velha senhora, inclinando a cabeça branca um pouco para o lado, com um brilho divertido nos olhos apesar do cenho carregado.

Victoria suspirou e voltou-se, apoiando a cabeça no caixilho da janela e cruzando os braços sobre o peito.

— Provavelmente — disse.

— Bem, não se pode dizer que esteja cheio de pressa. Acreditas mesmo que ele sabia das cartas de Mr. Bainbridge? Quero dizer, se sabia, foi uma terrível falta de princípios da parte dele.

— O Jason não tem princípios — respondeu Victoria, com uma fúria cansada. — Não acredita nessas coisas.

A duquesa voltou ao seu pensativo passeio, mas deteve-se quando chegou diante de *Wolf*, que estava deitado diante da lareira. Estremeceu e mudou de direção.

— Que pecado terei eu cometido para ter este animal feroz como hóspede em minha casa é coisa que não sei dizer.

Victoria deixou escapar uma triste gargalhada.

— Quer que o acorrente lá fora?

— Não, credo! Arrancou os fundilhos às calças do Michaelson quando ele tentou dar-lhe de comer, esta manhã.

— Não confia em homens.

— Um animal sensato. Mas muito feio.

– Eu acho-o bonito, de uma maneira selvagem, predatória... – Como o Jason, pensou, e afastou no mesmo instante este debilitante pensamento.

– Antes de mandar a Dorothy para França, ela já tinha adotado dois gatos e um pardal com uma asa partida. Também não gostava deles, mas ao menos *esses* não olhavam para mim como este animal faz. Garanto-te que ele acalenta a feliz esperança de me comer. Neste preciso momento, deve estar a perguntar-se ao que saberei.

– Está a observá-la porque pensa que está a guardá-la – explicou Victoria, com um sorriso.

– Pensa que está a guardar a sua próxima refeição! Não, não – disse a velha duquesa, erguendo a mão quando Victoria começou a avançar para *Wolf* com a clara intenção de o levar para fora. – Peço-te, não ponhas em perigo mais nenhum dos meus criados. Além disso – acabou por admitir –, não me sentia tão segura em minha casa desde que o teu bisavô era vivo.

– Não precisa de se preocupar com a possibilidade de algum ladrão entrar às escondidas – concordou Victoria, voltando à sua vigília junto da janela.

– Entrar às escondidas? Minha querida, nem que lhe *pagasses* conseguirias convencer um ladrão a entrar nesta sala.

Victoria permaneceu à janela durante mais um minuto e então voltou-se e vagueou até um livro abandonado em cima de uma mesa de lustrosa madeira acetinada.

– Senta-te Victoria, e deixa-me a mim andar de um lado para o outro. Não faz sentido andarmos a chocar uma com a outra. O que estará a impedir esse teu bonito marido de vir ao nosso covil?

– Ainda bem que o Jason não veio até agora – disse Victoria, sentando-se a olhar para as mãos. – Precisei deste tempo todo para me acalmar.

A duquesa foi até à janela e olhou para o caminho de acesso.

– Achas que ele te ama?

– Julgo que sim.

– Claro que te ama! – afirmou sua graça, perentória. – Londres inteira não fala de outra coisa. O homem está completamente embeijado por ti. Foi sem dúvida a razão por que alinhou no esquema do Atherton e manteve segredo sobre as cartas do Andrew. Hei de dizer umas coisas ao Atherton a propósito dessa história feia. Embora – acrescentou, audaciosa, ainda a olhar pela janela – provavelmente eu tivesse feito a mesma coisa, nas mesmas circunstâncias.

– Não posso acreditar nisso.

– Claro que fazia. Se pudesse escolher entre deixar-te casar com um colonial que não conhecia e no qual não tinha a mais pequena fé e o meu desejo de te ver casada com o *premier parti* de Inglaterra, um homem com fortuna, título e beleza, era bem capaz de ter feito o que o Atherton fez.

Victoria absteve-se de lhe fazer notar que aquele era exatamente o género de raciocínio que tanta infelicidade causara à mãe e a Charles Fielding.

A duquesa endireitou as costas.

– Tens a certeza de que queres voltar a Wakefield?

– Nunca foi minha intenção sair definitivamente. Suponho que queria castigar o Jason pela maneira como o Andrew teve de saber que eu era casada... Avó, se tivesse visto a expressão na cara do Andrew, compreenderia. Éramos os melhores amigos desde crianças; foi ele que me ensinou a nadar e a disparar e a jogar xadrez. Além disso, estava furioso com o Jason e o Charles por me terem usado como um brinquedo, um peão, um *objeto* sem sentimentos ou importância. Não pode imaginar como me senti sozinha e miserável durante muito tempo depois de ter acreditado que o Andrew me tinha

posto de lado.

– Bem, minha querida – disse a duquesa, pensativa –, não vais ficar sozinha muito mais tempo. O Wakefield acaba de chegar... não, espera, mandou um emissário! Quem é aquela pessoa?

Victoria voou para a janela.

– É o comandante Farrell... o maior amigo do Jason.

– Ah! – disse a duquesa, satisfeita, e bateu com a bengala no chão. – Ah! Enviou uma testemunha. Nunca o teria esperado da parte do Wakefield, mas seja! – Agitou a mão na direção da bisneta, num gesto urgente. – Vai para a sala de estar e não mostres a tua cara bonita por estes lados a menos que eu te vá buscar.

– O quê? Não, avó! – protestou Victoria, teimosa.

– Sim! – replicou a duquesa. – Imediatamente! Se o Wakefield quer tratar isto como se fosse um duelo e mandou uma testemunha para negociar as condições, pois que assim seja! Serei eu a *tua* testemunha. E não darei quartel – disse, com um alegre piscar de olho.

Relutante, Victoria fez o que lhe mandavam e foi para a sala de estar, mas em circunstância alguma deixaria que o comandante Farrell se fosse embora sem falar com ele. Se a bisavó não a chamasse dentro de cinco minutos, decidiu que voltaria ao salão para falar com Farrell.

Tinham passado apenas três minutos quando a porta da sala de estar se abriu e a velha duquesa apareceu no umbral. A sua expressão era uma mistura quase cómica de espanto, divertimento e horror.

– Minha querida – anunciou –, parece que, mesmo sem o queres, sempre puseste o Wakefield de joelhos.

– Onde está o comandante Farrell? – perguntou Victoria, ansiosa. – Não se foi embora, pois não?

– Não, não, ainda cá está, garanto-te. O abjeto sujeito está a repousar no meu sofá, à espera do refresco que eu tão generosamente lhe ofereci. Suponho que me deve achar a criatura mais fria à face da Terra, pois quando me transmitiu as notícias, fiquei tão distraída que lhe ofereci chá em vez de condolências.

– Avó! Não está a fazer sentido. O Jason mandou o comandante Farrell para me pedir para voltar para casa? Foi por isso que ele veio?

– De modo nenhum – declarou a duquesa, de sobrelhas arqueadas. – O Charles Fielding mandou-o cá para me transmitir a trágica notícia do teu prematuro falecimento.

– O meu *quê*?

– Afogaste-te – disse a duquesa, sucinta. – No rio. Ou, pelo menos, a tua capa branca parece ter-se afogado. – Olhou para *Wolf*. – E este rafeiro feio terá voltado para os bosques onde vivia antes de tu te teres tornado sua amiga. Os criados de Wakefield estão de luto. O Charles caiu à cama, merecidamente, e o teu marido trancou-se no escritório e não deixa ninguém aproximar-se.

O choque e o horror quase fizeram Victoria cair de joelhos; e em seguida rodou sobre os calcanhares.

– Victoria! – chamou a duquesa, e seguiu a bisneta o mais depressa que pôde, enquanto Victoria voava pelo corredor em direção ao salão, com *Wolf* a segui-la.

– Comandante Farrell!

Farrell ergueu vivamente a cabeça e ficou a olhar para ela como se estivesse a ver um fantasma, e então o seu olhar desviou-se para a outra «aparição», que tinha feito uma travagem às quatro patas e lhe rosnava.

– Comandante Farrell, não me afoguei – disse Victoria, apanhada de surpresa pela expressão de Farrell. – *Wolf*, quieto!

Mike Farrell pôs-se de pé e, no seu rosto, a incredulidade deu lugar à alegria, e depois à fúria.

– É esta a sua ideia de uma brincadeira? – perguntou, de dentes cerrados. – O Jason está prestes a enlouquecer de desgosto...

– Comandante Farrell! – interveio a duquesa numa voz cheia de autoridade, erguendo-se a toda a sua diminuta estatura. – Agradeço-lhe que tenha tento na língua quando falar com a minha bisneta. A Victoria não fazia ideia, até este momento, que o Wakefield a julgasse noutra sítio qualquer que não aqui, para onde disse explicitamente que vinha.

– Mas a capa...

– Estava a ser perseguida por alguém... penso que por um dos bandidos de que me falou... e atirei a capa para cima da sela do cavalo e pu-lo a correr ao longo do trilho do rio, pensando que isso desviaria o bandido do meu rasto.

A fúria desapareceu do rosto de Farrell, e ele abanou a cabeça.

– O «bandido» que a perseguia era o O'Malley, que quase morreu afogado a tentar encontrá-la no lugar onde viu a capa.

Victoria inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos, cheia de remorsos; então as suas pestanas compridas ergueram-se e ela transformou-se num súbito turbilhão de atividade. Abraçou a bisavó, com as palavras a atropelarem-se-lhe na pressa de as dizer.

– Avó, obrigada por tudo. Tenho de ir. Vou para casa...

– Sem mim não vais! – respondeu a duquesa, com um sorriso. – Em primeiro lugar, não perderia este regresso a casa por nada neste mundo. Já não tinha tanta excitação desde... bem, não importa.

– Pode seguir-me na carruagem – especificou Victoria –, mas eu irei a cavalo. É mais rápido.

– Irás na carruagem comigo – determinou a duquesa, perentória. – Não te ocorreu, suponho, que depois de recuperar da alegria, o teu marido é bem capaz de reagir como o seu chocantemente mal-educado emissário reagiu. – Lançou um olhar esmagador ao comandante Farrell antes de continuar: – Só que com bastante mais violência. Em suma, minha querida, depois de te beijar, como tenho muita esperança que faça, é provável que queira matar-te por causa daquilo que com certeza verá como uma monstruosa partida da tua parte. Consequentemente, eu estarei por perto para correr em teu socorro e apoiar a tua explicação. E está decidido – concluiu, com uma imperiosa pancada da bengala no chão para convocar o mordomo. – Norton, mande atrelar os meus cavalos, imediatamente!

Voltou-se para o comandante Farrell e, numa aparente reversão da sua condenação anterior, proclamou, majestosa:

– Pode ir connosco na carruagem. – E no mesmo instante destruiu a ilusão de lhe ter graciosamente perdoado o mau comportamento ao acrescentar: – Quero tê-lo debaixo de olho. Não vou correr o risco de o Wakefield ser avisado da nossa chegada e estar à espera à porta de casa com intenções assassinas.

Quando, por fim, a carruagem se deteve diante de Wakefield, pouco depois do anoitecer, o coração de Victoria batia-lhe loucamente no peito. Não apareceu qualquer lacaio para baixar os degraus do coche e ajudar os ocupantes a apearem-se, e só meia dúzia das muitas janelas que davam para o parque estavam iluminadas. A mansão parecia fantasmagoricamente deserta, pensou Victoria – e então, para seu horror, viu que as janelas do piso térreo estavam cobertas por panos pretos e que

havia uma coroa negra por cima da porta principal.

– O Jason detesta tudo o que tenha a ver com luto... – exclamou enquanto abanava freneticamente a porta da carruagem, tentando abri-la. – Diga ao Northrup para tirar aquelas coisas das janelas!

O comandante Farrell quebrou pela primeira vez o seu ressentido silêncio, pousou uma mão no braço dela e disse, num tom calmante:

– Foi o Jason que mandou pô-las. Está meio louco de desgosto. A sua bisavó tem alguma razão. Não sei como vai reagir quando a vir.

Victoria não queria saber do que Jason pudesse fazer, desde que soubesse que estava viva. Saltou da carruagem, deixando ao comandante Farrell o encargo de ajudar a velha duquesa, e correu para a porta da frente. Ao encontrá-la trancada, pegou na aldraba e bateu furiosamente. Pareceu demorar uma eternidade antes que a porta começasse lentamente a abrir-se.

– Northrup! – gritou Victoria. – Onde está o meu marido?

O mordomo olhou para ela à luz escassa da vela, piscou os olhos, e voltou a piscá-los.

– Por favor, não olhe para mim como se eu fosse um fantasma. Foi tudo um mal-entendido. Northrup – insistiu, desesperada, pousando uma mão na face gelada do mordomo. – Não morri!

– Está... está... – Um enorme sorriso espalhou-se pelas feições tensas de Northrup. – Está no escritório, senhora, e permita-me que diga como estou feliz...

Demasiado frenética para o ouvir, Victoria atravessou o vestíbulo a correr em direção ao escritório de Jason, passando os dedos pelo cabelo enquanto corria.

– Victoria? – gritou Charles da galeria lá em cima. – Victoria!

– A avó explica-lhe tudo, tio Charles – respondeu Victoria, sem parar de correr.

Diante do escritório de Jason, pousou a mão na maçaneta da porta, momentaneamente paralisada pela enormidade do desastre que tinha causado; então inspirou fundo, e a tremer entrou, fechando a porta atrás de si.

Jason estava sentado numa cadeira junto à janela, com os cotovelos apoiados nos joelhos afastados e a cara escondida nas mãos. Em cima da mesa, a seu lado, estavam duas garrafas de *whisky* vazias e a pantera de ónix que ela lhe tinha oferecido.

Victoria engoliu o nó de remorso que lhe apertava a garganta e começou a avançar.

– Jason... – disse, num doce murmúrio.

Ele ergueu lentamente a cabeça e olhou. O seu rosto era uma máscara de devastação, os olhos cheios de angústia olhavam através dela como se fosse uma aparição.

– Tory – murmurou, num gemido.

Victoria deteve-se, vendo horrorizada como ele deixava pender a cabeça para o espaldar da cadeira e fechava os olhos com força.

– Jason – chamou, desesperada. – Olha para mim.

– Estou a ver-te, querida – murmurou ele, sem abrir os olhos. Estendeu a mão para a pantera em cima da mesa a seu lado e acariciou-lhe amorosamente o dorso. – Fala comigo – pediu ele, numa voz distorcida pela dor. – Não pares de falar comigo. Não me importo de estar louco desde que possa ouvir a tua voz...

– Jason! – gritou Victoria, correndo para a frente e agarrando-lhe freneticamente os ombros. – Abre os olhos. Não morri. Não me afoguei! Estás a ouvir? Não me afoguei!

Jason abriu os olhos vítreos, mas continuou a falar-lhe como se ela fosse uma aparição adorada à qual precisasse desesperadamente de explicar qualquer coisa.

– Eu não sabia da carta do Andrew – sussurrou numa voz entrecortada. – Agora sabes disso, não sabes, querida? Sabes... – De súbito, ergueu o olhar atormentado para o teto e começou a rezar, com o corpo arqueado como se estivesse cheio de dores. – Oh, por favor! – gemeu. – Diz-lhe que eu não sabia da carta. Maldito sejas! – gritou a Deus. – Diz-lhe que eu não sabia!

Victoria recuou, assustada.

– Jason – gritou, frenética. – Pensa! Eu nado tão bem como um peixe, lembras-te? A capa foi um truque. Sabia que estava alguém a perseguir-me, mas não sabia que era o O'Malley. Pensei que era um bandido, e por isso tirei a capa, atravessei-a na sela do cavalo e fui a pé até à casa da minha avó e... Oh, meu Deus!

Passou os dedos pelo cabelo, e olhou em redor para a divisão escassamente iluminada, para tentar descobrir uma maneira de chegar até ele, e então correu para a secretária. Acendeu o candeeiro que ali estava e depois foi até à lareira e acendeu o primeiro dos dois candeeiros que havia em cima da consola. Estava a chegar ao segundo quando umas mãos que pareciam grilhetas de aço a agarraram pelos ombros e a fizeram rodar, atirando-a contra um peito duro. Victoria viu a razão voltar aos olhos de Jason uma fração de segundo antes de a boca dele capturar a dela com esfomeada violência. As mãos dele corriam-lhe pelas costas e pelas ancas, puxavam-na como se quisessem fundir o corpo dela no dele. Um estremecimento percorreu-o da cabeça aos pés quando ela se arqueou contra ele e lhe passou os braços à volta do pescoço.

Longos minutos depois, Jason arrancou a boca da de Victoria, puxou para baixo os braços que lhe rodeavam o pescoço e olhou para ela. Victoria recuou um passo apressado, imediatamente consciente da ameaçadora ira que se incendiara nos belos olhos verdes.

– Agora que despachámos esta parte – disse Jason, sombrio –, vou dar-te uma sova tal que durante uma semana não vais poder sentar-te.

Victoria deixou escapar um som que foi em parte riso e em parte susto quando ele tentou agarrá-la. Saltou para trás, pondo-se fora do seu alcance.

– Não vais, não – disse, com a voz a tremer, tão feliz por Jason ter voltado ao normal que não conseguia controlar o sorriso.

– Quanto é que estás disposta a apostar? – perguntou ele em voz baixa, avançando à medida que ela recuava.

– Não muito – respondeu Victoria, a proteger-se atrás da secretária.

– E quando acabar, vou acorrentar-te a mim.

– Isso podes fazer – disse ela, a contornar o móvel.

– E nunca mais te deixo sair da minha vista.

– N-não te censuro. – Victoria lançou um olhar à porta, a medir a distância.

– Nem sequer tentes – avisou ele.

Victoria viu o brilho nos olhos dele e ignorou o aviso. Com uma mistura de inebriante felicidade e um forte sentido de autopreservação, abriu a porta, levantou a saia e voou pelo corredor em direção à escadaria. Jason seguiu-a com longas passadas que quase acompanhavam a corrida dela.

Incapaz de controlar o riso, Victoria chegou ao fim do corredor e atravessou o vestíbulo de mármore, passando como uma seta por Charles, pelo comandante Farrell e pela bisavó, que tinham saído do salão para verem melhor.

Sempre a correr, chegou até ao meio da escadaria, e então voltou-se e continuou em marcha-atrás, a ver Jason subir os degraus um a um, com um ar decidido.

– Ouve, Jason – disse, sem parar de sorrir enquanto estendia uma mão suplicante e tentava parecer arrependida. – Por favor, sê razoável...

– Continua a subir, minha querida... vais na direção certa – disse ele, perseguindo-a passo a passo. – Podes escolher entre o teu quarto ou o meu...

Victoria voltou-se e subiu a correr os últimos degraus, meteu pelo corredor e refugiou-se nos seus aposentos. Ia a meio do quarto quando Jason entrou atrás dela, fechou a porta e rodou a chave.

Victoria voltou-se para o enfrentar, com o coração a palpitar de amor e de apreensão.

– Muito bem, minha doçura... – disse ele numa voz baixa e carregada de intenção, a vigiá-la para ver em que direção tencionava fugir. Victoria olhou para o rosto pálido e bonito que tanto amava e correu... direita a ele, lançando-se-lhe nos braços e passando-lhe os seus à volta do pescoço.

– Não! – disse, numa voz estrangulada.

Por um instante, Jason ficou perfeitamente imóvel, a debater-se com as emoções que o agitavam, mas a tensão esvaiu-se-lhe do corpo rígido. Ergueu as mãos até à cintura dela, enlaçou-a com gestos lentos e então, apertando-a com uma força esmagadora, levantou-a do chão.

– Amo-te – murmurou numa voz rouca, a esconder a cara no cabelo dela. – Oh, meu Deus! Amo-te tanto!

Ao fundo da escadaria, o comandante Farrell, a duquesa e Charles sorriram quando houve apenas silêncio lá em cima.

A duquesa foi a primeira a falar.

– Então, Atherton – disse, severa –, diria que agora sabe o que é intrometermo-nos na vida dos jovens e depois sofrermos as consequências do nosso fracasso, como eu tive de sofrer todos estes anos.

– Tenho de ir falar com a Victoria – disse ele, de olhos postos na galeria deserta. – Preciso de lhe explicar que fiz o que fiz por estar convencido de que ela seria *mais feliz* com o Jason.

Deu um passo em frente, mas a bengala da duquesa ergueu-se à sua frente, barrando-lhe a passagem.

– Nem sequer *pense* em incomodá-los agora – ordenou sua graça, arrogante. – Quero um trinetto, e a menos que esteja muito enganada, os dois estão neste preciso instante a fazer o necessário para mo dar. Pode, no entanto – acrescentou com magnânima graça –, oferecer-me um cálice de *sherry*.

Charles desviou com relutância os olhos da galeria e voltou-os para a velha senhora que odiara durante mais de duas décadas. Sofreu as consequências da sua intromissão durante apenas dois dias; ela durante vinte anos. Hesitante, ofereceu-lhe o braço. A duquesa ficou a olhar para ele por um longo momento, sabendo que era uma oferta de paz, e então, devagar, pousou a mão frágil na manga da casaca.

– Atherton – disse, enquanto ele a acompanhava em direção à sala de estar –, Dorothy meteu na cabeça um disparate qualquer a respeito de ficar solteira e tornar-se música. Eu decidi que em vez disso deve casar com o Winston, e tenho um plano...